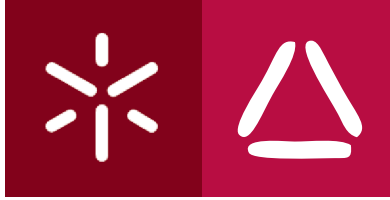




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Luís Miguel da Silva Alexandre

**Património Histórico e Arqueológico no
Arouca Geopark: Da inventariação à
valorização**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Luís Miguel da Silva Alexandre

**Património Histórico e Arqueológico no
Arouca Geopark: Da inventariação à
valorização**

Trabalho de Projeto
Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Doutora Sofia Catarina Soares de Figueiredo
Persson**

e da

Professora Doutora Helena Paula Abreu de Carvalho

junho de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Este trabalho presta os devidos agradecimentos ao Centro de Arqueologia de Arouca, na pessoa do seu presidente, arqueólogo António Manuel S. P. Silva, e demais associados, pelos contributos e cedência de dados relativos à 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca, bem como a novos sítios que foram sinalizados; à Marta da Cruz Correia, pelo auxílio e apoio em todo o processo de revisão da Carta Arqueológica de Arouca e às tarefas que lhe estão associadas, desempenhando-as com total amizade e empenho; às orientadoras Professoras Doutoradas Sofia Soares de Figueiredo Persson e Helena Paula de Carvalho pela disponibilidade e acompanhamento permanente; e a um conjunto diverso de pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a execução deste trabalho.

Uma recordação ao Manuel Valério, historiador, sócio e colega de direção do Centro de Arqueologia de Arouca, proprietário e investigador do Centro de Investigação e Interpretação Geológica de Canelas. Sobretudo, um amigo, falecido prematuramente na reta final deste trabalho. Devemos lembrar todo o seu percurso, que em muito colaborou para a identificação e preservação do património histórico, arqueológico e geológico do concelho de Arouca, e para a fundação do Arouca UNESCO Global Geopark.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Património histórico e arqueológico no Arouca Geopark: da inventariação à valorização

Arouca tem-se destacado entre os territórios do interior de Portugal, particularmente pelos seus ativos naturais e culturais e pela dinamização dos mesmos. A valorização turística deste território observa-se pelas classificações internacionais, como a de Geoparque Mundial da UNESCO, bem como a partir de infraestruturas reconhecidas e premiadas internacionalmente, como os Passadiços do Paiva ou a Ponte 516 Arouca.

Não obstante, os últimos anos geraram novos desafios para o património cultural, nomeadamente para a sua conservação. Assiste-se à sua valorização e dinamização, desprovida do conhecimento das realidades em que se encontra o seu todo. Esta ausência de informação não permite a delimitação de um plano de gestão patrimonial estruturado, com linhas e objetivos consistentes, a médio e longo prazo.

Nesse contexto, este Trabalho de Projeto promove a atualização da Carta Arqueológica de Arouca e a apresentação do projeto *Iter Hominis*, para que se criem condições de, no futuro, se estruturar o referido plano. Após mais de 20 anos desde a sua primeira edição, os trabalhos de atualização da Carta registaram 239 sítios, mais 43 que a edição anterior. Percebeu-se que durante este período o património poderá não ter sofrido uma acentuada afetação, exibindo uma média de destruição de cerca de 0,5 sítios ao ano. No entanto, o seu panorama geral é bastante negativo, encontrando-se quase 50% em mau estado, destruído ou afetado. A análise dos dados provenientes da atualização da carta arqueológica é apresentada na expectativa de partilhar algumas considerações e sugestões sobre as principais razões que levaram a esse estado de conservação, como as dinâmicas relacionadas com a floresta que se mostram negativas. Entende-se, igualmente, que a visibilidade sobre o património poderá provocar a canalização de fundos públicos para a sua conservação e para a resolução e atenuação de alguns dos problemas identificados neste trabalho. Por esse motivo, apresentam-se, ainda, as linhas gerais do projeto *Iter Hominis*, em desenvolvimento pela Associação Geoparque Arouca, sob coordenação do autor deste Trabalho de Projeto. O *Iter Hominis* promove a valorização de 30 sítios histórico-arqueológicos, em rede e de forma integrada, revendo-se nas boas práticas de valorização patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE

Arouca Geopark; Carta Arqueológica; Inventário; *Iter Hominis*; Valorização Patrimonial

ABSTRACT

Historical and archaeological heritage in the Arouca Geopark: from inventory to valoration

Arouca has stood out among the inland territories, particularly for tourism and the attractiveness of its territory. World-renowned infrastructure, such as the Paiva Walkways and the 516 Arouca, «the world's longest suspension pedestrian bridge», as well as international local development strategies, such as the UNESCO World Geoparks, have enhanced its natural and cultural heritage. However, recent years have created new challenges, mainly for the conservation of this heritage. We are witnessing its valorization and dynamism, but with a general lack of knowledge of its realities. This lack of information does not allow the development of a structured asset management plan, with consistent lines and objectives, in the medium and long term.

In this context, this Project Work makes its contribution by updating the Archaeological Map of Arouca. The relocation, characterization, and inventory of archaeological sites, after more than 20 years since its first edition, recorded 239 sites, 43 more than the previous one. Although, during this period, the heritage may not have been significantly affected, showing an average destruction of about 0.5 sites per year, but its general outlook is quite negative, with almost 50% in poor condition, destroyed or affected. Therefore, a quantitative, qualitative, and geospatial analysis of the results of the archaeological map update is also presented, in the hope of sharing some correct considerations and suggestions of the main reasons that led to this state of conservation, like the forest dynamics. This work hopes to contribute to the structuring of a management plan, based on realities and concrete observations, to mitigate these heritage losses for the future.

It is also understood that the visibility of the heritage causes the channeling of public funds for its conservation, and for the resolution and mitigation of some of the problems identified. For this reason, it's also presented the general lines of the *Iter Hominis* project, under development by Associação Geoparque Arouca, under the coordination of the author of this Project Work. *Iter Hominis* promotes the heritage valuation for 30 historical and archaeological sites, in a network and in an integrated way, as a good practice of asset valuation.

KEY WORDS

Arouca Geopark; Archaeological Map; Heritage Valuation; Inventory; *Iter Hominis*

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de abreviaturas e siglas	x
Índice de figuras.....	xi
Índice de gráficos	xiv
INTRODUÇÃO	1
Objetivo geral	4
Objetivos específicos.....	4
CAPÍTULO I.....	5
1. ENQUADRAMENTO E PROBLEMÁTICAS.....	5
1.1. Do património à valorização no concelho de Arouca	6
1.2. Cartas arqueológicas	14
1.3. Quadro legal e responsabilidades públicas	17
1.4. Inventário de património arqueológico e gestão autárquica	20
1.5. Carta Arqueológica de Arouca (versão 1999/2000)	25
CAPÍTULO II.....	27
2. METODOLOGIA	27
2.1. Atualização da Carta Arqueológica de Arouca.....	28
CAPÍTULO III	35
3. ATUALIZAÇÃO DA CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA	35
3.1. Território	36
3.2. Novos dados sobre os sítios arqueológicos.....	39
3.2.1. 1999 vs 2021	40
3.3. Análise e interpretação dos dados.....	44

3.3.1.	Por cronologia	45
3.3.2.	Por tipologia	46
3.3.3.	Por freguesia	48
3.3.4.	Porcentagem de sítios vs uso de solo	49
3.3.5.	Relação do uso de solo vs dificuldade de localização de sítios	50
3.3.6.	Relação do uso de solo com o estado de conservação.....	51
3.3.7.	Por estado de conservação	52
3.3.8.	Origem das destruições (parciais ou totais) que ocorreram até 2021	52
3.3.9.	Megalitismo e o seu estado de conservação:	54
3.3.10.	Escavação vs estado de conservação	55
3.3.11.	Por ameaças	56
3.4.	Representação geoespacial.....	56
3.5.	Considerações.....	67
3.6.	Propostas.....	69
3.6.1.	Inventariação e caracterização	69
3.6.2.	Proteção e salvaguarda.....	72
3.6.3.	Valorização e promoção cultural.....	79
CAPÍTULO IV.....	82	
4. ITER HOMINIS	82	
4.1.	Enquadramento.....	83
4.2.	Procedimentos e estrutura do projeto	85
4.2.1.	Casal Romano da Malafaia	85
4.2.2.	Casa das Pedras Parideiras	91
4.2.3.	Interpretação Iter Hominis	96
4.3.	Considerações.....	99
CAPÍTULO V.....	100	

5. CONCLUSÃO.....	100
6. BIBLIOGRAFIA	103

INDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADRMAG – Associação de Desenvolvimento Regional Integrado do Montemuro, Arada e Gralheira

AGA – Associação Geoparque Arouca

CAA – Centro de Arqueologia de Arouca

CIIGC – Centro de Interpretação e Investigação Geológica de Canelas

CMA – Camara Municipal de Arouca

CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

DGT – Direção Geral do Território

DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte

ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e Florestas

IGT – Instrumentos de Gestão Territorial

PATA – Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos

PDM – Plano Diretor Municipal

PEDCA – Plano Estratégico de Desenvolvimento do Concelho de Arouca

QGIS – Quantum Gis

RIRSMA – Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda

SIG – Sistemas de Informação Geográfica

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Folheto de divulgação do Conjunto Megalítico de Escariz (1986), promovido pelo Centro de Arqueologia de Arouca.....	6
Figura 2 - Folheto promocional dos monumentos megalíticos do planalto da Serra da Freita, editado pela Câmara Municipal de Arouca, em 2000, com a colaboração dos arqueólogos do Centro de Arqueologia de Arouca, António Manuel S. P. Silva e Fernando Silva.	7
Figura 3 - Folheto promocional para inscrições nos campos arqueológicos do Centro de Arqueologia de Arouca (2004).....	8
Figura 4 - Brochura promocional do Casal Romano da Malafaia, editada pela Câmara Municipal de Arouca (2005), em colaboração com o Centro de Arqueologia de Arouca.....	8
Figura 5 - Brochura promocional do concelho de Arouca, editada pela extinta Região de Turismo Rota da Luz (Aveiro)	9
Figura 6 - Brochura promocional do PR15 - Viagem à Pré-história, editada pela Câmara Municipal de Arouca.	9
Figura 7 - Recorte da brochura promocional do Arouca Geopark (2012), onde se verifica a referência a «Outros Valores Patrimoniais» e, no canto direito inferior da imagem, as Minas de Regoufe promovidas no Património Geológico.	10
Figura 8 - Prémio do concurso de ilustração «Ilustra a tua Escola», dinamizado pela AGA - Associação Geoparque Arouca, em parceria com o Município de Arouca (2018). ©Associação Geoparque Arouca	11
Figura 9 - Secção de arqueologia do Museu Municipal de Arouca, após a sua renovação. ©Museu Municipal de Arouca.....	12
Figura 10 - Imagem disponibilizada no site da DGPC, que ilustra a responsabilidade entre os IGT da DGPC e das DRC´s, para promover a salvaguarda patrimonial. ©DGPC.....	16
Figura 11 - Representação da divisão do território em 5 zonas.	30
Figura 12 - Micrólito em sílex, recolhido na mamoa 3 de Venda da Serra, aquando dos trabalhos de relocalização do monumento.	31
Figura 13 - Imagem da pasta que integra os 239 ficheiros de sítio da Carta Arqueológica de Arouca, que contém ficha de sítio e até 5 imagens para cada sítio.....	32
Figura 14 - Imagem geral do inventário da Carta Arqueológica de Arouca em Excel.	32

Figura 15 - Imagem geral da Tabela de Atributos da base de dados da Carta Arqueológica de Arouca em QGIS.	33
Figura 16 - Localização de Arouca em Portugal Continental.....	36
Figura 17 - Concelho de Arouca, com a altimetria, rede hidrográfica e principais rios representados. .	37
Figura 18 - Representação do mapa geológico simplificado de Arouca.	38
Figura 19 - Mapa com a representação dos 239 sítios arqueológicos da Carta Arqueológica de Arouca.	39
Figura 20 - Imagem ilustrativa da problemática referida, retirada da página social de um presidente de junta de freguesia, do concelho de Arouca, que promove a manutenção de caminhos florestais, no dia 05 de fevereiro de 2022.	53
Figura 21 - Representação dos sítios arqueológicos por zonas de realocização.....	57
Figura 22 - Representação dos sítios arqueológicos localizados e não localizados (1: 95 000).....	58
Figura 23 - Representação dos sítios arqueológicos identificados antes de 1999 e após 1999 (1: 95 000).	59
Figura 24 - Representação de sítios arqueológicos por cronologias (1: 95 000).....	60
Figura 25 - Representação de sítios arqueológicos por freguesia (1: 95 000).	61
Figura 26 - Representação de sítios arqueológicos por uso de solo (1: 95 000). Fonte de dados Uso de Solo: DGT https://www.dgterritorio.gov.pt	62
Figura 27 - Representação de destruições por uso de solo (1: 95 000). Fonte de dados Uso de Solo: DGT https://www.dgterritorio.gov.pt	63
Figura 28 - Representação de sítios arqueológicos por estado de conservação (1: 95 000).	64
Figura 29 - Representação de sítios arqueológicos por área ardida entre 2015 e 2020 (1: 95 000). Fonte de dados Área Ardida: ICNF https://sig.icnf.pt	65
Figura 30 – Relação de sítios arqueológicos com a rede hidrográfica (1: 95 000).	66
Figura 31 - Logótipo do Iter Hominis. © Associação Geoparque Arouca	81
Figura 32 - Casal Romano da Malafaia antes da intervenção Iter Hominis.....	87
Figura 33 - Casal Romano da Malafaia após a intervenção Iter Hominis.....	87
Figura 34 - Exercício de estruturação de suportes para os painéis Iter Hominis, colocados no balcão sobre as ruínas do Casal Romano da Malafaia. ©Associação Geoparque Arouca	90
Figura 35 - Painel interpretativo Iter Hominis, colocado à entrada do sítio.....	90
Figura 36 - Painéis interpretativos Iter Hominis, no Casal Romano da Malafaia. ©Associação Geoparque Arouca.	90

Figura 37 - Painéis interpretativos pré-existentes no Casal Romano da Malafia. ©Associação Geoparque Arouca.	90
Figura 38- Expositor interativo Iter Hominis, disponível na Casa das Pedras Parideiras. ©Associação Geoparque Arouca.....	92
Figura 39 - Imagem de uma ilustração do documentário geral (minuto 3.45). ©Associação Geoparque Arouca	95
Figura 40 - Ações de gravação do documentário geral, na Portela da Anta. ©Associação Geoparque Arouca	95
Figura 41 - Imagem do documentário infantil (minuto 1.47). ©Associação Geoparque Arouca	95
Figura 42 - Exemplo de layout do Guia Iter Hominis. ©Anyforms	96
Figura 43 - Layout ilustrativo dos painéis interpretativos Iter Hominis. ©Anyforms	97

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de sítios Localizados e Não Localizados em 1999 e em 2021.	40
Gráfico 2 - Representação da quantidade de destruições até 1999, por sítios Localizados e Não Localizados.	42
Gráfico 3 - Representação da quantidade de destruições até 2021, por sítios Localizados e Não Localizados.	42
Gráfico 4 - Representação da quantidade de sítios por cronologias	45
Gráfico 5 - Representação da quantidade de sítios por cronologias	46
Gráfico 6 - Representação da quantidade de sítios por freguesias.	48
Gráfico 7 - Representação da percentagem de sítios por tipologia de uso de solo.	49
Gráfico 8 - Quantidade de sítios não localizados por tipologia de uso de solo.	50
Gráfico 9 - Representação da quantidade de sítios por estado de conservação e uso de solo.	51
Gráfico 10 - Representação da percentagem de sítios por estado de conservação.	52
Gráfico 11 - Representação da percentagem de sítios destruídos, total ou parcialmente, por origem das destruições conhecidas.	52
Gráfico 12 - Representação da percentagem de mamoas por estado de conservação.	54
Gráfico 13 - Representação da percentagem de sítios escavados por estado de conservação.	55
Gráfico 14 - Representação da percentagem de sítios por tipologia de ameaça.	56

INTRODUÇÃO

O projeto que se apresenta incide sobre o concelho de Arouca, cuja área geográfica está classificada como Geoparque Mundial da UNESCO desde 2015. A gestão desta marca territorial – Arouca Geopark, está a cargo da AGA - Associação Geoparque Arouca, uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, criada e presidida estatutariamente pelo referido município, desde 2008¹.

Em 2009, o Arouca Geopark integra a Rede Europeia e Global de Geoparques e a AGA vem a contribuir valorosamente para o desenvolvimento da região, essencialmente através do ativo geológico, dentro das suas principais valências, missão e valores: o Geoturismo, a Geoconservação e a Geoeducação. Progressivamente, ampliou as suas responsabilidades no que respeita às áreas em que atua, tendo por base os conceitos de geoparque, que se encontram em permanente discussão e evolução². Assim, em 2013, integrou nos seus quadros e nas suas responsabilidades a biologia e, em 2017, a arqueologia veio complementar o seu programa de trabalho e quadro de pessoal permanente³.

Entre 2015 e 2017, houve um investimento na didática e na valorização patrimonial, materializado numa série de ações educativas sobre a história local, bem como na dinamização de sítios arqueológicos. Não obstante, na realização das atividades, foram assinaladas uma série de dificuldades que contribuíram para a formulação da problemática deste projeto. Em parte, essas dificuldades devem-se à ausência de um plano de gestão estruturado, a médio e longo prazo, com objetivos bem definidos, e de um fio condutor para essas ações, mas também à pouca ligação entre a comunidade local e o património cultural (em particular o arqueológico); à carência de valorização e conservação dos sítios; à extrema necessidade de atualização da Carta Arqueológica de Arouca, que dificulta a gestão deste património; às reduzidas políticas patrimoniais por parte da administração local, entre outras situações. A estas, podem-se ainda associar algumas necessidades de estudo, tratamento e publicação de uma quantidade considerável de informação, proveniente de diversas intervenções arqueológicas realizadas em Arouca ao longo de décadas, desequilibrando o investimento entre as estratégias de investigação, de valorização e de comunicação do património histórico e arqueológico.

Paralelamente, projetos de valorização em sítios de valor natural, como os Passadiços do Paiva ou a Rota dos Geossítios do Arouca Geopark, que captam milhares de turistas anualmente, expuseram

¹ <http://aroucageopark.pt/pt/quem-somos/>

² <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/redes-unesco/geoparques-mundiais-da-unesco>.

³ O autor deste trabalho tem um vínculo laboral com a referida entidade – Associação Geoparque Arouca.

fragilidades no que respeita à conservação da biodiversidade e da geologia. A visibilidade pública sobre esses sítios e, conseqüentemente, sobre as suas debilidades, pressionou à canalização de esforços públicos no sentido de mitigar ou reverter processos que afetavam a integridade desse património, seja a nível de geossítios, de fauna ou de flora relevante⁴. Mesmo com essas preocupações, a dinâmica desses projetos potenciou ainda, de uma forma geral, uma política de investimento público e privado na região, que toca direta e indiretamente o património cultural de Arouca. A conversão da ala sul do Mosteiro de Arouca num estabelecimento de unidade hoteleira de luxo, ao abrigo do programa REVIVE⁵; a revitalização da estrutura de acolhimento do Museu de Arte Sacra, resultado de um protocolo tripartido entre a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, Câmara Municipal de Arouca e a Direção Regional de Cultura do Norte; e, a requalificação do Museu Municipal de Arouca, constituem os principais exemplos.

Considerando este quadro de valorização, em particular do patrimonial cultural, que se tem verificado nos últimos anos, e ao qual se junta o projeto *Iter Hominis*, entendeu-se que seria o momento adequado para promover a atualização da Carta Arqueológica de Arouca. Esta ação mostra-se útil pela sua dimensão essencial à gestão e ordenamento do território por parte das autoridades competentes, mas, também, como elemento-chave para o conhecimento da realidade do património arqueológico do concelho de Arouca e para a estruturação de medidas que mitiguem as dificuldades encontradas entre 2015 e 2017.

Pretende-se, desta forma, aferir se a perceção que existe sobre o estado de degradação e de abandono da generalidade dos sítios arqueológicos inventariados em sede de Carta Arqueológica de Arouca, desde 1999, se confirma, bem como se tem, ou não, ocorrido um nível acentuado de destruições, desde o primeiro registo desse património. Paralelamente, é importante aferir as motivações que têm levado a essas ocorrências. O apuramento desses dados possibilitará o desenvolvimento de políticas patrimoniais fundamentadas, assentes em realidades conhecidas, bem como apoiará a tomada de decisões dos autarcas e gestores locais. Por outro lado, permitirá avaliar se a forma como está estruturado o projeto *Iter Hominis* será capaz de alterar os paradigmas do património histórico e arqueológico. O *Iter Hominis*, aprovado pelo Turismo de Portugal em 2018, tem por objetivo a valorização, em rede e de forma integrada, de 30 sítios de interesse histórico e arqueológico de Arouca,

⁴ A título de exemplo, dá-se nota do Parque Urbano da Ribeira de Gondim, cujo desenvolvimento potenciou uma maior visibilidade para os problemas ambientais existentes nesse curso de água. Dada a visibilidade, a autarquia tem encetado um conjunto de esforços, no âmbito da conservação e da comunicação, para mitigar esses problemas ambientais, bem como os impactos negativos de focos de poluição.

⁵ <https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/node/426>

abrindo uma janela de visibilidade e oportunidade para que se inicie, de forma efetiva, um processo de atenuação da destruição e deterioração do património da região.

Posto isto, o primeiro capítulo deste Trabalho de Projeto faz um enquadramento aos trabalhos realizados em Arouca, no âmbito da gestão e valorização patrimonial, elencando-se as principais ações nesses domínios, ao longo das últimas décadas. Segue-se um breve enquadramento às cartas arqueológicas e à legislação e competências do Estado e das autarquias nesta matéria, dando alguns exemplos de municípios que desenvolvem trabalho nesta temática. É ainda apresentado o enquadramento dos trabalhos da primeira edição da Carta Arqueológica de Arouca, que se realizaram em 1999 e foram publicados em 2000.

No segundo capítulo, é descrita a metodologia com que se executou este trabalho de Projeto, particularmente no que respeita à atualização da Carta Arqueológica de Arouca.

No terceiro capítulo, descreve-se o território, previamente à apresentação sumária dos dados obtidos com a atualização da Carta Arqueológica de Arouca. Segue-se uma abordagem aos sítios, relacionando-se, através de gráficos e mapas, os diversos campos registados em inventário. Estes gráficos facilitam a leitura dos dados, possibilitando interpretações e conclusões mais assertivas. O terceiro capítulo termina com o somatório dessas observações, propondo medidas-chave para a gestão, salvaguarda e dinamização do património arqueológico.

No capítulo IV, apresenta-se o *Iter Hominis*⁶, acreditando-se poder contribuir para a atenuação das dificuldades apontadas na problemática deste trabalho, bem como para os problemas levantados no capítulo III. Pretende-se a sua difusão e apreciação pela comunidade académica e alargada, permitindo a sua replicação a outros territórios, enquanto caso de boas práticas no âmbito da gestão e valorização patrimonial.

No capítulo final V, encontram-se as considerações finais, seguido da bibliografia consultada.

⁶ Este projeto está a ser desenvolvido pela Associação Geoparque Arouca e coordenado pelo autor deste Trabalho de Projeto.

OBJETIVO GERAL

Conhecer e partilhar as realidades do património arqueológico de Arouca, nas suas dinâmicas de conservação e valorização patrimonial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Conhecer o estado e o contexto atual do património arqueológico;
- b. Promover a atualização dos dados da carta arqueológica;
- c. Criar um inventário que se possa converter em Base de Dados;
- d. Realizar uma análise aos dados recolhidos, de forma a compreender as dinâmicas e realidades patrimoniais do território nos últimos 20 anos;
- e. Propor medidas-chave para a construção de políticas patrimoniais no concelho;
- f. Estabelecer orientações para a conservação e valorização do património histórico-arqueológico a curto/médio prazo;
- g. Partilhar o desenvolvimento do projeto *Iter Hominis* com a comunidade académica e em geral;

CAPÍTULO I

1. ENQUADRAMENTO E PROBLEMÁTICAS

Neste capítulo são abordados os principais trabalhos de inventariação e de valorização patrimonial realizados em Arouca, bem como as primordiais dinâmicas patrimoniais do território, até à data desta publicação. De seguida, aborda-se a configuração das Cartas Arqueológicas, sucedendo-se a referência à legislação onde constam as obrigações e competências do Estado e das autarquias, no que respeita ao trabalho de inventário de bens arqueológicos.

Num quarto ponto, dá-se a conhecer a relação de quatro autarquias com as suas responsabilidades patrimoniais, mencionadas na Constituição. As quatro autarquias foram selecionadas por serem assimétricas, apresentando contextos distintos. A sua posição geográfica varia do interior ao litoral do país, entre o Norte, o Sul, as Beiras e ao Alto Alentejo, com dimensões territoriais, geográficas, demográficas e económicas distintas, de forma a possibilitar uma análise mais alargada e imparcial. No entanto, comungam todas do que se pode considerar como boas práticas patrimoniais.

Por último, apresenta-se o que foi o trabalho de construção da Carta Arqueológica de Arouca, entre 1999 e 2000, segundo o seu coordenador, António Manuel S. P. Silva.

1.1. DO PATRIMÓNIO À VALORIZAÇÃO NO CONCELHO DE AROUCA

Os primeiros trabalhos de inventariação de património histórico e arqueológico em Arouca iniciaram-se bastante cedo, através de dicionários geográficos ou crónicas monográficas generalistas, como as do Pe. Luiz Cardoso (1762), ou do Portugal Antigo e Moderno de Pinho Leal (1874 – 1890), que deixaram referências a diversos sítios. Mais tarde, personalidades distintas, percussoras nos estudos de arqueologia e de história da região, vieram a confirmar o valor histórico e arqueológico desses locais. Para além das obras genéricas supracitadas, as ações de inventariação e de valorização do património ocorridas na década do séc. XX, culminando com a classificação do Mosteiro de Arouca, Marmoiral de St. ° António e Anta de Casal Mau como Monumentos Nacionais, farão igualmente parte desses inventários pioneiros (Silva, 2004).

Pela década de 50, personalidades como o médico Manuel Simões Júnior desenvolveram interesse por diversas áreas da cultura, como a numismática, a história e a arqueologia, realizando os primeiros campos arqueológicos no concelho (*idem*). Muitos destes trabalhos, impulsionadores da arqueologia em Arouca, foram coordenados pelo Bispo D. Domingos de Pinho Brandão, que promoveu a escavação de diversos monumentos megalíticos na região poente de Arouca (Brandão, 1957) e estudos epigráficos, como os da lápide romana de Fermedo (Brandão, 1961) ou o das epígrafes romanas da necrópole de Alvariça (Brandão, 1957, 1961 *apud* Silva, 2004; Silva & Ribeiro, 2003), em Espiunca.

Mais tarde, as campanhas arqueológicas promovidas na Portela da Anta, no núcleo de Alviada, Calvário e Alagoas (Silva, 1986a, 1986b, 1987a, 1987b, 1988, 1989a, 1989b, 1989c *apud* Silva, 2004), desde 1984, no âmbito dos trabalhos de doutoramento do arqueólogo Fernando Augusto Pereira da Silva; a criação do

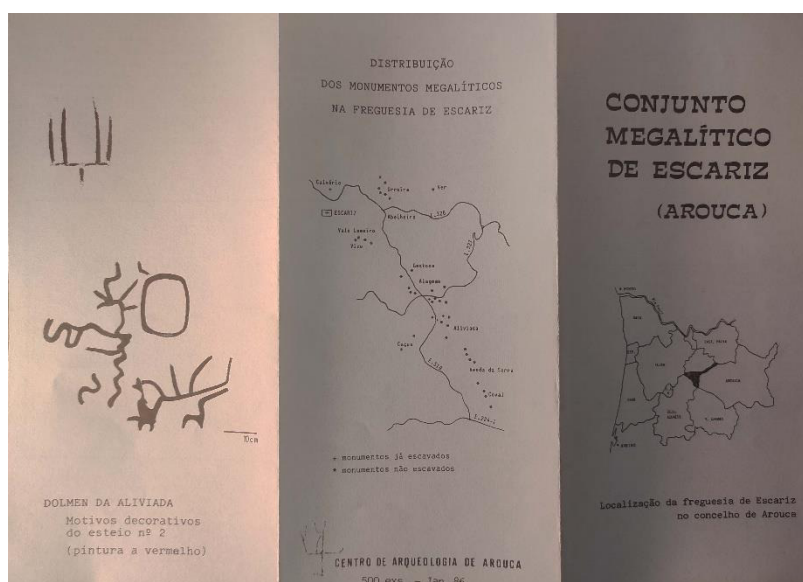


Figura 1 - Folheto de divulgação do Conjunto Megalítico de Escariz (1986), promovido pelo Centro de Arqueologia de Arouca.

Centro de Arqueologia de Arouca⁷, em 1986, sendo o mencionado arqueólogo o seu principal fundador; as exposições de arqueologia na Feira das Colheitas; as 1^{as} Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca (Silva, 1986); iniciaram um novo capítulo da arqueologia no concelho. Também nessa década se deverão ter produzido os primeiros impressos de divulgação pública do património para esta região, numa tiragem de 500 exemplares, bastante simples e modestos, com o título «Conjunto Megalítico de Escariz (Arouca)».

Em 1995, a Quaternaire Portugal, Consultoria para o Desenvolvimento S.A., elabora o primeiro Plano Estratégico de Desenvolvimento do Concelho de Arouca (PEDCA), que define o património cultural

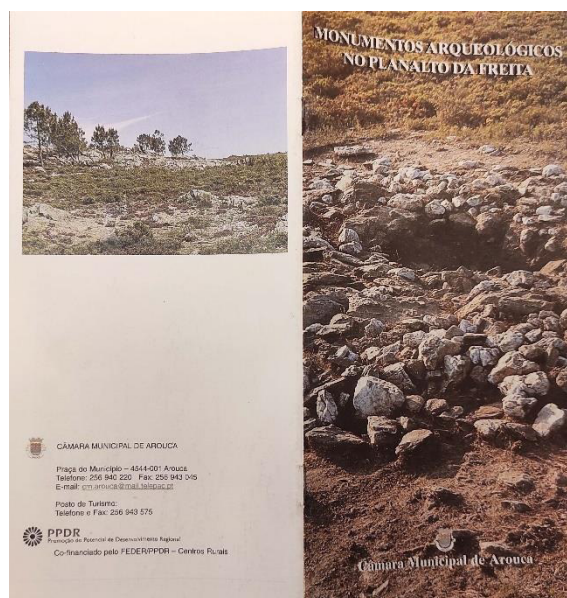


Figura 2 - Folheto promocional dos monumentos megalíticos do planalto da Serra da Freita, editado pela Câmara Municipal de Arouca, em 2000, com a colaboração dos arqueólogos do Centro de Arqueologia de Arouca, António Manuel S. P. Silva e Fernando Silva.

como uma vocação na sua estratégia de desenvolvimento local⁸; sendo que, logo de seguida, em 2000, é publicada a Carta Arqueológica de Arouca (Silva, 2004). Nesse ano, a Câmara Municipal edita ainda algum material promocional, como é exemplo uma pequena brochura editada com o nome «Monumentos Arqueológicos no Planalto da Freita». Este material promovia o património pré-histórico da Serra da Freita (Silva, 1992), uma vez que esta área geográfica era já um atrativo turístico, no âmbito da Região de Turismo Rota da Luz⁹, pelos fenómenos geológicos das Pedras Parideiras e da Frecha da Mizarela.

Já a carta arqueológica, além de instrumento de gestão patrimonial para o ordenamento do território, veio a servir de base para dois trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Arqueologia de Arouca e editados pelo município, em 2004, que, ainda hoje, são referência para a região: o livro «Memórias da Terra - Património Arqueológico do Concelho de Arouca» (Silva, 2004), e, a disponibilização de um CD-ROM, com a proposta dos primeiros roteiros «arqueoturísticos» do território - «Memórias da Terra: Uma viagem ao passado de Arouca».

⁷ O Centro de Arqueologia de Arouca é uma associação de direito privado, Sem Fins Lucrativos, fundada em 1986 e com sede em Arouca. Foi formada para promover a salvaguarda, o estudo e a promoção do património histórico, em particular do arqueológico, da região do Entre Douro e Vouga. É responsável por diversos projetos de investigação, que desenvolve desde a década de 1990.

⁸ Na revisão do PDM de Arouca, em 2009, foram repescadas as linhas estratégicas o PEDCA de 1995. No ponto 2, pág. 11 do Relatório do PDM 2009, pode observar-se a referência a esse quadro de vocações, onde está patente o Património Cultural e Arquitetónico como «núcleo principal de vocações a valorizar na estratégia».

⁹ Região de Turismo que agregava toda a oferta turística da região de Aveiro.

Também entre as décadas de 1990 e 2008, decorreram diversos campos arqueológicos em Arouca, promovidos pelo Centro de Arqueologia com apoio do município, nomeadamente no povoado da Cidade de Rossas, no Casal Romano da Malafaia (Várzea) e no Castro/Castelo de S. João de Valinhas (Santa Eulália). Segundo informação pessoal do presidente do Centro de Arqueologia de Arouca, António Manuel S. P. Silva, estes campos, que chegaram a funcionar em simultâneo, chegaram a reunir cerca de 80 participantes durante os meses de verão, oriundos de diversas universidades e de vários pontos do país.

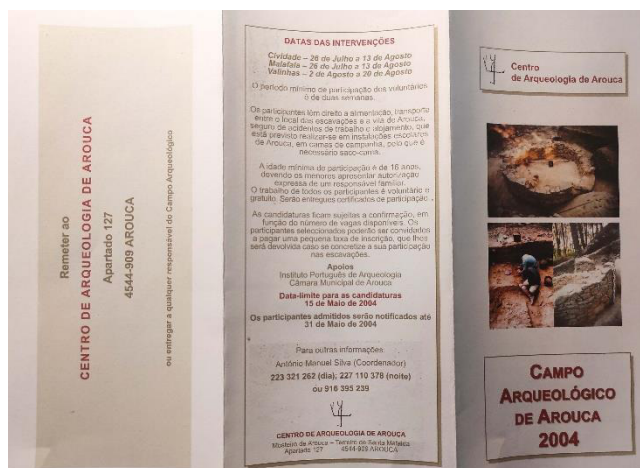


Figura 3 - Folheto promocional para inscrições nos campos arqueológicos do Centro de Arqueologia de Arouca (2004).

Essas intervenções e os projetos arqueológicos dinamizados apresentavam algumas ações de comunicação, como serve de exemplo a primeira brochura promocional do Casal Romano da Malafaia, editada em 2005 pela Câmara Municipal de Arouca, e que constituiu o arranque de um longo processo de musealização *in situ* dessa estação arqueológica.

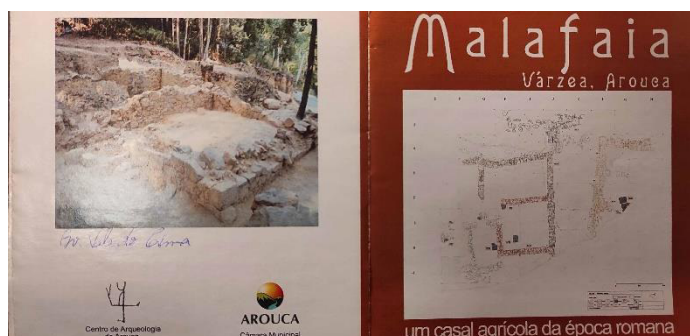


Figura 4 - Brochura promocional do Casal Romano da Malafaia, editada pela Câmara Municipal de Arouca (2005), em colaboração com o Centro de Arqueologia de Arouca.

Ainda por essa altura, desenvolveu-se a rede de percursos pedestres do concelho, destacando-se, em alguns deles, o património histórico-arqueológico, como, por exemplo, o «PR 15 – Viagem à Pré-História».

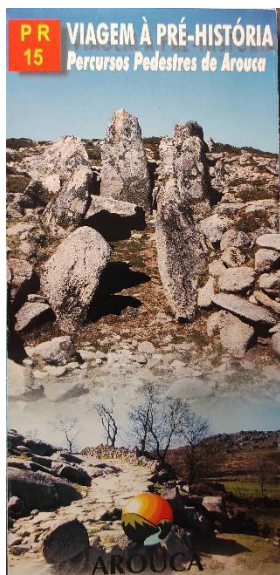


Figura 5 - Brochura promocional do concelho de Arouca, editada pela extinta Região de Turismo Rota da Luz (Aveiro)



Figura 6 - Brochura promocional do PR15 - Viagem à Pré-história, editada pela Câmara Municipal de Arouca.

As brochuras da Rota da Luz, bem como os mapas promocionais do município, entre 2005 e 2008, mostram-nos que a estratégia de valorização dos recursos endógenos para atrair visitantes ao concelho, estava alicerçada na valorização e na promoção dos bens culturais, como o património histórico e arqueológico, o artesanato ou a gastronomia, mas também nos desportos de aventura e nos fenómenos geológicos, como as Pedras Parideiras, Trilobites Gigantes de Canelas e Frecha da Mizarela.

Arouca vinha a assumir uma estratégia de desenvolvimento local baseada no turismo, assente em ativos como a gastronomia, o artesanato e a natureza, mas, sobretudo, no seu património histórico e arqueológico, como demonstram as brochuras e o material promocional do território à data.

Entre 2008 e 2009 ocorrem uma série de vicissitudes que alteram os paradigmas do património cultural da região. Dá-se uma mudança no executivo camarário, fruto de eleições autárquicas ordinárias; é formalmente constituída a marca Arouca Geopark, conduzindo a alterações na estratégia de promoção

do destino¹⁰, por parte do Município de Arouca¹¹; alteram-se as dinâmicas da Região de Turismo Rota da Luz (Aveiro); Arouca passa a integrar a região de turismo Porto e Norte. O património cultural é reposicionado na hierarquia de ativos territoriais, passando a integrar «Outros Valores Patrimoniais», como referido em material promocional do Arouca Geopark, destacando-se, essencialmente, o Mosteiro de Arouca. Locais sinalizados como sítios arqueológicos na Carta Arqueológica de Arouca, dos quais são exemplos as Minas de Regoufe, são promovidos como sítios de interesse geológico.



Figura 7 - Recorte da brochura promocional do Arouca Geopark (2012), onde se verifica a referência a «Outros Valores Patrimoniais» e, no canto direito inferior da imagem, as Minas de Regoufe promovidas no Património Geológico.

Não obstante a mudança de direção na estratégia de promoção territorial, pontuais colaborações em atividades de foro cultural tiveram a sua continuidade, tendo como exemplo a dinamização do colóquio «No Tempo dos Mouros», em 2011, promovido pelo Centro de Arqueologia de Arouca, Câmara Municipal de Arouca e Associação Geoparque Arouca (Silva, 2011). O «Arouca Geopark», enquanto território, figura pontualmente na dinâmica de investigação arqueológica (Couto *et al.*, 2010). Os projetos de investigação e escavação arqueológica, tradicionalmente promovidos pelo Centro de Arqueologia de Arouca com apoio municipal, deixaram de obter financiamento, pelo que não se regista a sua continuação, datando de 2008 o último campo arqueológico em Arouca.

Em 2015, o projeto «ARQ 4 ALL – Arqueologia para todos»¹², apresentado ao Município de Arouca e à AGA – Associação Geoparque Arouca pelo autor deste trabalho, foi aprovado por estas entidades, contando ainda com o apoio do Centro de Arqueologia de Arouca, Universidade de Coimbra e Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. A sua dinamização trouxe a oportunidade de retomar, em parte,

¹⁰ No relatório do PDM 2009, ponto 2. Opções estratégicas de desenvolvimento (pág. 10), refere-se que «emergem vectores de internacionalização e projecção de uma imagem de centro de excelência cultural e patrimonial (Mosteiro de Arouca/ Carta Europeia de Cister/ Rota de Cister e Rede Europeia de Geoparques/ UNESCO/ Geoparque Arouca)».

¹¹ É possível verificar nos mapas turísticos de Arouca, à data, que o branding territorial passa a Arouca Geopark, em detrimento de Município de Arouca, bem como se atribui maior destaque ao património geológico, em relação ao arqueológico.

¹² Projeto de promoção e dinamização de património arqueológico, com duração de um ano, desenvolvido pelo autor deste Trabalho de Projeto e financiado pelo Município de Arouca. Promoveu três workshops, três saídas de campo e uma conferência. <https://www.facebook.com/arg4all>

algumas dinâmicas da promoção e divulgação pública do património histórico-arqueológico que se tinham desbotado após 2008/2009. Ao longo desse ano, realizaram-se três visitas interpretadas, dois workshops e uma conferência. A plena adesão da população a esse evento sensibilizou a AGA – Associação Geoparque Arouca e a Câmara Municipal de Arouca a redirecionar atenção à arqueologia e a atividades deste âmbito, integrando-as no seu programa anual de atividades e ações.

Com esta abertura, tiveram lugar projetos didáticos anuais de educação patrimonial, como o «Ilustra a Tua Escola», associado ao batismo dos espaços dos polos escolares do município com designações alusivas ao património natural e cultural do território. Estas designações deram origem a um concurso de ilustração, sendo que entre 2016 e 2019 já se tinham organizado concursos em cinco polos escolares e envolvido 876 alunos do Jardim de Infância e 1ª Ciclo do Ensino Básico, 44 professores e educadores de infância, 38 sessões explicativas e interpretativas em sala de aula, 20 saídas de campo e 83 temáticas abordadas, entre elas as de arqueologia e património arqueológico do Arouca Geopark (Rocha, Bastos & Alexandre, 2019).

Adicionaram-se quatro programas educativos à oferta educativa da AGA, relacionados com a arqueologia e a história¹³. Estão disponíveis para as escolas que, anualmente, visitam o Arouca Geopark;



Figura 8 - Prémio do concurso de ilustração «Ilustra a tua Escola», dinamizado pela AGA - Associação Geoparque Arouca, em parceria com o Município de Arouca (2018). ©Associação Geoparque Arouca

Estruturou-se e candidatou-se a fundos comunitários o projeto *Iter Hominis*, em 2017, para a valorização do património histórico e arqueológico do Arouca Geopark, em rede e de forma integrada. Esta candidatura veio aprovada em dezembro do mesmo ano, iniciando-se a execução do projeto entre 2018 e 2019. Destaca-se a conclusão da musealização *in situ* do Casal Romano da Malafaia, associada ao *Iter Hominis* (Alexandre & Duarte, 2019);

Editaram-se, em 2019, duas publicações do Arouca Geopark, nomeadamente o Guia do Visitante (Bernardo *et al.*, 2019) e o Guia de Natureza dos Passadiços do Paiva (Bastos *et al.*, 2019), que integraram conteúdos relativos ao património histórico e arqueológico;

¹³ Refere-se, a título de exemplo, os programas C8, C9, C10 e C11. <http://aroucageopark.pt/pt/aprender/programas-educativos/saidas-de-campo-no-arouca-geopark/>

A arqueologia passou a marcar presença na agenda municipal, participando anualmente com atividades na comemoração de efemeridades como o Domingo no Parque (Dia da Criança), Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, dos Museus, entre outros.

Desde 2018/2019, desenvolveram-se, ainda, os projetos de renovação do Museu Municipal de Arouca, reabrindo ao público no dia 14 de maio de 2021, após dois anos de encerramento, e cujo resultado atribuiu um maior destaque à arqueologia e ao património arqueológico;

Iniciaram-se, em 2021, as obras de recuperação da ala sul do mosteiro, fruto da sua concessão para fins turísticos, por um período de 50 anos, assinada a 23 de novembro de 2018, ao abrigo do programa REVIVE¹⁴.

A 26 de fevereiro de 2022 inaugurou-se o projeto da Estrutura de Acolhimento ao Visitante do Mosteiro de Arouca, ocasião que

permitiu, também, a assinatura de um protocolo de cooperação para uma gestão tripartida do Mosteiro de Arouca entre a Direção Regional de Cultura do Norte, a Câmara Municipal de Arouca e a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. Segundo a presidente do Município de Arouca, Margarida Belém, esse protocolo permitirá «*relançar e definir o Mosteiro de Arouca como âncora da dinâmica cultural, económica e turística do nosso território*»¹⁵.

Não obstante, em fevereiro de 2020, o município partilhou o novo Plano Estratégico Arouca 2030, elaborado pela Quaternaire Portugal para os próximos 8 anos. Em análise, deve destacar-se que Arouca altera novamente a sua estratégia de promoção. Muito embora mantenha relevância na classificação como Geoparque Mundial da UNESCO, a imagem externa do município dá agora lugar à marca «Arouca»¹⁶. Verifica-se, também, que neste plano estratégico são escassas as referências ao património arqueológico, sendo as existentes alusivas ao património cultural em geral, ou destacando o histórico e arquitetónico, incluindo os produtos regionais. No ponto 2.2. *Grau de Concretização das*

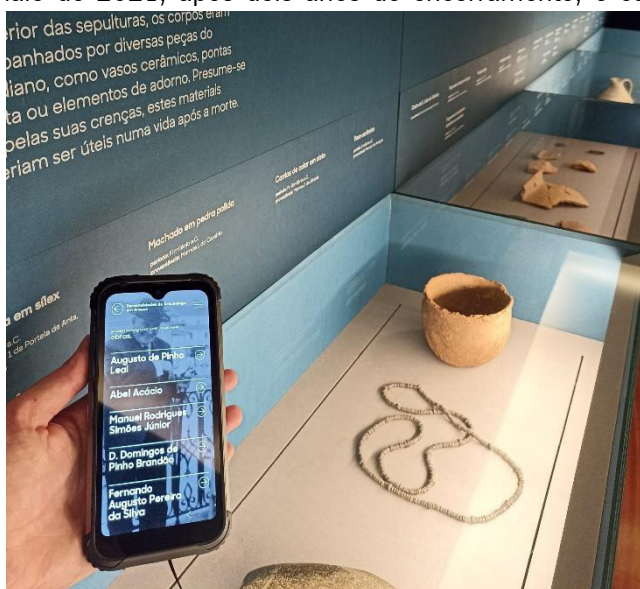


Figura 9 - Secção de arqueologia do Museu Municipal de Arouca, após a sua renovação. ©Museu Municipal de Arouca

¹⁴ <https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/node/426>

¹⁵ Página de Facebook do Município de Arouca.

¹⁶ Pág. 55 do PDE Arouca 2030.

Linhas Estratégicas de Intervenção do PEDCA 1995, existe um ponto a fazer referência às concretizações conseguidas no âmbito do património natural, mas uma omissão relativamente ao património cultural, não se divulgando se se atingiram as metas definidas no PEDCA 1995 para o património cultural, em especial o histórico e arqueológico.

No entanto, é também evidente uma vontade de fazer mais nesta matéria, nomeadamente no ponto 4. *Bases Estratégicas Para Arouca 2030*, onde se reforça que «*as principais oportunidades de “reposicionamento” assentam na combinação de ativos e dinâmicas*» como a «*Consolidação de ativos com longa tradição de implantação no concelho (património histórico e natural, floresta, ruralidade)*», «*Combinada com a valorização de dinâmicas emergentes fortemente diferenciadoras (Geoparque UNESCO, Carta Europeia do Turismo Sustentável, dinamismo industrial/empresarial, background verde da AM Porto)*».

No ponto 4.3. *As Âncoras Estratégicas*, colocam também o Património (natural e cultural?) como âncora de uma estratégia diferenciadora, acrescentando, no ponto 4.3.3. *A Dimensão Horizontal e Diferenciadora da Preservação e Valorização Identitária do Património do Concelho*, três linhas a respeito deste tema. Referem a importância em reconhecer a preservação e valorização do património como uma marca diferenciadora e fortemente identitária das opções de desenvolvimento de Arouca 2030; a preservação e valorização do património na sua pluralidade, natural, ambiental e histórico-cultural; e a preservação e valorização que interpelam entre outras dimensões a dos instrumentos de gestão territorial (IGT).

É no âmbito desta visão que este Trabalho de Projeto pretende contribuir. Todavia, no ponto 5.4. *Síntese dos Eixos Estratégicos*, no eixo *Arouca, território com identidade*, alusivo ao eixo que trabalhará o património cultural, elencam como entidades parceiras chave o próprio Município de Arouca, Associação Geoparque Arouca, ADRIMAG e Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. Num pensamento estruturado e integrador, considera-se que outras entidades chave, como a Santa Casa da Misericórdia e o Centro de Arqueologia de Arouca, entidades proprietárias/ gestoras de património cultural em Arouca, e cujos valores se prestam a estes deveres, deveriam ser igualmente integradas nesta estratégia e parcerias, de forma a contribuir para o plano e para o alcance dos objetivos.

1.2. CARTAS ARQUEOLÓGICAS

As cartas arqueológicas consistem em inventários, com registo e identificação de estações arqueológicas, locais e achados de interesse arqueológico, numa dada região ou concelho, preferencialmente com dados e informação georreferenciada.

Foi entre a década de 1980 e de 1990 que se assistiu, em Portugal, à recolha mais ou menos sistemática destes dados sobre o património arqueológico, muitas vezes cartografados sobre uma carta militar, bem como ao desenvolvimento de projetos de investigação científica nesta matéria. Trabalhos como os de Guilherme Cardoso (1991, 1993), para Oeiras ou Cascais, ou de Manuel Calado para o Alandroal (1993), são tidos como exemplos de pioneirismo quando nos referimos à elaboração de cartas arqueológicas.

Por essa altura, na década de noventa, surgem as primeiras publicações de cartas arqueológicas, associadas à 1ª geração de Planos Diretores Municipais, proliferando numa perspetiva muito própria – a da inventariação e salvaguarda do património arqueológico através do ordenamento do território. Essa será, ainda hoje, a grande razão de existência deste instrumento. Não constituem meros inventários, construídos por académicos e interessados. São, sobretudo, elementos essenciais para a organização das dinâmicas territoriais e administrativas de um município, que se entenda como zelador do seu património e cumpridor da Constituição Nacional em vigor.

É com estes instrumentos – as cartas arqueológicas - que os serviços municipais realizam um correto ordenamento e planeamento do uso do solo de cada concelho, das suas ações, licenciamentos diversos (da construção à florestação), definição de políticas patrimoniais de conservação ou valorização, entre outras tarefas próprias da gestão territorial municipal. Estes documentos podem assumir várias formas, desde simples listas em papel a complexos sistemas patrimoniais, alojados em BackOffice online, com ligação ou não aos SIG – Sistemas de informação Geográfica. No entanto, a informação básica e obrigatória para a identificação de um sítio arqueológico, entende-se que é a todos eles comum: Georreferenciação do sítio ou coordenada geográfica, tipologia e aproximação cronológica. Há, depois, todo um leque de questões que devem ser respondidas¹⁷, não propriamente por esta ordem: breve descrição, altimetria, carta militar, acessibilidades, outras designações, ameaças, usos de solo, dispersão de achados, proprietários, observações, intervenções, bibliografia, estado de conservação, entre outras

¹⁷ Esses itens podem ser encontrados nas fichas de sítio arqueológica disponibilizadas pela DGPC, no seu portal online, e preenchidas de acordo com a listagem Thesaurus, disponibilizada pela mesma entidade.

informações complementares que auxiliarão numa melhor organização e tratamento ou cruzamento de dados para os diversos fins a que se possam destinar.

Essas informações, após recolhidas individualmente para cada sítio ou peça arqueológica, são registadas em fichas de sítio/achado e vertidas ou transformadas em inventários, constituindo, dessa maneira, a expressão «Carta Arqueológica», espelhando-se, sempre que possível, numa base cartográfica. Para além de integrarem as bases de dados próprias, esses sítios devem ser partilhados com a Tutela, de forma a integrarem o Endovélico – Sistema de Gestão e Informação Arqueológica, e, sempre que possível, os PDM – Plano Diretor Municipal.

A este respeito, a DGPC refere o seguinte: *«Com efeito, na actual política nacional de ordenamento do território e do urbanismo, materializada num sistema de gestão territorial organizado em torno de instrumentos de gestão territorial (IGT), o património arqueológico é identificado como recurso territorial que assume relevância para a memória e identidade das comunidades. Os IGT estabelecem, assim, medidas indispensáveis à protecção e valorização desse património acautelando a sua integridade e o uso dos espaços envolventes.»*. Acrescentam, ainda, *«A promoção de uma política patrimonial articulada que promova o binómio Arqueologia/Ordenamento é uma das prioridades da Direção-Geral do Património Cultural em colaboração com as Direções Regionais de Cultura, tanto ao nível da elaboração de planos, como ao nível na promoção da sua adequada execução, no que diz respeito à salvaguarda, estudo, valorização e divulgação patrimonial»*¹⁸.

¹⁸<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/arqueologia-e-ordenamento-do-territorio/>

Desta forma, os dados arqueológicos, sempre que obtidos, devem ser partilhados com os organismos centrais e regionais da Tutela, que fiscalizam a atividade patrimonial das autarquias e dos próprios arqueólogos, segundo o esquema que disponibilizam:

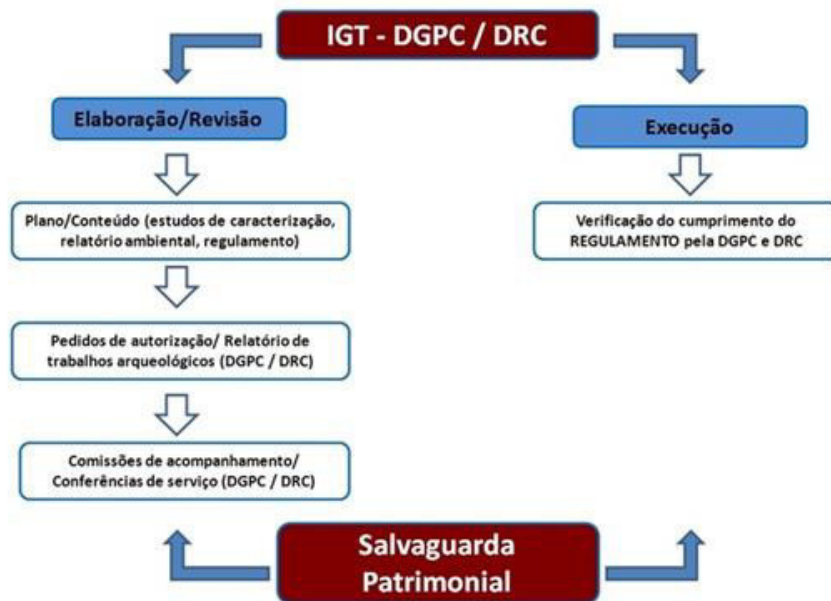


Figura 10 - Imagem disponibilizada no site da DGPC, que ilustra a responsabilidade entre os IGT da DGPC e das DRC 's, para promover a salvaguarda patrimonial. ©DGPC

1.3. QUADRO LEGAL E RESPONSABILIDADES PÚBLICAS

Dado o património arqueológico e os trabalhos da sua inventariação se inserirem no contexto do Património Cultural, transcrevem-se alguns artigos da Lei n.º 107/2001, de 08 de setembro, LEI DE BASES DO PATRIMÓNIO CULTURAL, de forma a enquadrar o regime jurídico de proteção do Património Cultural. Desta forma, elucida-se também, como são chamados às suas responsabilidades, em diversas matérias, não apenas o Estado Central e as entidades regionais, mas as próprias autarquias, enquanto primeiro agente de administração local e ordenador do território que lhe compete.

Nesse sentido, destaca-se:

No *Artigo 2.º - Conceito e âmbito do Património Cultural*, onde se verifica um enquadramento, do qual se sublinham os seguintes pontos:

Ponto 1. *«Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.»*;

Ponto 3. *«O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.»*;

Ponto 5. *«Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos»¹⁹*;

Ponto 6. *«Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.»*

No *Artigo 3º - Tarefa Fundamental do Estado*, nos pontos 2º e 3º, respetivamente, refere o seguinte: *«O Estado protege e valoriza o património cultural como instrumento primacial de realização da dignidade da pessoa humana, objecto de direitos fundamentais, meio ao serviço da democratização*

¹⁹ Onde entra a Convenção Europeia para a proteção do Património Arqueológico, assinada a 16 de janeiro de 1992, em La Valleta, Malta, cujo ponto 1 do Artigo 2.º exige aos Estados subscritores do documento a *«manutenção de um inventário do seu património arqueológico e classificação de monumentos e de zonas de protecção»*.

da cultura e esteio da independência e da identidade nacionais.» e «O conhecimento, estudo, protecção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais», atribuindo, neste ponto, responsabilidades claras e específicas às autarquias.

No *Artigo 4.º - Contratualização da Administração do Património Cultural*, destaca-se o ponto 1 que refere: *«Nos termos da lei, o Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais podem celebrar com detentores particulares de bens culturais, outras entidades interessadas na preservação e valorização de bens culturais ou empresas especializadas acordos para efeito da prossecução de interesses públicos na área do património cultural.»*, nomeadamente no que refere, a título de exemplo, a protocolos de utilização/valorização de espaços ou sítios arqueológicos, ainda que em propriedades particulares.

No *Artigo 6º - Outros Princípios Gerais*, pode-se ainda observar: *«Para além de outros princípios presentes nesta lei, a política do património cultural obedece aos princípios gerais de:*

a) Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respectiva identificação;

b) Planeamento, assegurando que os instrumentos e recursos mobilizados e as medidas adaptadas resultam de uma prévia e adequada planificação e programação;

c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo».

A Lei nr. ° 107/2001 tem mais de cem artigos, dos quais todos os profissionais da área serão amplamente conhecedores, pelo que, de forma a concluir o enquadramento legal e responsabilidades do Estado e autarquias no âmbito do património e, em especial, dos inventários patrimoniais, faz-se apenas uma última referencia à Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, REGIME JURÍDICO DAS AUTARQUIAS LOCAIS.

Desta, conhecida por Lei das Competências, pode-se consultar, na *alínea t) do Artigo nr. °33 - Competências Materiais, da SECÇÃO III - Câmara municipal, SUBSECÇÃO I – Competências*, o seguinte: *«t) Assegurar, incluindo a possibilidade de constituição de parcerias, o levantamento, classificação, administração, manutenção, recuperação e divulgação do património natural, cultural, paisagístico e urbanístico do município, incluindo a construção de monumentos de interesse municipal»;*

Neste contexto, e mesmo dentro da ambiguidade com que a legislação nacional descreve estas competências, crê-se que fica enquadrada, de forma objetiva, as responsabilidades afetas às diversas entidades que compõem o Estado, ou que por si são subsidiadas e tuteladas. Paralelamente, dentro deste enquadramento e das competências que lhes são dirigidas, cada autarquia desenvolve o seu próprio PDM, Regulamento e a relação que considera que deve desenvolver para com o seu património, materializado nas suas políticas patrimoniais.

1.4. INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E GESTÃO AUTÁRQUICA

Pese embora o enquadramento legal da responsabilidade da administração local para com o património, é consenso de que a expressão do contributo de cada entidade municipal é *«condicionada pela sensibilidade e vontade do poder local, determinando o reconhecimento da Arqueologia e assim das estruturas, das equipas, dos recursos e dos meios disponíveis para o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos, assim como da concretização de medidas de salvaguarda e valorização (Ribeiro, 2020:223)»*. Ana Ribeiro, arqueóloga da Câmara Municipal de Avis, esclarece, ainda, que *«apesar de deter um nível de intervenção privilegiado enquanto agentes locais, acedendo de forma directa ao património arqueológico e estabelecendo, simultaneamente, uma relação próxima com a comunidade, o facto é que a arqueologia nem sempre é uma prioridade das autarquias, uma vez que o património arqueológico continua a ser encarado como um obstáculo que condiciona o desenvolvimento local (idem)»*. Isto é, muito embora haja obrigações legais para com o património, nem todas as autarquias seguem um exemplo de boas práticas patrimoniais. Muitas não envolvem a arqueologia nas diversas ações e decisões da gestão autárquica, não investem em recursos humanos e materiais, não promovem a salvaguarda, a valorização e a gestão patrimonial ou a atualização dos inventários, dando-os como fechados e concluídos, alguns com mais de 20 anos de existência, como é o caso da Carta Arqueológica de Arouca.

Não obstante, também muito é feito por diversas autarquias, extrapolando o mínimo indispensável e constituindo exemplos a seguir. Hoje, existem autarquias como a de Cascais,²⁰ que têm gabinetes de arqueologia e utilizam sistemas desenvolvidos para gestão patrimonial, como o Sistema de Informação dos Bens Culturais de Cascais. Uma das principais vantagens deste sistema é a possibilidade do estabelecimento de relações entre as diferentes bases de dados que o compõem, desde sítios, peças ou museus. Além dos módulos de inventário de objetos e imóveis, existe um conjunto de outras tarefas que se podem relacionar com a informação aí registada (Almeida, 2011:94).

«Toda a informação que permite caracterizar um imóvel ou objecto de interesse arqueológico é inscrita no respectivo registo de inventário. Que pode ser relacionado com todos os registos de eventos que interferiram com esse imóvel ou objecto (trabalhos arqueológicos, intervenções de conservação e restauro, estudos académicos ou científicos, ...), bem como com os registos das entidades intervenientes nesses eventos (arqueólogos responsáveis pelos trabalhos, empresas promotoras de empreendimentos

²⁰ Cascais é um município do distrito e área metropolitana de Lisboa, com 97,4 km² de área e 214 134 habitantes, segundo os censos de 2021, e subdivide-se em quatro freguesias.

que determinaram a realização dos mesmos, autores de estudos, ...) ou que apenas se relacionam directamente com o imóvel ou objecto (proprietários, inventariantes, ...). Por sua vez, toda a documentação que possa interessar à caracterização dos objectos e imóveis (publicações monográficas ou periódicas, documentos electrónicos, material gráfico, fotográfico ou cartografia) é também inserida no sistema e pode ser relacionada, quer com os registos de inventário, quer com os de eventos ou entidades» (Idem:95).

Além deste sistema patrimonial, que abarca outra tipologia de património que não exclusivamente o arqueológico, o município promoveu a atualização da Carta Arqueológica de Cascais, cuja 1ª edição terá sido uma das primeiras do país, tendo em consideração o enquadramento e as especificidades de cada sítio arqueológico no âmbito do seu papel no PDM e no ordenamento do território. Segundo Maria José de Almeida, técnica da Divisão de Património Histórico-Cultural da Câmara de Cascais, no decurso dos trabalhos de atualização, chegou-se à conclusão de que algumas das ocorrências inventariadas na 1ª edição, dificilmente poderiam ser interpretadas como “sítio arqueológico”, mas que poderiam ser essenciais para a definição de áreas de potencial interesse arqueológico, às quais deveriam corresponder medidas de proteção e salvaguarda distintas das que são aplicadas a locais onde é comprovada a existência de vestígios de ocupação. Houve uma preocupação em encontrar uma fórmula que permitisse que essas medidas fossem ajustadas continuamente à informação revelada por trabalhos arqueológicos decorrentes da aplicação das mesmas. *«Não fará muito sentido insistir em condicionantes restritivas à transformação do subsolo num determinado local se sucessivos trabalhos já revelaram que a ocorrência registada através de fontes documentais não tem qualquer confirmação no terreno»*, alega Maria José de Almeida (2011:97). Para a mesma autora, *«Iguamente, também será desadequado não impor medidas mais restritivas em locais onde a presença de depósitos arqueológicos era meramente conjecturável, mas que trabalhos arqueológicos de diagnóstico vieram a confirmar»*.

Por fim, remata, *«Por essa razão, é fundamental que a revisão da carta arqueológica de Cascais se faça com o maior rigor, tendo em conta que neste momento já não estamos apenas (?) a fixar informação para servir de base a trabalhos de investigação e interpretação histórica, mas a condicionar o uso e a transformação do solo por quem, em última análise, é o principal beneficiário da informação histórica produzida: a população que habita e visita o município de Cascais»* (Almeida, 2011:98). Ainda dentro dos territórios urbanos, cuja gestão terá sempre especificidades distintas do meio rural, assiste-

se, na Câmara Municipal do Porto²¹, ao sistema LOCVS, para a gestão de Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico do Porto. Os contributos para a construção deste sistema tiveram em consideração aspetos como: «*a) o conhecimento da realidade edificada da Cidade (arquitectura e arqueologia) e das suas principais fontes, e também o conhecimento das necessidades de informação e gestão de processos do inventário; b) a experiência da Carta de Património do Plano Director Municipal do Porto, designadamente na sua articulação com o planeamento urbanístico, tendo a análise do sistema integrado as questões colocadas pelo próprio processo de revisão do PDM (concluído em 2006); c) o conhecimento das necessidades de integração de dados gerados pela actividade do serviço municipal, nas diferentes dimensões da sua actuação, e dos processos de trabalho; e d) a visão das necessidades da acção municipal nos domínios do património arqueológico e arquitectónico, bem como a interacção com outros serviços da Autarquia (Urbanismo, Sistemas de Informação, Via Pública, Cadastro, etc.)*» (Osório *et al.*, 2011:366)

É certo que os exemplos citados são de dois municípios cujo solo será predominantemente urbano, e que a respetiva capacidade de resposta perante dificuldades financeiras ou outras questões será maior, incrementando, na mesma proporção, a complexidade a nível de gestão patrimonial, considerando a maior pressão demográfica e o maior número de intervenções públicas e privadas em imóveis, o que potencia a afetação de sítios de interesse arqueológico e patrimonial. Todavia, municípios de interior, de forma adaptada e dimensionada às suas necessidades, realizam igualmente investimentos permanentes para a melhoria de resposta às necessidades do património dos seus territórios, particularmente dos seus inventários. São exemplo os municípios do Sabugal²² e de Avis²³. Com dinâmicas e localizações distintas dos centros urbanos supracitados, ambos integram nos seus quadros de pessoal técnicos da área do património e promovem, em permanência, atividade diversa no âmbito da gestão e da salvaguarda patrimonial.

No que concerne ao Município do Sabugal, a carta arqueológica encontrava-se vertida numa base de dados Microsoft Access, encontrando-se, hoje, inteiramente operacional em Quantum GIS – Sistemas de Informação Geográfica (Osório & Salgado, 2007). Essa tarefa foi operacionalizada entre o gabinete SIG e o gabinete de arqueologia do próprio serviço municipal. Nesta plataforma QGIS, é possível ter a informação dos sítios arqueológicos organizada por tabelas de atributos, diretamente associadas

²¹ O Porto é município e capital de distrito, com 41,42 km² de área, tem uma população de 237 591 habitantes, segundo os censos de 2011, sendo subdividido em sete freguesias.

²² Sabugal é um município da Beira Alta, do distrito da Guarda, com 822,70 km² de área e 12 544 habitantes, segundo censos de 2011, subdividido em 30 freguesias.

²³ Avis é um município do distrito de Portalegre, do Alto-Alentejo, com 605,97 km² de área e 4 571 habitantes, segundo censos de 2011, subdividido em 6 freguesias.

aos pontos ou polígonos georreferenciados, permitindo pesquisar por filtro e promover um cruzamento facilitado de dados com os departamentos que tratam de licenciamentos ou outras tarefas de ordenamento territorial, utilizadores de plataformas SIG.

Por sua vez, através de conversas regulares com os arqueólogos municipais do Sabugal, Marcos Osório e Paulo Pernadas, tomou-se conhecimento que há uma atividade permanente no que respeita à inventariação, monitorização e salvaguarda do património arqueológico da região, estando o Gabinete de Arqueologia inserido na divisão que trata de obras, licenciamentos, planeamento e ordenamento do território, e não na divisão da cultura, turismo ou património cultural, como se assiste em diversos municípios. Este fator permite uma gestão corrente e eficaz do património do município, uma vez que passam pelo gabinete de arqueologia os vários processos de licenciamento. O Sabugal promove, ainda, uma consulta rápida da Carta Arqueológica Online, alojada no website do Município²⁴.

Quanto ao Município de Avis, segundo a arqueóloga municipal, este apresenta, também, uma visão *«para o território e para o património arqueológico que assenta, não só na revisão de registos precedentes e na identificação e um número considerável de novos sítios, mas também no reconhecimento de novos focos de ameaça à integridade dos locais de interesse arqueológico e na necessidade de se implementarem estratégias revistas e actualizadas de protecção, gestão e valorização destes bens, em articulação com os demais recursos e factores territoriais»* (Ribeiro, 2020: 224). A mesma autora demonstra como as cartas arqueológicas são fundamentais para o ordenamento territorial e, sobretudo, como a sua atualização deve estar em constante dinâmica, exemplificando que, em 2005, o PDM de Avis contava com apenas 62 sítios e, no final da elaboração da carta arqueológica, já contava com 205. Atualmente, contabiliza 335 ocorrências patrimoniais, das quais 269 serão inéditas.

Caso não se verificasse esta dinâmica de trabalho permanente, a esmagadora maioria dos sítios arqueológicos de Avis encontrar-se-ia em situação de não inventariação e, por conseguinte, falta de proteção e risco agravado de destruição. Uma outra dinâmica a sublinhar, é a constituição do Centro de Arqueologia de Avis, em 2011, como serviço municipalizado. Esta ação demonstra, na prática, a consciência das competências da autarquia em matéria de património. Este serviço municipal tem procurado *«despoletar mecanismos atualizados e revistos de avaliação e intervenção preventiva»*, aplicado ao património arqueológico, assegurando a sua identificação, inventário, estudo, salvaguarda e divulgação (Ribeiro, 2020:225). Ações como o Inventário Geral de Património Arqueológico de Avis (IGPAA), e respetivo sistema SIG, a definição de um enquadramento estratégico para a revisão do PDM

²⁴ <https://www.cm-sabugal.pt/concelho-do-sabugal/sobre-o-concelho/carta-arqueologica/>

de Avis, um diagnóstico síntese do património arqueológico integrado no IGPA ou, o estabelecimento de linhas orientadoras de medidas de salvaguarda do património arqueológico, constituem algumas ações desta entidade. Categorizaram, ainda, os sítios arqueológicos entre sítios em solo urbano (onde entra em vigor as linhas orientadoras do Plano de Pormenor do Centro Histórico de Avis) ou solo rural, permitindo gestões diferenciadas e, por sua vez, mais eficazes. O rural foi ainda subcategorizado, com níveis de valor patrimonial diferenciados, adaptando os níveis de proteção e salvaguarda a cada realidade distinta.

O Centro de Arqueologia de Avis desempenha, ainda, um papel fundamental na investigação e nos vários processos de licenciamento municipal, na avaliação arqueológica dos impactos das operações urbanísticas, agrícolas e florestais e, ainda, em ações de valorização e divulgação, tendo implementado em 2016 o Plano de Gestão e Valorização de Sítios e Monumentos Arqueológicos, ferramenta essencial para a definição de estratégias de intervenção que visam a conservação e divulgação do património arqueológico (*Idem:227*).

Assiste-se, desta forma, às dinâmicas que quatro municípios portugueses, com enquadramentos económicos, geográficos, políticos e sociais distintos, têm apresentado à comunidade no âmbito da inventariação, gestão e salvaguarda patrimonial, em especial no que respeita às cartas arqueológicas e aos sistemas de inventário. Desta forma, evidencia-se, também, a importância destes inventários estarem atualizados. Quando estes instrumentos funcionam com informações atualizadas e monitorizadas periodicamente, além de diminuir o risco de destruição patrimonial, podem atenuar ou minimizar a aplicação de condicionantes, removendo o risco de aplicar condicionantes a locais que já sofreram várias vicissitudes e que, hoje, poderão, sequer, não existir. Ou, pelo contrário, poderão aplicar atenuantes a locais que, por diversos motivos, não foram sinalizados ou categorizados corretamente na primeira edição destes documentos (por motivos de vegetação, por exemplo) como, aliás, ressalva Maria José de Almeida, técnica da Câmara de Cascais.

O solo e os locais, embora estáticos, sofrem perturbações humanas que, constantemente, alteram os seus contextos. No espaço de apenas 20 anos, um sítio arqueológico pode ver o seu contexto completamente alterado. Como por exemplo, poderá ter sido cartografado como sítio em solo florestal, constituindo a principal ameaça a florestação, mas, com a expansão urbanística o seu contexto poderá agora ser urbano, sofrendo ameaças totalmente distintas daquelas quando foi cartografado. Ou, poderá mesmo ter sido destruído. A atualização das cartas arqueológicas revê, nestes aspetos, a sua extrema importância.

1.5. CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA (VERSÃO 1999/2000)

Os municípios que já contavam com esses estudos e inventários pioneiros, como o município de Cascais, numa primeira fase terão constituído, através deles, as primeiras cartas arqueológicas e vertido esses dados para o respetivo PDM (Almeida, 2011). Outros, como Arouca, acabaram por encomendar o serviço para realização de cartas arqueológicas e estudos de caracterização patrimonial. Assim, em finais de 1998, a Câmara Municipal de Arouca contratualizou o levantamento da carta arqueológica do concelho, procurando obter cartografia e um sistema de base de dados digital, de forma a inventariar os sítios arqueológicos, as peças arqueológicas mais relevantes, fotografias, bibliografia e toponímia (Silva, 2005b). Com o prazo de execução fixado em 12 meses, o serviço foi adjudicado ao arqueólogo António Manuel S. P. Silva, cuja execução foi desenvolvida entre 1999 e 2000. Segundo o coordenador dos trabalhos, os três grandes objetivos foram:

- a) «inventariar todos os bens arqueológicos imóveis e os principais bens arqueológicos móveis conhecidos no concelho;»
- b) «proceder à sua implantação rigorosa e caracterização, tendo em vista uma política de salvaguarda, estudo e valorização;»
- c) «divulgar o património arqueológico e sensibilizar a comunidade para a sua importância;»

As cerca de uma centena de saídas de campo resultaram no recenseamento de 196 sítios arqueológicos e de 95 peças consideradas de maior interesse, vertidos na apresentação de uma carta síntese com os sítios inventariados; numa coleção cartográfica em suporte digital com 16 cartas à escala 1:10 000 e 6 cartas à escala 1:25 000; uma apresentação SIG; um sistema de base de dados (Microsoft Access) com inventário de sítios, peças, toponímia e bibliografia, com 515 fichas e um arquivo de imagens com um total de 1348 imagens em suporte digital (a cor; além de diversos relatórios e ficheiros impressos (Silva, 2006).

No que respeita à cartografia, e considerando o principal foco desse trabalho – a salvaguarda dos vestígios arqueológicos - os autores propuseram, como medida preventiva, «perímetros de proteção automáticos». Esse perímetro foi definido por um *buffer* de 25 metros para os elementos definidos por pontos (monumentos megalíticos, por exemplo), sendo que os restantes, de maiores dimensões ou cujo perímetro seria facilmente definido, estabeleceu-se uma cartografia com elementos definidos por polígonos (*Idem*).

Paralelamente, os autores deixaram um conjunto significativo de recomendações e sugestões, tais como a estruturação de uma equipa de arqueologia municipal que desempenhasse um conjunto amplo de tarefas e funções, desde logo o acompanhamento de licenciamentos, fiscalizações e outros processos, notificação dos proprietários com património arqueológico em sua propriedade, ações de sensibilização e valorização, prospeção sistemática, entre outras tarefas próprias destes serviços. Nesse mesmo trabalho, os autores referem ainda, que dos 196 sítios, 26 estavam já destruídos, pelo que não puderam ser localizados com precisão (Silva, 2004; 2005b).

Mais tarde, a Carta Arqueológica de Arouca, imbuída numa demanda de criar acessibilidade à informação arqueológica do concelho, acabou por ser reconfigurada numa publicação editada pelo município, o «Memórias da Terra – Património Arqueológico do Concelho de Arouca» (Silva, 2004), disponibilizando o conhecimento arqueológico da região a todos os interessados pela matéria e a todos os tipos de público. Esta publicação foi ainda acompanhada de um CD-ROM «Memórias da Terra: Uma viagem ao passado de Arouca», tendo como ponto de partida a versão técnica da mesma Carta (Silva, 2005a). Este CD-ROM apresentava a Carta Arqueológica de Arouca de uma forma interativa, disponibilizando cartografia da região, com os principais elementos orográficos e acessos ao concelho. Além do inventário e das fichas de cada sítio arqueológico, este trabalho foi ainda orientado para a divulgação e usufruição do património. Apresentou três possíveis itinerários visitáveis de carro, acompanhados por material de apoio à visita, que teria de ser impresso. Foi, em boa verdade, uma aproximação mais dinâmica à publicação do livro «Memórias da Terra», cujo esforço, para a altura, se revelara inovador.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

No capítulo II apresenta-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste Trabalho de Projeto, em particular para a atualização da Carta Arqueológica de Arouca. Todavia, para enquadrar a metodologia e os procedimentos adotados no desenrolar deste trabalho, deve ter-se em consideração que o autor é conhecedor e natural da região, bem como estuda e trabalha as questões ligadas ao património arqueológico de Arouca desde 2012, período em que iniciou a licenciatura. Desta forma, manteve-se atento aos vários acontecimentos que decorreram desde então, inclusive por desempenhar funções nos corpos sociais do Centro de Arqueologia de Arouca, desde 2015, e pelo vínculo profissional à Associação Geoparque Arouca, desde 2017. Estes aspetos foram simplificadores de alguns processos, principalmente no que respeita à realocização de sítios.

Esse conhecimento prévio foi igualmente importante para definir o objeto do trabalho, em particular o da atualização da Carta Arqueológica de Arouca. A este respeito, o trabalho prende-se, exclusivamente, com o aferir do estado de conservação e enquadramento atual do património arqueológico inventariado na primeira edição da Carta Arqueológica de Arouca. Assim, excluíram-se das metodologias ações exclusivas e exaustivas da prospeção, como o regime extensivo/intensivo e sistemático/seletivo, ou outros que de algum modo desviassem o foco do que era o objetivo principal da ação – a realocização de sítios já identificados.

Não obstante o registo dessa nota, o processo de elaboração do Projeto apresenta-se e organizar-pelas seguintes fases:

a) Pensamento e estruturação;

Nesta fase, debateu-se com a equipa que integrou os trabalhos de campo da carta arqueológica, bem como com a equipa de orientação do Trabalho de Projeto, o âmbito dos trabalhos da carta e o que se pretendia com os mesmos. Aqui analisaram-se as várias possibilidades de construção de inventários, as modalidades de execução desse projeto, entre outros assuntos;

b) Realização do trabalho de gabinete e de campo, para a atualização da Carta Arqueológica de Arouca;

c) Informatização, organização, atualização e análise dos dados;

d) Elaboração de cartografia, anexos e imagens;

e) Redação do Trabalho de Projeto;

2.1. ATUALIZAÇÃO DA CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA

Dada a matriz predominantemente rural de Arouca e a análise prévia dos dados com que se iria trabalhar, partiu-se da premissa que a ocorrência da maioria dos sítios arqueológicos dar-se-ia em áreas florestais, uma vez que estas áreas correspondem a 61% da superfície total do município. Contou-se com a agravante de todo o território ter sido fustigado por incêndios nas duas últimas décadas sendo que, só entre 2005 e 2017, ocorreram 1999 ignições e 69% da superfície de Arouca ardeu, pelo menos, uma vez (Magalhães, 2018). Estas ocorrências conduziram à natural transformação do solo e da sua vegetação, mas também a sucessivas ações de desflorestação e reflorestação, que se têm mostrado particularmente devastadoras relativamente ao património arqueológico do concelho (os casos mais recentes são o Castro de São João de Valinhas, SIP – Sítio de Interesse Público, e o monumento 4 de Alagoas). Por este motivo, havia apenas uma perceção, desconhecendo-se, por completo, as realidades que seriam encontradas.

Nesse sentido, dada a dimensão do concelho (cerca de 330 km²) e a quantidade de sítios inventariados para realocar (inicialmente 196), entendeu-se que seriam necessárias incursões objetivas ao território, de forma a minimizar os custos de deslocação, suportados pelo autor, e a atingir os objetivos de forma ágil e eficaz. Desenvolveu-se, portanto, uma modalidade para a realocação de sítios, que se descreverá à frente, iniciando-se, logo de seguida, o processo de trabalho.

Não obstante não existirem trabalhos próprios da prospeção, houve lugar a trabalhos de realocação de sítios, pelo que foi submetido um Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATA), de acordo com o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, *Artigo 3.º - Categorias*, ponto C): «*Categoria C – ações preventivas e de minimização de impactes integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático e ações de manutenção e conservação regular de sítios, estruturas e outros contextos arqueológicos, conservados a descoberto, valorizados museologicamente ou não*».

Para esse fim, o PATA foi submetido pelo responsável do projeto, Luís da Silva Alexandre, sendo corresponsável a coorientadora, Sofia Soares Figueiredo, de acordo com a alínea e) do Ponto 2 do Artigo 4º do Regulamento de trabalhos arqueológicos: «*2 - Consideram-se academicamente habilitados a dirigir trabalhos arqueológicos: e) Os titulares do grau de licenciado conferido no âmbito da organização de estudos do ensino superior introduzida pelo Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 107/2008, de 25 de agosto, 230/2009, de 14 de setembro, e 115/2013, de 7 de*

agosto, que tenham 100 créditos curriculares na área da Arqueologia, desde que sob a orientação de um arqueólogo habilitado nos termos das alíneas anteriores e exclusivamente em trabalhos de prospeção de carácter não intrusivo e em contexto de formação académica». Constituíram, formalmente, elementos da equipa, a arqueóloga Marta da Cruz Correia. Comunicado o deferimento do PATA, a 17/03/2021, pela Direção Regional de Cultura do Norte, os trabalhos tiveram lugar no imediato, dentro da seguinte metodologia:

Pesquisa e recolha bibliográfica, documental e arquivística, através da Carta Arqueológica de Arouca e do Endovélico. Dado o objeto deste trabalho - a realocação de sítios, e não a procura pela descoberta de novos, optou-se, como base de trabalho, pela consulta do livro Memórias da Terra e da base de dados da Carta Arqueológica de Arouca, para os sítios já conhecidos, bem como a consulta do Endovélico. Sinalizaram-se, numa primeira instância, todos os sítios já inventariados nas bases de dados locais e nacionais. De seguida, procedeu-se a uma recolha oral do registo de novas ocorrências elaboradas pelos associados do Centro de Arqueologia de Arouca, nomeadamente pelo seu presidente, António Manuel S.P. Silva, por Manuel Valério, Joaquim Barbosa, Anselmo Filipe, Paulo Lemos, Sofia Soares Figueiredo e Marta Correia. Estas diligências orais levaram a uma lista de novos potenciais sítios, que vieram a ser adicionados à lista anterior, a sinalizar em cartografia e a adicionar às áreas de realocação e identificação de sítios. Alguns deles foram encaminhados diretamente com imagens e fichas de sítio. Por último, reviram-se alguns artigos publicados pelos autores supramencionados, bem como se consultou e recolheram dados de sítios no CVARN²⁵.

Desta forma, listaram-se todos os potenciais sítios que se pretendia visitar, realocar, registar ou atualizar o respetivo registo. Diligenciaram-se, ainda, alguns contactos informais com empresas de arqueologia para, de algum modo, saber se havia registo de novos sítios identificados, resultantes de trabalhos na região. Destas não houve grandes contributos, além de que, à partida, estariam já sinalizados no Endovélico.

Seguiu-se a solicitação de autorização ao Município de Arouca e ao Centro de Arqueologia de Arouca para a utilização da informação bruta proveniente da base de dados Microsoft Access da Carta Arqueológica de Arouca, autorização que foi concedida por ambas as entidades (proprietários morais e autorais desses dados). Solicitou-se também, ao Município de Arouca, os ficheiros SIG da Carta Arqueológica de Arouca, para se desenharem e planearem as saídas de campo e de realocação dos

²⁵ <http://www.cvarn.org/>

sítios inventariados, através do software QGIS. Os sítios foram sobrepostos na imagem área (Bing Aerial Maps) do software QGIS, facilitando a identificação dos locais onde se encontram.

Por forma a organizar a ação de realocização e identificação dos sítios, dividiu-se o território em cinco regiões: 1. Vale do Paiva, que compreendia a região entre as serras do Gamarão e Montemuro; 2. serra da Arada; 3. serra da Freita; 4. vale do Arda e 5. zona Poente;

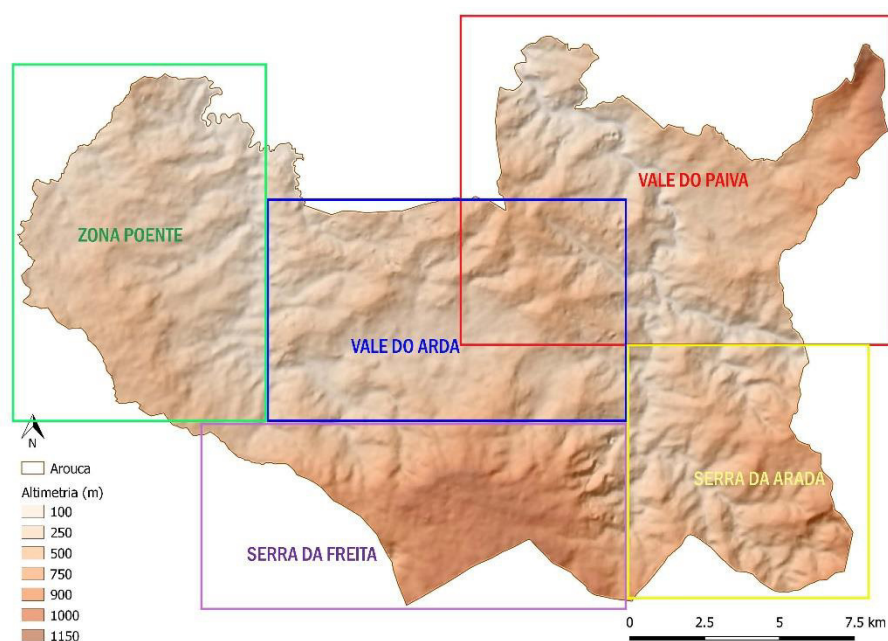


Figura 11 - Representação da divisão do território em 5 zonas.

A primeira abordagem aos sítios foi assegurada, sobretudo, pela cartografia produzida através da imagem aérea, Bing Aerial Maps (QGIS). Confrontou-se a posição dos sítios na cartografia com indicadores da paisagem que se observavam em ambos os suportes – na cartografia e nos locais – rede viária, eólicas, estradas, linhas de água, ângulos destas observações, muros, entre outras formas exploratórias. Desta forma, aferia-se, com o maior rigor possível, a localização do sítio.

Para uma validação desta metodologia, iniciaram-se os trabalhos pela zona 5, nos sítios da Serra da Freita. O método teve uma taxa de sucesso superior aos 90% sendo que, os sítios foram todos identificados à primeira tentativa, à exceção das mamoadas do Cando, cujo registo provinha do Endovélico (ficando o Cando 3 por localizar). O sucesso desta metodologia permitiu prosseguir com a mesma para todos os sítios realocizados. Neste ponto, o conhecimento da equipa sobre o território foi um fator favorável à execução do trabalho. Nos pontuais casos em que a localização gerava dúvidas perante a primeira abordagem, confrontavam-se os dados observados com os descritos na Carta Arqueológica de Arouca e/ou Memórias da Terra (Silva, 2004); e/ou confirmava-se a localização através da coordenada/posição geográfica, por meio de utilização do GPS do smartphone/google Maps.

Identificado o sítio, atualizavam-se os dados através da observação direta, contrapondo-se a informação recolhida em 1999 com as observações atuais. Estas observações, quando existentes, eram registadas em caderno de campo e fichas de sítios da tipologia fornecida pela DGPC, preenchidas de acordo com a listagem *thesaurus*.

Simultaneamente, era obtida nova coordenada do local, convertendo-as para WGS 84 decimais, através do google maps, que se entendeu ser o modelo mais simples e compatível com as diversas aplicações – SIG, Google Maps, entre outros. Seguiu-se o registo fotográfico, com escala e indicação do Norte sempre que possível. Evitou-se a recolha de materiais de superfície, com exceção de um pequeno micrólito, em sílex, da Mamoia 3 de Venda da Serra, pela excecionalidade do achado.

Findo o trabalho de campo, realizado em cerca de sete saídas de campo, totalizando 84h de trabalho e perto de 900km ´s percorridos em veículo, deu-se início ao trabalho de upload informático dos ficheiros fotográficos dos cartões de memória e do smartphone; preenchimento das fichas de sítio DGPC em formato digital, com base nas informações recolhidas em campo; e posterior organização de ficheiros individuais com até 5 fotografias por sítio, acompanhadas de ficha de sítio DGPC.

As pastas receberam, sempre que possível, a seguinte designação: ex. 013_Alto da Chã 3_Mamoia_Afetada_CNS_23698. Por ordem, número de sítio CAA (Carta Arqueológica de Arouca), Designação, Tipologia, Estado de Conservação, CNS (Código Nacional de Sítio). Resolveu-se atribuir aos sítios a mesma numeração da primeira edição da Carta Arqueológica de Arouca. Todavia, dá-se nota de que o Centro de Arqueologia, no anterior inventário, assumiu, entre os sítios 196 e 292, atribuir esta numeração a peças e património móvel. Por este motivo, a numeração de sítios é interrompida entre estas balizas, retomando-se a partir dos sítios CAA 292.

A organização deste processo resultou num inventário de ficheiros, devidamente organizados, com fotografias e ficha de sítio, que totaliza um total de 29 Gb de informação, dividida por 273 pastas e 1472 ficheiros, organizados por 239 pastas, cada uma correspondente a um dos atuais 239 sítio arqueológicos inventariados. Esse inventário será enviado à Tutela, no âmbito do PATA submetido.

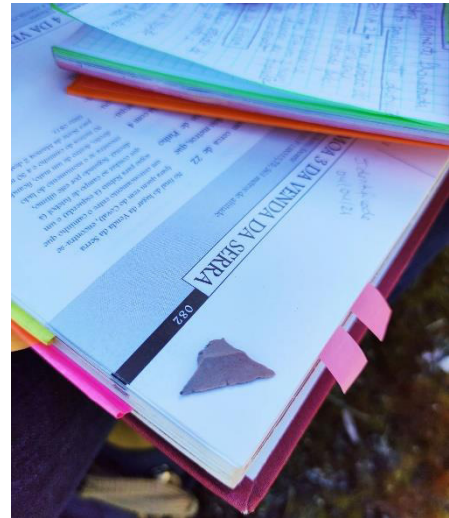


Figura 12 - Micrólito em sílex, recolhido na mamoia 3 de Venda da Serra, aquando dos trabalhos de realocização do monumento.

Paralelamente, com os dados recolhidos, foi construído um inventário em Excel, privilegiando um leque mais alargado de informações e possibilitando uma consulta e análise de dados mais facilitada e direta. Este inventário Excel permitiu, também, a sua exportação para QGIS, formando uma base de dados em SIG, e o seu alojamento online, possibilitando a consulta e a edição de dados à equipa envolvida nos trabalhos.



Figura 13 - Imagem da pasta que integra os 239 ficheiros de sítio da Carta Arqueológica de Arouca, que contém ficha de sítio e até 5 imagens para cada sítio.

#	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
1	Nrº CAA	DESIGNAÇÃO	CNS	FREGUESIA	TIPOLOGIA	PERIODO	Y	Z	ALTIMETRIA (m)	CARTA MILITAR	CLASSIFICAÇÃO	DESTRUIDO A	LOCALIZADO 1999	IDENTIFICADO 2021	CONSE
2	1	Portela da Anta	3674	Cabreiros e Albergaria da Serra	Dólmen	Neolítico - Idade d	-8.259883	40.859875	1009	155	ITER HOMINIS	-	Sim	Sim	Regular
3	2	Monte Calvo 1	6357	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	-8.267311	40.851424	1008	155	-	-	Sim	Sim	Regular
4	3	Monte Calvo 2	7240	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	-8.266857	40.850421	1007	155	ITER HOMINIS	-	Sim	Sim	Regular
5	4	Braceiro	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	-	-	1012	155	-	Sim	-	-	Destruid
6	5	Detrelo 1	16872	Moldes	Mamoa	Pré-história	-8.256051	40.885039	1092	155	-	-	Sim	Sim	Regular
7	6	Detrelo 2	16873	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	-8.259695	40.883368	1086	155	-	-	Sim	Sim	Regular
8	7	Detrelo 3	16874	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	-8.264581	40.884906	1081	155	-	-	Sim	Sim	Regular
9	8	Detrelo 4	16875	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	-8.264581	40.884120	1080	155	-	-	-	Sim	Mau
10	9	Moinho de Vento	23599	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1454038	40.9589127	546	146	-	-	Sim	Sim	Regular
11	10	Chã da Corujeira	23775	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1639891	40.9852188	557	146	-	-	Sim	Sim	Destruid
12	11	Alto da Chã 1	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1678740	40.9863888	546	146	-	-	Sim	Sim	Regular
13	12	Alto da Chã 2	23697	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1695617	40.9868634	539	146	-	-	Sim	Sim	Regular
14	13	Alto da Chã 3	23698	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1698541	40.9868634	541	146	-	-	Sim	Sim	Regular
15	14	Chã de Mina	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1295120	40.9636697	633	146	-	-	Sim	Sim	Regular
16	15	Muronaçal 1	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1253485	40.9534414	710	146	-	Parcialmente	Sim	Sim	Parcial
17	16	Senhora do Monte 1	28391	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-	-	853	146	-	Sim	-	-	Destruid
18	17	Senhora do Monte 2	28392	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-	-	854	146	-	Sim	-	-	Destruid
19	18	São Pedro do Campo 2	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.088449	41.010693	1102	146	-	-	Sim	Sim	Regular
20	19	Vale do Asno	23576	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.0898726	40.9868434	1126	146	-	-	Sim	Sim	Regular
21	20	Senhor dos Afiltos 1	23691	Alvarenga	Mamoa	Idade do Bronze	-8.163989	40.958056	440	145	-	-	Sim	Sim	Escavac
22	21	Paúl das Merendas 1	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1211643	40.9558943	735	146	-	Parcialmente	Sim	Sim	Parcial
23	22	Paúl das Merendas 2	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1223069	40.9538574	719	146	-	Sim	-	-	Destruid
24	23	Paúl das Merendas 4	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.121221	40.956884	731	145	-	Parcialmente	Sim	-	Parcial
25	24	Córregos 1	28393	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1170347	40.9647784	872	146	-	-	Sim	Sim	Parcial
26	25	Córregos 2	28394	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8.1173113	40.9642966	868	146	-	-	Sim	Sim	Mau

Figura 14 - Imagem geral do inventário da Carta Arqueológica de Arouca em Excel.

Q Carta Arqueológica de Arouca 2021 - Total de Elementos: 239, Filtrados: 239, Seleccionados: 0

CA	DESIGNAÇÃO	CNS	FREGUESIA	TIPOLOGIA	PERIODO	Y	Z	LTIMETRI	ARITA MIL	CLASSIFICA	DESTRU	D	LOCALIZADO	IDENTIFICA	CONSERVA	ORIGEM DA	AME
1	1 Portela da Anta	3674	Cabreiros e Alb...	Dólmen	Neolítico - Idad...	-8,2598830000...	40,8598750000...	1009	155	ITER HOMINIS	-	Sim	Sim	Regular	-	NULL	-
2	2 Monte Calvo 1	6357	Cabreiros e Alb...	Mamoa	Idade do Bronze	-8,2673109999...	40,8514240000...	1008	155	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Exposiçã	-
3	3 Monte Calvo 2	7240	Cabreiros e Alb...	Mamoa	Idade do Bronze	-8,2668570000...	40,8504209999...	1007	155	ITER HOMINIS	-	Sim	Sim	Regular	-	Exposiçã	-
4	4 Braceiro	-	Cabreiros e Alb...	Mamoa	Idade do Bronze	NULL	NULL	1012	155	-	Sim	-	-	Destruido	Abertura de caminho	-	-
5	5 Detrelo 1	16872	Moldes	Mamoa	Pré-história	-8,2566510000...	40,8850389999...	1092	155	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
6	6 Detrelo 2	16873	Cabreiros e Alb...	Mamoa	Pré-história	-8,2596950000...	40,8833679999...	1086	155	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
7	7 Detrelo 3	16874	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	-8,2645810000...	40,8849060000...	1081	155	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
8	8 Detrelo 4	16875	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	-8,2648940000...	40,8841200000...	1080	155	-	-	Sim	Mau	-	-	Floresta	-
9	9 Moinho de Vento	23599	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1454038000...	40,9589126999...	546	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
10	10 Chã da Conjeira	23775	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1639891000...	40,9852187999...	557	146	-	-	Sim	Sim	Destruido	Floresta	-	-
11	11 Alto da Chã 1	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1678739999...	40,9863888000...	546	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
12	12 Alto da Chã 2	23697	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1695616999...	40,9868633999...	539	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
13	13 Alto da Chã 3	23698	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1698541000...	40,9868633999...	541	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
14	14 Chã de Mina	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1295120000...	40,9636669999...	633	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
15	15 Murçaçal 1	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1253484999...	40,9534414000...	710	146	-	Parcialmente	Sim	Sim	Parcialmente destru...	Abertura de caminho	Floresta	-
16	16 Senhora do Mo...	28391	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	NULL	NULL	853	146	-	Sim	-	-	Destruido	Floresta	-	-
17	17 Senhora do Mo...	28392	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	NULL	NULL	853	146	-	Sim	-	-	Destruido	Floresta	-	-
18	18 São Pedro do C...	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,0884490000...	41,0106930000...	1102	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
19	19 Vale do Asno	23576	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,0898726000...	40,9868433999...	1126	146	-	-	Sim	Sim	Regular	-	Floresta	-
20	20 Senhores dos Afilit...	23691	Alvarenga	Mamoa	Idade do Bronze	-8,1638889999...	40,9580599999...	440	145	-	-	Sim	Sim	Escavado totalmente	-	-	-
21	21 Paúl das Meren...	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1211643000...	40,9558942999...	735	146	-	Parcialmente	Sim	Sim	Parcialmente destru...	Abertura de caminho	Floresta	-
22	22 Paúl das Meren...	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1223069000...	40,9538573999...	719	146	-	Sim	-	-	Destruido	Revolvimento de solos	-	-
23	23 Paúl das Meren...	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	-8,1212210000...	40,9568840000...	731	145	-	Parcialmente	Sim	-	Parcialmente destru...	Indeterminado	-	-

Mostrar Todos os Elementos

Figura 15 - Imagem geral da Tabela de Atributos da base de dados da Carta Arqueológica de Arouca em QGIS.

Produziram-se, ainda, as fichas de sítio do Anexo 2 deste trabalho, em formato word, dando origem a uma listagem de sítios em formato relatório, e cujas informações foram individualmente confrontadas com as do Excel, de forma a corresponderem na totalidade, desde o número de sítio à designação.

Após a execução das referidas bases de dados e organização da informação, construíram-se cerca de 17 perguntas de partida, com base no conhecimento adquirido durante os trabalhos, às quais se responderam através da análise dos dados e dos gráficos.

1. Quantos sítios estão contabilizados?
2. Quantos sítios existem por Tipologia; Cronologia; Freguesia; Ameaças; e Estado de Conservação?
3. Qual a relação de sítios não localizados com a tipologia do sítio?
4. Qual a relação dos sítios não localizados com o uso de solo?
5. Dos 196 sítios, quantos/quais não foram localizados em 1999?
6. Dos que não foram localizados em 1999, quantos/quais se realizaram agora?
7. Dos 239 sítios, quantos/quais não foram localizados em 2021?
8. Dos que não estão localizados, como está registado o seu estado de conservação?
9. Dos 43 novos sítios identificados entre 1999 e 2021, quantos estavam identificados (CVARN, Endovélico) e quantos inéditos identificados no decurso deste trabalho?
10. Dos 239 sítios, quantos/quais estavam referenciados com CNS/Endovélico?
11. Nos novos sítios agora registados, qual foi a tipologia e a cronologia que mais se identificou?

12. Qual a relação da identificação de novos sítios com a freguesia/região?
13. Qual a relação de sítios por uso de solo?
14. Qual a relação dos sítios com a área ardida desde 2005?
15. Qual a relação dos novos sítios com essa área?
16. Qual a relação do estado de conservação dos sítios com o uso de solos?
17. Qual é o estado de conservação dos sítios escavados? Serem escavados potência o seu abandono ou, pelo contrário, a sua conservação?

Por fim, deu-se início ao processo de desenvolvimento da redação do Trabalho de Projeto e à análise de dados e construção de cartografia ou imagens, à medida que eram necessárias.

CAPÍTULO III

3. ATUALIZAÇÃO DA CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA

Neste capítulo expõe-se o principal assunto que trata este Trabalho de Projeto: a atualização da Carta Arqueológica de Arouca. Inicia-se por uma apresentação genérica do território, nas suas dimensões sociais e geográficas, sendo este ponto sucedido pela exposição sumária dos resultados dos trabalhos de atualização da carta e dos sítios arqueológicos. Esses resultados são expostos individualmente, e posteriormente comparados com os resultados da carta arqueológica de 1999. De seguida, mostram-se os resultados de diversas correlações realizadas entre as diferentes variáveis de análise, ilustradas através de gráficos e mapas. O ponto da Atualização da Carta Arqueológica de Arouca finaliza-se com um somatório de considerações baseadas nas interpretações dos dados recolhidos e analisados, propondo-se algumas medidas no âmbito da gestão, salvaguarda e dinamização patrimonial.

3.1. TERRITÓRIO

Arouca apresenta um território com cerca de 329,3 km², subdividida em 16 freguesias e com cerca de 21 154 habitantes (censos 2021). Posicionado no extremo nordeste do Distrito de Aveiro, Arouca integra a Área Metropolitana do Porto (NUTS III) e a Região Norte de Portugal (NUTS II).

Listagem de freguesias²⁶:

- Alvarenga | 38,8 km² | 1223 hab.
- Chave | 10,9 km² | 1253 hab.
- Escariz | 18km² | 2222 hab.
- Fervedo | 11,1 km² | 1340 hab.
- Mansores | 14,1 km² | 1081 hab.
- Moldes | 28 km² | 1257 hab.
- Rossas | 11,1 km² | 1599 hab.
- Santa Eulália | 23 km² | 2253 hab.
- São Miguel do Mato | 17,1 km² | 598 hab.
- Tropeço | 17,8 km² | 1150 hab.
- Urrô | 10,8 km² | 1029 hab.
- Várzea | 1,8 km² | 540 hab.
- União de Freguesias de Arouca e Burgo | 15,2 km² | 5178 hab.
- União de Freguesias de Cabreiros e Albergaria da serra | 31,2 km² | 231 hab.
- União de Freguesias de Canelas e Espiunca | 35,73 km² | 1183 hab.
- União de Freguesias de Covêlo de Paivó e Janarde | 44,4 km² | 222 hab.

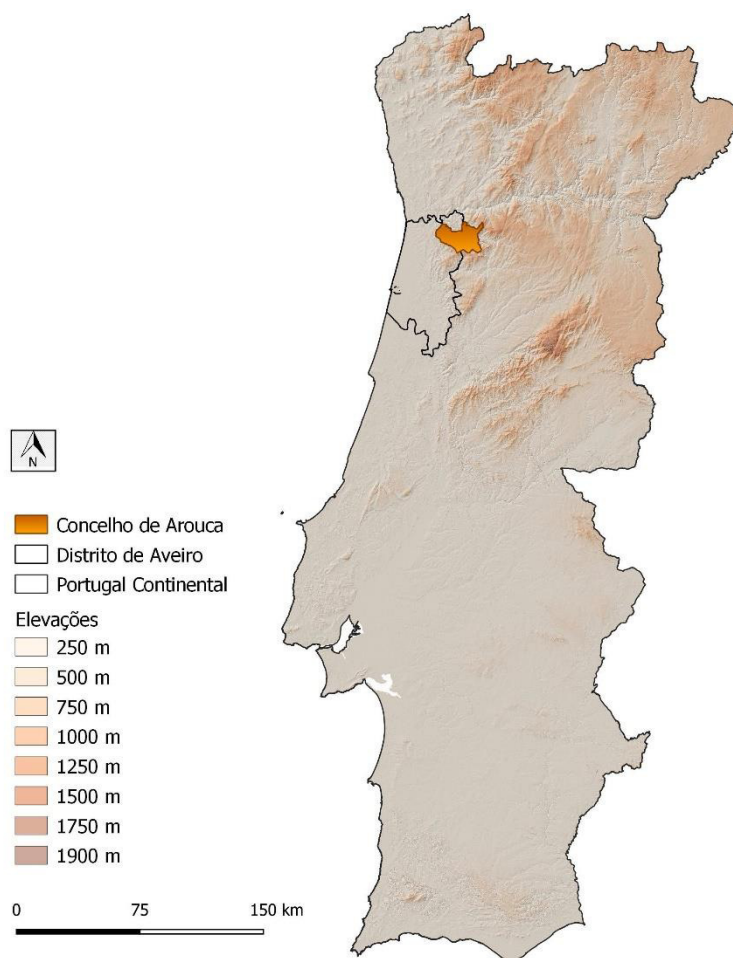


Figura 16 - Localização de Arouca em Portugal Continental

²⁶ <https://www.cm-arouca.pt/municipio/freguesias/>

Estabelece fronteiras com os concelhos de Santa Maria da Feira, Gondomar, Castelo de Paiva, Cinfães, Castro Daire, S. Pedro do Sul, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis. As Cartas Militares 1:25 000²⁷ que fazem a cobertura deste território são as 144 (Canedo, Feira), 145 (Santa Eulália, Arouca), 146 (Tendais, Cinfães), 154 (São João da Madeira), 155 (Arouca) e 156 (Reriz, Castro D´Aire).

O concelho de Arouca apresenta uma variabilidade de altimetrias que atingem os 1222m na Pedra Posta (Serra de Montemuro), sendo este o ponto mais alto do concelho e, conseqüentemente, do distrito de Aveiro, e cerca dos 70m no vale do rio Paiva.

Caracterizando-se por um território montanhoso, a média de cota anda entre os 200 e os 600 metros, em zonas de meio encosta, sendo que os vales dos rios Arda e Paiva atingem cotas abaixo dos 200 metros. Ambos os rios se encaixam na Bacia Hidrográfica do Douro, à exceção do Caima, cuja nascente se localiza na Serra da Freita e o faz correr para sul, desaguando no rio Vouga.

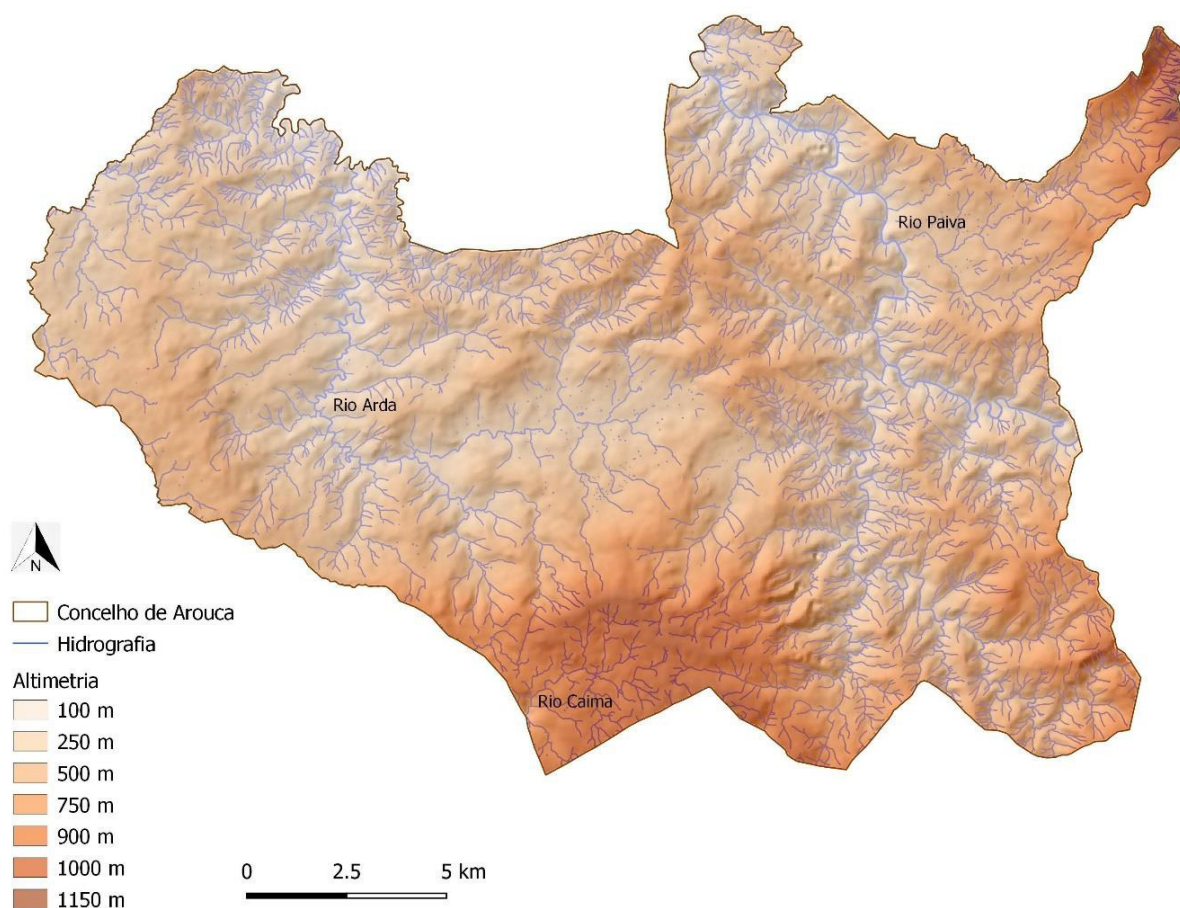


Figura 17 - Concelho de Arouca, com a altimetria, rede hidrográfica e principais rios representados.

²⁷ <https://www.igeoe.pt/index.php?id=186&p=1&distrito=1&escala=1>

No que respeita à cobertura vegetal do território, predomina o eucalipto e algum pinhal nas bacias hidrográficas dos rios Arda e Paiva, encontrando-se uma floresta mista com abundância de espécies autóctones (Castanheiro, Carvalho, Sobreiros, Loureiros e outros) nas encostas norte da Serra da Freita (sul do território). Por sua vez, o planalto é composto, predominantemente, por matos rasteiros, como a carqueja e a urze.

Quanto à geologia, os litótipos da região caracterizam-se, essencialmente, por rochas metamórficas: Xistos, grauvaques e granitos, ocorrendo também alguns quartzitos (Bernardo et. Al., 2019; Rocha, 2016).

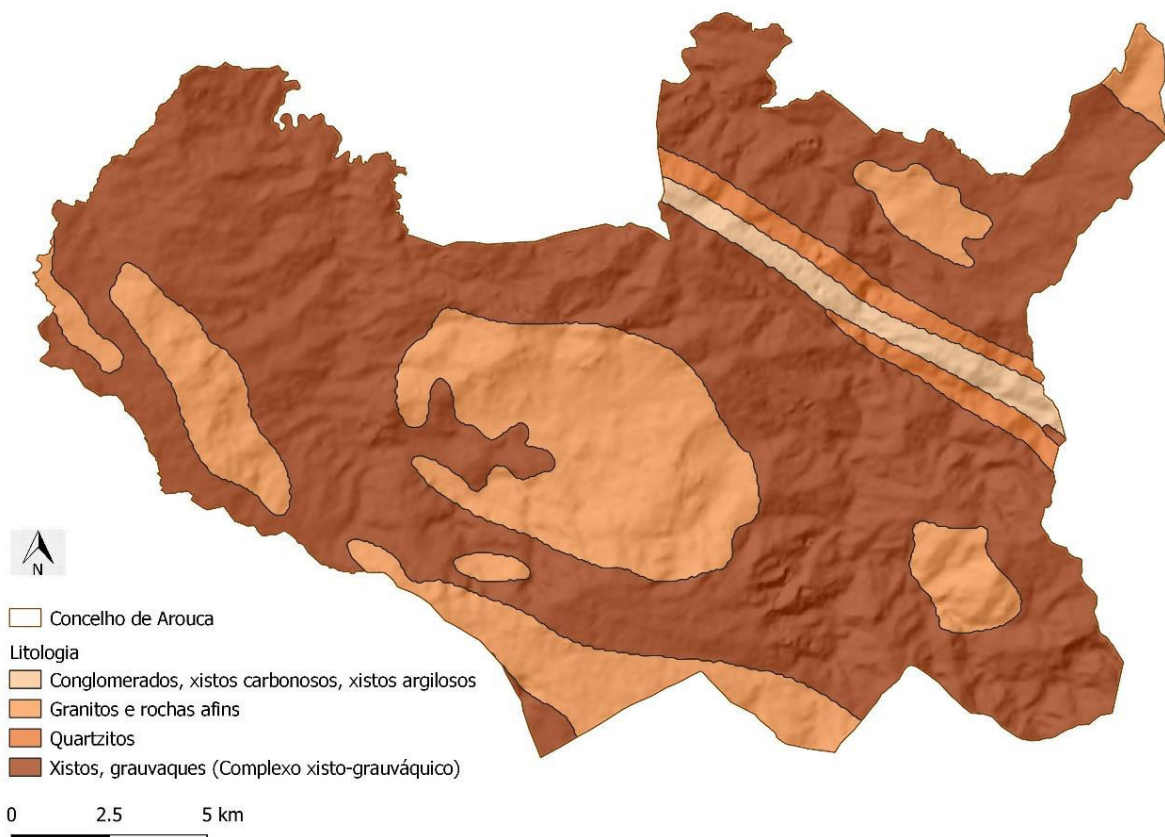


Figura 18 - Representação do mapa geológico simplificado de Arouca.

3.2. NOVOS DADOS SOBRE OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Os recentes trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca permitiram contabilizar 239 sítios arqueológicos. Desta forma, aos 196 sítios anteriormente identificados, juntam-se 43 novos sítios: 11 provêm de registos no Endovélico, 29 foram identificados por arqueólogos e/ou sócios do Centro de Arqueologia de Arouca ao longo dos últimos anos, e 3 foram identificados no decurso dos recentes trabalhos de atualização da carta arqueológica.

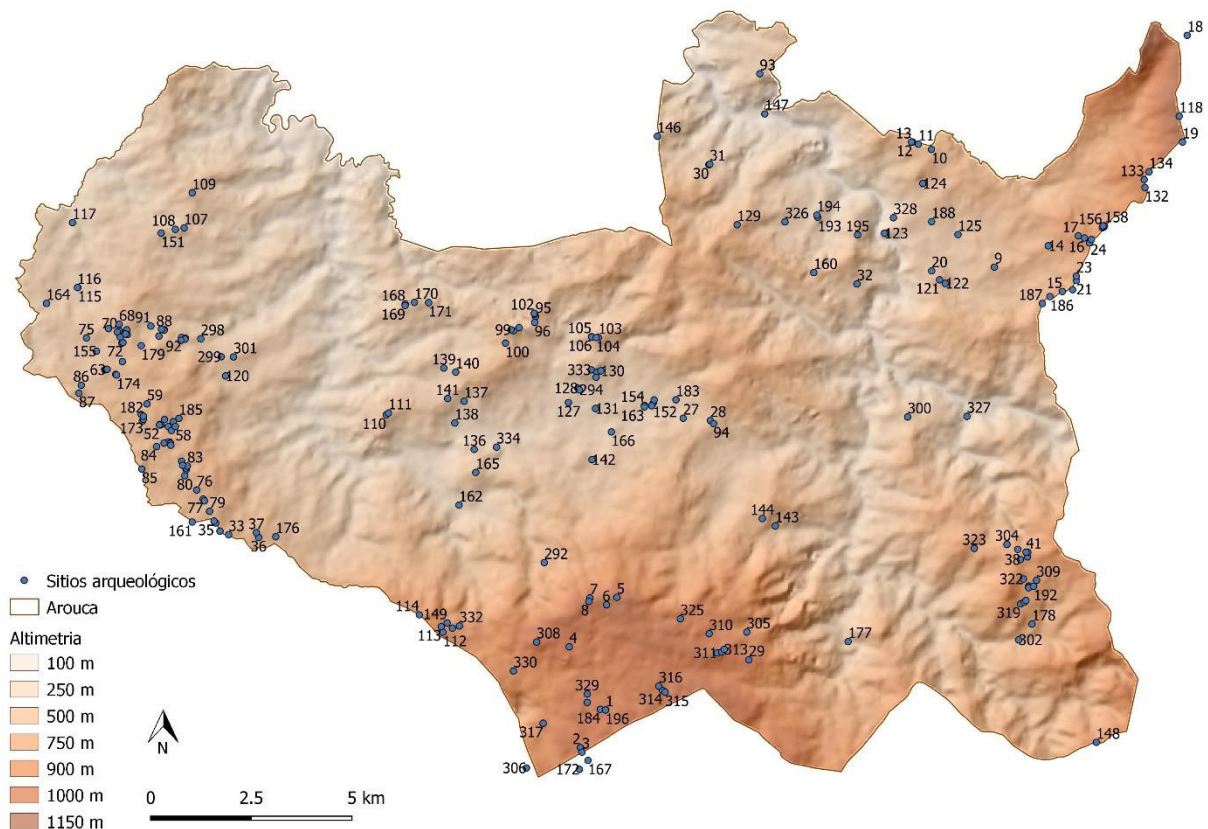


Figura 19 - Mapa com a representação dos 239 sítios arqueológicos da Carta Arqueológica de Arouca.

No mapa, à escala 1:95 000, apresentam-se os sítios na sua globalidade. Numa primeira abordagem, será de notar que os sítios nr. °18 (S. Pedro do Campo 2), nr. °167 e 172 (Laceiras do Côvo 1 e 2), e o nr. ° 306 (Gravura do Radar), localizam-se fora do concelho de Arouca. Todavia, os primeiros três constam no atual PDM, pelo que se decidiu manter em sede de Carta Arqueológica. Quanto ao sítio nr. ° 306, optou-se por adicionar dado situar-se nas imediações do Radar Meteorológico de Arouca²⁸.

²⁸ Este espaço é propriedade do IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, mas integra um piso panorâmico à responsabilidade do município de Arouca. Considerou-se, por prudência, sinalizar o sítio na Carta Arqueológica de Arouca, embora a sua permanência possa vir a ser futuramente discutida.

No entanto, ao observar-se o mapa a uma escala mais reduzida, verifica-se a existência de outros sítios, cujo enquadramento administrativo levanta dúvidas. Inserem-se em zona de «fronteira» administrativa entre concelhos. Aliás, muitos dos sítios arqueológicos constituem e assinalam limites administrativos atuais, principalmente entre Arouca, Cinfães e Castro Daire, a Nordeste e a Este, e Arouca, Vale de Cambra e S. Pedro do Sul, a Sul. Estes sítios deveriam ser alvo de análise, de forma particular, e partilhados com os respetivos concelhos vizinhos, a nível de planeamento e administração local.

3.2.1. 1999 VS 2021

Ao compararem-se os resultados dos trabalhos da carta arqueológica de 1999 com os da atualização de 2021, podem retirar-se algumas notas.

Para os trabalhos de 1999, o Centro de Arqueologia de Arouca tinha sinalizados 196 sítios, através de registos e fontes diversas, mas cerca de 40 terão ficado por localizar durante os trabalhos da carta. Não obstante a sua localização imprecisa, foram considerados na mesma²⁹. Já os trabalhos recentes, permitiram localizar 173 dos 239 sítios sinalizados, ficando 66 por localizar.

Ao passarem-se estes valores para percentagens, pode dizer-se que a taxa de localização de sítios em 1999 foi de 79.6% e, em 2021 foi de 72.4%, menos 7,2%, em relação aos anteriores trabalhos.

Dos 66 sítios por localizar, 60 estavam já registados na 1ª edição da Carta arqueológica de Arouca e apenas 6 se referem aos 43 novos sítios sinalizados nesta edição.

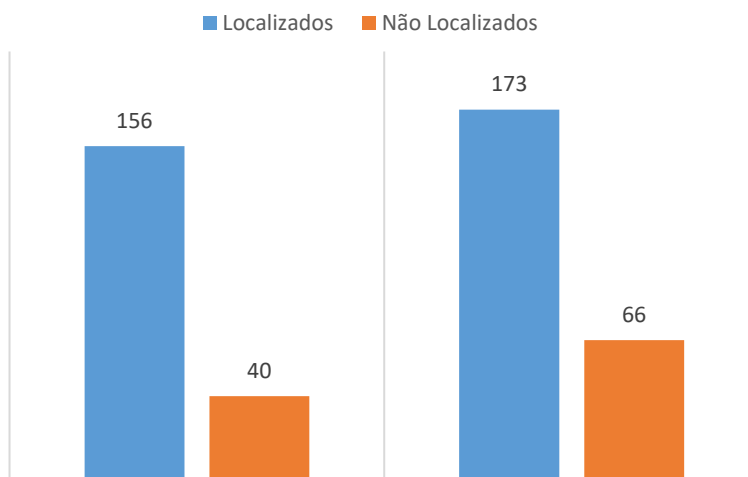


Gráfico 1 - Quantidade de sítios Localizados e Não Localizados em 1999 e em 2021.

²⁹ Dos 40 sítios não identificados, a destruição de 18 e a destruição parcial de 3 poderão ter contribuído para a sua não identificação. O estado de conservação por determinar, a vegetação e outras condições físicas do terreno, terão impedido ainda a localização de outros 19 sítios.

Em ambos os trabalhos, houve 129 sítios que foram sempre localizados, mas 33 ficaram por localizar em ambas as edições. Esta edição não conseguiu localizar 27 sítios, localizados apenas na primeira, mas, dos 40 sítios que estavam por localizar em 1999, conseguiu-se agora relocalizar 7.

Em relação ao estado de conservação, atualmente sabe-se que dos 66 sítios não identificados, 30 estarão destruídos, 4 estarão parcialmente destruídos, 5 escavados na sua totalidade e 25 por determinar. Dos 173 identificados, 10 estão em bom estado, 83 em estado regular, 41 em mau estado, 27 parcialmente destruídos ou afetados, 3 destruídos (embora ainda reste algo do monumento), 3 escavados na sua totalidade, mas cujo sítio é passível de identificação, e 7 em que, por ser no subsolo (por exemplo as necrópoles), não se pôde aferir o estado de conservação, embora não aparente significativas alterações.

Em suma, dos 239 sítios, apenas 10 se encontram em bom estado³⁰, 83 em estado regular³¹ (que se entende por razoável), 41 em mau estado³², 31 parcialmente destruídos, 33 destruídos, 9 escavados na totalidade e 32 por determinar.

Sabe-se, portanto, que entre 1999 e 2021 houve uma destruição de, pelo menos, 11 sítios arqueológicos, uma média de 0,5 (meio sítio) a ser destruído por ano, e 6 sítios parcialmente destruídos e/ou muito afetados, uma média de 0,27 sítios a serem afetados por ano. No entanto, em relação a 1999, hoje temos mais 26 sítios cujo estado se encontra por determinar e que poderão corresponder a destruições, justificando as dificuldades de identificação. Caso se confirme esta hipótese mais negativa, haverá, então, um aumento significativo das destruições nos últimos 22 anos.

Se para 1999, se somarem aos 22 sítios destruídos os 6 sítios indeterminados, considerando-os também como destruídos, existiam 28 sítios destruídos na altura. Aplicando a mesma fórmula a 2021, existirão, hoje, 64 sítios destruídos, mais 36 que em 1999. Esta suposição aponta para a destruição de mais de 1,5 sítios por ano, ao longo dos últimos 22 anos, entre 1999 e 2021.

Por esse motivo, os sítios cujo estado se encontra por determinar, deveriam ser analisados de forma metódica e particular, através de sondagens arqueológicas, ações de prospeção e outros trabalhos mais objetivos, esclarecendo-se a situação em que cada um se encontra.

³⁰ A categoria de «Bom» estado foi atribuída em exclusivo a património edificado e reabilitado, como por exemplo Igrejas e Pelourinhos.

³¹ Considerou-se que todos os monumentos arqueológicos de Arouca identificados apresentavam carências ao nível da conservação. Deste modo, atribuiu-se o «Regular» a sítios que apresentavam afetação ligeira, seja a nível natural ou antrópico, mas que permitiram a sua fácil identificação no local.

³² Por «Mau» estado de conservação entenderam-se os monumentos/ sítios que, embora não apresentassem uma destruição efetiva, apresentavam vegetação excessiva, lixo de obra, escavações sem monitorização ou trabalhos de minimização de impactes, erosão (como por exemplo o abatimento natural das mamoaas), entre outros aspetos que se consideraram negativos.

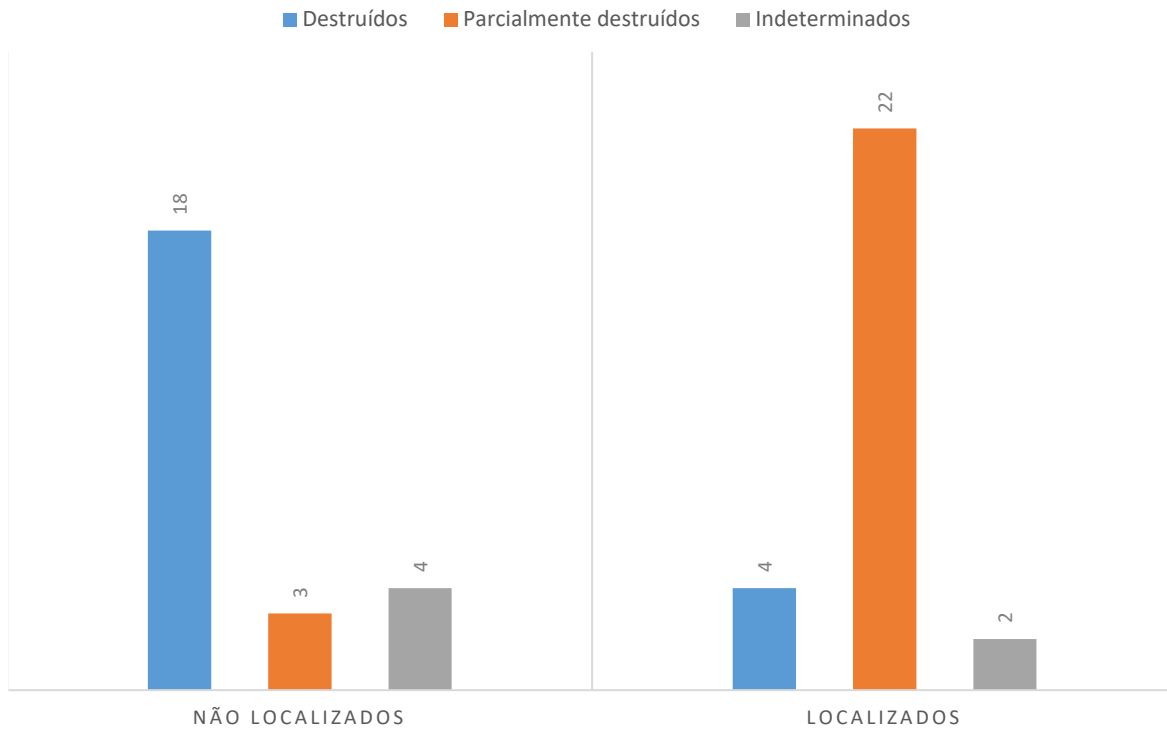


Gráfico 2- Representação da quantidade de destruições até 1999, por sítios Localizados e Não Localizados.

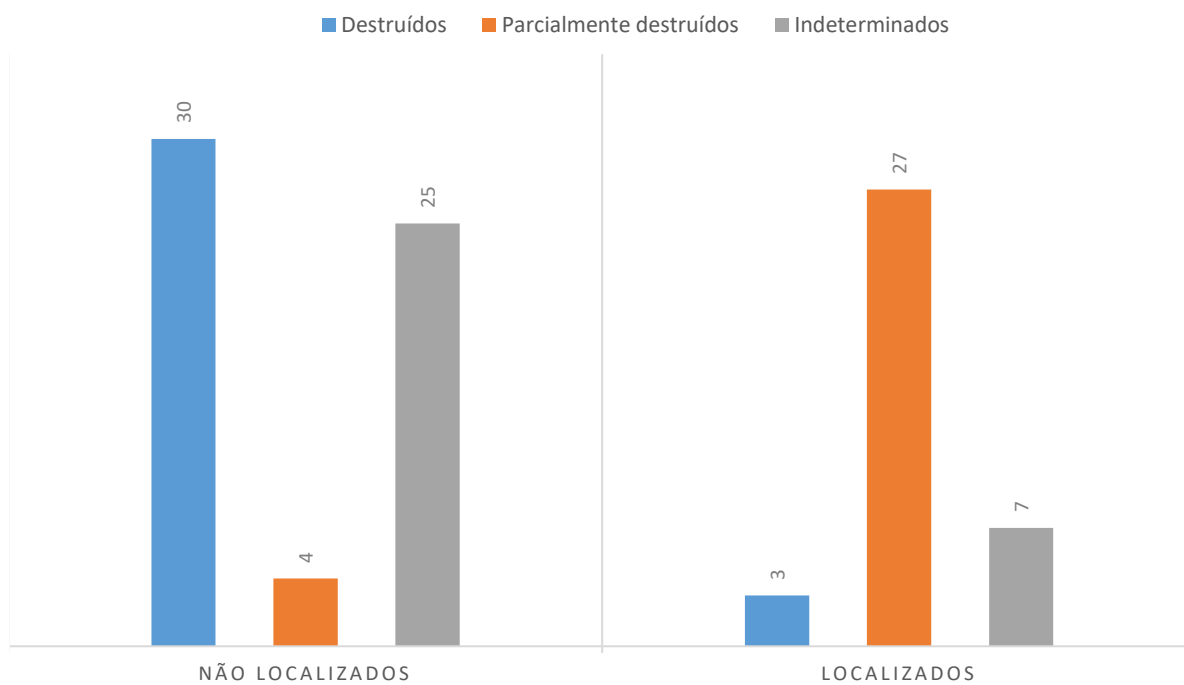


Gráfico 3 - Representação da quantidade de destruições até 2021, por sítios Localizados e Não localizados.

No Anexo 1, encontra-se uma tabela com os sítios identificados, devidamente listados por número de sítio, CNS, Designação, Tipologia e Cronologia apontada.

No Anexo 2, estão disponíveis fichas de sítio para cada um dos sítios identificados.

Para análise do mapa e anexos, há que ter em conta a situação da numeração dos sítios anteriormente referida, de que entre o número 196 e 292, os sítios foram atribuídos a peças arqueológicas, pelo que se encontrarão ausentes nos respetivos documentos de sítios arqueológicos.

Dar nota, ainda, de que dos 196 sítios da anterior edição da Carta Arqueológica de Arouca, existiam 78 sem CNS, estando apenas 118/196 registados no Portal do Arqueólogo. Atualmente, contabilizam-se 129/239 sinalizados no Portal do Arqueólogo, existindo, por isso, 110 sítios que deverão ser comunicados à tutela.

3.3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste ponto realiza-se um exercício de análise qualitativa e quantitativa ao património arqueológico. Para se proceder a essa análise, recolheram-se uma série de dados, vertidos num inventário em Excel.

Criaram-se campos para responder às questões levantadas no início do trabalho, aferindo se a problemática colocada é real ou apenas uma perceção do autor, particularmente no que refere ao estado de conservação dos sítios arqueológicos, ao seu agravamento nos últimos anos e aos motivos que originaram os mesmos. Esses dados numéricos, alfabéticos ou alfanuméricos, apresentam-se sob a forma de gráficos e mapas, de forma a facilitar a leitura e pesquisa.

Os campos considerados no inventário Excel foram os seguintes: 1. Nr. ° CAA; 2. Designação; 3. CNS; 4. Freguesia; 5. Tipologia; 6. Cronologia; 7. Coordenada; 8. Altimetria; 9. Carta Militar; 10. Classificação; 11. Localizado em 1999³³; 12. Destruído até 1999; 13. Origem da Destruição (parcial ou total); 14. Localizado em 2021; 15. Estado de Conservação; 16. Ameaças; 17. Uso de Solo; 18. Escavações; 19. Depositário; 20. Bibliografia.

Porém, para a construção dos gráficos e mapas, foram utilizados apenas os dados provenientes dos campos: 11. Localizado em 1999; 12. Destruído até 1999³⁴; 13. Origem da Destruição; 14. Localizado em 2021; 15. Estado Conservação; 16. Ameaças; 17. Uso de Solo; 18. Escavações;

³³ Na Carta Arqueológica de Arouca de 1999, e à semelhança desta edição, existem sítios que foram comunicados por outros arqueólogos, mas, aquando da realização dos trabalhos, não foram localizados com precisão. Por esse motivo, foram sinalizados em carta arqueológica, mas não foram considerados como «localizados».

³⁴ Quer tenha ocorrido até 1999, quer seja posterior, registada no Estado de Conservação atual.

3.3.1. POR CRONOLOGIA

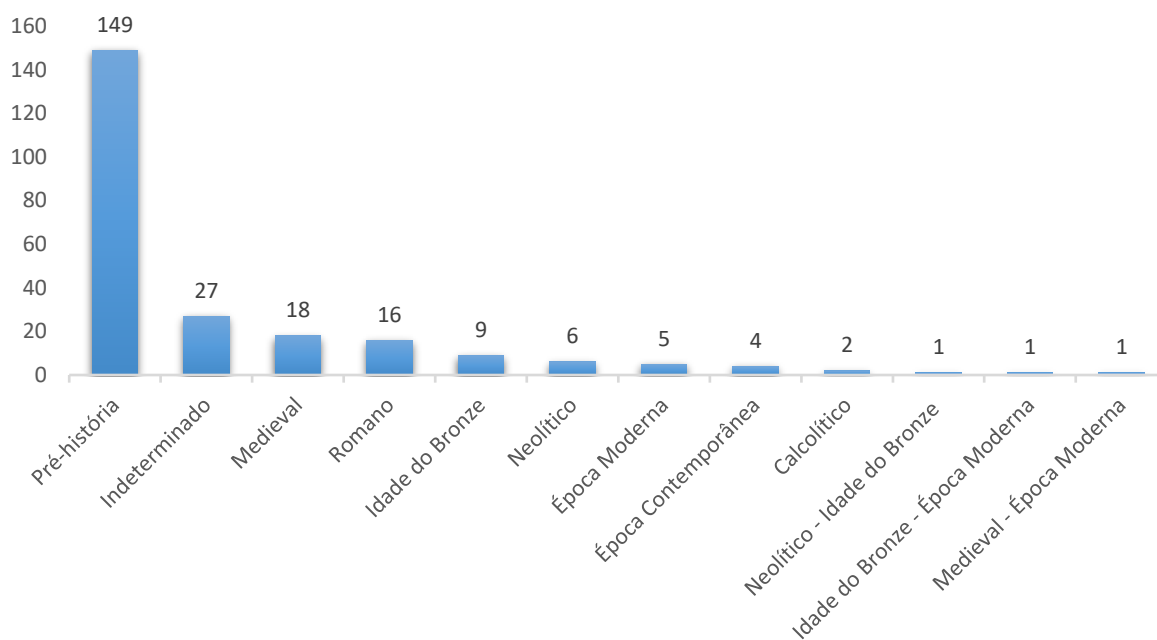


Gráfico 4 - Representação da quantidade de sítios por cronologias

Este gráfico apresenta os sítios distribuídos por cronologias. Como se observa, os sítios pré-históricos representam mais de 60% da totalidade. Esta percentagem sobe consideravelmente ao adicionarmos os sítios de cronologia neolítica e calcolítica, ou inserindo, também, os da idade do bronze. Os de cronologia indeterminada, que correspondem, maioritariamente, a sítios de arte rupestre, poderiam ainda integrar esta categoria, o que levaria esta percentagem a cerca de 80% da totalidade de sítios identificados em Arouca.

A leitura deste gráfico permite diversas interpretações. Pode-se inferir que, por exemplo, Arouca, pelas suas condições orográficas e geomorfológicas, foi mais ocupada durante a pré-história, do neolítico à idade do bronze, e menos ocupada durante o período medieval ou romano. Por outro lado, a maior identificação de sítios de cronologias pré-históricas poderá estar intrinsecamente ligada à sensibilidade dos seus «identificadores», nomeadamente no que corresponde ao megalitismo, na sua maioria identificados pelo arqueólogo Fernando Augusto Pereira da Silva, na década de 80/90, cujo trabalho de doutoramento se fixava neste período, em particular na tipologia de monumentos funerários. Logo, a diferença entre as quantidades de sítios por cronologias poderá não estar relacionada com a sua existência, mas sim com a sua procura/prospecção.

Considerando que os sítios pré-históricos são, regra geral, mais vulneráveis a destruições, devido às características intrínsecas aos sítios, monumentos e vestígios dessas cronologias³⁵, pode-se ainda sugerir que perto de 80% do património arqueológico de Arouca apresenta um estatuto de vulnerabilidade.

Uma nota extra para a quantidade de sítios na categoria «pré-história», diferenciando-a de subcategorias como neolítico ou calcolítico: para os monumentos funerários apenas se apontaram cronologias específicas para os escavados, cuja datação está segura. Para outros, uma vez que não se realizaram trabalhos arqueológicos, de modo a aferir-se a cronologia concreta, optou-se por -se identificar com Pré-história.

3.3.2. POR TIPOLOGIA

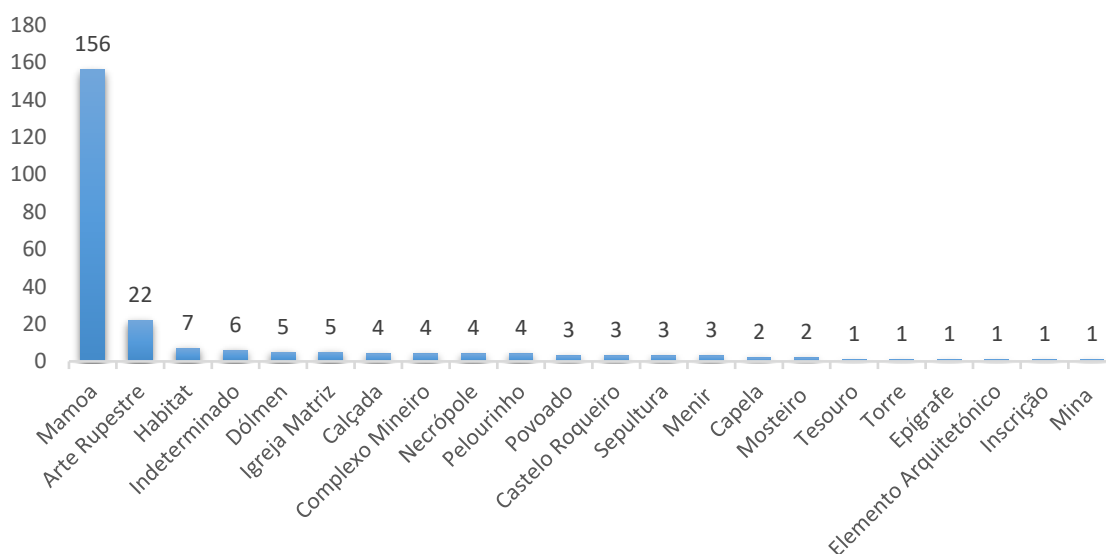


Gráfico 5 - Representação da quantidade de sítios por cronologias

Em sintonia com a análise cronológica, observa-se que cerca de 65% dos sítios se enquadram na tipologia de monumentos megalíticos da pré-história. Segue-se a arte rupestre, quase à mesma proporção dos sítios anteriormente descritos de cronologia «indeterminada», uma vez que se verificam painéis com vários motivos que remetem para a pré-história, mas, também, com cruciformes que poderão remeter para o medieval, moderno ou contemporâneo. Dado que estes painéis estão inéditos, praticamente na sua totalidade, resolveu-se atribuir a cronologia «indeterminado». Em terceiro lugar,

³⁵ Os vestígios identificados em Arouca para este período correspondem, sobretudo, a sepulturas megalíticas e de tradição megalítica. Estes vestígios de ocupação estão normalmente circunscritos a uma área reduzida, pelo que uma afetação ligeira será suficiente para destruir a totalidade do sítio. Acresce-se que passam muitas vezes despercebidos para a comunidade em geral, por se resumirem a amontados de pedra e terra, na generalidade cobertos por matos. A utilização expressiva de materiais perecíveis por parte das comunidades pré-histórica é também um fator que aumenta o risco de perda de conhecimento quando se verifica uma afetação arqueológica.

temos os sítios de habitat, de período romano ao contemporâneo, maioritariamente casais agrícolas ou sítios semelhantes.

A análise deste gráfico poderá, também, corroborar duas ilações do anterior. A primeira no que respeita à quantidade de mamoaas, cuja razão poderá residir nas características do território, propicio a ocupações pré e proto-histórica. Porém, reforçar que não se pode descorar que os autores que identificaram estes monumentos são mais sensíveis à pré-história, cuja área de investigação privilegiavam.

A segunda ilação prende-se com a vulnerabilidade que esta tipologia de sítio arqueológica apresenta. Muitas das vezes estes monumentos são pouco estruturados e de reduzida dimensão – as de tradição megalítica, o que poderá mais facilmente levar à sua destruição, mesmo pelas mais pequenas operações que se realizam diariamente nos solos.

Numa análise espacial, a quantidade de monumentos funerários da pré-história identificados, permite estabelecer um padrão para os locais onde potencialmente poderão ser encontrados. Verifica-se uma maior predominância em zonas de cumeada ou planaltos, em posições de quebra de cota da paisagem. Estes dados poderão contribuir para potenciar o sucesso de ações de prospeção que se venham a desenvolver no futuro.

A respeito das tipologias e cronologias dos 43 sítios identificados após 1999, 21 são de arte rupestre, 10 são mamoaas, 2 de habitat, 2 de complexo mineiro, uma necrópole, uma calçada, um castelo roqueiro, um tesouro numismático e 4 indeterminados. Merece nota de que a calçada estava já identificada em 1999, mas não inserida na carta arqueológica, bem como o castelo roqueiro de S. João de Valinhas, que estava apenas sinalizado como castro e resolveu-se atribuir-lhe um novo número de sítio, evidenciando a sua importância enquanto sítio arqueológico individual.

Numa análise qualitativa, entende-se que estas identificações, essencialmente as mamoaas e a arte rupestre, se deve predominantemente às áreas de interesse dos seus identificadores, mas, também, às condições proporcionados por incêndios florestais que decorreram entre 2015 e 2021. Por outro lado, as áreas florestais, onde estes locais têm aparecido, também são mais acessíveis do que os terrenos agrícolas ou urbanos, tanto pela sua discricção como pela ausência de vedações, permitindo percorrer estes espaços com maior facilidade.

3.3.3. POR FREGUESIA

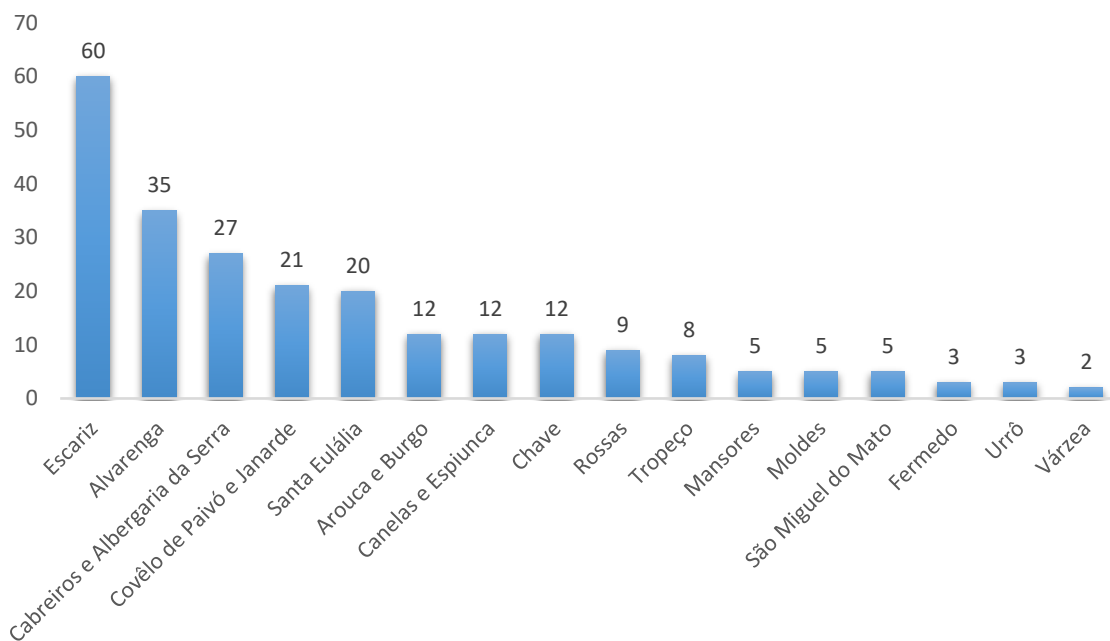


Gráfico 6 - Representação da quantidade de sítios por freguesias.

No gráfico acima, apresenta-se a relação de sítios por freguesia. O top 5 é marcado pelas freguesias onde se identificaram, também, um maior número de monumentos funerário de cronologia pré-histórica – são elas Escariz, onde existe o denominado Conjunto Megalítico de Escariz, Alvarenga, União de Freguesias de Cabreiros e Albergaria da Serra, União de Freguesias de Covelo de Paivó e Janarde e freguesia de Santa Eulália. Estes dados são importantes, sobretudo, para direcionar políticas patrimoniais, no âmbito da gestão e ordenamento de território, mas também na prioridade de sensibilização dos presidentes de junta de freguesia e dos próprios fregueses. Para a delineação dessas medidas, estes dados podem ser correlacionados com as destruições existente por freguesia, por ameaças, podendo, igualmente, contribuir para definir valores e orçamentos a dotar às freguesias para gestão patrimonial, de acordo com a sua taxa de encargos patrimoniais e responsabilidades. Como está patente, apenas 31% das freguesias (5) reúnem em si 70% do património arqueológico do concelho de Arouca, pelo que deverão ter uma atenção particular por parte dos órgãos autárquicos.

3.3.4. PERCENTAGEM DE SÍTIOS VS USO DE SOLO

Quanto à dispersão de sítios em relação ao uso de solo, contabilizam-se 117 sítios em solo florestal (49%), 50 em pastoreio (21%), 35 em solo urbano (15%), 11 em rede viária (4%), 9 em industrial (4%) e 6 em Agrícola (2%). Existem, ainda, alguns sítios cuja matriz de solo se considerou apresentar duas ou mais utilizações: 4 em industrial/ florestal; 2 em rede viária/florestal; 3 em industrial, florestal e linha de alta tensão, 1 em leito de rio, 1 culto e lazer, e 1 indeterminado, correspondendo estes a 5% do uso de solo.

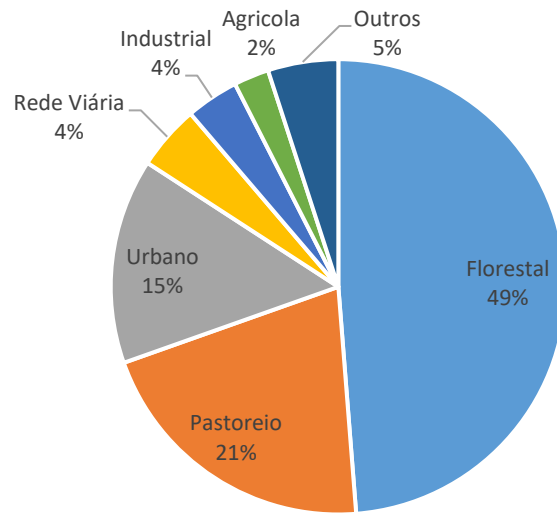


Gráfico 7 - Representação da percentagem de sítios por tipologia de uso de solo.

A leitura deste gráfico revela-se particularmente importante, quando conjugada com outros dados, como se apresenta nos pontos seguintes. No entanto, numa primeira abordagem, verifica-se que quase 50% dos sítios arqueológicos se situam em áreas florestais. Mais de 70% em áreas «rurais», de floresta, pastoreio e agrícola, sendo aquelas que, pela sua distância e isolamento, necessitam de uma monitorização periódica.

3.3.5. RELAÇÃO DO USO DE SOLO VS DIFICULDADE DE LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS

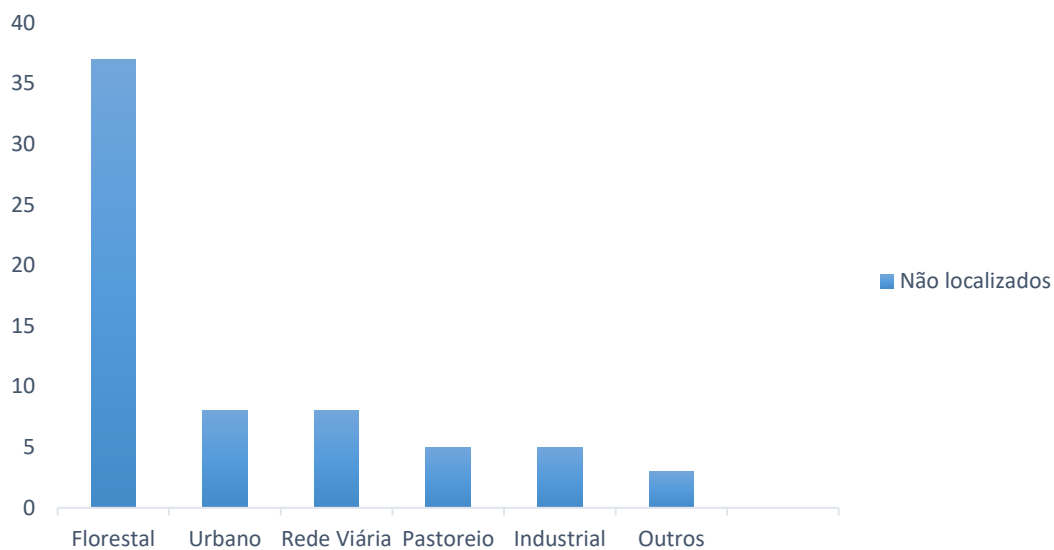


Gráfico 8 - Quantidade de sítios não localizados por tipologia de uso de solo.

Relacionar o uso de solo com os sítios que não foram localizados mostra que a maior quantidade de sítios por localizar se encontram em solo florestal. As características próprias destes espaços, que se alteram todos os anos, dificultam, por si só, esse trabalho. Esta observação aponta para a necessidade de monitorização mais regular dos sítios que se localizam nesta matriz. Os que apresentam menor dificuldade de relocalização estarão entre os de pastoreio, dada a pouca presença de matos altos e as características dos terrenos, essencialmente baldios, sofrendo poucas alterações da paisagem.

É igualmente importante perceber que dos 37 sítios que não puderam ser localizados em solo predominantemente florestal, 14 estão sinalizados como destruídos e 4 como parcialmente destruídos, 1 em mau estado e 18 por determinar. Dos 8 sítios não localizados em solo urbano, 4 estão destruídos e 4 escavados totalmente, pelo que, na realidade, não poderiam ser identificados. O mesmo se passará nos solos registados como Rede Viária, estando 6 destruídos e 2 escavados totalmente. Dos 5 registados em solo industrial, 4 estarão destruídos e 1 por determinar, e dos que estão em pastoreio, que serão 5, não se conhece o estado de conservação de nenhum, estando os 5 por determinar.

Este breve ensaio do estado de conservação dos não localizados vs uso de solo, conduz à mesma análise para a totalidade dos sítios, relacionando o uso de solo com o estado de conservação.

3.3.6. RELAÇÃO DO USO DE SOLO COM O ESTADO DE CONSERVAÇÃO

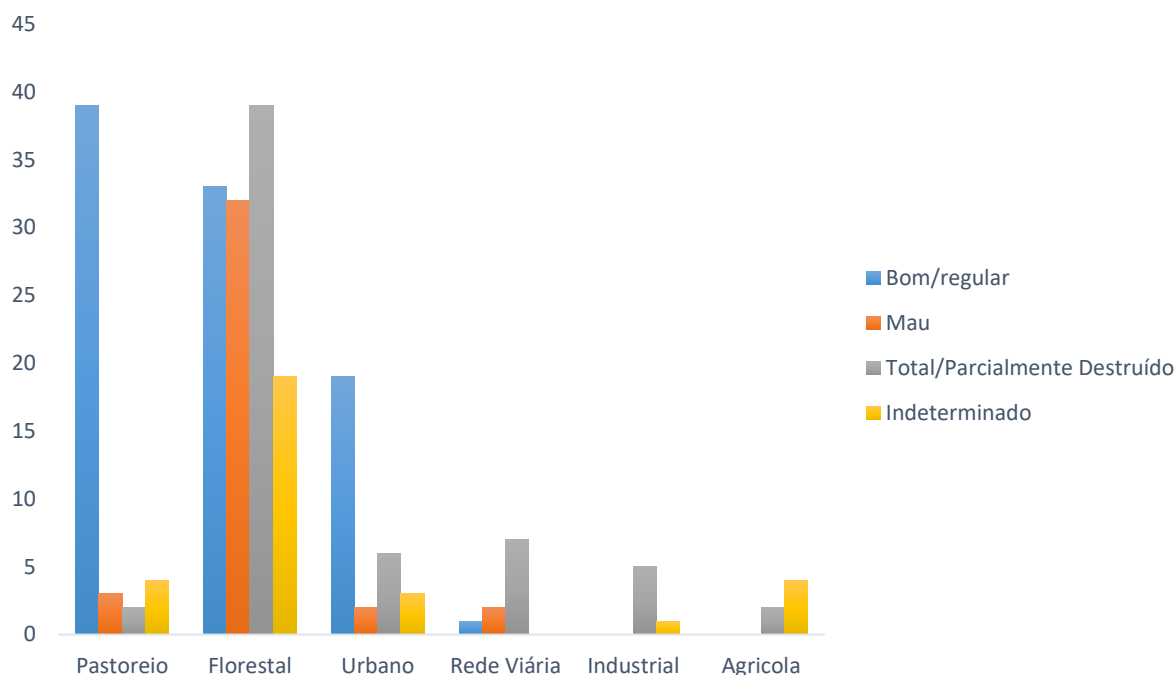


Gráfico 9 - Representação da quantidade de sítios por estado de conservação e uso de solo.

No gráfico verifica-se que os solos de rede Viária, industrial ou agrícola são aqueles que mais ameaças apresentam para o património. Praticamente não permitem a concomitância entre ambos. Em contraposição, os de pastoreio e urbano permitem uma coexistência saudável, sendo que o número de sítios em bom ou razoável estado de conservação é bastante superior aos destruídos ou em mau estado. O solo florestal, apesar de evidenciar um «equilíbrio negativo» entre os bom/ regular estado e o mau estado, mostra um número de destruídos superior a todos os outros, bem como de sítios indeterminados. Percebe-se que os sítios em pastoreio e urbano são os que apresentam menor preocupação, no que respeita à sua monitorização periódica, e os que se situam em terreno florestal apresentam uma preocupação acrescida, nomeadamente por serem em maior número; localizarem-se em locais mais isolados; serem de mais difícil perceção devido às alterações de vegetação; bem como à periodicidade com que se realizam operações florestais nestes solos.

3.3.7. POR ESTADO DE CONSERVAÇÃO

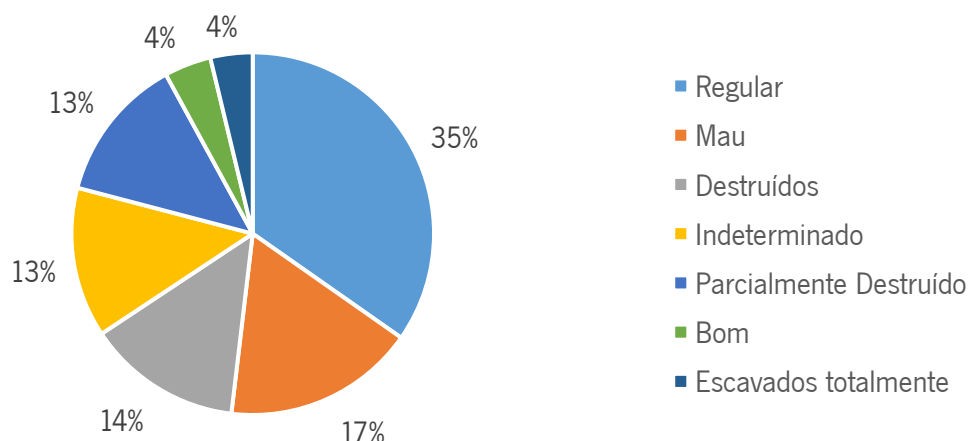


Gráfico 10 - Representação da percentagem de sítios por estado de conservação.

No corrente gráfico, apresenta-se uma análise ao estado de conservação da totalidade dos sítios. Observa-se que o número de sítios em mau estado, destruídos e parcialmente destruídos, ascende aos 44%, superando os 39% de sítios em bom e regular estado de conservação. Ou seja, apesar dos dados apontarem para que não tenha existido um agravamento considerável do estado do património arqueológico em Arouca, entre 1999 e 2021, o panorama geral da conservação de sítios arqueológicos em Arouca não deixa de ser negativo. De modo a atenuar esta situação, seria importante analisar cada um dos sítios em mau estado, individualmente, para aferir as medidas necessárias para reverter ou minimizar o seu estado, passando-o a bom ou regular, sempre que possível e justificável.

3.3.8. ORIGEM DAS DESTRUIÇÕES (PARCIAIS OU TOTAIS) QUE OCORRERAM ATÉ 2021

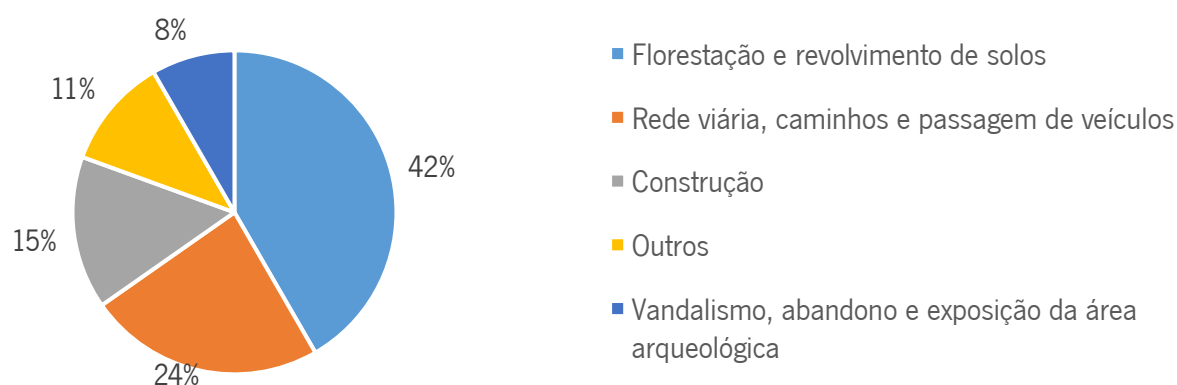


Gráfico 11 - Representação da percentagem de sítios destruídos, total ou parcialmente, por origem das destruições conhecidas.

Em linha com o que se tem verificado nos pontos anteriores, a esmagadora destruição de património arqueológico em Arouca deve-se aos trabalhos realizados no setor florestal. Segue-se a abertura de estradas, caminhos, estradões, corta-fogos ou, simplesmente, a passagem de veículos, por vezes acontecendo de forma inusitada, mas com regularidade. Acresce-se, neste ponto, a dificuldade em relação a licenciamentos. Se para a rede viária estas questões deverão estar salvaguardadas, sabe-se que para caminhos, estradões ou corta-fogos, muitas das vezes relacionadas com manutenções ou operações florestais, não o estão. Por outro lado, também o livre trânsito de veículos, principalmente todo-o-terreno, coloca em causa, de forma presumivelmente inocente, a integridade de património arqueológico.



Figura 20 - Imagem ilustrativa da problemática referida, retirada da página social de um presidente de junta de freguesia, do concelho de Arouca, que promove a manutenção de caminhos florestais, no dia 05 de fevereiro de 2022.

A construção surge, também, como um fator de destruição. No entanto, parte-se do princípio de que esta está igualmente sujeita a licenciamentos, estando os devidos trabalhos arqueológicos salvaguardados. Não obstante, as necrópoles da Boca e Portelada levantam dúvidas em relação à integridade dos sítios. A visita desses locais identificou construções nas áreas sinalizadas como sítio arqueológico, ou na proximidade, mas, dadas as características desta categoria – necrópoles – não é possível identificar o estado dos sepulcros através da visita ou prospeção.

Com apenas 8%, mas não menos importante, surgem as destruições relacionadas com escavações arqueológicas, essencialmente no âmbito de projetos de investigação. Como é consensual, o próprio processo de escavação arqueológica é um ato de destruição de um sítio, pese embora a salvaguarda da informação pelo registo técnico-descritivo, mas, neste caso, está em causa o conseqüente abandono dos sítios após as atividades arqueológicas. Constituem exemplo dessas realidades diversas mamoaas, escavadas por D. Domingos de Pinho Brandão ou pelo Arqueólogo Fernando Augusto Pereira da Silva, mas também outros locais, escavados mais recentemente pelo Centro de Arqueologia de Arouca, como o povoado da Cidade de Rossas ou o Castro de S. João de Valinhas. Por diversas vezes, as áreas de sondagem e escavação, após abandonadas, ficam expostas à erosão, à emergência de colonizações biológicas, questões meteorológicas, bem como sofrem danos antrópicos, motivados pela

vandalização, descargas de lixo ou puro desconhecimento do que significam estes espaços com valas abertas no solo.

3.3.9. MEGALITISMO E O SEU ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As mamoas, pela sua quantidade, são um caso particular nesta carta arqueológica. Deste modo, optou-se por fazer uma análise específica ao seu estado de conservação. Das 156 mamoas, apenas 50 (32%) estão em estado razoável, estando 33 totalmente destruídas (21%) (30 nem permitiram a sua relocalização), 25 em mau estado (16%) e 22 parcialmente destruídas ou muito afetadas (14%). Das restantes, 6 foram escavadas totalmente (4%) e 20 não foram localizadas, estando o seu estado de conservação por determinar (13%).

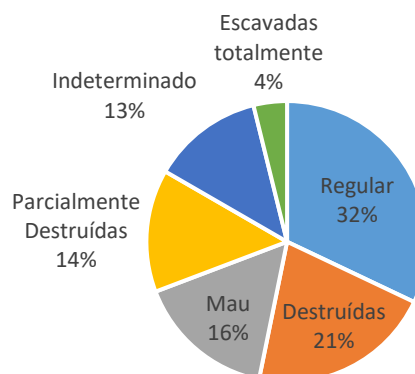


Gráfico 12 - Representação da percentagem de mamoas por estado de conservação.

Posto isto, e considerando que mais de 65% dos sítios identificados se enquadram nesta tipologia, procurou-se compreender a evolução da situação destes monumentos desde 1999.

Apresentam-se essas notas por pontos, de forma a sintetizá-las melhor:

- a) Em 1999 existiam 19 mamoas dadas como totalmente destruídas. Com a revisitação desses locais, percebeu-se que nada há para recuperar mantendo-se o seu estado como «destruído»;
 - a. Existia um monumento escavado totalmente, no âmbito de uma operação urbanística - o Rossio 1;
 - b. 10 mamoas não foram localizadas em nenhuma edição da Carta, pelo que o seu estado se encontra por determinar;
 - c. Alagoas 8 estava sinalizada como parcialmente destruída, mas não foi localizada em nenhuma das edições;
 - d. Das que foram sinalizadas em 1999, 10 não foram localizadas nos recentes trabalhos, 11 estão destruídas e 3 foram escavadas totalmente após a sua sinalização em Carta Arqueológica – Mamoa do Senhor dos Aflitos, Coval 4 e Vizo 5, também no âmbito de operações urbanísticas;
 - e. 3 estavam localizadas, mas sinalizadas como parcialmente destruídas. Atualmente, não foram localizadas;

- f. Monte Cana estava sinalizado como totalmente destruído, mas, nos recentes trabalhos, percebeu-se que ainda se observam restos da sua couraça dispersa pelo terreno;
- g. Embora em mau estado de conservação, os recentes trabalhos localizaram 6 monumentos que estavam por localizar;
- h. 9 mamoas foram identificadas após 1999;
- i. Fojo 1 e Chã da Corujeira, embora localizados em ambas as cartas, este último mais recentemente, foram destruídos ou muito afetados;
- j. Urreira 8 está escavado na totalidade, mas o contexto onde se insere o sítio mantém-se inalterado;
- k. 18 mamoas, embora localizadas, encontram-se parcialmente destruídas;
- l. 19 sítios foram identificados em ambas as vezes e encontram-se em mau estado de conservação;
- m. 41 em regular estado, que se terá mantido desde 1999.

3.3.10. ESCAVAÇÃO VS ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Dos 239 sítios registados, 42 já tiveram intervenção arqueológica por escavação. Desses 42, 9 foram escavados totalmente, pelo que nada, ou muito pouco se pôde encontrar dos referidos sítios, 2 apresentam-se em bom estado, 8 em estado regular, 13 em mau estado, 4 parcialmente destruídos, 2 destruídos e 4 indeterminados.

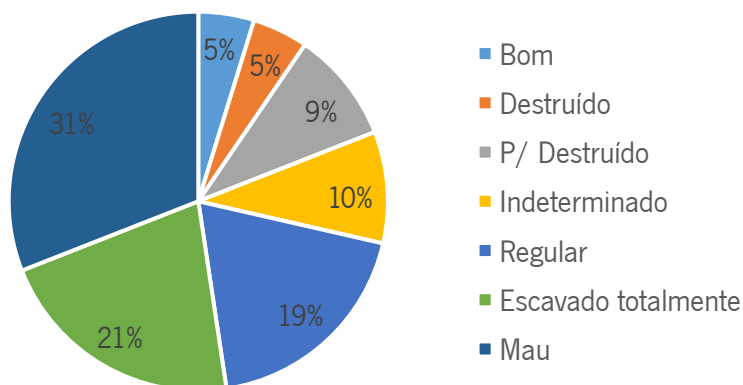


Gráfico 13 - Representação da percentagem de sítios escavados por estado de conservação.

Estes dados mostram que apenas 24% dos sítios intervencionados por escavação arqueológica se encontram em bom ou razoável estado, indicando que, por vezes, «escavar» não é «sinónimo» de valorizar ou conservar. 45% dos sítios encontram-se destruídos, parcial ou totalmente, ou em mau estado.

3.3.11. POR AMEAÇAS

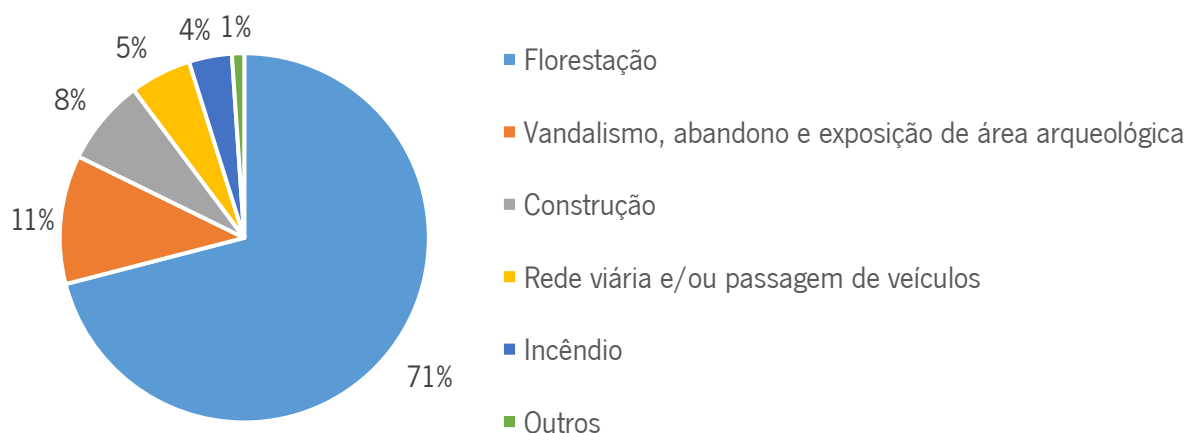


Gráfico 14 - Representação da percentagem de sítios por tipologia de ameaça.

Por fim, apresenta-se um gráfico com as ameaças que o património da carta arqueológica enfrenta para o futuro. Sobre a generalidade dos 239 sítios arqueológicos, observa-se que 71% dos sítios têm como grande ameaça os problemas associados à florestação – desde abate, plantações, preparação de terrenos, entre outros. O vandalismo, abandono e exposição de áreas arqueológicas ou de escavação arqueológica surge em segundo lugar. Em terceiro e quarto, a construção e a rede viária, sendo que a rede viária também poderá estar ligada à florestação, ou mesmo à construção. Surge, ainda, uma nota especial para uma ameaça que se adensa, devido à crescente identificação de painéis de arte rupestre – os incêndios.

3.4. REPRESENTAÇÃO GEOESPACIAL

De modo a auxiliar a leitura de alguns dos gráficos dos pontos anteriores, produziram-se nove mapas que complementam a análise desses gráficos, apresentando-se nas figuras que sucedem.

Figura 21 - Representação dos sítios arqueológicos por zonas de realociação.

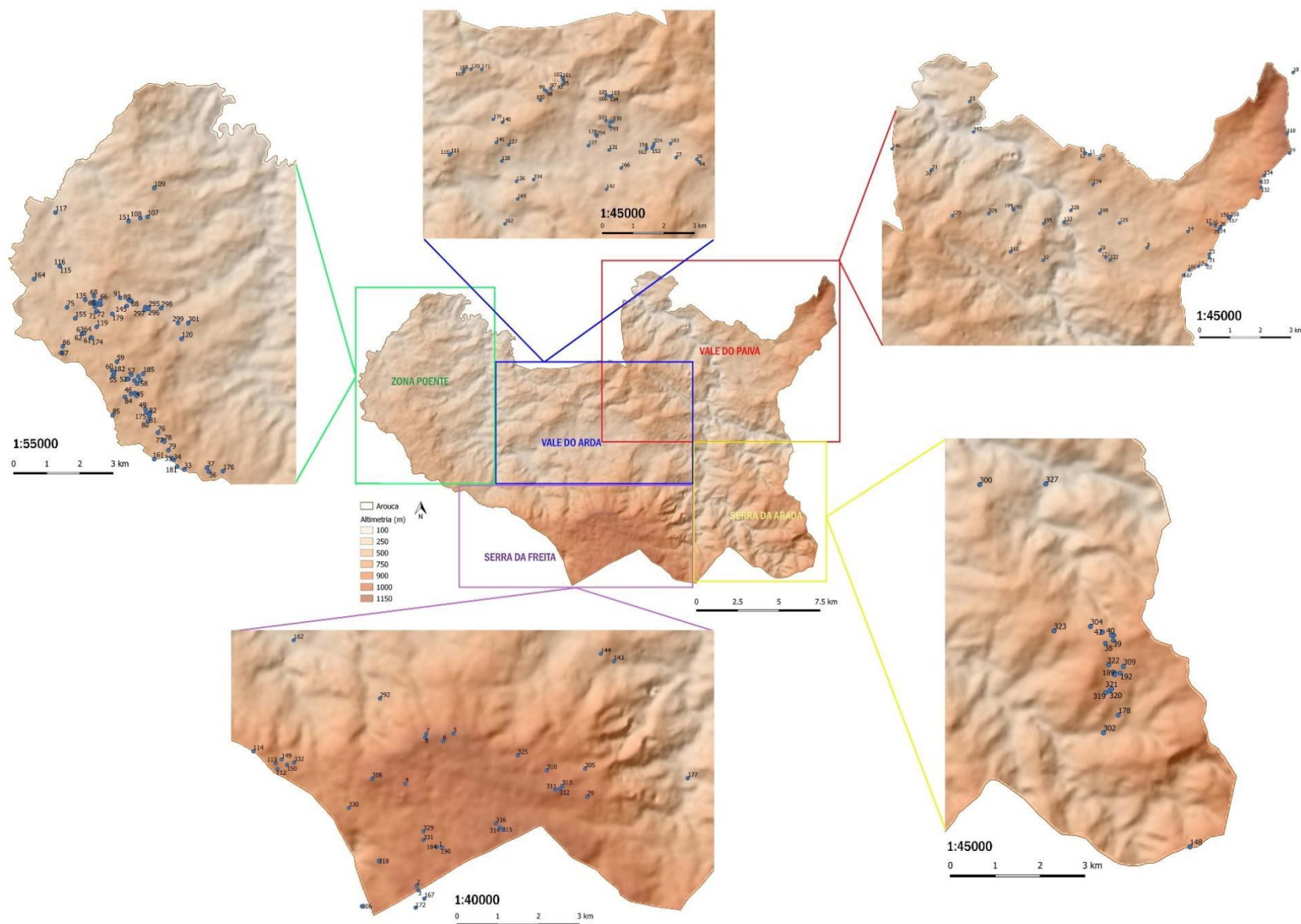


Figura 22 - Representação dos sítios arqueológicos localizados e não localizados (1: 95 000).

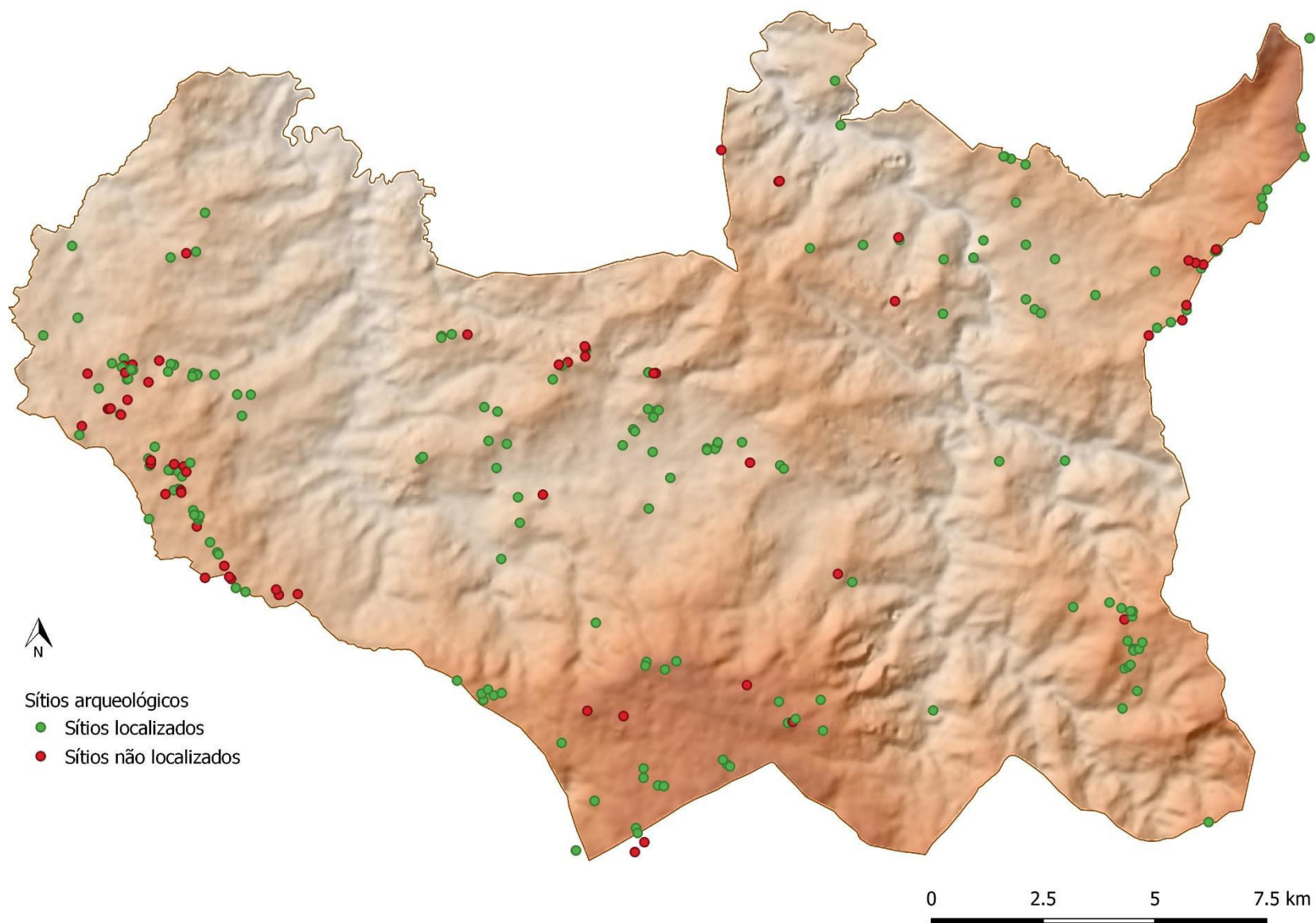


Figura 23 - Representação dos sítios arqueológicos identificados antes de 1999 e após 1999 (1: 95 000).

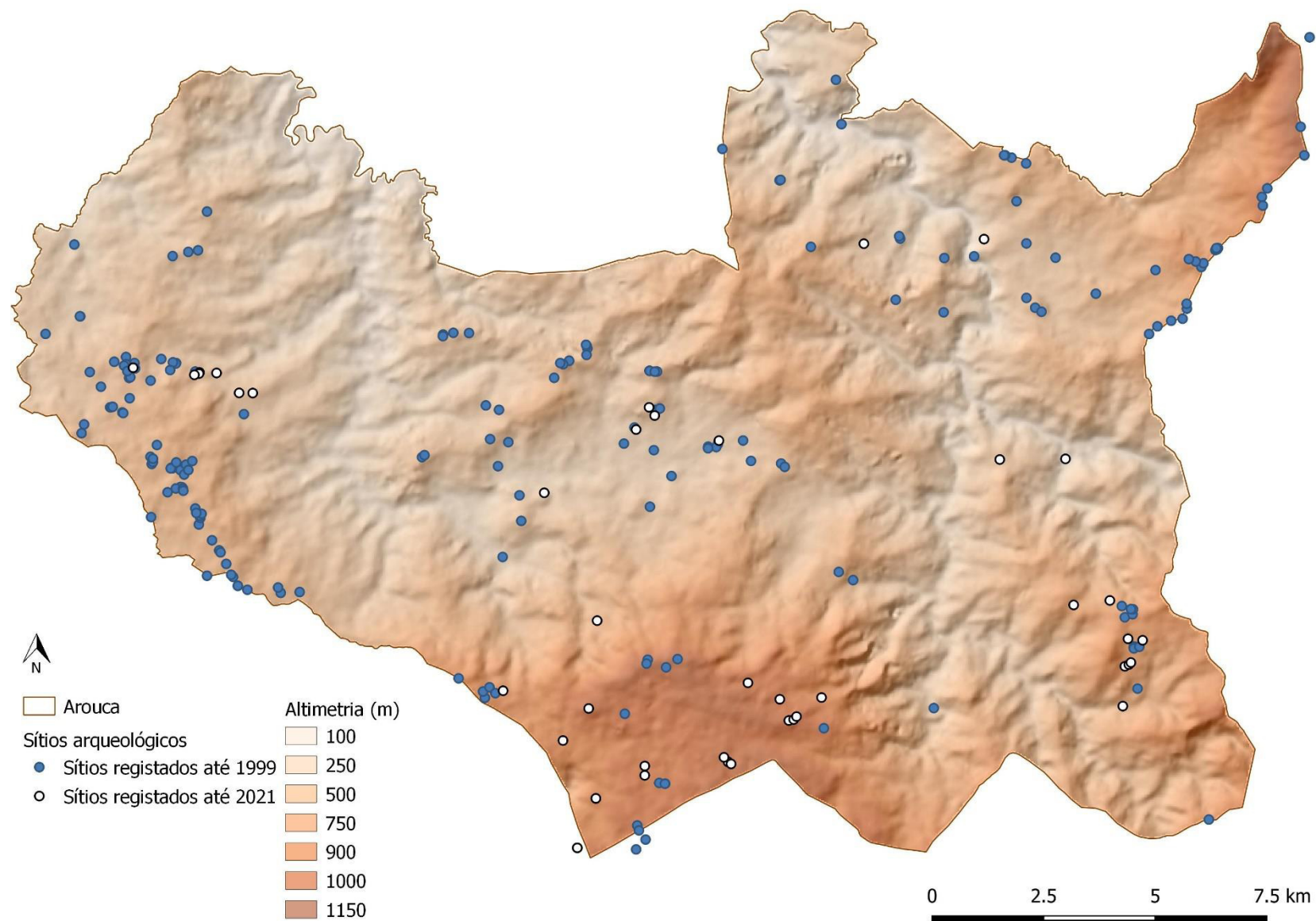


Figura 24 - Representação de sítios arqueológicos por cronologias (1: 95 000).

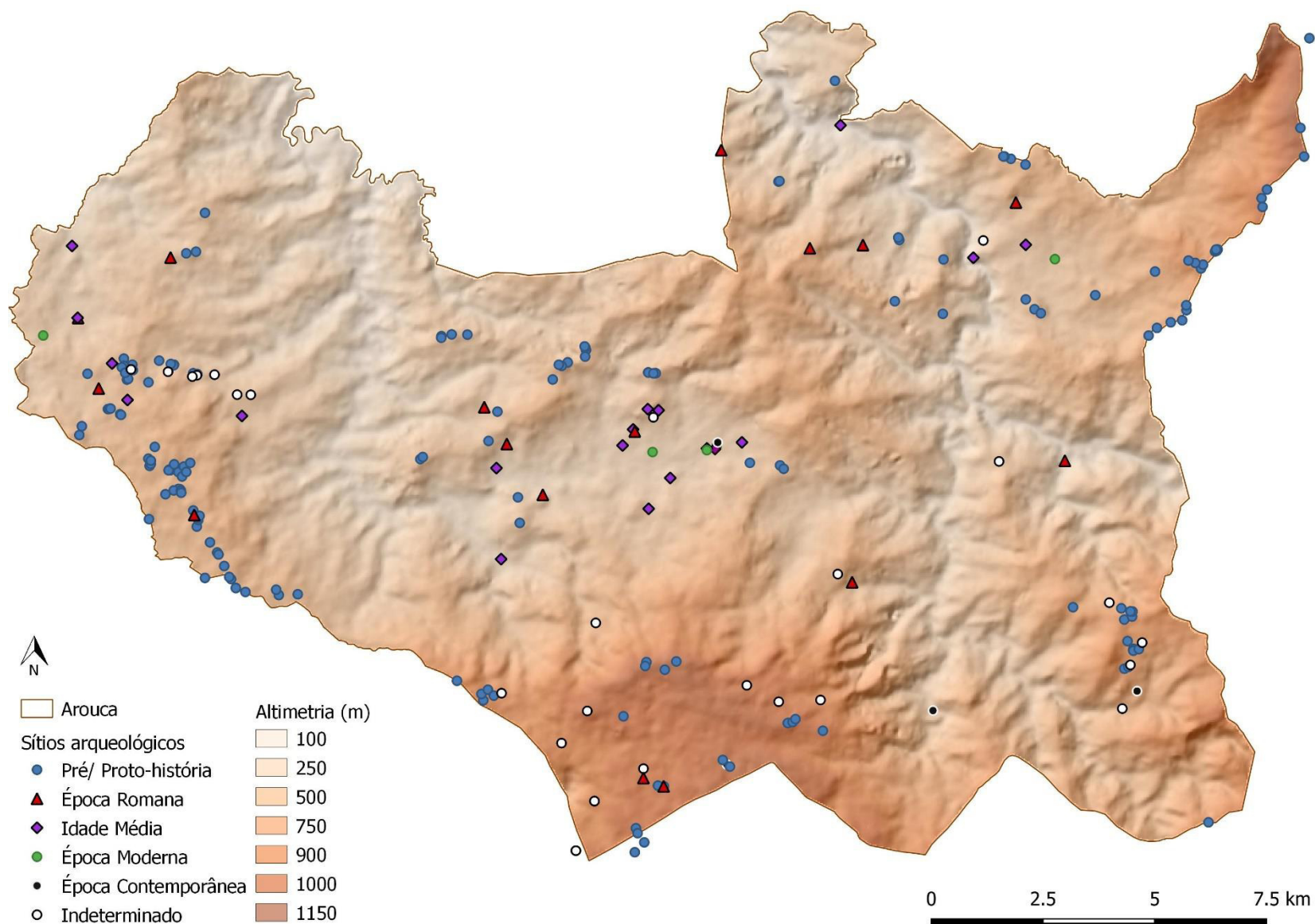


Figura 25 - Representação de sítios arqueológicos por freguesia (1: 95 000).

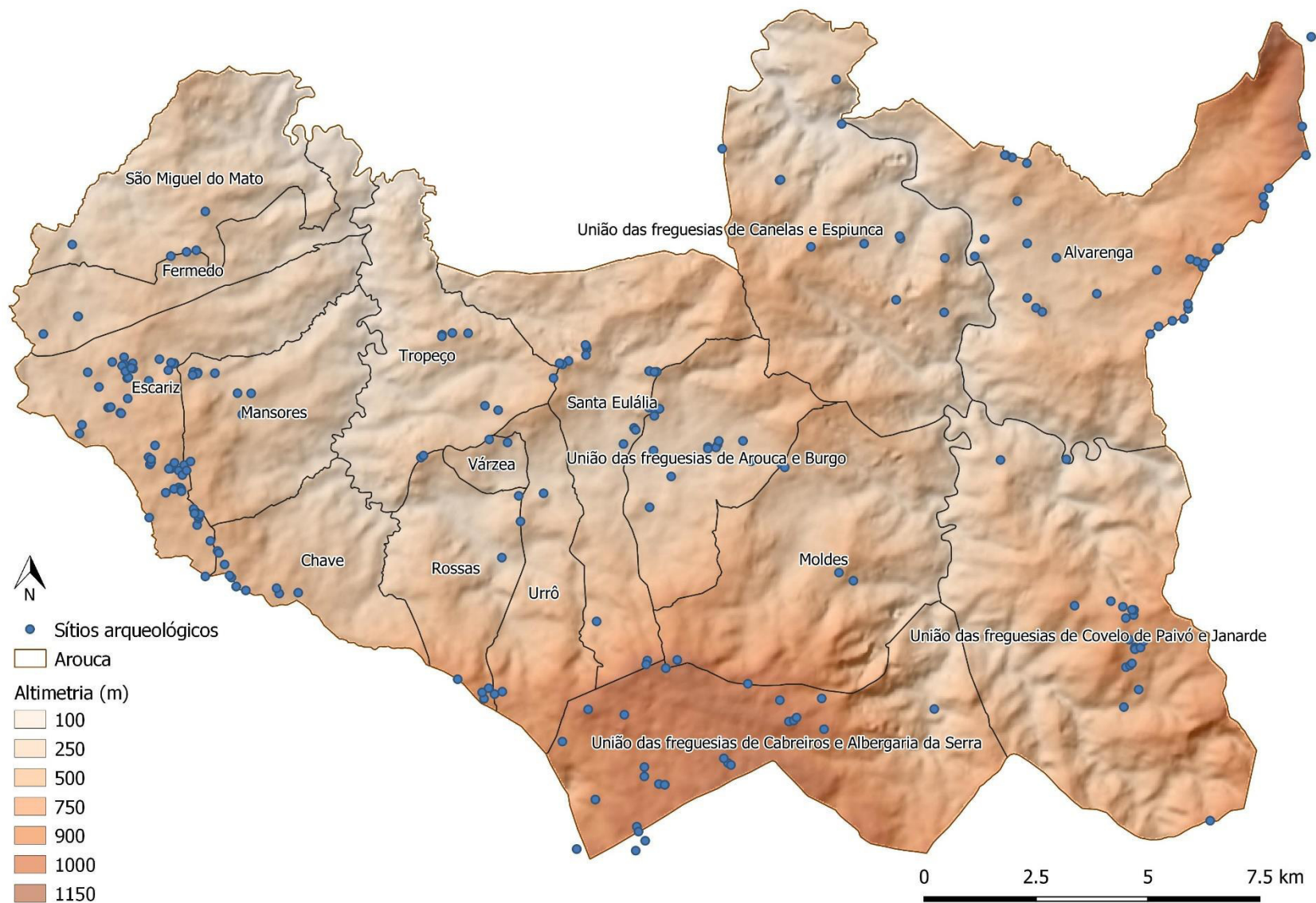


Figura 26 - Representação de sítios arqueológicos por uso de solo (1: 95 000). Fonte de dados Uso de Solo: DGT | <https://www.dgterritorio.gov.pt>

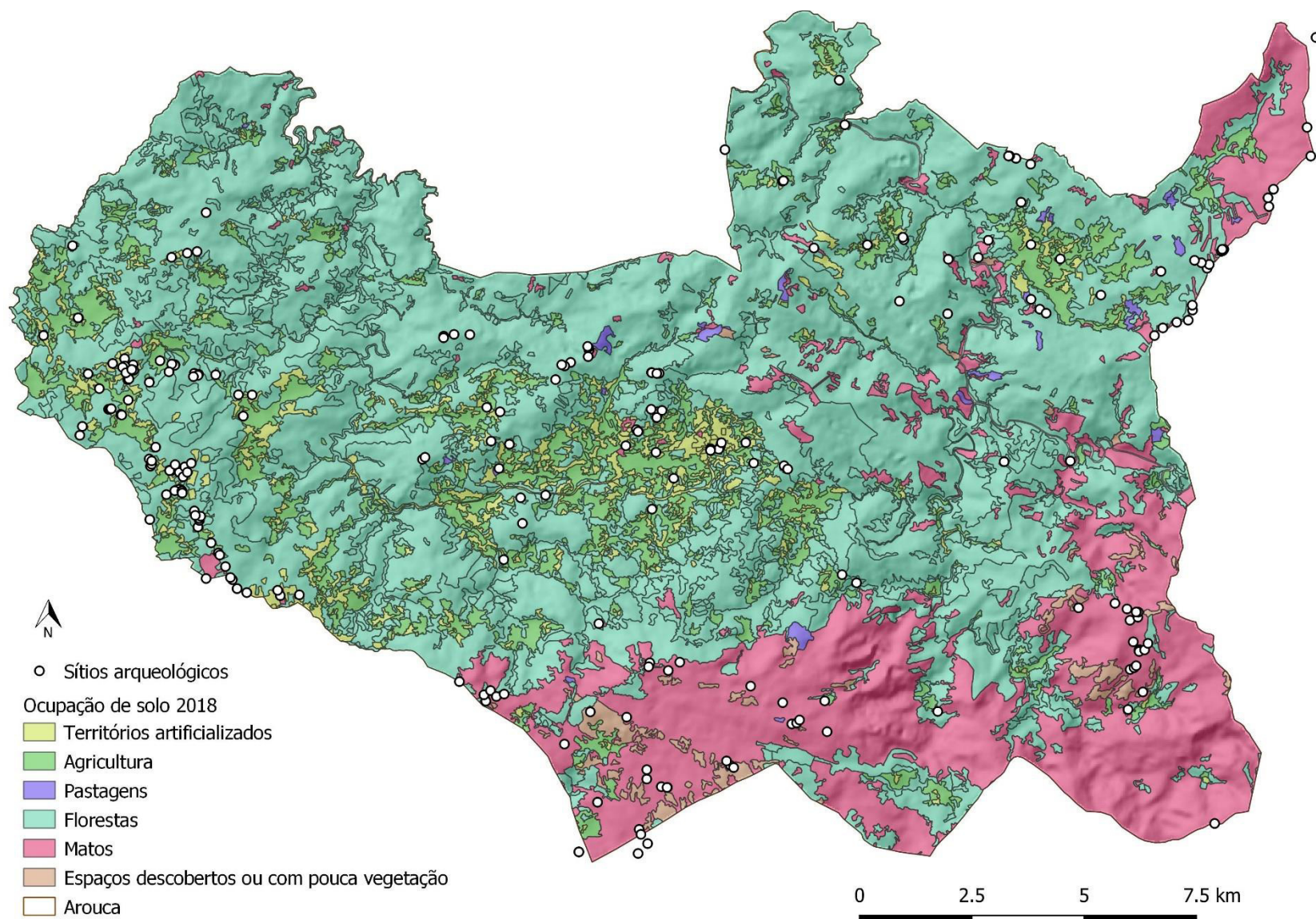


Figura 27 - Representação de destruições por uso de solo (1: 95 000). Fonte de dados Uso de Solo: DGT | <https://www.dgterritorio.gov.pt>

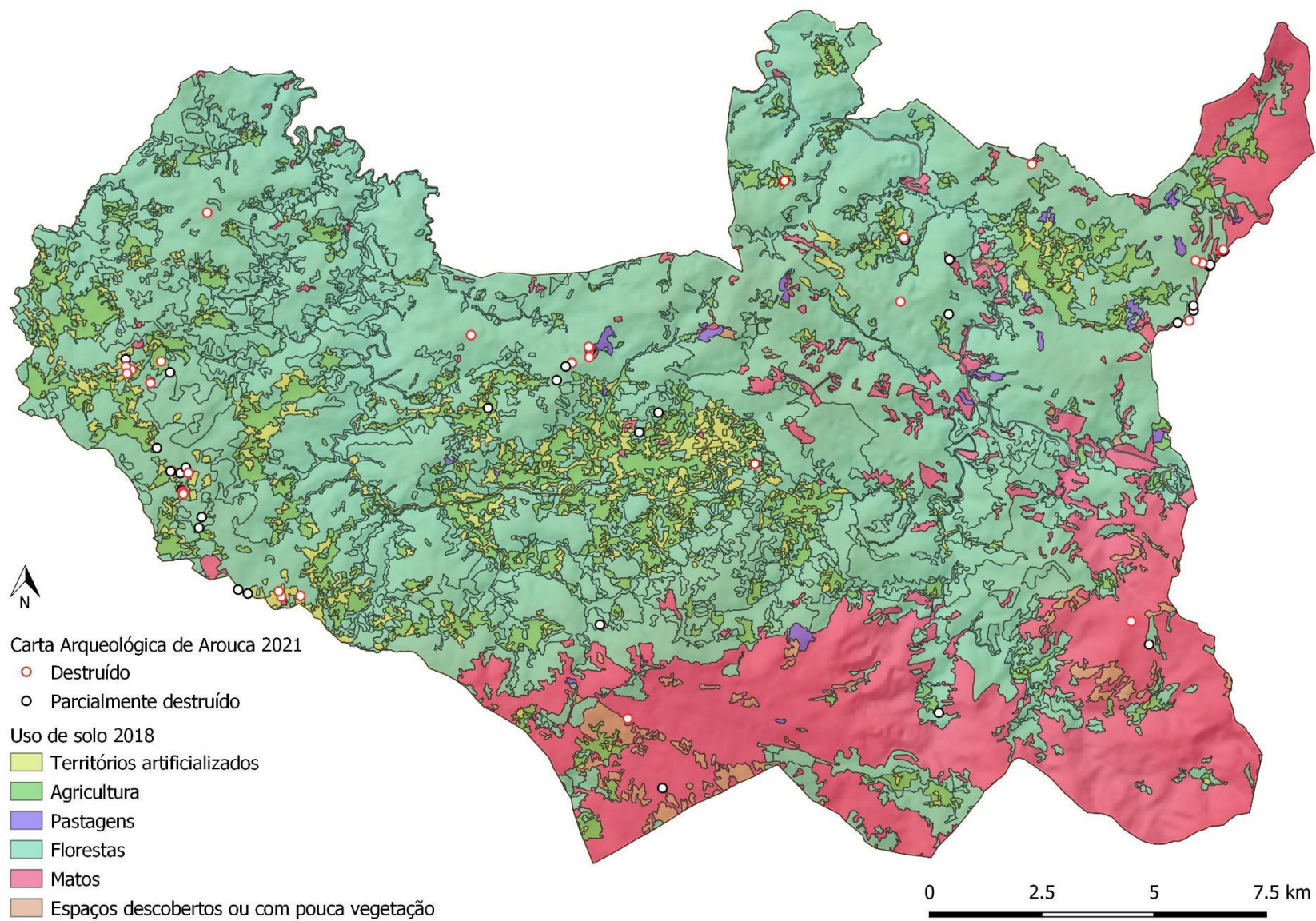


Figura 28 - Representação de sítios arqueológicos por estado de conservação (1: 95 000).

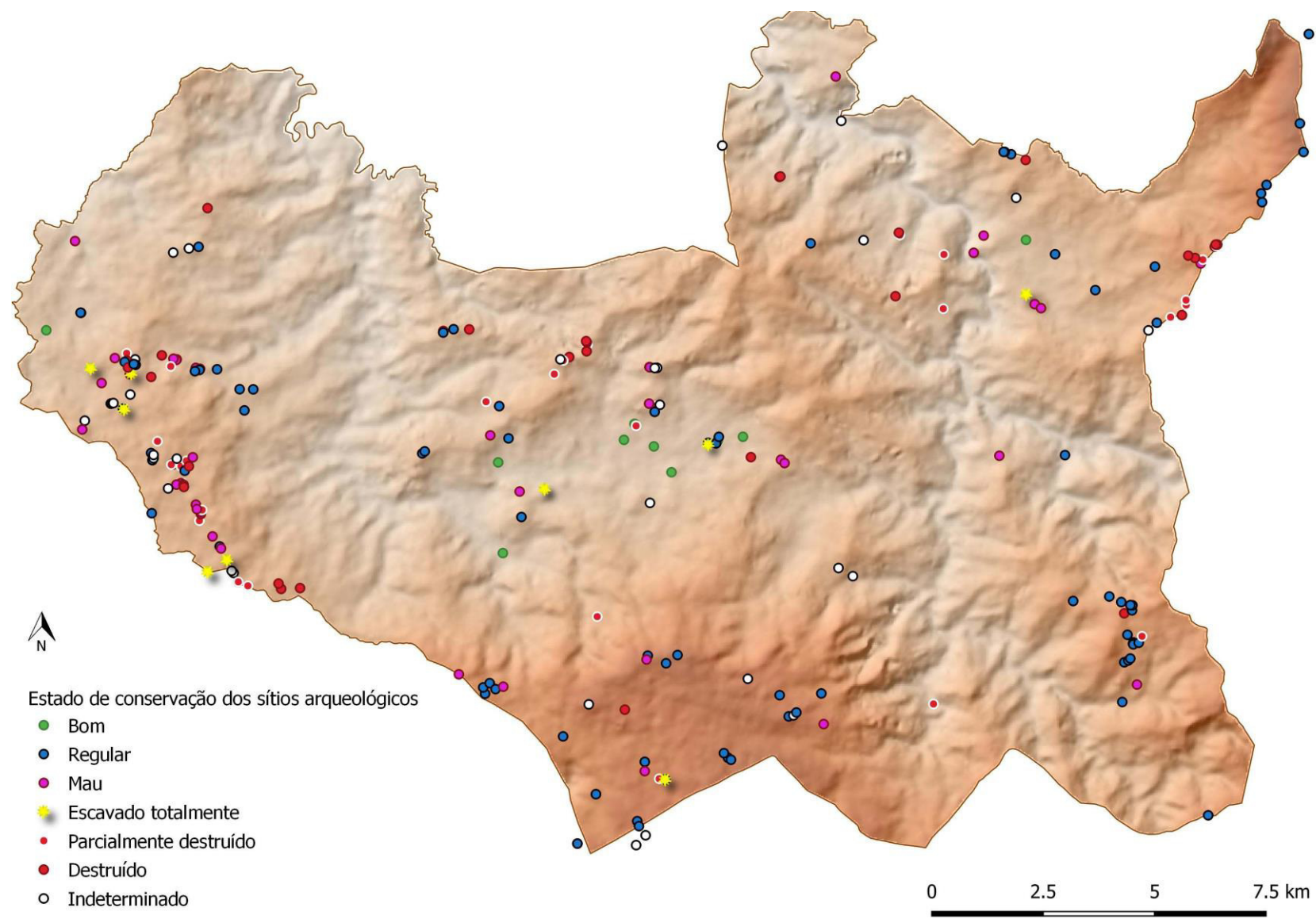


Figura 29 - Representação de sítios arqueológicos por área ardida entre 2015 e 2020 (1: 95 000). Fonte de dados Área Ardida: ICNF | <https://sig.icnf.pt>

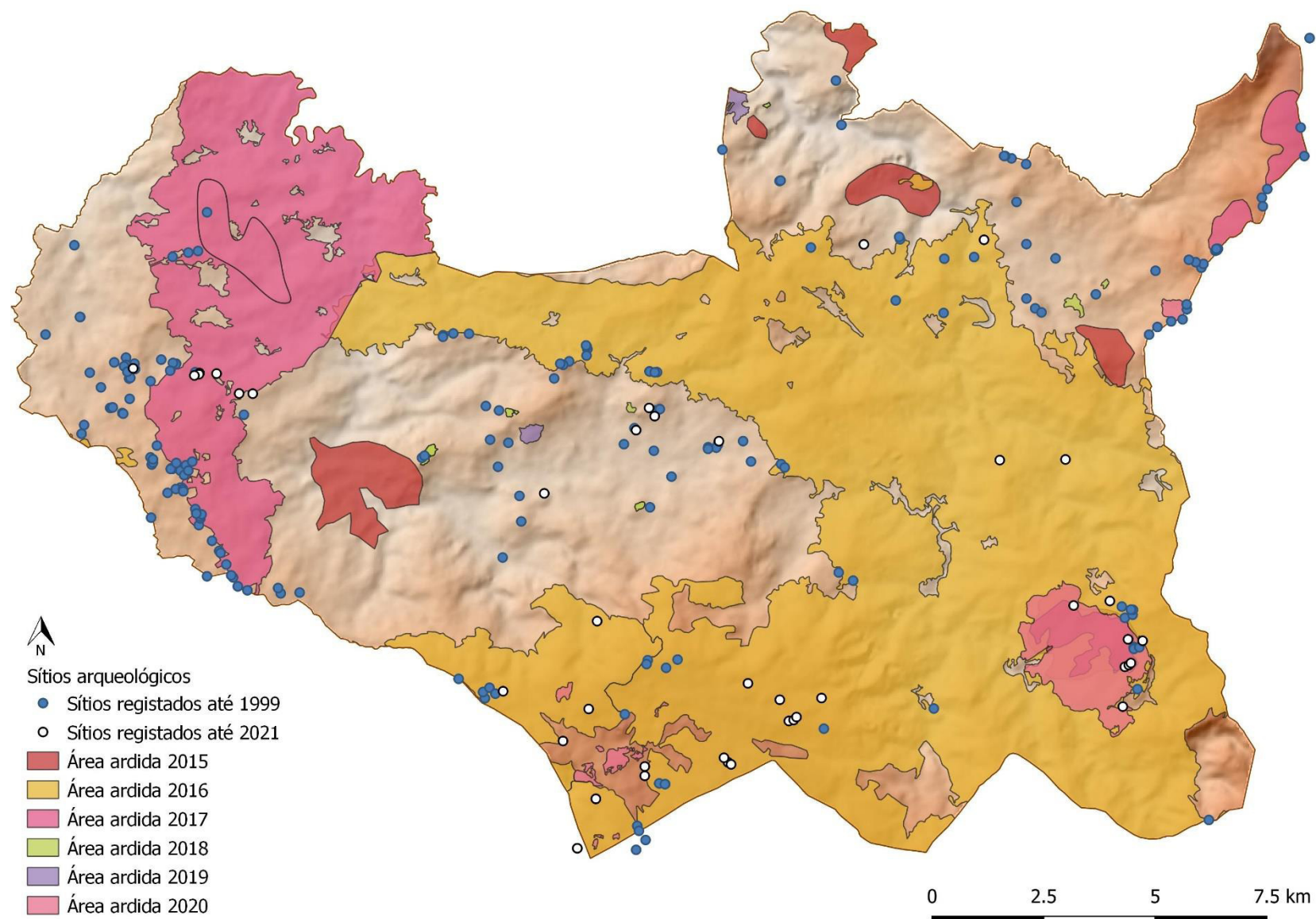
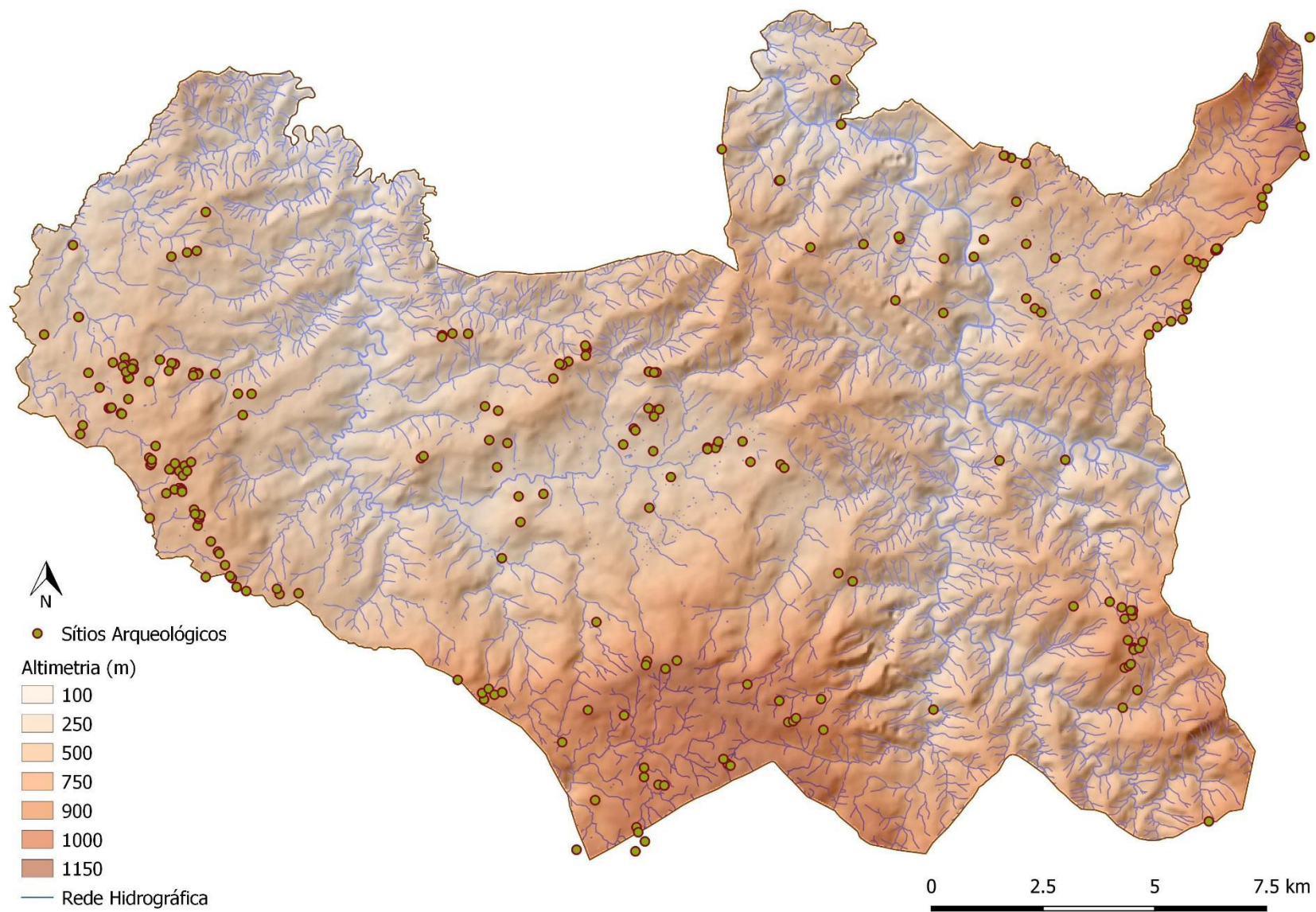


Figura 30 – Relação de sítios arqueológicos com a rede hidrográfica (1: 95 000).



3.5. CONSIDERAÇÕES

Uma das principais considerações que pode ser retirada da leitura dos gráficos dos pontos anteriores, é que uma boa parte dos sítios registados na Carta Arqueológica de Arouca (entre 60% a 80%) corresponderem ao período da pré-história, materializando-se sobretudo em estruturas funerárias (mais de 65%). Dada a vulnerabilidade deste tipo de sítios, seria importante concertar uma monitorização estruturada e regular.

Observou-se que cinco das dezasseis freguesias do concelho de Arouca detêm uma significativa parte dos sítios inventariados (70%), sendo que 49% dos sítios arqueológicos se localizam em áreas de floresta. Estas características do território dificultam a prospeção e relocalização de sítios, encontrando-se nesta tipologia de uso de solo 56% dos sítios que não foram localizados. Este solo revela-se também particularmente preocupante no que concerne à conservação dos contextos arqueológicos. A floresta e as atividades relacionadas com esta, registam o maior número de destruições, de sítios em mau estado ou cujo estado se encontra por determinar. Este fator contribui para o retrato negativo relativamente ao estado de conservação dos sítios arqueológicos de Arouca. Muito embora a primeira leitura dos dados não pareça apontar para um agravamento considerável do estado de conservação do património arqueológico entre 1999 e 2021, o panorama geral da sua conservação não deixa de ser negativo, encontrando-se 44% dos sítios em mau estado, destruído ou parcialmente destruído, e apenas 39% em bom ou regular estado de conservação.

Este panorama é potenciado pelas operações florestais, das quais resultaram 42% das destruições, mas também por operações ligadas à rede viária, com a abertura ou manutenção de vias de comunicação de diversas dimensões e funcionalidades, e 15% com a construção civil.

Verificou-se, ainda, que as escavações arqueológicas em Arouca não têm contribuído positivamente para o estado de conservação dos sítios, com 45% dos sítios escavados em mau estado ou destruídos, total ou parcialmente. Estes sítios sofrem, sobretudo, de vandalizações, abandono e exposição de área arqueológica, sendo esta a segunda maior ameaça ao património, afetando 11% dos sítios registados. Enquanto ameaça, é apenas antecedida por operações ligadas à florestação, estando estas no pódio, com 71% dos sítios visados. É a mais preocupante para a conservação arqueológica em Arouca.

A análise geoespacial que se representou após os gráficos, permitiu, ainda, complementar algumas interpretações, nomeadamente através da figura 24., que representa os sítios por cronologias.

Este mapa permite verificar que a localização dos sítios registados da pré e proto-história ocorre, sobretudo, em locais cuja altimetria ascende os 250/500m. Por outro lado, os sítios de período romano ou medieval apresentam-se, maioritariamente, em zonas de vale. Verifica-se, também, uma concentração de sítios romanos na zona do Vale do Paiva, porventura associados aos locais de mineração (Gralheira d'Água e Conheiras), bem como no Vale do Arda, possivelmente relacionados com explorações agrícolas, sendo parte deles sítios de habitat. Para um exercício interpretativo mais assertivo, dever-se-á ter em consideração, também, as tipologias. No entanto, pelo vasto leque de tipologias registadas, os mapas, à escala necessária para este documento, não apresentavam leitura, ficando os sítios sobrepostos.

É ainda possível verificar que uma significativa quantidade de sítios pré e proto-históricos, na sua esmagadora maioria mamoaas, se localizam alinhados, tanto na zona Poente como no Vale do Paiva. Estes alinhamentos ocorrem ao longo de caminhos antigos, percorridos durante as ações de realocização, sendo o da zona Poente presumivelmente de origem romana. Estes dados mostram que estes itinerários poderiam ser já anteriores ao período romano, constituindo corredores e linhas de circulação entre serras e cumeadas, durante a pré e proto-história. As localizações dos monumentos megalíticos sobressaem em locais de quebras de cota ou zonas de cumeada, sendo ainda possível apurar que os locais de cronologia indeterminada, maioritariamente correspondentes a sítios de arte rupestre, apresentam relativa proximidade aos de pré-história.

Os mapas das figuras 26. e 27., utilizam dados oficiais da Carta de Uso e Ocupação de Solo da Direção Geral do Território (2018), explicando a diferença entre as terminologias utilizadas nesse mapa e nos gráficos e base de dados do trabalho. Todavia, é possível verificar que os registos estão em consonância com os usos de solo da DGT, verificando-se que os sítios em terrenos florestais têm uma esmagadora representatividade, seguindo-se os de matos e pastoreio (os de matos correspondem, na realidade, a pastoreio). Por sua vez, no que respeita aos sítios destruídos, é também possível verificar que os locais de pastagem e de matos apresentam menor número de destruições, parciais ou totais, estando a maioria localizada em áreas florestais. No último mapa representado, figura 29., é possível verificar que grande parte dos sítios identificados após 1999 (e considerando que boa parte das mamoaas e de sítios de arte rupestre foram identificados após 2015), localizam-se em área ardida nos últimos anos, corroborando a observação de que os períodos de incêndio permitem, de facto, uma maior visibilidade nos solos florestais, matos e pastagens e, por conseguinte, um maior sucesso das ações de prospeção.

3.6. PROPOSTAS

Face às considerações sumariadas no ponto anterior, entende-se que se deverão deixar algumas propostas, ideias e sugestões, em jeito de conclusão, visando, sobretudo, atenuar os problemas identificados. Para uma melhor organização dessas propostas, as ideias estarão distribuídas pelas seguintes categorias de medidas:

- a) Inventariação e Caracterização;
- b) Proteção e Salvaguarda;
- c) Valorização e Promoção Cultural;

Não obstante, há uma proposta chave para as poder operacionalizar: a criação de serviços municipais de património.

Para que se realize qualquer tarefa, são necessários recursos humanos. Sem estes, nada é possível. Esses serviços podem ser materializados, por exemplo, num Gabinete Municipal de Arqueologia e Património, composto por técnicos especializados, e, se possível, associado à divisão de planeamento e ordenamento do território, de modo que possam contribuir para a fiscalização rigorosa de licenciamentos e operações no âmbito do PDM, mas também a nível da gestão patrimonial, exercendo ações de monitorização, fiscalização, formação e sensibilização.

3.6.1. INVENTARIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

- a) PROTOCOLOS COM ENTIDADES SEM FINS LUCRATIVOS

À semelhança de protocolos que o Município de Arouca tem vindo a desenvolver com diversas associações, como por exemplo a Associação para a Defesa do Património Arouquense, no que respeita à digitalização e inventariação de todo o arquivo do extinto jornal local «Defesa de Arouca»; ou do protocolo tripartido que estabeleceu com a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda e a Direção Regional de Cultura do Norte, para a dinamização e gestão do Museu de Arte Sacra do Mosteiro de Arouca, podem ser desenvolvidos outros protocolos semelhantes, com entidades como o Centro de Arqueologia de Arouca, Universidades, Institutos, entre outros organismos que visem a investigação, o tratamento, o inventário e a valorização de acervos arqueológicos; a dinamização de ações de formação e

sensibilização; o apoio em processos e consultoria patrimonial, de forma a dar resposta às necessidades locais ou complementar e apoiar os serviços municipais.

b) TRABALHOS DE OBSERVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Como se verificou, existe um número considerável de sítios que se encontram por localizar, outros cujo estado de conservação está por determinar, bem como tipologias e cronologias por precisar. Nesse sentido, deve ser elaborado um plano de trabalhos arqueológicos, que analise, de forma particular, os sítios registados com itens «indeterminado», para que se desenvolvam uma série de prospeções intensivas e/ou sondagens arqueológicas e geofísicas, quando justificável, e se afira o estado de conservação desses locais, as cronologias, as tipologias, ou mesmo para que se resgate alguma informação arqueológica relevante sobre sítios que têm o estatuto de destruído e/ou parcialmente destruído.

Estas ações, quando dirigidas ao património dado como destruído, poderão servir, também, para a definição final do seu estado de conservação. Confirmando-se a sua destruição total e o não resgate de qualquer informação arqueológica, a sua própria condição e as condicionantes que este impõe a nível de PDM, poderão ser redefinidas.

c) ACERVO/ DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO

As 42 intervenções arqueológicas registadas em Arouca terão acumulado diversos contentores de material arqueológico, que se encontra disperso por diversas entidades. Se uma boa parte estará à guarda do Centro de Arqueologia de Arouca, haverá outro ainda disperso entre o Seminário Maior do Porto, a Real Irmandade da Sainha Santa Mafalda, o Centro de Interpretação Geológica de Canelas, a Direção Regional de Cultura, e, também, de algumas empresas e particulares que realizaram algumas das intervenções no concelho. Seria de todo o interesse público que fosse criado um acervo arqueológico por parte do Município de Arouca, reunindo a si todo este material arqueológico (ou, pelo menos, o que fosse possível), devidamente lavado e catalogado, de forma a poder disponibilizá-lo para consultas, estudos, investigação, comunicação ou mesmo exposições arqueológicas.

d) SISTEMA PATRIMONIAL

O desenvolvimento de uma base de dados de Sistema Patrimonial tem como objetivo estender a inventariação e a caracterização patrimonial a valores mais abrangentes que os arqueológicos, salvaguardando-os pelo registo. Nesse sentido, propõe-se que os sítios arqueológicos e o património construído integrem este Sistema Patrimonial, a desenvolver em plataforma em base de dados ou plataforma SIG, onde se integre, também, o património classificado, o histórico e o etnográfico. Para o património histórico e etnográfico propõe-se a condicionante de salvaguarda pelo registo técnico-descritivo, a efetuar, preferencialmente, pelos serviços técnicos municipais. Dentro desta categoria, poderão figurar alminhas, quintas senhoriais, pontes históricas, caminhos antigos, moinhos, pisões, muros apiários, entre outros elementos que sejam de interesse público salvaguardar, pelo menos, a memória da sua existência.

e) ATUALIZAÇÃO DO ENDOVÉLICO – INVENTÁRIO GERAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A criação do Endovélico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica, em 1998, pelos serviços centrais Tutela Arqueológica, é uma das ferramentas essenciais para a proteção do património a nível nacional. Nesse sentido, é necessário comunicar todos os sítios da Carta Arqueológica de Arouca à Tutela, de forma a atualizar a base de dados nacional de sítios arqueológicos. É, essencialmente, através desta plataforma que empresas externas verificam a existência de sítios arqueológicos inventariados na região, aquando solicitados serviços de arqueologia. De frisar que apenas 129 dos 239 sítios da Carta Arqueológica de Arouca estão inventariados nesta plataforma.

3.6.2. PROTEÇÃO E SALVAGUARDA

a) SÍTIOS ARQUEOLÓGICAMENTE INTERVENCIONADOS

Arouca tem, pelo menos, 42 sítios intervencionados arqueologicamente, em diversas épocas e fases da história da arqueologia, bem como em diversos contextos. No âmbito da investigação, as primeiras escavações realizaram-se nas décadas de 50/60, com D. Domingos de Pinho Brandão. Mais tarde, nas décadas de 80/90, com o arqueólogo Fernando Augusto Pereira da Silva; e, recentemente, entre a década de 90 e 2008, com intervenções do Centro de Arqueologia de Arouca.

Cessados esses campos arqueológicos, apenas um foi valorizado – o Casal Romano da Malafaia, sendo que em nenhum outro se prosseguiram escavações ou selaram os contextos arqueológicos. Fruto de vandalismo, colonização biológica ou proliferação de espécies invasoras como as acácias ou, simplesmente pelo abandono desses locais, expostos à erosão dos contextos através das condições meteorológicas, estes sítios têm vindo a degradar-se progressivamente. Sondagens abertas acabam por ser alvo de despejo de lixo de construção ou doméstico, a flora destrói as estruturas com as suas raízes, os locais ficam acessíveis e acabam por ser interpretados pelas pessoas como simples amontados de pedras ou sítios já escavados, sem interesse, sendo destruídos por atividades lúdicas, agrícolas, florestais, entre outras. Dada a exposição a que estes sítios estão sujeitos, deveriam ser avaliados, sinalizados, limpos e selados, por meio de trabalhos arqueológicos metódicos e objetivos. Esses trabalhos poderiam ser concretizados através de contratação pública de equipas ou de empresas especializadas, por serviços municipais ou através de protocolos e colaborações com entidades locais ou nacionais.

b) POLÍTICAS PATRIMONIAIS

Por vezes, no âmbito dos PDM, os cidadãos são confrontados com condicionantes arqueológicas às construções, sem existir um apoio ou esclarecimento adicional por parte dos municípios que não têm esses serviços, não os sabendo esclarecer com o devido rigor. Os cidadãos desconhecem empresas prestadoras de serviços de arqueologia, não estão familiarizados com esses processos, não compreendem os valores cobrados nem a necessidade da realização desses trabalhos, levando à hostilização da arqueologia e do património.

Nesse sentido, as políticas patrimoniais promovidas por cada município podem conduzir a uma melhor aceitação destes encargos e processos, prestando apoio técnico especializado, tanto no

esclarecimento de eventuais dúvidas, bem como no apoio processual, fiscalização de obra e trabalhos arqueológicos, entre outros processos.

Pode ainda ser criado um benefício ou apoio fiscal para encargos arqueológicos, por exemplo a nível de redução e/ou isenção de IMI – Imposto Municipal sobre Imóveis, ou de taxas diversas no âmbito de processos de licenciamento.

Mais do que o promotor da obra, o município é o principal interessado e responsável pela salvaguarda do património, enquanto bem coletivo. Esse compromisso de benefícios em sede fiscal, apoiando e incentivando à boa conduta dos processos de arqueologia em contextos de licenciamentos de obra, deverá ser acompanhado e fiscalizado por pessoal técnico especializado, de preferência do gabinete de arqueologia municipal, salvaguardando, também, o conhecimento da autarquia e da comunidade sobre o sítio.

Estes tipos de apoios podem ainda ser vistos de forma aprofundada, podendo ser aplicados diversos escalões de apoio, nomeadamente se o licenciamento é no âmbito de um processo de construção de 1ª ou 2ª habitação, se é para habitação própria e permanente ou para empreendimento turístico e/ou industrial, entre outras possibilidades.

c) REFORÇAR O PAPEL DAS JUNTAS DE FREGUESIA

As Juntas de Freguesia são o primeiro elo na hierarquia do Estado, promovendo a proximidade entre este e as populações. Gozando desse estatuto, podem potenciar influências e ligações entre as populações, o Estado e o património. Verificou-se que apenas cinco freguesias integram 70% do património arqueológico existente em Arouca. Pequenas medidas ou incentivos que possam ser desenvolvidos, poderão ser suficientes para fazer a diferença.

Nesta matéria podem ser beneficiados os projetos de Orçamento Participativo que envolvam património histórico e arqueológico; podem ser potenciados vários mecanismos de gestão e financiamentos para a conservação regular de património arqueológico, como os que reportam à manutenção de vias e caminhos vicinais pelas Juntas de Freguesia. Estes mecanismos poderão funcionar com verbas cedidas pelo município e direcionadas para a limpeza e gestão patrimonial de áreas arqueológicas, numa lógica de descentralização de competências para as juntas de freguesia, considerando que, muitas vezes, os funcionários municipais afetos a serviços gerais se encontram sobrecarregados. Estes serviços, a realizar pelas juntas de freguesia, teriam de ser acompanhados de

formação e fiscalização técnica especializada, quando assim se justificasse, bem como responder a um plano de trabalhos devidamente estruturado. A lógica de distribuição de verbas poderia obedecer à quantidade de sítios arqueológicos por freguesia, embora o plano de trabalhos tivesse de ter em atenção que nem todos os sítios necessitarão da mesma dimensão de limpeza e manutenção.

d) CONTRATOS DE GESTÃO E MANUTENÇÃO PATRIMONIAL

Considerando a significativa quantidade de sítios arqueológicos em Arouca, a matriz dos locais onde se localizam e as suas características próprias, será de extrema dificuldade para o município ou para a Tutela terem serviços próprios afetos à gestão e limpeza permanente ou programada destes sítios. Aquando se verifique essa impossibilidade, e quando estes também não possam ser articulados com juntas de freguesia, poderá ser realizado um plano de trabalhos que estabeleça uma serie de prioridades por sítios, tendo em consideração as ameaças, o estado de conservação, o uso de solo, entre outros fatores, de forma a dar corpo a um plano de manutenção anual, orçamentado, vertido em caderno de encargos e sujeito a Contratação Pública, a empresas que reúnam condições de efetuar serviços de gestão patrimonial. Um pouco à semelhança do que já é feito, por exemplo, pelas Estradas de Portugal, EP, para manutenção de vias. Este processo teria sempre de ser acompanhado e fiscalizado por serviços especializados da tutela ou da própria autarquia.

e) DISPOSITIVOS DE SINALIZAÇÃO *IN LOCO*

Considerando a vulnerabilidade de uma significativa parte dos sítios arqueológicos de Arouca, dado os seus contextos pré-históricos, surge a necessidade de sinalização desses locais de forma a serem identificados mais facilmente na paisagem, tanto por cidadãos como por técnicos diversos que operacionalizam as mais variadas tarefas diárias interferentes na paisagem e nos solos. Uma das formas de o fazer, poderá ser o desenvolvimento de dispositivos verticais, em madeira, metal ou material eco, instalados pela administração local com o parecer da tutela, identificando o espaço através dos dados sumários de cada sítio, em figura de «Placa de Identidade Patrimonial»: Designação de Sítio Arqueológico, nº CAA, Código Nacional de Sítio (CNS), Período e Tipologia. Deverá, ainda, fazer uma referência à sua proteção, enquadrada legalmente, remetendo qualquer tipo de intervenção no monumento ou nos solos de um raio de 50 metros (na generalidade) a um aviso/comunicação prévia das entidades de administração local, que serão as que estarão em condições de dar uma resposta mais

célere e objetiva. Esta informação poderá ser instalada numa chapa, aplicada à bandeirola ou poste, com selo municipal, e complementada por QR Code, com informação alojada online ou remetendo para uma página oficial do Estado. A advertência à sua destruição ou afetação, deverá dissuadir e informar os eventuais «agressores» da importância do local e das consequências da sua afetação, mas também evitar justificações de destruição por «desconhecimento».

Naturalmente que uma medida desta natureza deve ser antecedida pela comunicação dos sítios aos proprietários, por si só uma medida essencial – a do cadastro de propriedades com Património Arqueológico e respetiva notificação dos proprietários por carta registada e aviso de receção – e, também, deverá ser analisado o seu enquadramento legal, seja a nível nacional ou municipal – este último mais simples.

f) ORDENAMENTO E GESTÃO FLORESTAL

A floresta é o contexto mais fraturante e que maior influência tem no património arqueológico de Arouca. Tanto a leitura dos dados, como as observações das realidades diárias, levam a depreender que o setor florestal, por motivos que lhe são intrínsecos, geográfica e socialmente, é o que menor ordenamento apresenta. Nesse sentido, deve ser feita uma abordagem centralizada às problemáticas deste setor, bem como, particularmente, ao património que se insere em área florestal.

Foram já sinalizados diversos sítios destruídos ou afetados por trabalhos de florestação desde 2015, nomeadamente os sítios nr. °53 - Alagoas 4, o núcleo de Aliviada, em particular os monumentos nr. °47 e nr. °48, o Castro de São João de Valinhas - nr. °126, ou o nr. °10 - Chã da Corujeira, entre outros. Referem-se estes, uma vez que foram comunicados à Tutela, muito embora os efeitos dessas comunicações, se existentes, terão sido discretos. Nota-se, sobretudo, uma ausência de fiscalização, de implementação de sanções ou de medidas compensatórias, que relevam o sentimento de impunidade a crimes e danos patrimoniais, como o caso da absolvição dos visados pela vandalização de uma gravura no Parque Arqueológico do Vale do Côa, o Homem de Priscos, isentando os autores do crime de qualquer sanção ³⁶.

Posto isto, compreende-se que essa análise deverá ser levada a cabo pelos serviços que regulamentam e fiscalizam essas ações, mas considera-se que há também uma responsabilidade e um campo de atuação que pode ser desenvolvido pela administração local, no domínio da prevenção e

³⁶ <https://www.publico.pt/2021/01/21/culturaipilon/noticia/tribunal-absolve-dois-acusados-vandalizar-gravura-parque-arqueologico-coa-1947336>

salvaguarda. Pode haver comunicação entre as diversas entidades competentes, essencialmente de fundo local, como o Município de Arouca, a Associação Florestal, a Cooperativa Agrícola de Arouca, a ADRIMAG, entre outras entidades que fazem projetos de florestação e/ou agricultura, bem como a nível dos mais altos organismos do Estado, entre elas a Direção Regional de Cultura do Norte, Direção Regional de Agricultura e Pescas e o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.

Uma vez mais, serviços municipais de património podem facilitar estes contactos e articulações, principalmente no que respeita ao cruzamento de dados em ações de queima que proliferam pela Serra da Freita, promovidas por entidades públicas; ações de abertura e manutenção de caminhos florestais, dinamizadas por juntas de freguesia com apoios municipais; ou mesmo em situações associadas ao turismo, levando a cabo ações de fiscalização e validação de atividades de operadores e agentes de animação turística que operam no território, sem qualquer ação de monitorização ou de estudo do impacte dessas atividades no património natural ou cultural, assistindo-se, como no sitio nr. ° 195, à destruição de monumentos arqueológicos para acesso a um miradouro natural no Alto do Pereiro, para observação da ponte suspensa 516 Arouca.

Em suma, assiste-se a uma liberalização das diversas atividades que ocorrem, sobretudo, em áreas florestais. O procedimento deverá ser o inverso, iniciando-se uma fiscalização e um controlo mais próximo destas áreas, em particularmente do património que elas guardam.

g) REGULAMENTO DO PDM: PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DE SENSIBILIDADE ARQUEOLÓGICA

Considerando a lista de Património Construído, publicada em anexo no regulamento do Plano Diretor Municipal de Arouca, bem como a sensibilidade arqueológica de catorze artigos que constituem esse inventário, propõe-se a criação de uma subcategoria, «Património Construído de Sensibilidade Arqueológica». Sugere-se, ainda, a adição de uma nova alínea para o Artigo 9.º da Subsecção 2.1. – Valores Patrimoniais, da SECÇÃO 2 – Outras Salvaguardas e Proteções.

Nesse sentido, a alínea deverá prevenir o seguinte:

«5 – Considerando as condicionantes próprias desta categoria, ao Património Construído de Sensibilidade Arqueológica deverão ser aplicadas as condicionantes e medidas de proteção cautelar definidas no Artigo 8.º da subsecção 2.1 Valores Patrimoniais, Secção 2 Outras Salvaguardas e Proteções, sempre que este seja alvo de trabalhos que envolvam o revolvimento de solos ou de pisos e

derrubes de paredes em alvenaria. Esta medida deverá ser aplicada em toda a área de proteção, não inferior a 50 metros».

Esta proposta visa reforçar a necessidade de salvaguarda e proteção do património arqueológico, considerando que muitos dos elementos e monumentos que integram a categoria Património Construído do PDM constituem ou encontram-se em áreas de potencial valor arqueológico, como é o caso da Torre dos Mouros de Lourosa de Campos ou das Igrejas Paroquiais de Alvarenga, Santa Eulália, Covelo de Paivó ou Fermedo. Desta forma, salvaguarda-se o devido acompanhamento por técnicos especializados, sempre que os trabalhos licenciados envolvam potencial afetação arqueológica, seja à cota positiva ou negativa.

Património Construído de Sensibilidade Arqueológica (14/53 elementos do anexo Património Construído):

1. Torre Medieval de Lourosa de Campos (Torre dos Mouros);
2. Igreja Paroquial de S. Salvador do Burgo;
3. Igreja Paroquial de Santa Eulália;
4. Igreja Paroquial de São Pedro (Covelo de Paivó);
5. Igreja Paroquial de Santo André (Escariz);
6. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção (Albergaria da Serra);
7. Igreja Paroquial de Santa Cristina (Mansores);
8. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição (Rossas);
9. Capela de St. ° António (St. ° Eulália);
10. Igreja Paroquial de Santa Eulália;
11. Igreja Paroquial de São Miguel (Urrô);
12. Igreja Paroquial de Santa Marinha (Tropeço);
13. Igreja Paroquial de São Salvador (Várzea);
14. Igreja Paroquial de Fermedo (Fermedo); (esta não consta na atual lista anexa ao PDM);

Dá-se nota, também, da necessidade de colocar uma alínea no regulamento do PDM, que refira a zona de proteção, tanto do património construído como do arqueológico, nunca inferior a uma área de 50 metros.

h) CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

«Consoante o seu valor relativo, os bens imóveis de interesse cultural podem ser classificados como de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal. Um bem considera-se de interesse nacional quando a respetiva proteção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação, sendo que para os bens imóveis classificados como de interesse nacional, sejam eles monumentos, conjuntos ou sítios, adotar-se-á a designação «monumento nacional». Um bem considera-se de interesse público quando a respetiva proteção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de proteção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado. Consideram-se de interesse municipal os bens cuja proteção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um município», Direção-Geral do Património Cultural.

Entre as medidas de proteção e salvaguarda, propõe-se a classificação de cinco novos sítios de interesse histórico-arqueológico, que se consideram como referente social e identitário para as comunidades da região. Propõem-se as seguintes classificações:

- a) Dólmen da Portela da Anta – Imóvel de Interesse Público;
- b) Dólmen de Venda da Serra – Imóvel de Interesse Público;
- c) Torre dos Mouros – Imóvel de Interesse Público;
- d) Carreira de Moinhos de Alvarenga – Imóvel de Interesse Público | Municipal;
- e) Aldeia do lugar da Drave – Sítio de Interesse Público;

3.6.3. VALORIZAÇÃO E PROMOÇÃO CULTURAL

a) SENSIBILIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO

A sensibilização, o exercício de uma ciência cidadã e a educação patrimonial no seio das comunidades e das diversas entidades, públicas e privadas, será um dos principais meios para atingir melhores resultados no que respeita à preservação de património. Para isso, é necessário um papel ativo e concertado das entidades que dominam este conhecimento, das quais, no caso de Arouca, se reforça a responsabilidade do Município de Arouca e da Associação Geoparque Arouca, enquanto entidades gestoras e detentoras das classificações de Geoparque Mundial da UNESCO, das unidades interpretativas e museus do território, de programas e projetos educativos, e, sobretudo, principais impulsionadores da animação cultural e patrimonial na região. Para isso, é necessária a delimitação de projetos e programas devidamente estruturados, que retenham as principais dificuldades e entraves à conservação do património, criando e desenvolvendo formas de agir que mitiguem esses efeitos.

b) PLANO DE GESTÃO PATRIMONIAL

Um Plano de Gestão Patrimonial, devidamente pensado e estruturado, a médio e longo prazo, será uma ferramenta chave para esse princípio, contendo, além de todas as sugestões referidas, um plano de valorização patrimonial. Esse programa deverá ter em consideração as questões e as realidades levantadas pela atualização da Carta Arqueológica de Arouca, de forma a priorizar e rentabilizar investimentos, a fundamentar e apoiar tomadas de decisão, e a preparar candidaturas para os fundos comunitários 2021 – 2027, em particular Plano de Recuperação e Resiliência e do Portugal 2030.

c) SINERGIAS CULTURAIS

Por sinergias culturais entende-se a promoção de protocolos e de articulações nas diversas áreas e temáticas do património. Em Arouca existem diversas entidades ligadas ao património cultural, como o Município de Arouca, a Associação Geoparque Arouca, o Centro de Arqueologia de Arouca, a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, a Santa Casa da Misericórdia de Arouca, o Museu das Trilobites Gigantes, a Associação para a Defesa do Património Arouquense, entre outras, e todas estas entidades são proprietárias ou gestoras de património cultural. Porém, por vezes, promovem-no e valorizam-no individualmente. Todavia, esse património tem um elo – o ser humano e a história do Homem em Arouca.

Deve ser considerada a potenciação dessa ligação, de modo a fazer esse trabalho de gestão e promoção cultural em rede, e de forma integrada. Essa rede de sinergias potenciará a valorização e a dinamização desse bem coletivo.

d) *ITER HOMINIS*

O *Iter Hominis*, projeto que se apresenta no próximo capítulo, promoveu as condições mínimas de valorização a 30 sítios de interesse histórico e arqueológico, em particular ao Casal Romano da Malafaia, onde se desenvolveram escavações e a musealização *in situ* dessa estação arqueológica. Não obstante, e seguindo a lógica embrionária da estruturação do projeto, para cada período da história da ocupação humana em Arouca poderá ser selecionado um sítio chave. Dentro das possibilidades existentes, e pelas realidades conhecidas através da atualização da Carta Arqueológica de Arouca, e referindo-se particularmente a monumentos, entende-se que reúnem condições de valorização os sítios da Portela da Anta, Venda da Serra 2, Aliviada 1, 2 e 7, para a pré-história. Para a proto-história, o Castro de S. João de Valinhas será o melhor posicionado; para o período romano, além do Casal Romano da Malafaia, que já recebeu investimento (zelando-se, agora, pela sua manutenção), sobressai a mina romana da Gralheira d'Água, com potencial científico e turístico, bem como novos troços de calçada romana, além do que se encontra em valorização junto ao Cruzeiro (Escariz). Para o período medieval, encontra-se o mosteiro, em valorização nos últimos anos, bem como o Castelo de Arouca, em S. João de Valinhas, gozando da sua posição, junto ao parque urbano da Ribeira do Gondim.

Para os períodos moderno e contemporâneo, surgem sobretudo ligações ao património arqueológico e etnográfico, como a Carreira de Moinhos da freguesia de Alvarenga ou o Lagar de Azeite da Póvoa da freguesia de Moldes, a Casa da Ribeira na vila de Arouca, ou alguns santuários. De relevar, por último, os sítios arqueológicos dos complexos mineiros de Regoufe (União de Freguesias de Còvelo de Paivó e Janarde) e de Rio de Frades (União de Freguesias de Cabreiros e Albergaria), atuais núcleos turísticos, mas cujos espaços devem ser urgentemente intervencionados do ponto de vista da salvaguarda e conservação, numa perspetiva de valorização.



Figura 31 - Logótipo do *Iter Hominis*. © Associação Geoparque Arouca

CAPÍTULO IV

4. ITER HOMINIS

O projeto que se afigura como *Iter Hominis*, integrou uma candidatura à Linha de Apoio à Valorização Turística do Interior, do Programa Valorizar, financiado pelo Turismo de Portugal. Essa candidatura, apresentada pela AGA – Associação Geoparque Arouca, designou-se por Arouca Geopark 4.0, obtendo aprovação em dezembro de 2017, com um montante financiado de 287.000,00€. Desse valor, mais de 100.000,00€ foram destinados ao projeto *Iter Hominis*.

Revelando-se complexo, o projeto apresenta já uma taxa de execução de 90%, prevendo-se a sua apresentação pública durante o segundo semestre do corrente ano.

A expectativa é que venha a atribuir visibilidade ao património arqueológico, constituindo a mais recente oferta turística, pedagógica e científica do Arouca Geopark, canalizando, dessa forma, a atenção e os financiamentos necessários para a conservação e salvaguarda do património arqueológico da região. Por esse motivo, aqui se apresenta no capítulo IV deste trabalho, esperando constituir um caso de boas práticas.

O primeiro ponto faz um enquadramento e contextualização ao projeto, bem como ao conceito que esteve por trás da sua estruturação. O segundo explica a estrutura de procedimentos a que o *Iter Hominis* esteve sujeito, passando, depois, por uma breve exposição sobre cada um deles. Dedicar-se maior texto à apresentação da intervenção *Iter Hominis* no Casal Romano da Malafaia, uma vez que se considera ser uma temática relevante para esta obra, onde se realizaram trabalhos arqueológicos e de valorização e musealização efetiva.

4.1. ENQUADRAMENTO

O *Iter Hominis* foi ideologicamente concebido para representar uma marca cultural, propriedade industrial registada pela AGA – Associação Geoparque Arouca, tendo como primordial objetivo a valorização e a promoção, de forma integrada e em rede, do património cultural do Arouca Geopark, com especial ênfase para o histórico e arqueológico.

A sua execução materializa-se na sinalização de um conjunto de 30 sítios histórico arqueológicos, através de sinalética interpretativa instalada em cada um deles e de um guia de descoberta, em formato papel. O *Iter Hominis* inicia-se, assim, na Casa das Pedras Parideiras, cujo primeiro contacto com o público se dá através de um expositor interativo, instalado na receção dessa unidade interpretativa. Esse expositor contém peças da pré-história, provenientes de sítios arqueológicos da Serra da Freita, com as quais a interação e descoberta se dá através de um ecrã tátil e de conteúdos apresentados num monitor. De seguida, e mantendo o interesse por parte do público, este é convidado à visualização de dois filmes documentais em 3D, sobre a ocupação humana no Arouca Geopark, sendo um direcionado para o público em geral e outro para o público infantil, totalmente desenvolvido em desenho animado. Concluída essa visualização, o público é convidado a partir à descoberta da história do Homem no Arouca Geopark, através do guia de campo *Iter Hominis*, tendo como base os 30 sítios de interesse histórico arqueológico.

Este projeto privilegiou, ainda, a conclusão das intervenções arqueológicas do sítio «Casal Romano da Malafia», bem como a sua valorização.

A associação de todos os passos deste «*storyboard*», divididos em diversos procedimentos contratuais, permitem alicerçar o arranque de um produto e selo cultural para o património do Arouca Geopark, aproximando as condições de fruição e de valorização do património histórico e arqueológico às apresentadas pelo património geológico deste território, que se valoriza desde 2008.

a) CONCEITO E IDENTIDADE

A designação «*Iter Hominis*» surge da procura por um nome curto, objetivo, facilmente inteligível e associável à história e à humanidade. Considerou-se que *Iter Hominis*, por estar em latim, seria diretamente associável a algo «antigo» e histórico. Por outro lado, acompanha as questões da igualdade de género, não relevando um género em específico, mas que a primeira opção de designação «Rota do Homem» poderia levantar.

A nível de entidade visual e comunicação da oferta, dispensa a tradução para outras línguas, mantendo, sempre, a mesma designação e fortalecendo a imagem. Por outro lado, a designação de «Rota» já existia no território, com a «Rota dos Geossítios», e é algo comum – Rota do Românico, Rota do Megalitismo, Rota do Vinho Verde, entre outros roteiros. A singularidade e a criatividade procuram aqui o seu lugar, pelo que a designação *Iter Hominis* traduz, ainda, o objetivo deste projeto. Não é, somente, um roteiro, não começa no ponto A e termina no ponto B. É um projeto de valorização patrimonial abrangente, que poderá encabeçar um manancial de atividades e ações diversas, permitindo sempre a descoberta e o percurso histórico da humanidade neste território, do ponto de vista cronológico e geográfico.

Embora ainda numa fase embrionária, em que estariam a arrancar os primeiros procedimentos de contratação pública para a execução das rubricas iniciais do projeto, em setembro de 2018, o *Iter Hominis* foi, pela primeira vez, e ainda em esboço, apresentado numa sessão de posters da 8ª Conferência Internacional de Geoparques, em Itália, no Adamello Brenta UNESCO Global Geopark e, em 2019, foi abordado em duas comunicações a respeito da valorização do património histórico e arqueológico e do seu contributo para o desenvolvimento dos Geoparques Mundiais da UNESCO, figurando e contribuindo para a discussão, acredita-se, como caso de boas práticas. A primeira ocorreu em maio, no Município de Seia, no Geoparque Estrela, no âmbito da 2ª Conferência Internacional 3MG - Managing Mediterranean Mountain and Geoheritage, e a segunda em setembro, em Sevilha, na 15ª edição da Conferência de Geoparques Europeus.

4.2. PROCEDIMENTOS E ESTRUTURA DO PROJETO

A estruturação do projeto iniciou-se pela seleção de 30 sítios histórico arqueológicos, mediante critérios como localização e proximidade a redes viárias, estado de conservação, enquadramento e relevância científica, pedagógica e turística. Após o apuramento desses cenários *Iter Hominis*, foi necessário estruturar o projeto mediante as necessidades identificadas na altura. Dada a natureza do financiamento, e como é prática da AGA – Associação Geoparque Arouca, foi necessário abrir procedimentos de contratação pública por consulta prévia para cada rúbrica, exigindo, para cada uma, um caderno de encargos.

Abordam-se as fases do projeto na mesma sequência desses procedimentos.

4.2.1. CASAL ROMANO DA MALAFAIA

O Casal Romano da Malafaia designa um sítio arqueológico em pleno vale do Arda, que representa uma modalidade de ocupação denominada por «Casal Agrícola». Palco de diversas intervenções arqueológicas, entre 1995 e 2008, o *Iter Hominis* veio dar um contributo para o processo de conhecimento e musealização *in situ* desta estação arqueológica.

A identificação do sítio ocorreu 1987, através da identificação de cerâmica romana de construção nos taludes de um caminho vicinal, levando, em 1995, às primeiras intervenções arqueológicas de emergência. Entre 2002 e 2008, foi intervencionado por campanhas arqueológicas de voluntariado de verão, no âmbito do projeto de investigação PAIVAR, dinamizado pelo Centro de Arqueologia de Arouca, autor da descoberta e das intervenções de emergência, e financiado pelo antigo Instituto Português de Arqueologia e pelo Município de Arouca (Silva 2003). Durante este período de trabalhos arqueológicos, intervencionou-se uma área com cerca de 270 m² (Silva, Lemos & Ribeiro 2008, 2013), que proporcionou grande parte do conhecimento que hoje temos sobre o local, alargando-se para os 310 m², em 2013, no âmbito do acompanhamento arqueológico da instalação de equipamentos de apoio à visitação, muito embora estes trabalhos pouco tenham acrescentado ao conhecimento encerrado em 2008 (Silva, Lemos & Ribeiro 2017).

Nesse sentido, considera-se que o sítio integra a tipologia de «Casal Agrícola», registando como primeiro momento de ocupação o período entre a 2^a metade do séc. I e a 1^a metade do séc. II,

prolongando-se até aos séculos V-VI, sendo depois abandonado. Em período medieval, séc. X, o local voltaria a ser novamente habitado, ainda que de forma temporária (Silva et al. 2004, 2008, 2013, 2014, 2017).

Em 2018, já no âmbito do projeto *Iter Hominis*, realizaram-se novos trabalhos arqueológicos na expectativa de se concluírem os pendentes e de terminar um ciclo de investigação que se terá iniciado naquele local, em 1995. Por outro lado, esperava-se permitir, também, a musealização *in situ* das ruínas, colocadas a descoberto ao longo de uma década.

a) A VALORIZAÇÃO DO SÍTIO (2013 A 2017)

Segundo se pode ler nos relatórios das intervenções arqueológicas do Casal Romano da Malafaia, o interesse pela musealização do sítio terá partido da Junta de Freguesia de Várzea, contagiando o Município de Arouca, que avançou para a aquisição da propriedade em 2005.

Em 2008, as intervenções arqueológicas, promovidas no âmbito do projeto PAIVAR, foram interrompidas por falta de financiamento local e, em 2013, o Município de Arouca iniciou trabalhos de valorização e musealização da envolvente do sítio arqueológico, precedidos por sondagens de avaliação arqueológica e posterior acompanhamento de obra (Silva et al. 2017).

Esse projeto de valorização envolveu a construção de um muro em betão armado, para consolidação exterior do terreno onde se encontram as ruínas, uma zona para estacionamento automóvel, um pequeno deque pedonal com balcão de observação para a área arqueológica, e um edifício de apoio, com instalações sanitárias e uma área de exposição para informação gráfica e dois objetos arqueológicos.

Como dão nota os autores da intervenção arqueológica, este projeto, apoiado por financiamento comunitário, não contemplou os necessários trabalhos de conservação e de valorização das estruturas arqueológicas, resultando no seu conseqüente desmoronamento e degradação.

Não obstante, o projeto municipal não descorou da colocação de painéis interpretativos no local, bem como na exposição de duas peças – um fragmento de mó manual rotativa e uma telha (*tegulae*) reconstruída – em dois plintos individuais, no interior da receção, embora estas só tenham vindo a ser colocadas no local em 2017, pela Associação Geoparque Arouca.

b) INTERVENÇÃO *ITER HOMINIS* (2019 a 2022)

Após a aprovação da candidatura, o primeiro procedimento a decorrer foi o do Casal Romano da Malafaia. Desta forma, a valorização estaria disponível aquando das filmagens, fotografias, bem como as informações e os conteúdos atualizados com os novos dados que pudessem surgir.

Entre 2018 e 2019, procurou-se concluir as escavações dos setores em aberto, bem como realizar os devidos trabalhos de conservação e restauro e melhorar a interpretação e a apresentação do sítio, de acordo com os princípios basilares da Carta de Interpretação e Apresentação de Sítios e Património Cultural, definidos pelo ICOMOS, a 4 de outubro de 2008. O procedimento contemplou três fases de trabalhos:

- a) conclusão dos trabalhos de escavação arqueológica;
- b) conservação e restauro de estruturas arqueológicas;
- c) atualização e colocação de novos painéis interpretativos;

Limitados por um valor base de 12.000€ + IVA, estes trabalhos visaram colmatar as necessidades identificadas, não só de escavação arqueológica mas também de conservação e restauro, nomeadamente a colocação de plástico, geotêxtil e gravilha entre as ruínas, de forma a evitar o deteriorar das unidades arqueológicas e estruturas conservadas, impedir a sucessiva colonização biológica da estação arqueológica; colocação de escoamentos e paramentos nos taludes para minimizar derrubes; a estabilização e recuperação de estruturas arqueológicas e melhoramentos na interpretação do sítio.

Para a realização destes trabalhos, foi elaborado um procedimento de contratação pública, com caderno de encargos de arqueologia e de conservação e restauro.



Figura 32 - Casal Romano da Malafaia antes da intervenção *Iter Hominis*.



Figura 33 - Casal Romano da Malafaia após a intervenção *Iter Hominis*.

Partilham-se os seguintes resultados:

- a) Recuperação dos alinhamentos dos muros que se foram confirmando ao longo da intervenção de 2018;
- b) Reabilitação de algumas estruturas que haviam cedido, bem como a estabilização de outras que se encontravam em risco de ruir;
- c) Colocação de escoamentos e de paramentos em madeira em alguns taludes, evitando a erosão da área arqueológica;
- d) Redução da probabilidade do crescimento de ervas e outros tipos de colonização biológica, através da colocação do plástico, coberto por geotêxtil para sua proteção;

Resultados a melhorar:

- a) No que respeita à leitura do sítio, após a colocação de gravilha, percebeu-se que se poderia ter optado pela colocação de gravilha de cor diferenciada, definindo estruturas que não reuniam condições de conservação para ficarem expostas (lareiras, pisos, estrutura 2c, base de forno, entre outras). Ao colocar gravilha de outra cor a assinalar os limites dessas estruturas, poder-se-ia ter obtido uma leitura interpretativa mais interessante e facilitada.
- b) O impedimento, doravante, da circulação de grupos por entre as ruínas, com risco de o pisoamento da gravilha furar o plástico que se encontra sob o geotêxtil. Deste modo, a experiência de visita é mais distante, e não tão interativa. Soma-se, também, que não será possível mostrar alguns pormenores arquitetónicos das estruturas.

c) INTERPRETAÇÃO *ITER HOMINIS*

O circuito de visita foi igualmente melhorado, embora seguindo a linha anterior. Na receção encontrava-se informação relativa à descoberta do sítio, ao processo de escavação e às fases de ocupação; uma descrição dos principais materiais encontrados no sítio e um mapa com outros sítios arqueológicos de período romano no concelho de Arouca. No deque, sobre as ruínas, encontrava-se uma planta arqueológica do sítio.

A abordagem *Iter Hominis* centrou-se não no sítio, ou na arqueologia do sítio, mas sim na descoberta das pessoas que habitaram o lugar. Procedeu-se ao desenvolvimento de novos conteúdos e à reformulação dos antigos, agora num esquema mais gráfico, com recurso a ilustração e a textos bilingue, sempre que possível organizados em pequenas caixas.

À entrada do sítio, reutilizando-se uma estrutura, colocou-se um painel que introduz o império romano ao visitante, abordando como chegaram os romanos à península ibérica e de que forma se instalaram, em particular, nesta região.

No interior da receção, atualizou-se e reformulou-se a organização da informação. Os painéis foram substituídos por maiores, rentabilizando melhor o espaço disponível e permitindo aumentar a letra do texto, facilitando a leitura de quem se encontra a visualizar o interior da receção a partir do exterior. A abordagem aos conteúdos inicia-se pela ocupação do sítio e pelas estruturas do «Casal Romano da Malafaia», centrando-se, depois, não na descrição dos objetos em si, mas na informação que os objetos trazem. Ou seja, a título de exemplo, ao invés de legendas descritivas, como «Pesos de Tear», há agora lugar a legendas interpretativas sobre a temática da «Tecelagem». Ao invés de uma legenda «*Terra Sigillata*», com um descritivo arqueológico ou de inventário, aborda-se o tema «Serviço de Mesa» em período romano, onde se integra a *Terra Sigillata* e outros materiais, tais como louça comum ou de paredes finas.

Por fim, aborda-se a temática «Arouca Romana», com o objetivo de fazer a ligação entre os vários sítios romanos identificados em Arouca.

Já no deque, sobre o sítio arqueológico, apresenta-se a planta do sítio e das estruturas, em parte ocultadas pelo processo de musealização, uma ilustração interpretativa do que poderia ter sido o sítio em época romana³⁷, e um terceiro painel com a interpretação da paisagem, enquadrando a implantação da quinta romana naquele local e a sua contextualização natural.

Os conteúdos bilingue (Pt /En), foram produzidos e atualizados pela Araducta Unipessoal, empresa de arqueologia responsável pela intervenção no local em 2013 e no âmbito do *Iter Hominis*, e posteriormente reformulados e traduzidos para inglês. Após o tratamento da informação e adaptação ao que se considerava ser a abordagem mais interessante ao sítio, foram tratados graficamente pela Anyforms que, através da ilustração e do desenho gráfico como ferramenta essencial para a reconstituição e interpretação da história, facilitam a compreensão e transmissão do conhecimento para o visitante.

³⁷ Segundo os autores das intervenções, a Malafaia teria como semelhante o sítio romano do Monte da Charneca 4, Mourão, pelo que o autor da ilustração, José Luís Madeira, cedeu a ilustração publicada por Maria da Conceição Lopes (2013) para efeitos de divulgação da Malafaia. Nesse sentido, a proposta da Anyforms terá por base esta reconstituição;



Figura 37 - Painéis interpretativos pré-existentis no Casal Romano da Malafaia. ©Associação Geoparque Arouca.



Figura 36 - Painéis interpretativos *Iter Hominis*, no Casal Romano da Malafaia. ©Associação Geoparque Arouca.



Figura 35 - Painel interpretativo *Iter Hominis*, colocado à entrada do sítio.



Figura 34 - Exercício de estruturação de suportes para os painéis *Iter Hominis*, colocados no balcão sobre as ruínas do Casal Romano da Malafaia. ©Associação Geoparque Arouca

4.2.2. CASA DAS PEDRAS PARIDEIRAS

A «Casa das Pedras Parideiras» é o centro interpretativo do fenómeno geológico «Granito Nodular da Castanheira». Aberto diariamente, das 9h às 18h, na aldeia da Castanheira (Serra da Freita), este espaço é composto por uma mostra geológica a céu aberto e outra coberta, um auditório no piso 0, wc, e um espaço loja no piso 1.

O fenómeno, que se caracteriza pela formação de nódulos biotíticos no granito e a sua posterior libertação da rocha mãe, por meio da termo e crioclastia³⁸, levou os habitantes da aldeia a desenvolver algumas superstições ao longo dos tempos, em torno do «mito» Pedras Parideiras. Não compreendendo o fenómeno, atribuíram-lhe propriedades de seres vivos, transmitindo crenças de fertilidade a quem por lá passava. O prodígio, documentado como «Pedra Parideira» pelo menos desde o séc. XVIII, pelo Pe. Luiz Cardoso, na sua obra *Dicionário geográfico ou noticia histórica...* (Cardoso 1751, Vol. II:505), está hoje em destaque neste espaço interpretativo.

Inaugurado em 2012, a Casa das Pedras Parideiras recebe cerca de trinta mil visitantes anuais, uma boa parte proveniente de escolas nacionais e internacionais, através dos programas educativos do Arouca Geopark, pelo que terá sido considerado como um potencial «ponto de partida» para a comunicação do *Iter Hominis* no território. Além da sua afluência, o espaço, da gestão da Associação Geoparque Arouca, já tem disponível equipamentos, tais como auditório e wc ou pessoal técnico que assegura um horário de abertura alargado, e uma marca consolidada com localização privilegiada, em plena Serra da Freita, próximo a alguns dos monumentos pré-históricos mais interessantes do Arouca Geopark. Soma-se a particularidade de se terem identificado, nos monumentos funerários 1 e 2 de Monte Calvo, do II milénio a.C., dois nódulos de Pedra Parideira, colocados intencionalmente na base das sepulturas.

Desta forma, renovando a oferta turística do espaço, e correspondendo às necessidades do *Iter Hominis*, projetou-se um expositor interativo para a receção, com uma mostra arqueológica da pré-história e, particularmente, com a exposição dos nódulos de Pedra Parideira provenientes das sepulturas de Monte Calvo, constituindo essa a primeira valorização humana conhecida deste fenómeno geológico. No auditório, disponibilizam-se para visualização dois documentários sobre a ocupação humana do Arouca Geopark, em 3D. Um deles direccionado para o público em geral, e um outro para público infantil,

³⁸ <http://aroucageopark.pt/pt/conhecer/geodiversidade/geossitios/pedras-parideiras/>

justificado pela afluência de escolas que recorrem aos programas educativos desta entidade, em particular à Casa das Pedras Parideiras.

a) EXPOSITOR INTERATIVO

O expositor interativo foi projetado para introduzir o *Iter Hominis* ao visitante do Arouca Geopark, que inicia a descoberta do território pelo centro interpretativo Casa das Pedras Parideiras. Este expositor interativo remete-nos para o período da ocupação pré-histórica da região, com especial destaque para a Serra da Freita.

A interação e navegação pelos conteúdos do expositor faz-se através de um ecrã tátil, disponível ao centro do equipamento, com projeção no monitor. O monitor transmite conteúdos de vídeo e imagem, trabalhados graficamente, com sonoplastia e locução em português, e legendagem em português, inglês e francês.



Figura 38- Expositor interativo *Iter Hominis*, disponível na Casa das Pedras Parideiras. ©Associação Geoparque Arouca

Os conteúdos digitais, acedidos online por BackOffice remoto, foram hierarquizados da seguinte forma: I- Introdução, II - Portela da Anta, II - Monte Calvo, III - peças arqueológicas e IV - réplicas arqueológicas. Por sua vez, a apresentação desses conteúdos no monitor interage com as peças arqueológicas, expostas na vitrine, através de um jogo de luzes.

Sob o ecrã tátil, encontra-se um gavetão onde estão disponíveis um conjunto de réplicas de materiais pré-históricos, cuja intenção é a de permitir a acessibilidade visual e tátil ao visitante. Por baixo do gavetão, encontra-se ainda um espaço privado para armazenamento de material diverso da Casa das Pedras Parideiras, dando resposta às necessidades de arrumação daquele Centro Interpretativo.

Este equipamento foi projetado para corresponder a necessidades básicas de mobilidade reduzida (pela altura e inclinação da vitrine) e a questões de acessibilidade audiovisual, envolvendo uma

equipa bastante ampla, desde a sua projeção à concretização (designer gráfico e de produto, programador de software, especialista em carpintaria, ilustrador gráfico e locutor, entre outros). Por sua vez, as peças foram cedidas pelo Centro de Arqueologia de Arouca, com conhecimento da Direção Regional de Cultura do Norte, através de um contrato de comodato entre a AGA – Associação Geoparque Arouca, e o Centro de Arqueologia de Arouca. O valor base do investimento neste expositor foi de 5.000€ + Iva.

b) DOCUMENTÁRIOS

A transmissão de conhecimento por meio de audiovisuais é, cada vez mais, uma ferramenta fundamental do discurso museológico dos museus e centros de interpretação. Como referido, a Casa das Pedras Parideiras possui equipamento de projeção, nomeadamente um televisor 3D, pelo que se procurou o seu aproveitamento. Por outro lado, este espaço exhibe, desde 2012, o mesmo documentário sobre as Pedras Parideiras, pelo que a disponibilização de uma nova oferta beneficia também o espaço.

Projetaram-se dois documentários em 3D, que abordam a ocupação humana do Arouca Geopark, desde a pré-história à atualidade.

O primeiro documentário *Iter Hominis* é direcionado para o público em geral, com uma duração de cerca de 20 minutos, em 3D estereoscópico.

A sua narrativa inicia-se, precisamente, na Casa das Pedras Parideiras, com o Professor Doutor Manuel Sobrinho Simões, patologista com ligações a Arouca, em lugar de cicerone desta história. O cicerone procede à abertura e à introdução dos diversos períodos históricos da região e das diversas temáticas, sendo estas interligadas por imagens do território e animações.

A história segue para os monumentos mais antigos do território, datados dos finais do V milénio a.C., prosseguindo, depois, para a Idade do Bronze, onde se abordam os primeiros vestígios de habitat no território. Neste ponto deixa-se, também, uma nota para as sepulturas de tradição megalítica. Avança-se para o I milénio a.C., com todos os acontecimentos desse período, desde o desenvolvimento da cultura castreja, os contactos com povos mediterrânicos e a chegada dos romanos. Do período romano e das suas particularidades neste território, segue-se para o período suevo-visigodo, cujos vestígios são discretos no Arouca Geopark, dando entrada no período alti medieval, através de algumas curiosidades sobre os vestígios da assim designada reconquista Cristã em Arouca. Passa-se, de leve, pelo mosteiro, seguindo-se para a idade moderna e fazendo-se a ponte com a contemporânea, desde logo pelas

vicissitudes dos últimos séculos da nossa era, com o Liberalismo, as disputas entre republicanos e democratas e as Grandes Guerras Mundiais. O documentário termina com o desenvolvimento da região, pós 25 de abril, até aos dias de hoje.

O guião foi desenvolvido com base em documentação científica histórica e arqueológica local, auxiliado, pontualmente, por publicações genéricas sobre a história de Portugal e arqueologia em geral. Os textos foram sendo revistos e adaptados, numa espécie de «leva e traz», entre a coordenação do projeto e a empresa produtora, EMRELEVO, chegando a mais de uma dezena de versões do guião até se encontrar o «produto final». Produziu-se, de seguida, o documento designado por «réperage», onde se associou o texto a propostas de conteúdo audiovisual. Ou seja, a cenários para filmagens, ilustrações a desenvolver, entre outros pormenores.

As dificuldades na concretização deste procedimento prenderam-se sobretudo com o *budget* disponível, considerando que o valor base de adjudicação foi de 32 520€ + Iva; com o formato 3D que, por si só, é limitativo no que respeita à criatividade cinematográfica das filmagens (considerando o *budget* disponível); e com a complexidade de se identificarem peças, materiais e cenários para ilustrar algumas passagens.

O segundo documentário, Arouca Geopark – A Aventura Do Conhecimento, é dirigido ao público infantil, que visita anualmente a Casa das Pedras Parideiras, no âmbito dos programas educativos da AGA. Este vídeo, também em 3D, tem cerca de 10 minutos e foi produzido integralmente em desenho animado. A narrativa teve por base a do guião do público em geral, com a preocupação de se reduzir, significativamente, o tempo de documentário para cerca de metade, bem como de simplificar e adaptar os conteúdos aos programas educativos nacionais do 1º e 2º ciclo.

Estes documentários, procuram promover os sítios *Iter Hominis* e introduzir, de forma genérica e apelativa, a história da ocupação humana do território. Após a sua visualização, os visitantes são convidados a adquirir o guia de campo *Iter Hominis* e a partir para a aventura de descoberta do território e dos sítios onde decorrem as imagens e estórias.



Figura 40 - Ações de gravação do documentário geral, na Portela da Anta.
©Associação Geoparque Arouca



Figura 39 - Imagem de uma ilustração do documentário geral (minuto 3.45).
©Associação Geoparque Arouca



Figura 41 - Imagem do documentário infantil (minuto 1.47). ©Associação Geoparque Arouca

4.2.3. INTERPRETAÇÃO ITER HOMINIS

Uma vez selecionados os 30 sítios a integrar o projeto, nesta primeira fase, mediante critérios como localização e proximidade a redes viárias, estado de conservação, enquadramento e relevância científica, pedagógica e turística, informação e dados arqueológicos disponíveis, foi necessário estruturar os níveis de interpretação que se pretendia atribuir aos sítios, bem como as formas de o fazer, mediante o que se considerava como necessidades para o património arqueológico do território.

Definiu-se que a interpretação poderia ser realizada de três a quatro formas: a) guia de campo *Iter Hominis*; b) painéis interpretativos; c) conteúdos alojados online; d) APP Arouca Geopark – Smart Geotourism Destination.

a) GUIA DE CAMPO *ITER HOMINIS*

A AGA – Associação Geoparque Arouca, tem publicada uma coleção de guias associados à geologia, biodiversidade, Passadiços do Paiva e de apoio ao visitante do Arouca Geopark. Nesse sentido, e seguindo essa lógica de publicações, estava em falta um guia de apoio à visitação do património histórico e arqueológico. Assim, direcionado ao público que tem um interesse acrescido por esta matéria, bem como preferência por este tipo de suportes informativos em papel, está-se a editar um livro bilingue (Pt/En) em formato de caderno de campo, dividido em três partes. Este documento pretende auxiliar o público na sua deslocação pelo território e na interpretação dos sítios *Iter Hominis*.

A parte I conta, de forma sumária e à luz dos mais recentes achados e discussões, a história da ocupação humana, começando no mundo e afunilando para o Arouca Geopark. A parte II, dedica entre uma a duas páginas a cada um dos 30 cenários *Iter Hominis*, abordando-os de forma particular, com recurso a ilustração e infografia; e a parte III propõe percursos e itinerários de descoberta, a pé ou de carro, por períodos históricos, áreas geográficas ou temáticas.

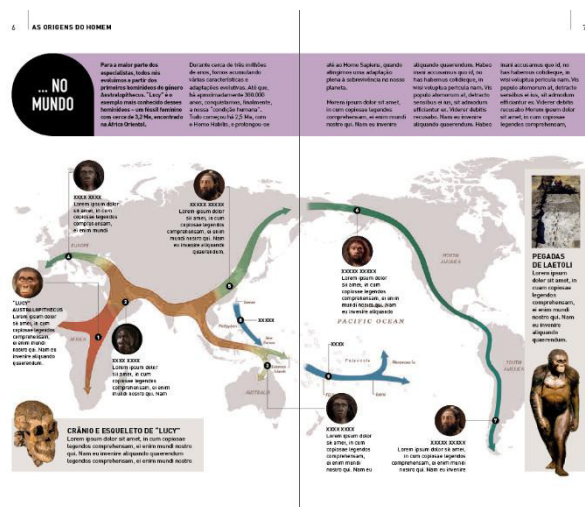


Figura 42 - Exemplo de layout do Guia *Iter Hominis*. ©Anyforms

b) PAINÉIS INTERPRETATIVOS

Os suporte interpretativos que figurarão próximo a cada sítio, são em aço galvanizado e pintura electrostática poliéster, com 40x160x12 cm, com impressão e inserção gráfica em vinil. Serão o primeiro contacto emissor de informação entre o público e o património, mesmo com aqueles que não se encontram despertados para o *Iter Hominis*, pelo que transmitem uma informação sucinta e objetiva sobre o sítio ou monumento.

Essa informação é transmitida através de uma imagem gráfica que contem uma ilustração simples, de representação esquemática ou recriação histórica, em estilo de linha monocromática, e um texto descritivo não superior a 150 palavras.

Estes painéis são bilingue (português e inglês e são colocados em posições estratégicas, tendo em consideração a especificidade do espaço (urbano ou não urbano), de modo a evitar ruído na paisagem.



Figura 43 - Layout ilustrativo dos painéis interpretativos *Iter Hominis*. ©Anyforms

c) WEBSITE AROUCA GEOPARK (PROCEDIMENTO POR DESENVOLVER)

Os painéis interpretativos terão uma ligação QR Code, remetendo para o site do Arouca Geopark. Nessa plataforma será disponibilizada um segundo nível de informação, complementando a dos painéis. Este segundo nível é mais aprofundado e com suportes gráficos policromáticos, bem como informação extra sobre o sítio, infografias, fotografias, e outros documentos que se considerem relevantes, inclusive bibliografia para download. Esta ligação permitirá, também, ultrapassar futuras dificuldades de tradução para outras línguas, bem como de acessibilidade através do áudio.

d) APLICAÇÃO SMARTPHONE AROUCA GEOPARK (PROCEDIMENTO POR DESENVOLVER)

A candidatura da qual o projeto *Iter Hominis* é parte integrante, prevê um montante de 150 000,00€ para a realização de uma aplicação de Destino Geoturístico Inteligente. Nesta aplicação, que se encontra em desenvolvimento, estará disponível, à semelhança de várias outras ofertas do território, o *Iter Hominis*. Através desta aplicação, o público poderá aceder a conteúdos exclusivos, que vão de imagens 360, realidade aumentada e virtual, entre outras particularidades sobre os sítios arqueológicos selecionados, permitindo uma experiência única da sua interpretação.

4.3. CONSIDERAÇÕES

O *Iter Hominis* figura neste trabalho como um exemplo de boas práticas de valorização patrimonial. Dada a sua dimensão e dinâmicas, considerou-se, desde o primeiro dia, que deveria ser integrado neste Projeto, assumindo-se um caso de estudo de valorização a ser partilhado. Com um *budget* orçamental bem definido, integra diversas escalas de intervenções no património, materiais e imateriais, ajustadas à realidade dos sítios, e conectando-o pelo seu elo comum – o ser humano. Esta valorização, em rede, sob o mesmo mote - a história do Homem no Arouca Geopark, espera desenvolver sinergias entre as diversas entidades proprietárias e gestoras dos 30 sítios *Iter Hominis*. Por outro lado, espera também alcançar a notoriedade necessária para estes e os restantes sítios arqueológicos inventariados, entrando na mira e nos planos de trabalho dos decisores autárquicos, através da sua sensibilização para a conservação e salvaguarda patrimonial.

No entanto, há que ter em conta que este projeto está ainda em desenvolvimento, pelo que não se conhecem, ainda, os efeitos práticos da sua implementação. Não obstante, reforça-se que o sucesso deste tipo de projetos, além da sua correta estruturação e implementação, vive igualmente da sua dinâmica e das ações que são criadas em seu torno. Daí o conceito de *Iter Hominis* não se fechar num simples roteiro, mas sim alargar-se a uma série de eventos que se podem vir a desenvolver, relacionados com a história da ocupação humana do Arouca Geopark e o seu legado – desde conferencias, workshops, saídas de campo, exposições, ateliês, doçaria, produtos locais, entre outras atividades diversas. Com estas ações, manter-se-á viva a dinâmica *Iter Hominis*, e, com ela, a atenção permanente sobre o património que existe, e resiste, mas que é afetado todos os anos. Algumas dessas afetações podem e devem ser evitadas, outras mitigadas. Todavia, importa tomar consciência da importância da manutenção destes locais, tendo em conta que, por cada local destruído, há uma parte da sua dimensão histórica e da sua originalidade antrópica que se perde e que será, certamente, irrecuperável.

Este projeto não é, por isso, o ápice da valorização do património cultural em Arouca, mas sim o ponto de partida para um longo trabalho, que se espera ser desenvolvido pela Associação Geoparque Arouca e pelo Município de Arouca, em sinergia com o Centro de Arqueologia de Arouca e outras entidades locais e, sobretudo, com e para a comunidade local. Esta será, sempre, o alvo e o sentido da existência destas ações.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÃO

Este Trabalho de Projeto retratou, em termos gerais, o estado da arte dos trabalhos de inventariação à valorização do património cultural de Arouca. Atribuiu especial destaque ao desenvolvimento da atualização da carta arqueológica, complementando-o, no final, com a partilha do projeto *Iter Hominis*, cujo impacto poderá mitigar os problemas identificados.

A atualização da carta arqueológica permitiu registar 239 sítios arqueológicos, adicionando 43 ao inventário realizado em 1999. Não obstante a atualização desse inventário e da caracterização desses sítios, nomeadamente a respeito do estado de conservação, ameaças, escavações, depósito de materiais, coordenadas, usos de solo, entre outras observações, estes trabalhos deixaram por localizar 66 sítios arqueológicos.

Quando se iniciariam, pretendia-se uma aproximação semelhante às abordagens do trabalho de inventariação de geossítios, realizado pela Daniela Rocha (2008) e apresentado à Universidade do Minho. Todavia, com o desenrolar dos trabalhos de campo, percebeu-se que eram dimensões diferentes, nomeadamente no que respeita à quantidade de sítios, sendo inventariados e caracterizados apenas 35 de interesse geológico³⁹, em contraste com os 239 sítios arqueológicos. Também a dispersão desses locais é desigual, sendo que, segundo os trabalhos da geóloga, grande parte dos geossítios se localizavam na Serra da Freita. Acresce-se, ainda, que esse trabalho foi realizado com vista a um propósito particular – servir de base para o dossier de candidatura do Geoparque de Arouca à Rede Europeia de Geoparques.

Nesse sentido, e uma vez que não houve oportunidade de aproximar a abordagem dos sítios arqueológicos à abordagem aos sítios geológicos, através de observações no que respeita às suas capacidades de valorização, acessibilidade, hierarquias de interesse turístico e científico, de prioridades de conservação e de trabalhos específicos, entre outras anotações, ressalva-se a importância da mesma abordagem em trabalhos futuros.

Para os sítios arqueológicos que se encontram escavados, em mau estado de conservação, destruídos ou parcialmente afetados, deverá ser considerado, com a máxima urgência, o desenvolvimento de uma abordagem de trabalhos arqueológicos que permita avaliar todos esses

³⁹ Atualmente 41.

parâmetros e propor ações concretas. Essas ações espelham-se na selagem de contextos arqueológicos, que se encontram expostos após as escavações; em sondagens arqueológicas em sítios destruídos, de modo a salvaguardar a conservação pelo registo do maior número de dados possíveis; bem como em ações de prospeção intensiva, para se realocar e aferir o estado de conservação dos 66 sítios que ficaram por identificar. Da mesma forma, e numa perspetiva de articulação de trabalhos futuros com o Município de Arouca, seria importante aproximar a abordagem da atualização de sítios desta carta arqueológica, à realizada pelo Município de Avis ou Cascais. Não só através da prospeção, mas também de outros trabalhos arqueológicos e da redefinição de categorias e condicionantes no PDM, mediante critérios específicos.

Também o setor da floresta, em relação às dinâmicas que provoca no solo, tanto para o património cultural como para o natural, deverá apresentar preocupações acrescidas. Não apenas materializadas num maior controlo e fiscalização das atividades que se realizam nessas áreas, mas também numa monitorização mais regular dos sítios arqueológicos, em particular dos que se encontram nesses contextos. Estas e outras observações foram registadas, em pormenor, no ponto de Considerações do capítulo terceiro, mas também no ponto das Propostas que se seguiram com base nessa análise.

Já o projeto *Iter Hominis* surge aqui como potencial mitigador de algumas dessas dificuldades, esperando-se gerar sensibilidade na comunidade e nos decisores locais. Ainda em execução, embora numa fase final, o projeto revelou-se complexo, no que ao desenvolvimento e materialização dos procedimentos diz respeito. Se, por um lado, nem sempre os budgets orçamentados se revelaram suficientes para, no desenrolar dos processos, dar corpo às expectativas geradas previamente à sua estruturação; por outro, dificuldades e pequenas especificidades foram surgindo, ligadas à abordagem dos sítios, à tipologia de sinalética em contraste com a matriz dos locais – Rurais ou Urbanos, à abordagem dos guiões, entre outras situações que constituíram desafios diários à materialização do *Iter Hominis* e exigiram a tomada de decisões. Encontra-se, agora, no momento de pensar o projeto e as suas dinâmicas de implementação e divulgação, nomeadamente nas ofertas permanentes e periódicas que o *Iter Hominis* terá disponível. Assume-se, assim, a mesma necessidade para o património arqueológico – a sua gestão planificada.

No entanto, este projeto de valorização cultural veio colocar, uma vez mais, o Arouca Geopark numa posição de pioneirismo em relação a outros geoparques mundiais, integrando, talvez pela primeira vez, um arqueólogo nos seus quadros, e desenvolvendo, com autonomia, um projeto específico de

valorização complexa de sítios arqueológicos. Certamente que este projeto poderá ser visto como boas práticas pela comunidade europeia e mundial de Geoparques, esperando-se que a contágie, igualmente, a criar oportunidades para os profissionais de arqueologia e de património em geral, bem como, particularmente, para o próprio património arqueológico.

6. BIBLIOGRAFIA

ACHADO (1962), Achado Arqueológico, «Defesa de Arouca», N° 350, Arouca, 21 abr., pp. 1;

ALARCÃO, Jorge de, (1996), As Civitates do Norte de Portugal, «Cadernos de Arqueologia», Série 2, 12-13, Braga: Museu D. Diogo Sousa/Unidade Arq. Univ. Minho 1995-1996, pp. 25-30;

ALARCÃO, Jorge de, (2005), O território dos Paesvri e as suas principais povoações, «Conimbriga», XLIV, Coimbra, pp. 147-171;

ALEXANDRE, Luis e DUARTE, Antonio, (2019), « Iter Hominis – Uma Aposta no Património Cultural para o Desenvolvimento Territorial de um Geoparque UNESCO », in «3MG - Managing Mediterranean Mountains and Geoheritage», 2ª International Conference, Abstract Book, Seia, Geopark Estrela, pp. 15 ;

ALMEIDA, Carlos Alberto F., (1959), «Duas Inscrições Romanas da Civitas Sanctae Mariae», SEP Douro Litoral, 9ª Série, 1, Porto;

ALMEIDA, Maria José de, (2011), «Carta Arqueológica de Cascais - Desafios de uma Revisão» In Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias, Câmara Municipal De Cascais, Cascais; pp. 91 – 110;

AZEVEDO, Alfredo G. e MOREIRA, Domingos A., (1973), «Fermedo. Aspectos da Sua História», Porto;

BARROCA, Mário J., (1995), «Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)», Porto: Fac. Letras Univ. Porto, 3 Vol. Texto Policopiado. Tese De Doutoramento;

BASTOS, S. (Coord.), Et Al., (2019), «Guia da Natureza Passadiços do Paiva», AGA – Associação Geoparque Arouca, Arouca;

BENTO, Juliana, (2016), «(Re)Conhecimento e Interpretação da Cerca do Mosteiro de Arouca», Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura (Área De Especialização Em Cultura Arquitectónica), Universidade Do Minho;

BERNANDO, Verónica, et Al., (2019). «Arouca Geopark – Guia Do Visitante», AGA – Associação Geoparque Arouca, Arouca;

BETTENCOURT, Ana M.S. e ABAD-VIDAL, Emílio, (eds.), «CVARN-Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português», (www.cvarn.org);

BRANDÃO, Domingos de Pinho e LOUREIRO, Olímpia M. C., (1991), «Arouca. Notas Monográfias» - 1, Arouca: Centro Est. Dom. Pinho Brandão;

BRANDÃO, Domingos de Pinho, (1957), « O Fenómeno Megalítico em Terras do Concelho De Arouca », Defesa de Arouca, 2.ª Série, pp.102 ;

BRANDÃO, Domingos de Pinho, (1961a), «Lápide Sepulcral Luso-Romana de Fermedo – Arouca», Lucerna, 1 (1) Porto: Centro Est. Humanísticos, pp. 9-17;

BRANDÃO, Domingos de Pinho, (1961b), “Ainda a Inscrição De Fermedo”, Lucerna, 1 (2). Porto: Centro Est. Humanísticos, pp. 68-72;

BRANDÃO, Domingos de Pinho, (1962), «A Epigrafia Latina do Concelho de Arouca e alguns dos seus problemas», Studium Generale, 9 (1), Porto: Centro Est. Humanísticos, pp. 313-8;

BRANDÃO, Domingos de Pinho, (1987), «Oito Inscrições Latinas Funerárias do Concelho De Arouca», In Actas Das 1^{as} Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca», Arouca: Centro Arq. Arouca, C. M. Arouca, pp. 107-13;

CALADO, Manuel, (1993), «Carta Arqueológica do Alandroal», Alandroal, Edição da Câmara Municipal;

CANINAS, J.C.; CANHA, A. & HENRIQUES, F. , (2002), «Estudo de Impacte Ambiental de três Parques Eólicos na Serra da Freita (Arouca)». Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico. S. I. Emerita, Empresa Portuguesa de Arqueologia. texto dactilog.

CARDOSO, Guilherme, (1991), «Carta Arqueológica Do Concelho De Cascais», Cascais, Câmara Municipal;

CARDOSO, João Luís e CARDOSO, Guilherme, (1993), «Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras», Estudos Arqueológicos de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, Vol. 4;

CARDOSO, Luís, (1747 – 1751), «Diccionario Geografico, ou, Noticia Historica de Todas as Cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas: que escreve, e offerece ao Mutio Alto, e

Mutio Poderoso Rey D. João V. Nosso Senhor», Lisboa: Regia Officina Sylviana, e Da Academia Real, 2 Vol;

ICOMOS, «Carta Sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais», Quebeque (Canadá), 4 de outubro de 2008.

COELHO, Maria Helena da Cruz, (1988), «O Mosteiro De Arouca. Do Século X Ao Século XIII», 2ª Ed. [1ª Ed. Coimbra, 1977], Arouca: C.M.Arouca, Real Irmandade Rainha Santa Mafalda;

COUTO, Helena ; SILVA, António Manuel S.P. ; VALÉRIO, Manuel ; LEMOS, Paulo A. P. e LOURENÇO, A. (2010), « Exploração de Ouro no Geoparque Arouca : A Mina Romana Da Gralheira d'Água», In BRANDÃO, J.M. Et Al. (Eds.), « Colecções e Museus de Geologia: Missão e Gestão», Coimbra, MMGUC/Cehfci, 2010, pp. 295-302;

DGEMN, (2000), Direcção Geral Dos Edifícios E Monumentos Nacionais, (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2);

DIAS, Pedro, (1980), «Mosteiro De Arouca», Coimbra: EPARTUR;

DIVISÃO DE INVENTÁRIO DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA, (2002), «Endovélico - Sistema De Gestão E Informação Arqueológica», Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 5, N° 1, pp. 277-283;

EM AROUCA, (1950), «Em Arouca, Foi Descoberto Um Cemitério Romano Do Séc. IV Ou V», O Comércio Do Porto, Ano 96, N° 200, Porto, 23 Jul, pp.2;

ENCARNAÇÃO, José, (1986), «Indigenismo e Romanização da Lusitânia», Biblos, 62, Coimbra, p. 451-64;

FERNANDES, A. de Almeida e SILVA, Filomeno, (1995), «Toponímia Arouquense», Arouca: Associação para a Defesa do Património Arouquense;

FERNANDES, A. de Almeida, (1965), «Arouca na Idade Média Pré-Nacional», Sep. «Arquivo Do Distrito De Aveiro», [Vols. 30, 1964; 31, 1965 e 32, 1966], Aveiro;

FIGUEIREDO, Manuel V.S., (2010), «Fraga Da Ferradura», Discurso Directo (Jornal). Arouca. 18 De junho, pp.10

FIGUEIREDO, Maria Amélia S., (2002), «Concessão da igreja do extinto Mosteiro de Arouca à paróquia de S. Bartolomeu – 1886/1893», in actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Vol. 2. Porto/ Arouca, pp. 155-72;

FIGUEIREDO, Sofia e FIGUEIREDO, Manuel V. S., (2006), «Novos achados arqueológicos no vale do Paiva: as gravuras rupestres de Telhe, Janarde (notícia preliminar)», Defesa de Arouca, 2ª s., 2505 (10 fevereiro): pp.2-3.

FIGUEIREDO, Sofia e FIGUEIREDO, Manuel V. S. (2008), «Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva». In Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-montes, Alto Douro e Beira Interior. Freixo de Numão: ACDR, Vol.1, pp. 151-167;

FIGUEIREDO, Manuel V; SILVA, António Manuel S. P. (2006a) – «A Mina romana da Gralheira d'Água (Canelas, Arouca)». In Sá, Artur A.; Gutiérrez-Marco, Carlos – Trilobites gigantes das ardósias de Canelas (Arouca). Arouca: Ardósias Valério & Figueiredo, Lda., pp. 192-197

FIGUEIREDO, Manuel V.; SILVA, António Manuel S. P.; (2006b) – «Vestígios de mineração antiga na região a Sul do Douro entre os rios Paiva e Arda. (Concelhos de Arouca e Castelo de Paiva, Portugal)». In Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu. [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, pp. 513-32

GOMES, Paulo Varela, «Guia Mosteiro De Arouca», IPPAR, Lisboa, 2006;

GONÇALVES, A. Nogueira, (1991), «Inventário Artístico De Portugal. XI». Distrito De Aveiro - Zona De Nordeste, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes;

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, (1992), «Contributo para o Estudo da Cerâmica Esmaltada Peninsular da Baixa Idade Média», V. N. Gaia: C. M. V. N. Gaia; Casa Mun. Cultura-Solar Condes De Resende;

JORGE, Vitor Oliveira, (1987), «Materiais Provenientes de Dólmens de Escariz, Arouca», (Escavações de Domingos de Pinho Brandão)", Cadernos De Arqueologia, Série 2, N° 4, Braga, pp. 211-26;

LAMBRINO, Scarlat, (1960), «Le Nom Aefus Et La Cité d'Avobriga En Lusitanie», Sep. "Bulletin Des Études Portugaises", 22, Lisboa, 1959-60, pp. 5-20;

LEMOS, Paulo A. P. E SILVA, António Manuel S. P., (2018), «Projeto de intervenções no sítio arqueológico Casal Romano da Malafaia». Relatório Final. MLF18. Arouca. Texto dactilog.

LOPES, Maria da Conceição, (2013), «Em Tempos de Roma pela Margem Esquerda Do Guadiana: Bloco 12 Do Projecto De Salvamento Arqueológico Do Alqueva», (Memórias d'Odiana: Estudos Arqueológicos Do Alqueva. 2.ª Série, 9). Beja: EDIA – /DRC – Alentejo

MADUREIRA, Manuel Pinto De Paiva, (1909), «Janarde. Breve Notícia D'esta Freguezia», Gazeta De Arouca, pp. 226-227

MAGALHÃES, Catarina Guedes, (2018), « A Gestão de Incêndios Rurais no Município de Arouca : A Relevância do Conceito de Defensibilidade», Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento de Território, Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto, Porto.

MALAFIA, E. B. de Ataíde, (1997), «Pelourinhos Portugueses. Tentâmen De Inventário Geral», Lisboa: Imp. Nac. Casa Da Moeda;

MANTAS, Vasco Gil, (1996), «A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica Entre Lisboa e Braga», 2 Vols., Coimbra: Fac. Let. Univ. Coimbra. 2 Vol. Tese De Doutoramento. Texto Policop;

MARQUES, Miguel F. P., MARQUES, Fátima T., MENÉNDEZ, Jorge Argüello e SILVA, António Manuel S. P., (2002), «O Tesouro Numismático Romano Do Reguengo. Primeira Notícia». In Almadan. Almada. 2ª Série: 11, pp. 243- 244;

MENDES, António, (1995), «Alvarenga. Esboço De Uma Monografia», 1º Vol., S.L., Ed. A.;

OSÓRIO, Marcos e SALGADO, Telmo, (2007), «Um Sistema De Informação Geográfico Aplicado À Arqueologia No Município Do Sabugal», Associação Profissional Dos Arqueólogos, Praxis Archeologica 2, pp. 9-22;

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P.; FÉLIX, Orquidea C. F. (2011) – «Gestão do território e sistemas de informação para o património cultural – a aplicação Locvs.» In Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias [Cascais, 2008]. Cascais: Câmara Municipal, 2011, pp. 375-98

PEREIRA, Gabriel Rocha, (2014), «A Sepultura Sob Tumulus Do Senhor Dos Aflitos (Alvarenga/ Arouca, Centro-Norte De Portugal). Primeiros Resultados», Estudos Do Quaternário, 10, Apeq, Braga, 2014, pp. 3-14;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1984a), «A Arte Parietal do Dolmen Da Aliviada – Escariz», Aveiro e o Seu Distrito, 33, Aveiro: Ass. Dist. De Aveiro, pp. 37-45

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1984b), «O Conjunto Megalítico de Escariz. Notas à Margem de Um Inventário», Defesa De Arouca, , Arouca, Mar. pp.1445-1446

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1986a), «Monumentos Megalíticos da Freguesia de Escariz (Arouca). Ponto Da Situação À Luz Dos Primeiros Trabalhos», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 26, Porto: SPAE, pp. 51-74;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1986b), «Dolmen 1 Da Mamoa da Portela Da Anta - Serra Da Freita», Informação Arqueológica, 7 (1985), Lisboa: IPPC;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1986c), «Mamoas 1 de Alagoas – Escariz», Informação Arqueológica, 7 (1985), Lisboa: IPPC;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1987a), «Características do Megalitismo na Freguesia de Escariz (Concelho de Arouca)», In Actas Das 1^{as} Jornadas De História E Arqueologia Do Concelho De Arouca, Arouca: Centro Arq. Arouca; C. M. Arouca, pp. 21-38;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1987b), «Escavação Da Mamoa 2 Da Aliviada (Alviada) - Escariz, Arouca – 1984», Arqueologia, 15, Porto: GEAP, pp. 77-91;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1988), «A Mamoa 4 Da Aliviada - Escariz, Arouca», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 28 (1-2), Porto: SPAE, pp. 137-49;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1989a), «Mamoas 1 Do Calvário, Escariz – Arouca», Arqueologia, 19, Porto: GEAP, pp. 72-84;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1989b), «Escavação Da Mamoa 4 De Alagoas (Escariz, Arouca) 1987-1988», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 29, Porto: SPAE, pp. 47-71;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1989c), «Escavação Das Mamoas 7 E 8 Da Urreira, Escariz, Arouca – 1987», Revista De Guimarães, 99, Guimarães: Soc. Martins Sarmiento, pp. 290-318;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1992), «Levantamento Arqueológico na Área De Couto De Mós (Chave) Rossio (Vila Cova De Perrinho)». Arouca, Vale De Cambra;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1993a), «A Necrópole De Tumuli Da Aliviada, Escariz - Arouca: Uma Primeira Abordagem», Lucerna, 2ª Série, 3 (Actas Do 6º Colóquio Portuense De Arqueologia, Porto, 1987), Porto: Centro Est. Humanísticos, pp. 17-47;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1993b), «Relatório Da Campanha De Escavação 1992. Mamoia Da Portela Da Anta», Albergaria Da Serra, Arouca: Dactilog.;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1994a), «Mamoia 7 Da Urreira», Informação Arqueológica, 9 (Trabalhos Referentes Ao Ano De 1987), Lisboa: IPPAR, pp. 35-8;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1994b), «Mamoia 8 Da Urreira», Informação Arqueológica, 9 (Trabalhos Referentes Ao Ano De 1987), Lisboa: IPPAR, pp. 38-9;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1994c), «Mamoia 4 De Alagoas», Informação Arqueológica, 9 (Trabalhos Referentes Ao Ano De 1987), Lisboa: IPPAR, pp. 39-41;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1996), «O Dolmen 1 Da Mamoia Da Portela Da Anta (Albergaria Da Serra, Arouca): Estudo Preliminar», UI-Vária. Arquivo De Estudos Regionais, 3 (1-2), Oliveira De Azeméis: Museu Reg. Oliv. Azeméis, pp. 9-39;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1997), «Contextos Funerários Da Idade Do Bronze Nos Planaltos Centrais Do Centro-Norte Litoral Português: ¿Tradição Ou Inovação», In BALBÍN BERHMANN, R. e BUENO RAMÍREZ, P. (Eds.), 2º Congreso De Arqueología Peninsular. Tomo 2 - Neolítico, Calcolítico Y Bronce, Zamora: Fund. Rei Afonso Henriques, pp. 605-20;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1998), «Mamoia 1 Do Rossio (Vila Cova De Perrinho - Vale De Cambra). Estudo De Um Tumulus Não Megalítico Do Curso Superior Do Viques, No Contexto Das Tumulações Sob Montículo Artificial Da Idade Do Bronze, No Centro-Norte Litoral De Portugal», Boletim Cultural De Vale De Cambra, 2, Vale De Cambra: C. M. Vale De Cambra, pp. 3-19;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1999a), «Neolitização E Megalitismo Nos Planaltos Centrais Do Centro-Norte Litoral De Portugal (Maciço Da Gralheira): Afirmação E Consolidação Das Economias Agro-Pastoris Em Ambiente De Média Montanha», 2º Congrès Del Neolític A La Península Ibérica. Sagvntvm-Plav, Extra-2, Valencia: Univ. València, pp. 521-30;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (1999b), «Práticas Funerárias Da Pré-História Recente Na Região Centro-Norte Litoral», *Arqueologia e História*, 51, Lisboa: Ass. Arq. Port.; Ed. Colibri, pp. 167-95;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A., (s.d.), «Megalitismo A Sul Do Douro: Bacias Do Vouga E Alto Paiva. Práticas Funerárias No Centro-Norte Litoral De Portugal Durante A Pré-História Recente». 1.2 - Tumuli Do Centro-Norte Litoral: Inventário, Porto: Fac. Letras Univ. Porto. Tese Doutoramento. (não publicada por falecimento). Texto Dactilog;

PEREIRA DA SILVA, Fernando A. e SILVA, António Manuel S. P., (1994), «Menires De Alvarenga E Da Serra Da Freita (Arouca, Aveiro): Breve Notícia», In *Actas Das 5^{as} Jornadas Arqueológicas*, 2^o Vol., Lisboa: Ass. Arq. Port., pp. 109-23;

PINHO, António, (2015), «Rossas e a Ordem de Malta», Arouca, Associação De Defesa Do Património Arouquense;

PINHO, Luís M. Silva, (1996/1997), «Património Arqueológico Do Vale Do Bestança», Cinfães: Ass. Def. Vale Bestança;

PINHO, Luís M. Silva; LIMA, António C. e CORREIA, Alexandre L., (1999), «Roteiro Arqueológico De Cinfães», Cinfães: C. M. Cinfães;

PINHO LEAL, Augusto A. B., (1873-1890), «Portugal Antigo E Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico...», 12 Vols. [Vols. X-XII Dirig. Por Pedro A. Ferreira], Lisboa. Os Diferentes Volumes São Referenciados Da Seguinte Forma: Vol. I: PINHO LEAL 1873; II – 1874a; III – 1874b; IV – 1874c; V – 1875a; VI – 1875b; VII – 1876; VIII – 1878; IX – 1880; X – 1882; XI – 1886; XII – 1890;

RÊPAS, Luís Miguel, (2005), «As Abadessas Cistercienses Na Idade Média: Identificação, Caracterização E Estudo De Trajectórias Individuais Ou Familiares», *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2^a S. 17, pp. 63-91;

RIBEIRO, Ana Cristina, (2020), «Património Arqueológico e Gestão Territorial: O Contributo da Arqueologia para a Revisão Do PDM De AVIS», In «Arqueologia Em Portugal 2020 – O Estado Da Questão», Associação Dos Arqueólogos Portugueses E CITCEM, Lisboa, pp.223 – 236;

ROCHA, Daniela ; BASTOS, Susana e ALEXANDRE, Luis, (2019), « Geoeducation In Action In The Arouca UNESCO Global Geopark: The «Illustrate Your School» Educational Project», In «Geoparks : Memory Of

Earth, Future For People», 15th European Geoparks Conference, Abstract Book, Sierra Norte De Sevilla Geopark, Sevilla, 2019, pp. 166 ;

ROCHA, Daniela, M. T., (2008), «Inventariação, Caracterização E Avaliação Do Património Geológico Do Concelho De Arouca», Dissertação De Mestrado. Universidade Do Minho, Braga;

ROCHA, Daniela, M.T., (2016), «Rota Dos Geossítios Do Arouca Geopark», AGA - Associação Geoparque Arouca, Arouca, 159pp., Arouca;

ROCHA, Manuel Moreira da, (2011), «Memória de um mosteiro, Santa Maria de Arouca (séc. XVII – XX). Das construções e das reconstruções». Porto, Afrontamento.

RODRIGUES, Alda, (2014), «Junqueiro (Serra da Freita, Portugal). Um espaço de fruição comunal desde a Pré-história». In. AM.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H.A. Sampaio; E. Sá (eds.) «Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze.» Braga: APEQ, CITCEM, pp. 63-72.

SÁ, Edite, (2014a), «Contextos E Práticas Funerárias Da Idade Do Bronze Na Serra Da Freita (Centro-Norte De Portugal)». Dissertação De Mestrado. Braga: Universidade Do Minho;

SÁ, Edite, (2014b), «O Monumento Sob Tumulus Da Idade Do Bronze De Ladeiras Do Covo 2 (Vale De Cambra, Centro-Norte De Portugal)» In BETTENCOURT et. Al. (2014). «Corpos E Metais Na Fachada Atlântica Da Ibéria. Do Neolítico Á Idade Do Bronze». APEQ, CITCEM, Braga, pp. 29 – 37;

SÁ, Edite.; BETTENCOURT, Ana M.S. e SIMÕES, Pedro P., (2014), «Arquiteturas Funerárias, Materiais De Construção E Interação Com O Espaço Na Idade Do Bronze Da Serra Da Freita (Centro-Norte De Portugal). O Caso Do Tumulus De Ladeiras Do Covo 3, Vale De Cambra»; In Estudos Do Quaternário, 10, APEQ, Braga, pp. 25-33;

SÁ, Edite, (2015), «Contextos E Práticas Funerárias Da Idade Do Bronze Na Serra Da Freita (Centro-Norte De Portugal). Túmulos, Pastores E Metalurgistas»; Gallaecia: Revista De Arqueoloxía E Antiguidade, 33, Santiago de Compostela: pp.97-119;

SANTOS, Tiago, (2018), «Mosteiro De Arouca Entre O Final Do Antigo Regime e a 1ª República (1786 - 1915)», Mestrado Integrado Em Teologia, Universidade Católica Portuguesa;

SILVA, António Manuel S. P., (1987), «O Memorial De Santo António (Stª Eulália, Arouca) E Os «Marmoirais» Medievais: Revisão Da Sua Problemática E Propostas Para Uma Análise Globalizante», In

Actas Das 1^{as} Jornadas De História E Arqueologia Do Concelho De Arouca, Arouca, Centro Arq. Arouca; C. M. Arouca, pp. 77-100;

SILVA, António Manuel S. P., (1988), «Notas Para O Estudo Do Povoamento Castrejo-Romano No Concelho De Arouca», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 28 (3-4), Porto: SPAE, pp. 85-98;

SILVA, António Manuel S. P., (1989), «Algumas Notas Para A Arqueologia Medieval Do Concelho De Arouca», In Actas Do 1º Colóquio Arqueológico De Viseu, Viseu: Gov. Civil Viseu, pp. 485-97;

SILVA, António Manuel S. P., (1992), «Prospecção Sistemática No Planalto Da Freita (Aveiro/Viseu) I - Monumentos Megalíticos E De Tradição Megalítica: Primeiros Resultados», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 32 (1-4), Porto: SPAE, pp. 235-62;

SILVA, António Manuel S. P., (1993a), «Ocupação Proto-Histórica E Romana No Entre-Douro-E-Vouga Litoral: Breve Balanço De Uma Investigação Em Curso», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 33 (3-4), Porto: SPAE, pp. 427-43;

SILVA, António Manuel S. P., (1993b), «O Património Arqueológico Do Concelho De Arouca: Balanço Dos Conhecimentos E Perspectivas De Valorização Social», Poligrafia, 2, Arouca: Centro Est. Dom. Pinho Brandão, pp. 11-33;

SILVA, António Manuel S. P., (1993c), «Introdução Ao Estudo Do Povoamento Castrejo-Romano Na Região De Arouca», Lvcerna, 2ª Série, 3, (Actas Do 6º Colóquio Portuense De Arqueologia, Porto, 1987), Porto: Centro Est. Humanísticos, pp. 203-15;

SILVA, António Manuel S. P., (1994), «Proto-História E Romanização No Entre Douro E Vouga Litoral. Elementos Para Uma Avaliação Crítica», Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto Policop.;

SILVA, António Manuel S. P., (1995), «Escavações Arqueológicas Em S. João De Valinhas. Do Primitivo Castro Ao Castelo De Arouca», Poligrafia, 4, Arouca: Centro Est. Dom. Pinho Brandão, pp. 199-220;

SILVA, António Manuel S. P., (1997a), «Achados Numismáticos Romanos Do Entre Douro E Vouga Litoral - Contributo Para Um Inventário Crítico», Nvmmvs, 2ª Série, 16/20, Porto: Soc. Port. Numism., 1993-1997, pp. 205-30;

SILVA, António Manuel S. P., (1997b), «Intervenção Arqueológica De Emergência No Sítio Da Malafaia (Várzea, Arouca). Relatório Das Sondagens De 1995-1996 (MLF.95-MLF.96)», V. N. Gaia/Arouca: Texto Dactilog;

SILVA, António Manuel S. P., (1998), «O Marmoiral De Alpendurada (Marco De Canaveses): Um Tipo Raro Na Tumulária Medieval», In «Marco Histórico E Cultural». Actas De Eventos Marcoenses 1988-1998, Marco De Canaveses: C. M. Marco De Canaveses, pp. 19-34

SILVA, Antonio Manuel S. P., (2004), «Memórias Da Terra – Património Arqueológico Do Concelho De Arouca », Câmara Municipal De Arouca;

SILVA, António Manuel S. P., (2005a), «CD-ROM Memórias Da Terra, Uma Viagem Ao Passado De Arouca. Uma Visão Técnica», In SILVA, António Manuel S. P. (COORD). «Cartas Arqueológicas: Do Inventário À Salvaguarda E Valorização Do Património». Actas Das Jornadas Realizadas em Arouca em 2004. Arouca, Câmara Municipal, pp. 83 – 86;

SILVA, António Manuel S. P., (2005b), «A Carta Arqueológica. Instrumento Indispensável Para Uma Política De Promoção Do Património Cultural», In SILVA, António Manuel S. P. (COORD). «Cartas Arqueológicas: Do Inventário À Salvaguarda E Valorização Do Património». Actas Das Jornadas Realizadas Em Arouca Em 2004, Arouca, Câmara Municipal, pp. 87 – 94;

SILVA, António Manuel S. P., (2006), «A Gestão Do Património Arqueológico E Os Instrumentos De Ordenamento Do Território. Dois Casos De Estudo: Porto E Arouca». In STOCKLER, Carla, «Encontros Culturais Do Baixo Tâmega. Património», Actas, Baião, Câmara Municipal De Baião, pp. 207 – 217.

SILVA, Antonio Manuel S. P., (2011), «No Tempo Dos Mouros. Castelos De Arouca Numa Terra De Fronteira (Séculos XI – XI) », Arouca, Câmara Municipal de Arouca, 2011 ;

SILVA, António Manuel S. P. e LEMOS, Paulo A. P., (2018), «Sondagem arqueológica no povoado da Idade do Bronze do Senhor dos Aflitos (Arouca, Centro-Norte de Portugal)». In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo (coord.) – «Arqueología en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media», 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016). Valladolid: Glyphos Publicaciones, pp. 191-203;

SILVA, António Manuel S. P., RIBEIRO, Manuela C. S., (1996), «Sondagens De Avaliação Arqueológica No Parque Da Vila De Arouca (1996)». Relatório Final., V. N. Gaia/Arouca: Texto Dactilog.

SILVA, António Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S., (1999), «A Intervenção Arqueológica Em S. João De Valinhas (Arouca, Aveiro) - Do Povoado Castrejo Ao Castelo Da Terra De Arouca», In BARROCA, M. J. (Coord.), Carlos Alberto Ferreira De Almeida. In Memoriam, 2, Porto: Fac. Letras Univ. Porto, pp. 363-74

SILVA, António Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S., (2002), «A Necrópole Tardo-Romana De Alvariça (Espunça, Arouca) - Algumas Notas Para Uma Revisão Crítica», Actas Do 1º Congresso Sobre A Diocese Do Porto - 1997, Porto;

SILVA, Antonio Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S. (2003), « A Diocese Do Porto. Tempos E Lugares De Memória (Homenagem A D. Domingos De Pinho Brandão) », Separata Das Actas Do 1.º Congresso Volume 1, Porto/Arouca, 2002, pp. 523-542 ;

SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2006) – «Os complexos mineiros de Regoufe e Rio de Frades (Arouca, Portugal) – Memórias da contemporaneidade». In Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu. [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, pp. 353-69;

SILVA, António Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S. (2013), «Castelos Roqueiros Da Região De Arouca (Aveiro, Portugal) - Contexto Histórico E Elementos Arqueológicos» In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (Coord.), «Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb - Séculos VI a XVI. Vol. 1. Lisboa: Edições Colibri - Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 29-42;

SILVA, Antonio Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S., (2014), « Cerâmicas Do Período Da Reconquista No Vale Do Arda : Castelo De Arouca E Casal Da Malafaia», In DE MAN Et Al. (Coord.) – « Estudos De Cerâmica Medieval. O Norte E Centro De Portugal – Séculos XI A XII ». Lisboa : Instituto De Estudos Medievais, pp. 161-181 ;

SILVA, António Manuel S. P. e RIBEIRO, Manuela C. S., (2015), «Cerâmicas medievais (sécs. IX-XII) do Castelo de Arouca (N. Portugal)», In Actas do X Congresso Internacional «A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo», (Silves, 22-27 de outubro de 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves; Campo Arqueológico de Mértola, pp. 310-317;

SILVA, António Manuel S. P.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge; CAVALHEIRO, José T.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2000) – «Elementos paleometalúrgicos do Castelo de Valinhas (Arouca, Portugal)». In Actas do 3º

Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 9 (Contributos das Ciências e das Tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica), Porto: ADECAP, p. 173-197

SILVA, António Manuel S. P.; LEITE, Joana N. (2010) – «The place of Cividade. An approach to Late Bronze/Iron Age transition in Arouca valley (NW Portugal)». In Bettencourt, A. M.; Sanches, M. J.; Alves, L. B.; Fabregas Valcarce, R. (eds.) - Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. (Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, Sept. 2006). Oxford: Archaeopress, pp. 153-60;

SILVA, António Manuel S. P.; LEITE, Joana N.; LEMOS, Paulo, A. P.; FIGUEIREDO, Manuel Valério (2017) – «Rock art places and contexts at Gralheira massif (Central-NW Portugal): a general overview». In Bettencourt, Ana M.S.; Santos-Estévez, M.; Sampaio, H. A.; Cardoso, D. (eds.) – Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west, [BAR International Series 2878], Oxford: BAR Publishing, pp. 63-76;

SILVA, António Manuel S. P.; LEITE, Joana N.; ROCHA, Daniela, (2010), «Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénios a.C».. In Bettencourt, Ana M. S.; Alves, L. B. (eds.) - Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade. S.l.: CICTEM (UM-UP), 2010, pp. 95-130;

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P.; ABREU, João Manuel F. e RIBEIRO, Manuela C. S. (2013), «Necrópole Romana Da Bóca (Canelas, Arouca). Primeiros Elementos Arqueológicos», *Oppidum*, nr. ° 6, Câmara Municipal de Lousada, pp. 61 - 75;

SILVA, Antonio Manuel S.P. ; LEMOS, Paulo A.P. ; RIBEIRO, Manuela C.S., (2013), « O Casal Tardo-Romano Da Malafaia (Arouca), Exemplo De Uma Modalidade De Ocupação Romana Menos Conhecida No Norte De Portugal », *Arqueologia Em Portugal, 150 Anos, Associação Dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, pp. 865 - 871.

SILVA, Antonio Manuel S.P. ; LEMOS, Paulo A.P. ; RIBEIRO, Manuela C.S., (2017), « O Sítio Romano Da Malafaia, Um Casal Agrícola No Vale De Arouca (Norte De Portugal) », *Genius Loci: Lugares E Significados | Places And Meanings – Volume 2, CITCEM – Centro De Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço E Memória»*, Porto, pp. 645-657;

SILVA, Eduardo J. Lopes, (1995), «Megalitismo Da Bacia Do Douro (Margem Sul)», Trabalhos De Antropologia E Etnologia, 35 (1) [Actas Do 1º Congresso De Arqueologia Peninsular - Vol. 5], Porto: SPAE, pp. 35-46;

SILVA, Eduardo J. Lopes, (1997), «O Recinto Megalítico De S. Cristóvão (Resende) - Primeira Notícia», In Balbín Berhmann, R. E Bueno Ramírez, P. (Eds.), 2º Congreso De Arqueología Peninsular. Tomo 2 - Neolítico, Calcolítico Y Bronce, Zamora: Fund. Rei Afonso Henriques, pp. 217-20;

SILVA, Eduardo J. Lopes; CUNHA, Ana Maria L., (1994), «Inventário Arqueológico Do Concelho De Cinfães: Primeiros Resultados», Gaya, 6, Vila Nova De Gaia: Gab. Hist. Arq. V. N. Gaia, 1988-1994, pp. 325-40;

SILVA, Filomeno, (1986), «Quem Protege O Castro De Valinhas?», Jornal De Notícias, Porto, 20 abr. 1986;

SILVA, Filomeno, (1993). «Arouca D'Ontem». Arouca: Associação Para A Defesa Da Cultura Arouquense;

SILVA; António Manuel S. P. e LEMOS, Paulo A. P, (2004), «Trabalhos Arqueológicos na Casa da Ribeira – Arouca». Relatório de Sondagens Arqueológicas Arouca. Texto dactilog.

SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues, (1950), «Couto De Arouca. Um Foral Inédito Dado Ao Burgo De Vila Meã», Arquivo Do Distrito De Aveiro, 16, Aveiro, pp. 39-53;

SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues, (1959), «Arouca. Subsídios. Para A Sua Monografia», In PEREIRA, Vergílio, «Cancioneiro De Arouca», Porto: Junta Prov. Douro Litoral, pp. 7-97;

SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues, (1960), «Mosteiro De Arouca», (Col. "A Arte Em Portugal", Nº 20), Porto: Marques Abreu;

SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues, (1967), «Concelho De Arouca», Aveiro E O Seu Distrito, 4, Aveiro, pp. 5-8;

TELLES, Pedro e ATAÍDE, Margarida (2006), «Geo-antropologia, porta para o desenvolvimento. BioAlva, Associação para a Salvaguarda, Reabilitação e Sustentabilidade de Alvarenga». Defesa de Arouca, (06.01.2006). Arouca, pp. 3 -5;

TEIXEIRA, Ricardo e AMARAL, Paulo, (2000), «Projecto Eólico De Cinfães. Parques Eólicos Do Montemuro E Da Fonte Da Quelha. Estudo De Impacte Ambiental: Património Arqueológico». S.L. Relat. Dactil.;

TWOHIG, Elisabeth Shee, (1974), «Painted Megalithic Art In Western Iberia», In Actas Do 3º Congresso Nacional De Arqueologia, 1, Lisboa, pp. 105-23

TWOHIG, Elisabeth Shee, (1981), «The Megalithic Art Of Western Europe», Oxford;

VAZ PINTO, António, (1994), «Recuperação Da Capela De S. Pedro, Antiga Matriz De Arouca», Rurália. Revista Da Ruralidade, 3, Arouca: Conj. Etnog. Moldes, pp. 213-16.

VILAR, António, (1998), «O Volfrâmio De Arouca No Contexto Da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)», Arouca, C. M. Arouca;

VILAS BOAS, Isabel; PINHO, Luís M. Silva e PINTO, Maria De Fátima, (1986), «Subsídios Para O Inventário Arqueológico De Escariz De Arouca E Romariz Da Feira», Porto: Univ. Livre Do Porto, 1985/86, Texto Dactilog.;

VITORINO, Pedro, (1942), «Os Marmoriais», Sep. De “Douro Litoral”, 5, Porto;

WEBGRAFIA:

<https://www.cm-sabugal.pt/concelho-do-sabugal/sobre-o-concelho/carta-arqueologica/>

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/redes-unesco/geoparques-mundiais-da-unesco>

<https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/node/426>

<http://www.jotr.eu/index.php/volume19/212-cultural-tourism-and-sustainable-development>

<https://sig.icnf.pt>

<https://dgterritorio.gov.pt>

ANEXO 1 – TABELA SITIOS ARQUEOLÓGICOS

Nrº CAA	DESIGNAÇÃO	CNS	FREGUESIA	TIPOLOGIA	PERIODO	EST. CONS.	USO DE SOLO	Y	Z	ALTIMETRIA (m)	CARTA MILITAR
1	Portela da Anta	3674	Cabreiros e Albergaria da Serra	Dólmen	Neolítico - Idade do Bronze	Regular	Pastoreio	-8.259883	40.859875	1009	155
2	Monte Calvo 1	6357	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	Regular	Pastoreio	-8.267311	40.851424	1008	155
3	Monte Calvo 2	7240	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	Regular	Pastoreio	-8.266857	40.850421	1007	155
4	Braceiro	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Destruído	Pastoreio	-	-	1012	155
5	Detrelo 1	16872	Moldes	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.256651	40.885039	1092	155
6	Detrelo 2	16873	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.259695	40.883368	1086	155
7	Detrelo 3	16874	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.264581	40.884906	1081	155

8	Detrelo 4	16875	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Mau	Pastoreio	-8.264894	40.884120	1080	155
9	Moinho de Vento	23599	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1454038	40.9589127	546	146
10	Chã da Corujeira	23775	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.1639891	40.9852188	557	146
11	Alto da Chã 1	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1678740	40.9863888	546	146
12	Alto da Chã 2	23697	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1695617	40.9868634	539	146
13	Alto da Chã 3	23698	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1698541	40.9868634	541	146
14	Chã de Mina	28397	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1295120	40.9636697	633	146
15	Muronçal 1	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Pastoreio	-8.1253485	40.9534414	710	146
16	Senhora do Monte 1	28391	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-	-	853	146

17	Senhora do Monte 2	28392	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruido	Florestal	-	-	854	146
18	São Pedro do Campo 2	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.088449	41.010693	1102	146
19	Vale do Asno	23576	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.0898726	40.9868434	1126	146
20	Senhor dos Aflitos 1	23691	Alvarenga	Mamoa	Idade do Bronze	Escavado totalmente	Urbano	-8.163889	40.958056	440	145
21	Paúl das Merendas 1	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruido	Florestal	-8.1211643	40.9558943	735	146
22	Paúl das Merendas 2	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruido	Florestal	-8.1223069	40.9538574	719	146
23	Paúl das Merendas 4	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruido	Florestal	-8.121221	40.956884	731	145
24	Córregos 1	28393	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruido	Florestal	-8.1170347	40.9647784	872	146
25	Córregos 2	28394	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.1173113	40.9642966	868	146

26	Córregos 3	28396	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-	-	866	146
27	S. João das Costeiras	-	Arouca e Burgo	Mamoa	Pré-história	Destruído	Urbano	-8.237178	40.925083	398	155
28	Quinta d'Entre Águas	-	Moldes	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.229158	40.924569	483	155
29	Cando 1	5845	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Mau	Pastoreio	-8.217713	40.871107	992	155
30	Vila Cova 1	3948	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Destruído	Urbano	-	-	390	145
31	Vila Cova 2	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Destruído	Urbano	-	-	390	145
32	Vilarinho	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.185939	40.955140	409	145
33	Couto de Mós 1	23292	Chave	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Industrial	-8.371113	40.898858	543	154
34	Couto de Mós 2	-	Chave	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Industrial/ Florestal	-8.374930	40.901452	559	154

35	Couto de Mós 3	-	Chave	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Industrial/ Florestal	-8.375442	40.901879	562	154
36	Farrapa 1	18435	Chave	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial	-8.362249	40.898252	526	154
37	Farrapa 2	32690	Chave	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial	-8.362952	40.899331	550	154
38	Alto do Campelinho 1	23600	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Destruído	Rede viária	-8.137699	40.893539	840	155
39	Alto do Campelinho 2	23601	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135619	40.894146	850	155
40	Alto do Campelinho 3	23603	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135514	40.895167	851	155
41	Alto do Campelinho 4	23604	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.136060	40.895203	851	155
42	Alto do Campelinho 5	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.138487	40.895814	826	155
43	Aliviada 1	3574	Escariz	Dólmen	Neolítico	Parcialmente destruído	Industrial/ Florestal	-8.388611	40.919531	557	154

44	Aliviada 2	4036	Escariz	Mamoa	Neolítico	Mau	Industrial/ Florestal	-8.389029	40.919576	556	154
45	Aliviada 3	11285	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial/ Florestal/ Linha de Alta tensão	-8.388344	40.919277	556	154
46	Aliviada 4	12136	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.390221	40.919283	557	154
47	Aliviada 5	12138	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial/ Florestal/ Linha de Alta tensão	-8.388344	40.919214	556	154
48	Aliviada 6	12139	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial/ Florestal/ Linha de Alta tensão	-8.388244	40.918822	553	154
49	Aliviada 7	4849	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3850256	40.9152425	549	154
50	Alagoas 1	11798	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Agricola	-8.391482	40.923457	555	154
51	Alagoas 2	11973	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.391114	40.923359	548	154
52	Alagoas 3	12099	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Industrial	-8.391612	40.923331	548	154

53	Alagoas 4	5948	Escariz	Dólmen	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.389011	40.922985	550	154
54	Alagoas 5	12123	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.388034	40.922096	550	154
55	Alagoas 6	12126	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.396661	40.924211	542	154
56	Alagoas 8	131	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.387579	40.924096	547	154
57	Alagoas 10	12129	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.390145	40.924541	550	154
58	Alagoas 11	-	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Rede viária	-8.386919	40.923014	548	154
59	Gestosa 1	12143	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Rede viária/ Florestal	-8.3953042	40.9280426	543	154
60	Gestosa 2	382	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3969973	40.9256625	543	154
61	Viso 1	12145	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.404539	40.934602	493	154

62	Viso 2	12146	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.407785	40.935629	498	154
63	Viso 3	12148	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.407477	40.935666	501	154
64	Viso 4	12150	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.407085	40.935739	505	154
65	Urreira 1	12151	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Industrial	-8.402981	40.943946	479	154
66	Urreira 2	10289	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Industrial	-8.401328	40.944581	476	154
67	Urreira 3	12152	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial	-8.402083	40.943666	476	154
68	Urreira 4	12153	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Industrial	-8.403590	40.945814	479	154
69	Urreira 5	12157	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Rede viária	-8.403546	40.944347	481	154
70	Urreira 6	12161	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Urbano	-8.404103	40.944066	484	154

71	Urreira 7	12175	Escariz	Mamoa	Neolítico	Mau	Florestal	-8.402751	40.941593	482	154
72	Urreira 8	17138	Escariz	Mamoa	Idade do Bronze	Escavado totalmente	Florestal	-8.402431	40.941729	481	154
73	Urreira 9	28399	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Urbano	-8.403235	40.942963	480	154
74	Urreira 10	32687	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.401191	40.943497	473	154
75	Calvário	12162	Escariz	Mamoa	Calcolítico	Escavado totalmente	Urbano	-8.413230	40.942739	435	154
76	Coval 1	12130	Escariz	Dólmen	Neolítico	Mau	Florestal	-8.3805647	40.9088350	564	154
77	Coval 2	4697	Chave	Mamoa	Pré-história	Regular	Urbano	-8.378643	40.906801	563	154
78	Coval 3	5007	Chave	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3782862	40.9063908	563	154
79	Coval 4	12131	Chave	Mamoa	Pré-história	Escavado totalmente	Rede viária	-8.376761	40.904075	568	154

80	Venda da Serra 1	3559	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.384076	40.912008	550	154
81	Venda da Serra 2	3504	Escariz	Dólmen	Neolítico	Mau	Florestal	-8.3836889	40.9133309	559	154
82	Venda da Serra 3	12132	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3837244	40.9137505	561	154
83	Venda da Serra 4	12133	Escariz	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.383352	40.914176	563	154
84	Caçus 1	12134	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.392425	40.918511	568	154
85	Caçus 2	12135	Escariz	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3967965	40.9134812	538	154
86	Alvite de Baixo 1	32697	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.414705	40.932164	-	154
87	Alvite de Baixo 2	32698	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.415362	40.930379	468	154
88	Toutinheira 1	32693	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3902542	40.9446198	440	154

89	Toutinheira 2	32694	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.390348	40.944505	440	154
90	Toutinheira 3	32695	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.391114	40.944754	428	154
91	Núcleo Megalítico dos Morouços	-	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Agrícola	-8.394219	40.945422	405	154
92	Gozendas 1	32696	Mansores	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3851610	40.9429036	427	154
93	Mamoa 1 de Vila Viçosa	23701	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.2146711	41.0020830	344	154
94	Portela de Moldes	-	Moldes	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.228203	40.923892	484	155
95	Arreção 1	5857	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.2807742	40.9477530	491	145
96	Arreção 2	5858	Santa Eulália	Mamoa	Neolítico	Destruído	Florestal	-8.2809944	40.9464445	492	145
97	Arreção 3	5859	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.2856283	40.9452717	501	145

98	Arreção 4	5860	Tropeço	Mamoa	Calcolítico	Parcialmente destruído	Florestal	-8.2872178	40.9445631	504	145
99	Arreção 5	5861	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.287987	40.944795	504	145
100	Arreção 6 - Casal Mau	94	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.289601	40.941811	494	145
101	Arreção 7	34705	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.2809663	40.9482850	487	145
102	Arreção 8	5947	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.2811383	40.9484967	486	145
103	Sernandes 1	-	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-	-	491	145
104	Sernandes 2	-	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-	-	488	145
105	Sernandes 3	-	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.2642414	40.9432743	473	145
106	Sernandes 4	-	Santa Eulália	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.2641465	40.9432305	473	145

107	Mamoela 1	32700	São Miguel do Mato	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3845026	40.9673941	418	144
108	Mamoela 2	32701	São Miguel do Mato	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.387091	40.967067	408	144
109	Monte da Cana	32702	São Miguel do Mato	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.3821459	40.9752287	448	144
110	Chão de Alagoa 1	-	Rossas	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3247416	40.9257253	443	155
111	Chão de Alagoa 2	-	Rossas	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3240872	40.9261423	442	155
112	Barraca 1	-	Rossas	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.3078782	40.8771522	909	155
113	Barraca 2	-	Rossas	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.3083785	40.8784149	928	155
114	Cumeeira 2	19191	Rossas	Mamoa	Pré-história	Mau	Pastoreio	-8.314868	40.881063	868	155
115	Lápide Romana de Fermedo	6374	Fermedo	Epígrafe	Época Romana	Regular	Urbano	-8.415913	40.953997	308	144

116	Hexafólio de Fervedo	-	Fervedo	Elemento Arquitetónico	Idade Média	Regular	Urbano	-8.415913	40.953997	308	144
117	Inscrição de S. Miguel do Mato	-	São Miguel do Mato	Inscrição	Idade Média	Mau	Urbano	-8.417454	40.968483	242	144
118	Jugada	6220	Alvarenga	Menir	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.0908466	40.9926148	1139	146
119	Vale do Lameiro	-	Escariz	Necrópole	Idade Média	Indeterminado	Agrícola	-8.402595	40.937479	498	155
120	Côto do Castro	-	Mansores	Indeterminado	Idade Média	Regular	Agrícola	-8.372168	40.934335	407	
121	Sr. dos Aflitos 2	23719	Alvarenga	Povoado	Idade do Bronze	Mau	Florestal	-8.160722	40.957530	495	145
122	Sr. dos Aflitos 3	23720	Alvarenga	Menir	Pré-história	Mau	Florestal	-8.159878	40.955260	482	145
123	Castelo de Carvalhais	22579	Alvarenga	Castelo Roqueiro	Idade Média	Mau	Florestal	-8.177829	40.966450	272	145
124	Cortegada	-	Alvarenga	Habitat	Época Romana	Indeterminado	Agrícola	-8.166524	40.977573	446	145

125	Pelourinho de Trancoso	-	Alvarenga	Pelourinho	Época Moderna	Regular	Urbano	-8.156138	40.966172	390	145
126	Castro de Valinhas	3321	Santa Eulália	Povoado Fortificado	Idade do Bronze - Idade do Ferro - Época Romana - Época Medieval - Época Moderna	Parcialmente destruído	Florestal	-8.262686	40.935361	445	145
127	Marmorial de Santo António	-	Santa Eulália	Sepultura	Idade Média	Bom	Urbano	-8.271004	40.928546	264	145
128	Igreja de Santa Eulália	-	Santa Eulália	Igreja Matriz	Idade Média	Bom	Urbano	-8.268210	40.931782	301	145
129	Mina da Gralheira d'Água	23834	Canelas e Espiunca	Mina	Época Romana	Regular	Florestal	-8.221308	40.968342	628	145
130	Capela de Santiago	-	Arouca e Burgo	Capela	Idade Média	Indeterminado	Florestal	-8.261454	40.935646	370	145
131	Pelourinho do Burgo	-	Arouca e Burgo	Pelourinho	Época Moderna	Bom	Urbano	-8.263034	40.927229	-	145
132	Casinhas 1	30707	Alvarenga	Mamoas	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1009438	40.9766959	992	146
133	Casinhas 2	30708	Alvarenga	Mamoas	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1011932	40.9784583	1001	146

134	Casinhas 3	30709	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.0997375	40.9801871	1015	146
135	Castelo do Monte Coruto	12560	Escariz	Castelo Roqueiro	Idade Média	Mau	Florestal	-8.406731	40.944835	511	144
136	Cidade 1	19810	Rossas	Povoado	Idade do Bronze	Mau	Florestal	-8.2987855	40.9180556	357	155
137	Malafaia	16383	Várzea	Habitat	Época Romana	Regular	Florestal	-8.301770	40.928800	330	145
138	Igreja Matriz de Várzea	-	Várzea	Igreja Matriz	Idade Média	Bom	Urbano	-8.304515	40.923940	250	155
139	Venda Nova	31226	Tropeço	Habitat	Época Romana	Parcialmente destruído	Urbano	-8.307776	40.936207	347	145
140	Apegada	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3042680	40.9353191	411	145
141	Pousadouros	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3066307	40.9294065	407	145
142	Torre dos Mouros	-	Arouca e Burgo	Torre	Idade Média	Indeterminado	Urbano	-8.264052	40.915798	381	155

143	Bacelo	-	Moldes	Habitat	Época Romana	Indeterminado	Agrícola	-8.209977	40.901034	458	155
144	Devesa da Mó	-	Moldes	Sepultura	Indeterminado	Indeterminado	Florestal	-8.213799	40.902677	575	155
145	Estrada Velha Ver	24804	Escariz	Calçada	Indeterminado	Parcialmente destruído	Florestal	-8.391837	40.943195	435-465	144
146	Necrópole de Alvariça	3948	Canelas e Espiunca	Necrópole	Época Romana	Indeterminado	Florestal	-	-	385-455	145
147	Mosteiro de Espiunca	-	Canelas e Espiunca	Mosteiro	Idade Média	Indeterminado	Agrícola	-8.213179	40.993114	85	145
148	Drave 1	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoia	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.115346	40.852688	902	156
149	Três Irmãos	-	Rossas	Menir	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.3066528	40.8792823	863	155
150	Senhora da Laje 1	-	Urrô	Arte Rupestre	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.3051031	40.8780833	880	155
151	Portelada	-	São Miguel do Mato	Necrópole	Época Romana	Indeterminado	Urbano	-8.391262	40.966215	381	144

152	Pelourinho de Arouca	-	Arouca e Burgo	Pelourinho	Época Moderna	Bom	Urbano	-8.246015	40.928450	299	155
153	Mosteiro de Arouca	-	Arouca e Burgo	Mosteiro	Idade Média - Época Moderna	Regular	Urbano	-8.246449	40.927867	298	155
154	Pombal do Parque	-	Arouca e Burgo	Indeterminado	Idade Média	Regular	Urbano	-8.248595	40.927959	293	155
155	Calçada Antiga do Cruzeiro	-	Escariz	Calçada	Época Romana	Mau	Florestal	-8.410252	40.939780	425-455	144
156	Fojo 1	4773	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.113564	40.967716	798	146
157	Fojo 2	3836	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.113136	40.967842	795	146
158	Fojo 3	28407	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.112887	40.968121	796	146
159	Fojo 4	28408	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.113314	40.968112	794	146
160	Armada 1	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Destruído	Rede viária	-8.198688	40.957659	449	145

161	Rossio 1	17606	Chave	Mamoa	Idade do Bronze	Escavado totalmente	Urbano	-8.381871	40.901663	557	154
162	Igreja Matriz de Rossas	-	Rossas	Igreja Matriz	Idade Média	Bom	Urbano	-8.303222	40.905600	238	155
163	Aborrida	-	Arouca e Burgo	Habitat	Época Moderna	Escavado totalmente	Urbano	-8.248616	40.927623	293	155
164	Pelourinho de Cabeçais	-	Fernedo	Pelourinho	Época Moderna	Bom	Urbano	-8.425043	40.950420	355	144
165	Cividade 2	-	Rossas	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.2982903	40.9128994	425	155
166	Igreja Matriz do Burgo	-	Arouca e Burgo	Igreja Matriz	Idade Média	Bom	Urbano	-8.258330	40.922009	320	155
167	Laceiras do Covo 1	19101	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	Indeterminado	Pastoreio	-	-	1012	155
168	Alto do Seixo 1	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.3191988	40.9505046	416	145
169	Alto do Seixo 2	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3192417	40.9501761	416	145

170	Alto do Seixo 3	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.3164767	40.9508616	422	145
171	Alto do Seixo 4	-	Tropeço	Mamoa	Pré-história	Destruído	Rede viária	-8.3122958	40.9508234	422	145
172	Laceiras do Covo 2	17747	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Idade do Bronze	Indeterminado	Pastoreio	-	-	1002	155
173	Alagoas 7	12127	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.396354	40.924608	541	154
174	Mamoa 5 do Vizo	22399	Escariz	Mamoa	Pré-história	Escavado totalmente	-	-8.404301	40.934476	493	144
175	Calçada de Venda da Serra	-	Escariz	Calçada	Época Romana	Mau	Rede viária	-8.384770	40.914349	555	154
176	Farrapa 3	32691	Chave	Mamoa	Pré-história	Destruído	Industrial	-8.357216	40.898430	521	154
177	Complexo Mineiro de Rio de Frades	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Complexo Mineiro	Época Contemporânea	Parcialmente destruído	Florestal	-8.188481	40.875195	320-450	155
178	Complexo Mineiro de Regoufe	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Complexo Mineiro	Época Contemporânea	Mau	Urbano	-8.134302	40.879132	645-670	155

179	Estrada Velha 2	32703	Escariz	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.397037	40.941057	461	144
180	Couto de Mós 4	-	Chave	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.3736674	40.8996547	551	154
181	Couto de Mós 5	-	Chave	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.3736674	40.8996547	550	154
182	Alagoas 9	12128	Escariz	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.396345	40.925274	539	154
183	Capela de São Pedro	-	Arouca e Burgo	Capela	Idade Média	Bom	Urbano	-8.239296	40.929202	341	145
184	Portela da Anta 2	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Pastoreio	-8.261479	40.860012	997	155
185	Alagoas 12	24716 28627	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.385884	40.924828	547	154
186	Muronçal 2	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Regular	Florestal	-8.1290128	40.9523108	653	146
187	Muronçal 3	-	Alvarenga	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Florestal	-8.131229	40.950772	631	145

188	Igreja Matriz de Alvarenga	33171	Alvarenga	Igreja Matriz	Idade Média	Bom	Urbano	-8.163899	40.969060	377	145
189	Prova 1	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135261	40.887653	812	155
190	Prova 2	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135261	40.887653	811	155
191	Prova 3	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135354	40.887402	810	155
192	Prova 4	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.135274	40.887260	810	155
193	Forno da Telha 1	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.197530	40.970023	331	145
194	Forno da Telha 2	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Destruído	Florestal	-8.197787	40.970505	307	145
195	Alto do Pereiro 1	-	Canelas e Espiunca	Mamoa	Pré-história	Parcialmente destruído	Florestal	-8.1857650	40.9661042	467	145
196	Sepultura Romana da Portela da Anta	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Sepultura	Época Romana	Escavado totalmente	Pastoreio	-8.259966	40.859860	1009	155

292	Ameixeira	-	Santa Eulália	Arte Rupestre	Indeterminado	Parcialmente destruído	Florestal	-8.278056	40.892778	620	155
293	Rocha de São João de Valinhas	-	Santa Eulália	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.262832	40.934223	390	145
294	Quinta do Paço	-	Santa Eulália	Habitat	Época Romana	Parcialmente destruído	Urbano	-8.267778	40.931389	307	145
295	Gozendas 2	-	Escariz	Mamoa	Pré-história	Mau	Florestal	-8.384018	40.942724	432	144
296	Gozendas 3	-	Escariz	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.384167	40.942500	433	144
297	Gozendas 4	-	Escariz	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.385383	40.942244	424	144
298	Barrosa	-	Mansores	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.3794809	40.9426271	379	144
299	Boavista	-	Mansores	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.373456	40.938619	415	144
300	Fraga da Ferradura	21427	Côvelo de Paivó e Janarde	Arte Rupestre	Indeterminado	Mau	Florestal	-8.26684	40.85045	-	155

301	Calvário de Mansores	-	Mansores	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Urbano	-8.369832	40.938596	380	144
302	Marca dos Mouros	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.138217	40.8756	585	155
303	Selada	22209	Escariz	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.401689	40.943634	-	144
304	Rego da Portela	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.141667	40.896944	747	155
305	Gravura do Cando	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.218346	40.877304	876	155
306	Gravura do Radar	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.283231	40.846873	1040	155
307	Gravura de Povos	-	Arouca e Burgo	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Rede viária	-8.283231	40.846873	640	155
308	São Pedro Velho	16871	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Indeterminado	Pastoreio	-8.280269	40.875031	1040	155
309	Patoleiro	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Indeterminado	Indeterminado	Parcialmente destruído	Florestal	-8.132950	40.888898	791	

310	Fraga dos 7 Riscos	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Florestal	-8.229444	40.876944	991	155
311	Cando 2	16877	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.227034	40.872653	1055	155
312	Cando 3	16878	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Indeterminado	Pastoreio	-8.225741	40.872861	1040	155
313	Cando 4	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.2249990	40.8734524	1040	155
314	Serlei 3	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Complexo Mineiro	Época Contemporânea	Regular	Pastoreio	-8.2423770	40.8638724	1090	155
315	Serlei 1	23588	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.2423770	40.8638724	1090	155
316	Serlei 2	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.244265	40.865206	1080	155
317	Cabaços 1	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.27832	40.85687	-	155
318	Cabaços 2	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.27832	40.85687	-	155

319	Prova 5	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.137670	40.883640	791	155
320	Prova 6	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.136610	40.884000	792	155
321	Prova 7	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Indeterminado	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.136070	40.884400	788	155
322	Prova 8	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.136830	40.889200	820	155
323	Chão de Anta 1	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Mamoa	Pré-história	Regular	Pastoreio	-8.151297	40.896031	731	155
324	Casa da Ribeira	23443	Arouca e Burgo	Habitat	Época Contemporânea	Regular	Urbano	-8.245721	40.929177	-	145
325	Chão das Casas	16876	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	-8.237924	40.880252	1000	155
326	Boca	31220	Canelas e Espiunca	Necrópole	Época Romana	Indeterminado	Urbano	-8.207189	40.968981	320	145
327	Conheiras do Paiva	-	Côvelo de Paivó e Janarde	Complexo Mineiro	Época Romana	Regular	Leito de rio	-8.153479	40.925539	-	155

328	Carvalhais	-	Alvarenga	Indeterminado	Indeterminado	Mau	Rede viária/ Florestal	-8.192141	40.981673	280	145
329	Junqueiro 1	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Arte Rupestre	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.2653257	40.8634266	1000	155
330	Merujal 1	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Indeterminado	Indeterminado	Regular	Pastoreio	-8.2870891	40.8685463	1000	155
331	Portela da Anta 4	-	Cabreiros e Albergaria da Serra	Calçada	Época Romana	Mau	Rede viária	-8.2653317	40.8615388	1000	155
332	Senhora da Laje 2	-	Urrô	Arte Rupestre	Indeterminado	Mau	Local de Culto/ Lazer	-8.303040	40.878579	875	155
333	Castelo de Arouca	3321	Santa Eulália	Castelo Roqueiro	Idade Média	Mau	Florestal	-8.264316	40.935880	445	145
334	Reguengo	12853	Urrô	Tesouro	Época Romana	Escavado totalmente	Rede viária	-8.292187	40.918577	275	155

ANEXO 2 – FICHAS DE SÍTIO

Nr.º CAA / 001/ PORTELA DA ANTA

Designação

CNS 3674

Lugar/ Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

freguesia

Tipologia Monumento Megalítico

Cronologia Neolítico - Idade do Bronze

Coordenada 40.859875; -8.259883

Altitude 1009 m

Descrição

«Em pleno coração da Freita, a grande mamoa da Portela da Anta, de planta sub-elíptica e com cerca de 35 metros de diâmetro e uma potente carapaça de blocos graníticos que a impõem na paisagem, envolve os restos ainda monumentais de um dolmen de corredor de planta poligonal, com cerca de oito metros de comprimento, de que se vêem cerca de duas dezenas de esteios, muitos dos quais implantados no local original, enquanto os restos de algumas coberturas permanecem ainda nas proximidades.

Trabalhos arqueológicos recentes revelaram que o grande dolmen hoje visível sucedeu a uma outra câmara funerária, de planta poligonal. Um curioso círculo lítico, de função provavelmente ritual, adossa-se à mamoa no lado oposto ao da câmara sepulcral, evidenciando ainda a grande colina funerária outros aspectos arquitectónicos notáveis, designadamente um átrio que se abria frente à entrada do corredor, delimitado por um murete e igualmente de carácter cerimonial. Construída provavelmente em pleno período Neolítico, a grande mamoa da Portela da Anta continuaria num processo de necropolização e monumentalização durante cerca de 2000 anos, sendo a reutilização do corredor do dolmen na Idade do Bronze o momento final dessa tradição funerária, segundo confirma uma data radiocarbónica obtida para o monumento e que forneceu a cronologia de 3400 +/- 100 anos BP (o que aponta para c. de 1400 a.C.). Aliás, essa tradição funerária teria ainda continuidade mais tardia... tendo em conta que na mesma mamoa se implantou uma sepultura de incineração em época romana (Sítio 196)». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Próximo do Cabeço do Serlei. O acesso mais fácil faz-se pela estrada que conduz de Albergaria à Castanheira. Um pouco adiante de Cabaços volta-se para Norte

num estradão (sinalizado); poucas centenas de metros adiante uma árvore isolada e um pontão de pedra rústico marcam o local onde deve voltar-se a Nascente, em breve se vislumbrando o monumento.

Observações O espólio arqueológico resultante da escavação do monumento é constituído essencialmente por algumas dezenas de fragmentos cerâmicos, utensílios em pedra lascada (pontas de seta, lâminas, geométricos, lamelas e lascas) e um pequeno furador ou sovela em cobre, atestando uma fase final de utilização do monumento (Idade do Bronze).

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1986b; 1996; 1997; SILVA 2004:72

Nr.º CAA /	002/ MONTE CALVO 1
Designação	
CNS	6357
Lugar/ freguesia	Monte Calvo/ Cabreiros e Albergaria
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Idade do Bronze
Coordenada	40.851424, -8.267311 (A localização do sítio no Geoportal encontra-se errada, pelo que se disponibilizam coordenadas atualizadas);
Altitude	1008 m
Descrição	<p><i>«Monumento de dimensões relativamente pequenas, apresentando o tumulus cerca de oito metros de diâmetro e 0,50m. de altura. Foi objeto de escavação arqueológica, que revelou um montículo constituído essencialmente por blocos de granito a que se sobrepunha uma camada de calhaus de quartzo. Um círculo lítico externo fazia a contenção do conjunto. O espaço funerário evidenciou restos de uma sepultura tipo cista, infelizmente muito destruída. Encontra-se muito próximo da Mamoa 2 deste núcleo».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).</p>
Conservação	Regular
Acesso	Junto à estrada, perto do entroncamento que conduz a Arões/Manhouce. Na estrada que vai de Cabaços, próximo da bifurcação que segue para Vale de Cambra ou S. Pedro do Sul, encontra-se o monumento do lado direito da estrada, de onde é visível.
Observações	O espólio arqueológico é constituído por alguns pequenos fragmentos cerâmicos e um nódulo biotítico ("pedra parideira") colocado diretamente sobre a rocha natural. Um dos blocos graníticos que compunha a couraça externa apresenta a gravação de um unglado. Este monumento é também designado como Lousedo 1 em SÁ 2014.
Bibliografia	SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:74; SÁ 2014a, 2015;

Nr.º CAA / 003/ MONTE CALVO 2

**Designação
CNS** 7240

**Lugar/
freguesia** Monte Calvo/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada 40.850421; -8.266857

Altitude 1007 m

Descrição *«Muito próximo da Mamoa 1 deste núcleo, este monumento apresenta maiores dimensões, com cerca de doze metros de diâmetro e 0,50m. de altura. A intervenção arqueológica realizada revelou que o tumulus era também revestido por uma carapaça lítica onde avulta o branco dos quartzos, enquanto no centro surgiu uma sepultura em fossa, algo irregular, que era coberta por uma espécie de grande “tampa” em granito».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Junto à estrada, perto do entroncamento que conduz a Arões/Manhouce. Na estrada que vai de Cabaços, próximo da bifurcação que segue para Vale de Cambra ou S. Pedro do Sul, encontra-se o monumento do lado direito da estrada, de onde é perfeitamente visível, dentro de um cercado de pedra, poucos metros adiante da Mamoa1.

Observações O espólio arqueológico resume-se a alguns fragmentos cerâmicos, pertencentes a uma taça carenada, um seixo quartzítico e, tal como na Mamoa 1, uma “pedra parideira” colocada intencionalmente na base do monumento. Este monumento é também designado como Lousedo 2 em SÁ 2014.

Bibliografia SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:75; SÁ 2014a, 2015;

Nr.º CAA / 004/ BRACEIRO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Braceiro/ Pardinhas / Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 1012 m

Descrição *«Destruído inadvertidamente poucos anos antes da 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000), pelo alargamento de um caminho, este pequeno monumento de tradição megalítica, com um tumulus de cerca de 4 metros de diâmetro e menos de 50 cm. de altura, constituiria por certo exemplo raro das cistas funerárias da Idade do Bronze. A pequena mamoa estava delimitada por um pequeno círculo de blocos graníticos e viam-se ainda restos da couraça de proteção, onde a floravam calhaus de quartzo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso

Observações Segundo os autores da edição de 2000, nas terras revolidas da zona onde se situava a mamoa recolheu-se, após a sua destruição, uma pequena laje de granito com duplo entalhe lateral, que poderá corresponder a uma estela votiva.

Bibliografia SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:76

Nr.º CAA / 005/ DETRELO 1

**Designação
CNS** 16872

**Lugar/
freguesia** Detrelo da Malhada / Moldes

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.885039; -8.256651

Altitude 1092 m

Descrição *«Mamoas de dimensões médias, apresentando o tumulus cerca de 10 metros de diâmetro e mais de 50 cm. de altura, sendo bem visíveis os restos da couraça lítica de cobertura e o negativo da violação na área da câmara funerária. Vegetação herbácea e arbustiva, predominando a carqueja e a urze».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Detrelo da Malhada. Situa-se perto da estrada, entre o Radar e Cabreiros, cerca de 150 metros a OSO. da torre do marco geodésico do Detrelo da Malhada.

Observações

Bibliografia SILVA 1992; SILVA 2004:76

Nr.º CAA /	006/ DETRELO 2
Designação	
CNS	16873
Lugar/ freguesia	Detrelo da Malhada / Cabreiros e Albergaria
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.883368; -8.259695 (A localização do sítio no Geoportal encontra-se errada, pelo que se disponibilizam coordenadas atualizadas.)
Altitude	1086 m
Descrição	<p>«Mamoa de dimensões médias, apresentando o tumulus cerca de 10 metros de diâmetro e mais de 50 cm. de altura, sendo bem visíveis os restos da couraça lítica de cobertura e o negativo da violação na área da câmara funerária. Vegetação herbácea e arbustiva, predominando a carqueja e a urze». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).</p>
Conservação	Regular
Acesso	Perto do Detrelo da Malhada. Situa-se a cerca de um quilómetro do Radar, na estrada para Cabreiros e antes de chegar à torre do Detrelo. O monumento localiza-se do lado Sul da estrada, a cerca de 100 metros.
Observações	
Bibliografia	SILVA 1992; SILVA 2004:77

Nr.º CAA /	007/ DETRELO 3
Designação	
CNS	16874
Lugar/ freguesia	Detrelo da Malhada / Santa Eulália
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.884906; -8.264581 (A localização do sítio no Geoportal encontra-se errada, pelo que se disponibilizam coordenadas atualizadas.)
Altitude	1081 m
Descrição	<p><i>«Pequeno túmulo com 7 metros de diâmetro e altura próxima dos 0,75 metros. É claramente perceptível a couraça de blocos de pedra que recobria a sepultura, bem como o negativo de violações antigas no centro do monumento. Importante é também a implantação topográfica desta pequena mamoa, situada num dos topos setentrionais do planalto da Serra da Freita e permitindo, por isso, uma ampla visibilidade para todo o vale de Arouca. Vegetação herbácea e arbustiva, predominando a carqueja e a urze».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).</p>
Conservação	Regular
Acesso	Entre o radar e o Detrelo da malhada. No ponto em que a estrada do Radar Bifurca para Arouca e cabreiros, siga-se no sentido desta última povoação. A cerca de 100 metros, do lado norte da estrada, um caminho em terra batida leva praticamente ao monumento.
Observações	Percurso todo-o-terreno a passar na proximidade da mamoa, a NO/O.
Bibliografia	SILVA 1992; SILVA 2004:77

Nr.º CAA /	008/ DETRELO 4
Designação	
CNS	16875
Lugar/ freguesia	Detrelo da Malhada / Santa Eulália
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.884120, -8.264894 (A localização do sítio no Geoportal encontra-se errada, pelo que se disponibilizam coordenadas atualizadas.)
Altitude	1080 m
Descrição	<p><i>«O monumento terá sido afetado por ação da florestação, desflorestação e da erosão natural subsequente. Atualmente, o pinhal onde se inseria foi cortado e permitiu uma melhor perceção do monumento. Corresponde a uma pequena mamoa com cerca de seis metros de diâmetro, onde se verifica os restos de um tumulus que não ultrapassará os 30 cm. de altura e o negativo muito esbatido da cratera de violação central. A couraça é composta por um aglomerado de pedras de xisto».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).</p>
Conservação	Mau
Acesso	Entre o radar e o Detrelo da malhada. No ponto em que a estrada do Radar bifurca para Arouca e Cabreiros, siga-se no sentido desta última povoação. A cerca de 100 metros, do lado norte da estrada, o caminho que o leva ao monumento Detrelo 3 passa junto ao monumento Detrelo 4. Fica a cerca de 30 metros, a partir da estrada de alcatrão.
Observações	Dado como destruído nos trabalhos da Carta de 2000.
Bibliografia	SILVA 1992; SILVA 2004:78

Nr.º CAA / 009/ MOÍNHOS DE VENTO

Designação

CNS 23599

Lugar/ Várzeas/ Alvarenga

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9589127; -8,1454038

Altitude 546 m

Descrição «*Mamoas de grandes dimensões, com cerca de 25 metros de diâmetro, altura entre os dois e os três metros e uma potente couraça de blocos de xisto. Cratera de violação bastante expressiva, com c. de 3 x 2m. e 50 cm. de profundidade, aparentemente um pouco descentrada, aflorando o que parecem ser restos de esteios ou de lajes de cobertura. Revestimento vegetal arbustivo (carqueja, tojo e silvados) e floresta de eucalipto*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, deve voltar-se à esquerda num caminho empedrado junto ao lugar de Várzeas. Cerca de 250 metros acima, volte-se de novo à esquerda, num estradão de terra. Encontra-se o monumento a cerca de 500 metros, do lado Sul do caminho.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:167

Nr.º CAA / 010/ CHÃ DA CORUJEIRA

Designação

CNS 23775

Lugar/

Chã da Corujeira/ Alvarenga

freguesia

Tipologia

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,9852188; -8,1639891

Altitude

557 m

Descrição

«Mamoa de grandes dimensões, com cerca de 35 metros de diâmetro, altura entre os dois e os três metros e uma potente couraça de blocos de xisto, grauaques e quartzo. A depressão central de violação é bastante expressiva, com mais de seis metros de diâmetro e profundidade superior a meio metro. O monumento foi cortado a toda a volta, à exceção do sector Nascente, pela abertura de um acesso para plantio de eucaliptos. No talude assim criado, que chega a atingir 1,5m. de altura, são visíveis restos de estruturas líticas, possivelmente da couraça do monumento. A mamoa serve ainda de assentamento a marcos de propriedade e a um poste de eletricidade. Revestimento vegetal composto por floresta de eucalipto e arbustivo (carqueja e tojo)». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que o sítio se encontra bastante afetado por trabalhos de reflorestação;

Conservação

Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso

Na Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, a cerca de 200 metros após um posto de abastecimento de combustível, aparece um pequeno caminho ascendente, à esquerda. Subindo por este caminho, asfaltado apenas no início, passa-se pela Fonte de Vale e pela Chã, atingindo-se o monumento após um percurso de perto de 2,5 km. A mamoa situa-se do lado direito de um cruzamento de estradões, antes de chegar ao Alto da Chã.

Observações

Bastante afetado por trabalhos de reflorestação no final de 2021;

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:167

Nr.º CAA / 011/ ALTO DA CHÃ 1

Designação

CNS 28397

Lugar/ Alto da Chã/ Alvarenga

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9863888; -8,1678740

Altitude 546 m

Descrição *«Monumento constituído por um tumulus de médias dimensões, com 12 metros de diâmetro e altura entre os 50 e os 100 cm. Apesar da densa vegetação arbustiva que o recobre não permitir uma perceção mais clara da mamoa, vêem-se restos da couraça lítica de cobertura, com blocos de quartzo, xisto e granito. A violação parece um pouco descentrada e tem 4 x 2 metros e c. de 0,50 m. de profundidade. Revestido por densa vegetação arbustiva de urze e tojo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Na Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, a cerca de 200 metros após um posto de abastecimento de combustível, aparece um pequeno caminho ascendente, à esquerda. Subindo por este caminho, asfaltado apenas no início, passa-se pela Fonte de Vale e pela Chã, atingindo-se o Alto da Chã após cerca de três quilómetros. O monumento situa-se do lado esquerdo do estradão, a c. de 30 m., junto a uma pequena mancha florestal e logo no início de uma área de vegetação arbustiva que culmina no morro quartzítico do "Calhau do Seixo", à cota de 553 m.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:168

Nr.º CAA / 012/ ALTO DA CHÃ 2

Designação

CNS 23597

Lugar/ freguesia Alto da Chã/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9868634; -8,1695617

Altitude 539 m

Descrição *«Mamoas de médias dimensões, com 14 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará um metro. São visíveis restos de couraça com blocos de xisto e quartzo. A depressão da violação tem c. de 2,5 metros de diâmetro e uma profundidade na ordem dos 50 cm. Coberto vegetal à base de carqueja e urze».*
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Na Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, a cerca de 200 metros após um posto de abastecimento de combustível, aparece um pequeno caminho ascendente, à esquerda. Subindo por este caminho, asfaltado apenas no início, passa-se pela Fonte de Vale e pela Chã, atingindo-se o Alto da Chã após cerca de três quilómetros. O monumento situa-se do lado esquerdo do estradão, junto a um muro de propriedade, a cerca de 150 metros para Oeste-Noroeste da Mamoa 1 deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:168

Nr.º CAA / 013/ ALTO DA CHÃ 3

Designação

CNS 23698

Lugar/ freguesia Alto da Chã/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9871344; -8,1698541

Altitude 541 m

Descrição

«Mamoas de médias dimensões, com c. de 14,5 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará um metro. São visíveis restos de couraça com blocos de xisto e quartzo. A depressão da violação tem c. de 3 x 4m. e uma profundidade na ordem dos 50 cm. Coberto vegetal à base de carqueja e urze».
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso

Na Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, a cerca de 200 metros após um posto de abastecimento de combustível, aparece um pequeno caminho ascendente, à esquerda. Subindo por este caminho, asfaltado apenas no início, passa-se pela Fonte de Vale e pela Chã, atingindo-se o Alto da Chã após cerca de três quilómetros. O monumento situa-se do lado esquerdo do estradão, junto a um muro de propriedade, a cerca de 60 metros a Noroeste da Mamoa 2 deste núcleo.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:169

Nr.º CAA / 014/ CHÃ DE MINA

Designação

CNS 28397

Lugar/ Chã de Mina/ Alvarenga

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9636697; -8,1295120

Altitude 633 m

Descrição

«Monumento de apreciáveis dimensões, com um tumulus de c. de 17 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura. São notórios os vestígios da couraça lítica em xisto, sendo a violação central, com cerca de 2,5m. de diâmetro, relativamente pouco profunda. O monumento foi bastante afetado pela preparação do terreno para o plantio de eucaliptos, trabalhos que desmantelaram a maior parte da couraça lítica que o revestia. A sepultura está coberta por denso eucaliptal e vegetação arbustiva, predominando a carqueja e o tojo». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, deve voltar-se à esquerda no caminho empedrado que leva a Vila Galega. Volta-se novamente à esquerda num cruzamento 250 metros acima, encontrando-se o monumento cerca de 300 metros adiante, junto a um outro cruzamento.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:163

Nr.º CAA / 015/ MURONÇAL 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Muronçal/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9534414; -8,1253485

Altitude 710 m

Descrição *«Monumento de apreciáveis dimensões, com um tumulus de c. de 17 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura. São notórios os vestígios da couraça lítica em xisto, sendo a violação central, com cerca de 2,5m. de diâmetro, relativamente pouco profunda. O monumento foi bastante afetado pela preparação do terreno para o plantio de eucaliptos, trabalhos que desmantelaram a maior parte da couraça lítica que o revestia. A sepultura está coberta por denso eucaliptal e vegetação arbustiva, predominando a carqueja e o tojo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Parcialmente destruído

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, já no limite do Concelho de Arouca, deve voltar-se à esquerda por um estradão de terra que sobe até ao Muronçal. A mamoa situa-se a cerca de 600 metros da estrada, do lado Sul do caminho. Um corta-fogo conduz ao monumento, que se situa a apenas 50 metros, no topo de um cabeço.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:164

Nr.º CAA / 016/ SENHORA DO MONTE 1

Designação

CNS 28391

Lugar/ Senhora do Monte/ Alvarenga

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 853 m

Descrição *«O monumento foi destruído por completo pela florestação de eucaliptos em inícios dos anos '90. Originalmente tratava-se de um tumulus de planta circular, com um diâmetro de c. de dez metros e uma altura acima do solo de 0,50 metros. Possuía restos de couraça lítica em xisto e na depressão central de violação afluía o topo de um esteio de idêntica litologia».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso O monumento, hoje destruído, situava-se a cerca de 400 metros para Este-Sudeste da Capela da Senhora do Monte, junto a outro monumento, também destruído.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:153

Nr.º CAA / 017/ SENHORA DO MONTE 2

Designação

CNS 28392

**Lugar/
freguesia** Senhora do Monte/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 854 m

Descrição *«O monumento foi destruído por completo pela florestação de eucaliptos em inícios dos anos '90. Situado muito próximo da Mamoa 1, tratava-se de uma pequena mamoa de tradição megalítica com c. de quatro metros de diâmetro e uma altura de apenas 20 ou 30cm. A terraplenagem do monumento pôs a descoberto uma estrutura sepulcral de tipo cistóide, composta por quatro ou cinco pequenas lajes de xisto».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso O monumento, hoje destruído, situava-se nas imediações de um outro monumento, entre afloramentos de xisto.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:153

Nr.º CAA / 018/ S. PEDRO DO CAMPO 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** S. Pedro do Campo/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 41.010693; -8.088449

Altitude 1102 m

Descrição *«Monumento constituído por um tumulus de grandes dimensões, com uma altura de c. de 1,5 metros e de contorno levemente ovalado (21 metros no eixo NO.-SE., 18 metros no sentido NE.-SO.). Couraça pétrea em granito, bem visível e muito bem estruturada. Cratera de violação com cerca de três metros de diâmetro, vendo-se o topo de um esteio aparentemente in situ. A Mamoa 2 integra uma necrópole de pelo menos quatro monumentos megalíticos, dos quais um dos maiores de situa a cerca de 75 metros para NE., já no Concelho de Cinfães, implantado sobre um afloramento e também com restos significativos da câmara sepulcral claramente visíveis».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Situa-se um pouco adiante da Capela de S. Pedro do Campo (Tendais, Cinfães). Segue-se por um estradão na direção NO e a cerca de 350 metros, numa chã levemente deprimida e junto a um grande lameiro, vêem-se dois grandes monumentos megalíticos, um de cada lado do caminho, que aqui coincide sensivelmente com o limite do Concelho de Arouca. A designada Mamoa 2 é o monumento situado do lado esquerdo do caminho para quem segue a partir da capela.

Observações

Bibliografia SILVA e CUNHA 1994; PINHO 1996; 1997; PINHO et al. 1999; TEIXEIRA e AMARAL 2000; SILVA 2004:163

Nr.º CAA / 019/ VALE DO ASNO

Designação

CNS 23576

Lugar/

Vale do Asno, Montemuro/ Alvarenga/Tendais

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,9868434; -8,0898726

Altitude

1126 m

Descrição

«*Monumento megalítico de médias dimensões, com um tumulus subcircular de cerca de 12,5 metros de eixo N.-S., parecendo um pouco mais alongado no sentido E.-O., com 14,5 metros. A mamoas, sobre a qual se apercebem abundantes restos de blocos graníticos da couraça, encontra-se bastante abatida, sendo a sua altura atual inferior a um metro. A depressão central de violação é bastante larga, atingindo 4,5 metros de eixo E.-O. e bastante acentuada (0,50 m. de profundidade). Na área central do monumento ou deslocados sobre o tumulus vêem-se seis esteios da câmara funerária, também em granito, um dos quais, in situ, tem 0,75m. de largura e 0,35m. de altura visível, enquanto o maior dos que se acham derrubados tem c. de metro e meio de comprimento. A irregularidade do tumulus e o grande número de esteios visíveis permitem colocar a hipótese de poder tratar-se de uma sepultura de corredor. Tojo, fetos e algumas herbáceas constituem atualmente o coberto vegetal da mamoas*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo, Alto do Côto e Alto do Vale do Asno, num percurso sensivelmente paralelo aos limites do Concelho de Arouca. Tem de percorrer-se uma distância de perto de 3,7 km., por estradões só acessíveis a todo-o-terreno, passando, entretanto, pelo núcleo de mamoas do Fojo e pelas Mamoas 2 e 3 das Casinhas. O monumento situa-se num colo aplanado e não é visível do caminho, devendo andar-se cerca de 300 metros para Este-Sudeste para o atingir. Outro percurso possível é a partir da Capela de S. Pedro do Campo (Tendais), de onde a mamoas dista cerca de 2 km.

Observações

Bibliografia

SILVA 2004:157

Nr.º CAA / 020/ SENHOR DOS AFLITOS 1

Designação

CNS 23691

Lugar/ Senhor dos Aflitos/ Alvarenga

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada 40.958056, -8.163889

Altitude 440 m

Descrição Previamente à escavação, o monumento era de médias dimensões, com cerca de dez metros de diâmetro, situando-se a altura do tumulus entre os 0,50 e 1 metro. Eram bem visíveis os vestígios da couraça lítica em granito e quartzo leitoso, para além de um conjunto de grandes blocos graníticos que pareciam formar um anel de contenção periférica. A depressão de violação, pelo contrário, era pouco perceptível (SILVA 2004).

A mamoa do Senhor dos Aflitos revelou-se uma estrutura funerária sob tumuli de pequenas dimensões, de contorno sub-elíptico, com cerca de 1 a 1,5 metro de altura, com câmara em cista de tradição megalítica. Destaca-se a laje de base da câmara sepulcral, cuja morfologia se entendeu ser assimilável a uma configuração fálica (com a coroa da glande marcada por pequenos sulcos simétricos) e com ligeiro contorno antropomórfico (PEREIRA 2014).

Conservação Regular

Acesso Subindo ao monte do Senhor dos Aflitos a partir da Capela de Santo António, encontra-se o monumento cerca de 250 metros acima, do lado direito do caminho.

Observações Monumento escavado por Gabriel Pereira (NexoArqueologia) em 2008, para construção de moradia.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:171, PEREIRA 2014

Nr.º CAA / 021/ PAÚL DAS MERENDAS 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Paúl das Merendas/ Cabril (Castro Daire)

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9558943; -8,1211643

Altitude 735 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com cerca de 15 metros de diâmetro e 1 metro de altura. A mamoa foi bastante destruída pela abertura de um corta-fogo (?), com cerca de seis metros de largura, que terraplanou a área da câmara no sentido SSO. -NNE. Restos de couraça lítica em xisto são ainda perceptíveis no sector melhor conservado da mamoa. Abundante vegetação arbustiva de carqueja, urze e tojo reveste atualmente a sepultura. O monumento pertence a um núcleo de quatro mamoas, uma das quais, a Mamoa 3, se situa já para além dos limites de Arouca, na freguesia de Cabril, Castro Daire».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Parcialmente Destruído

Acesso Subindo ao monte do Senhor dos Aflitos a partir da Capela de Santo António, encontra-se o monumento cerca de 250 metros acima, do lado direito do caminho.

Observações O sítio encontra-se parcialmente destruído. Todavia, foi possível perceber que os 4 monumentos de Paúl das Merendas se situam todos fora do limite de Arouca, no concelho de Castro Daire (segundo o CAOP).

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:165

Nr.º CAA / 022/ PAÚL DAS MERENDAS 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Paúl das Merendas/ Cabril (Castro Daire)

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9538574; -8,1223069

Altitude 719 m

Descrição *«O monumento terá sido destruído quase por completo por revolvimentos de terras relativamente recentes. Restos do tumulus parecem ainda detetar-se, no entanto, numa área onde se nota uma particular concentração de blocos de xisto e de quartzo, que poderão corresponder à eventual couraça lítica de cobertura. Carqueja, urze e algum tojo constituem atualmente o revestimento vegetal na área. O monumento pertence a um núcleo de quatro mamoas, uma das quais, a Mamoa 3, dos limites de Arouca, na freguesia de Cabril, Castro Daire».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), foi possível perceber, através dos CAOP, que todos os monumentos de Paúl das Merendas se localizam já no município de Castro Daire. Todavia, é ainda perceptível do monumento, embora bastante afetado.

Conservação Parcialmente Destruído

Acesso Monumento parcialmente destruído. Situa-se perto de 200 metros a Sudoeste da Mamoa 1 desde núcleo.

Observações Aquando da realização da 1ª edição da CAA, entendeu-se que o sítio 3 se localizaria fora dos limites administrativos de Arouca. Nos recentes trabalhos, verificou-se que os 4 sítios se localizam em Cabril/ Castro Daire.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:166

Nr.º CAA / 023/ PAÚL DAS MERENDAS 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Paúl das Merendas/ Cabril (Castro Daire)

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.956884; -8.121221

Altitude 731 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com uma altura superior a 0,50 m. e cerca de 12 metros de diâmetro. Encontra-se arrasado sensivelmente pela metade por revolvimentos de terra a Oeste, parecendo identificar-se à superfície do talude assim criado duas lajes de xisto pertencentes à estrutura sepulcral. O estado de destruição do monumento megalítico, cujo tumulus foi também objecto de revolvimentos, e a densa vegetação arbustiva (carqueja, tojo e urze) que o recobre, não permitem uma melhor caracterização da sepultura, se bem que pareçam notar-se vestígios da couraça lítica em xisto. O monumento pertence a um núcleo de quatro mamoas, uma das quais, a Mamoa 3, se situa já para além dos limites de Arouca, na freguesia de Cabril, Castro Daire».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), pelo estado da vegetação, não foi possível identificar o sítio ou, tão pouco, perceber se se encontrará totalmente destruído.

Conservação Mau/ Destruído?

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, já no limite do Concelho de Arouca, deve subir-se à esquerda por um estradão de terra que passa pelo Muronçal e atinge o Paúl das Merendas, num percurso total de cerca de um quilómetro. A mamoa situa-se do lado direito do caminho, à semelhança da Mamoa 1, da qual dista perto de 100 metros para Norte.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:166

Nr.º CAA / 024/ CÓRREGOS 1

Designação

CNS 28393

Lugar/ freguesia Córregos/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9647784; -8,1170347

Altitude 872 m

Descrição

«Situado numa cumeada de grande visibilidade envolvente, o monumento reconhece-se facilmente pela presença de uma torre de vigia que foi implantada no seu topo. Trata-se de um monumento de grandes dimensões com um tumulus de c. de 1,5 metros de altura e um diâmetro máximo que atualmente ronda os 18 m. (eixo N.-S.), o que não corresponderá ao que seria a totalidade da mamoa, uma vez que o monumento foi circundado por um caminho que deverá ter cerceado talvez em uns dois ou três metros toda a periferia do tumulus. O monumento foi construído em xisto, vendo-se restos da couraça lítica, neste material, à superfície. A depressão central de violação é pouco perceptível, pelo facto de nela estar assente, em grossas sapatas de cimento, a referida torre de vigia. Cobertura vegetal à base de carqueja e urze». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão na direção Sudeste. O monumento situa-se a cerca de 700 metros e é facilmente identificável pelo facto de nele estar implantada uma torre de vigia.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:151

Nr.º CAA / 025/ CÓRREGOS 2

Designação

CNS 28394

Lugar/ freguesia Córregos/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9642966; -8,1173113

Altitude 868 m

Descrição *«Tumulus de planta circular, com cerca de sete metros de diâmetro e uma altura de um metro. Possuía forte violação central e sobre a mamoa eram bem visíveis os elementos pétreos, em xisto, da carapaça que cobria integralmente o tumulus. Com os trabalhos de reflorestação no plateau, a mamoa sofreu algumas alterações na camada superficial e parte da sua vertente foi mutilada pela abertura de um estradão. Intervencionado arqueologicamente em 1991, revelar-se-ia um tumulus revestido por lajes de xisto, algumas de grande tamanho, as quais tinham a função de "capear" a mamoa. A estrutura funerária consistia numa coroa subcircular em xisto, de lajes dispostas em escama de peixe, com um diâmetro exterior de cerca de três metros e interiormente de dois metros. Esta coroa terá servido de contraforte à área deposicional funerária aí existente, da qual apenas se detetaram algumas lajes planas em xisto, de dimensões médias, sobrepostas umas nas outras, arrancando do contraforte, em posição oblíqua para o centro do tumulus. Aparentemente a câmara funerária terá sido uma estrutura SUB megalítica peculiar que, quando completa, teria um recorte piramidal».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão na direção Sudeste. O monumento situa-se a cerca de 50 metros para Sul-Sudoeste da Mamoa 1 deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:152

Nr.º CAA / 026/ CÓRREGOS 3

Designação

CNS 28396

Lugar/ freguesia Córregos/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 866 m

Descrição *«Monumento de razoáveis dimensões, que foi bastante afetado por movimentações de terras relacionadas com o plantio de eucaliptos, e sobretudo pela abertura de um estradão que lhe passa a NNO. e que terraplanou cerca de metade do monumento, destruindo por completo os níveis superiores do tumulus. Atualmente a mamoa tem cerca de 16 m. de diâmetro no eixo melhor conservado (ENE. -OSO.) e uma altura de cerca de um metro, vendo-se ainda restos da couraça em xisto e parte da depressão central de violação, com c. de 0,30m. de profundidade. Vários indícios sugerem que se tratará de um monumento de corredor. Os restos do monumento acham-se cobertos por vegetação rasteira, predominando a carqueja e a urze».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar o monumento. Uma vez que já teria sido consideravelmente afetado, suspeitamos que possa, agora, ter sido destruído.

Conservação Mau/ Destruído

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão na direção Sudeste. O monumento situa-se a 40 metros para Nordeste da Mamoa 1 deste núcleo.

Observações A necrópole de Córregos é por vezes também designada na bibliografia por necrópole de "Cabril".

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; 1999b; SILVA 2004:151

Nr.º CAA / 027/ SÃO JOÃO DAS COSTEIRAS
Designação
CNS

Lugar/ freguesia Costeiras/ Arouca e Burgo

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.925083; -8.237178

Altitude 398 m

Descrição *«Junto à esquina Sudeste da Capela de S. João das Costeiras situava-se um monumento megalítico, destruído inadvertidamente quando há poucos anos se procedeu a obras de arranjo do templo e respetiva envolvência. Tratava-se de um tumulus de planta subcircular, com um diâmetro de c. de 10 metros e uma altura de cerca de 0,40 m. A construção da Capela (séc. XVIII) havia já afetado uma parte do montículo, no qual não se detetavam vestígios de couraça, se bem que a depressão central de violação fosse bastante pronunciada».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situava-se junto ao cunhal Sudeste da Capela de S. João das Costeiras.

Observações Encontra-se um pequeno «alto» na zona, sob a calçada. É possível que ainda reste algo do sítio por baixo do piso.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:202

Nr.º CAA / 028/ QUINTA D´ENTRE ÁGUAS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portela/ Moldes

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.924569; -8.229158

Altitude 483 m

Descrição «*Tumulus de planta subcircular/elíptica com um diâmetro de c. de 12 metros e uma altura na ordem dos 0,50m. Apresenta uma grande violação central, em cujo centro se encontra um eucalipto de grande porte. A mamoa, na qual não se observam vestígios de couraça, encontra-se bastante abatida, principalmente a Sul*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), foi possível relocalizar o monumento, cujo trabalho da 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000) não o tinha permitido. Todavia, guardamos algumas reservas se se tratará, ou não, de um monumento megalítico/mamoa

Conservação Mau/ Destruído

Acesso A partir da mamoa da Portela de Moldes, segue-se a estrada, sentido Senhora da Mó, cerca de 100 metros. Ai, cortar por um caminho florestal á esquerda. A sepultura encontra-se discreta, à esquerda do caminho florestal, junto de um monólito, numa zona de clareira/cruzamento, a cerca de 100 metros da estrada de alcatrão.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:202

Nr.º CAA / 029/ CANDO 1

Designação

CNS 5845

Lugar/ Cando/ Cabreiros e Albergaria

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.871107; -8.217713

Altitude 992 m

Descrição A pequena mamoa de Cando, com apenas seis metros de diâmetro e um tumulus que não se elevava da área adjacente mais que 30 ou 40 centímetros, constitui o primeiro monumento de tradição megalítica da Serra da Freita a ser objeto de escavações arqueológicas, em 1990. A intervenção revelou uma sepultura com uma couraça lítica relativamente bem preservada, onde atraem a vista os blocos de quartzo leitoso, achando-se no centro uma pequena sepultura em fossa, de pouca profundidade. TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular/ Abandonado

Acesso Próximo do marco geodésico de Cando. Situa-se o monumento na estrada que liga o Radar a Cabreiros, a cerca de 150 metros a Oeste do marco geodésico de Cando.

Observações Monumento escavado por F. A Pereira da Silva e votado ao abandono. Deveria ser limpo e valorizado e/ou selado.

Bibliografia SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:78

Nr.º CAA / 030/ VILA COVA 1

Designação

CNS 3948

Lugar/

Canelas e Espiunca/ Vila Cova, Campo de Futebol

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

Altitude

390 m

Descrição

«*Monumento destruído pelo alargamento do campo de futebol de Vila Cova. Tratava-se de uma pequena mamoa com um diâmetro de c. de 7 metros e uma altura acima do solo na ordem do 0,50 m. Possuía violação central e couraça lítica. Situava-se a poucas dezenas de metros da Mamoa 2*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Destruído

Acesso

Monumento destruído. Situava-se no topo Norte do campo de futebol de Vila Cova, cujo alargamento motivou a sua destruição.

Observações

.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:175

Nr.º CAA / 031/ VILA COVA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Canelas e Espiunca/ Vila Cova, Campo de Futebol

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 390 m

Descrição *«Monumento destruído pelo alargamento do campo de futebol de Vila Cova. Tratava-se de uma pequena mamoa com um diâmetro de c. de 7 metros e uma altura acima do solo na ordem do 0,30 m. Possuía violação central e couraça lítica, se bem que pouco perceptível. Situava-se a poucas dezenas de metros da Mamoa 1».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situava-se no topo Norte do campo de futebol de Vila Cova, cujo alargamento motivou a sua destruição.

Observações .

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:175

Nr.º CAA / 032/ VILARINHO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Canelas e Espiunca/ Vila Cova, Campo de Futebol

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.955140; -8.185939

Altitude 409 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, com c. de 7 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará os 0,50m. Vestígios da couraça lítica em xisto e algum quartzo são visíveis à superfície, não sendo perceptível, em contrapartida, a habitual depressão central de violação. O monumento foi bastante afetado pelo plantio mecânico de eucaliptos, pela construção de um muro divisório de propriedade, cujo alicerce é ainda visível, e ainda pela implantação de um grande depósito de água a SE., que perturbou uma pequena parte do tumulus. Floresta de pinheiro e eucalipto e vegetação arbustiva, com domínio da urze e da carqueja, constituem presentemente o coberto vegetal da mamoa».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso Seguindo pela Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga), após o desvio para Canelas deve voltar-se à esquerda por um caminho florestal junto à povoação de Vilarinho. O monumento situa-se cerca de 150 metros acima, do lado direito do caminho, junto a um depósito de água.

Observações .

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:176

Nr.º CAA / 033/ COUTO DE MÓS 1

Designação

CNS 23292

Lugar/ freguesia Couto de Mós/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.898858; -8.371113

Altitude 543 m

Descrição

«Monumento de apreciáveis dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de 1,5 m. e planta circular com diâmetro de 15 metros. Elementos da couraça pétrea em granito são evidentes, bem como uma depressão central de violação com c. de 1,5 m. de diâmetro, onde aflora o topo de pelo menos um dos esteios da câmara funerária, que parece razoavelmente preservada. A cobertura vegetal é constituída por carqueja, herbáceas e árvores ainda de pequeno porte (eucaliptos, pinheiros e carvalhos). Um afloramento granítico situado pouco metro a Nascente da mamoa poderá ter constituído a fonte da matéria-prima para a sua construção». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Conservação Parcialmente Destruído

Acesso

Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), deve passar-se o campo de futebol de Barracão e o desvio para a Zona Industrial da Farrapa. Encontra-se o monumento à direita, entre uma unidade industrial (Valinox) e um caminho de matos.

Observações

Entretanto, em 2019, trabalhos de limpeza mecânica afetaram o terreno, situação que foi comunicada ao Município de Arouca.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:115

Nr.º CAA / 034/ COUTO DE MÓS 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Couto de Mós/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.901452; -8.374930

Altitude 559 m

Descrição *«Monumento que teria cerca de 9 metros de diâmetro, encontrando-se cortado quase pela metade por um caminho antigo que lhe passa a NE. Possui violação central bem pronunciada, com c. de 2,5m. de diâmetro e 0,30m. de profundidade. A densa vegetação que o recobre por completo (pinheiros, carvalhos e sobreiros e arbustiva de fetos, tojo e silvados) não permite a identificação de quaisquer restos de couraça ou outras estruturas. Integra-se numa necrópole de pelo menos quatro mamoas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Conservação Destruído/ Não localizado

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), deve passar-se o campo de futebol de Barracão e o desvio para a Zona Industrial da Farrapa. Encontra-se o monumento à direita, entre uma unidade industrial (Valinox) e um caminho de matos.

Observações Nos recentes trabalhos, batemos a área e não detetamos qualquer vestígio do monumento. A zona onde potencialmente se localizaria, ostenta bastante mato e descargas de «entulho», terras e outros materiais, bem como o caminho parece ter alargado desde a 1ª edição da Carta Arqueológica. Nesse sentido, não nos foi possível localizá-lo e apontamos a provável destruição do sítio.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:115

Nr.º CAA / 035/ COUTO DE MÓS 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Couto de Mós/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.901879; -8.375442

Altitude 562 m

Descrição *«Um pequeno montículo com cerca de 6 metros de diâmetro e 0,40m. de altura situado nas proximidades da Mamoa 2 parece corresponder a um monumento megalítico, se bem que a densa cobertura vegetal da área (eucaliptos, pinheiros, carvalhos, tojo, fetos e silvados) não permita o seu cabal esclarecimento. Integra-se numa necrópole de pelo menos quatro mamoas. A densa vegetação não permitiu a relocalização exata do monumento. Todavia, pela construção de uma estrada bem como alargamento do dito caminho, considerando a sua implantação (através da sua coordenada), consideramos que a ausência de identificação do monumento possa estar relacionada com a sua potencial destruição.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar a presença ou a possível destruição do monumento, embora esta última seja muito provável.

Conservação Destruído/ Não localizado

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), atingindo-se a reta do Rossio, deve tomar-se o caminho à direita que conduz aos lugares do Coval e Venda da Serra. O monumento situa-se a cerca de 400 metros da Estrada, do lado esquerdo do caminho.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:116

Nr.º CAA / 036/ FARRAPA 1

Designação

CNS 18435

Lugar/ Farrapa/ Chave

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.898252; -8.362249

Altitude 526

Descrição *«Monumento de reduzidas dimensões, apresentando o tumulus um diâmetro de c. de 5,5 metros e altura inferior a 0,50m. Não são visíveis quaisquer elementos de couraça pétrea de cobertura. O monumento encontra-se bastante destruído, fruto sobretudo de uma grande violação quadrangular com cerca de dois metros de lado e profundidade superior a 0,50m., encontrando-se o tumulus igualmente muito arrasado a Norte. O revestimento vegetal integra pinheiros e carvalhos, bem como vegetação arbustiva de fetos, tojo, etc.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Conservação Mau/Destruído

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), deve atingir-se o campo de futebol de Barracão e aí atalhar por um caminho que lhe fica a Poente. Encontra-se o monumento a cerca de 150 metros da estrada, 40 metros a Noroeste do mesmo campo de futebol.

Observações Em 2003, trabalhos de prospeção do arqueólogo Fernando Silva, ainda identificaram alguns vestígios do sepulcro no terreno, apesar da sua total destruição. Em trabalhos recentes, não nos foi possível aceder ao local, uma vez que estava vedado. Todavia, uma perspetiva do terreno de cima, verifica-se que o local é um depósito de obra e aterros. A eventual destruição do sítio é a mais provável, como já noticiado em 2003, após a 1ª Edição da Carta arqueológica de Arouca

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.;1992; 1998; SILVA 2004:127

Nr.º CAA / 037/ FARRAPA 2

Designação

CNS 32690

Lugar/ freguesia Farrapa/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.899331; -8.362952

Altitude 550 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, destruído por volta de 1998 pela abertura da Zona Industrial da Farrapa. Tratava-se de uma mamoa com c. de 20 metros de diâmetro e uma altura de 1,5 metros, na qual se observava o negativo de violação e a couraça lítica. Achava-se cortada a Norte por um caminho carreteiro».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/Destruído

Acesso Monumento destruído. Situava-se no topo da cumeada onde hoje se implanta a Zona Industrial da Farrapa.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:127

Nr.º CAA / 038/ ALTO DO CAMPELINHO 1

Designação

CNS 23600

Lugar/

Alto do Campelinho/ Covêlo de Paivó e Janarde

freguesia

Tipologia

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40.893539; -8.137699

Altitude

840 m

Descrição

«Monumento destruído quase por completo, há poucos anos, pelo alargamento do entroncamento viário Drave -Regoufe - Cortegaça. De uma mamoa de médias dimensões, com c. de 10 metros de diâmetro e 0,70m. de altura, conservou-se apenas uma pequena porção do tumulus com c. de 3 metros por 1,5m., vendo-se ainda restos da couraça com blocos de quartzo, xisto e granito. Nas imediações encontram-se fragmentos de três esteios em granito. A cobertura vegetal atual é composta por vegetação arbustiva de carqueja, urze e herbáceas. Faz parte de uma necrópole de cinco monumentos». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Destruído

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz ao Alto do Campelinho, encontra-se o que resta do monumento no entroncamento entre esta estrada e a que conduz à Cortegaça, precisamente no triângulo que escapou ao rebaixamento da estrada.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:178

Nr.º CAA / 039/ ALTO DO CAMPELINHO 2

Designação

CNS 23601

Lugar/

Alto do Campelinho/ Covêlo de Paivó e Janarde

freguesia

Tipologia

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40.894146; -8.135619

Altitude

850 m

Descrição

«Tumulus de pequenas dimensões, com um diâmetro de c. de 4,5m. e c. de 0,50m. de altura. Vêem-se vestígios da couraça pétrea de cobertura, com blocos de quartzo, xisto e granito. A violação é pouco notória. Revestido a vegetação herbácea, urze e carqueja. Faz parte de uma necrópole de cinco monumentos.»
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz ao Alto do Campelinho, encontra-se o monumento neste planalto. Volta-se no sentido de Cortegaça e vê-se a mamoa a 160 metros, do lado esquerdo do caminho, de onde é perfeitamente visível.

Observações

Está registada, equivocadamente, no Portal do Arqueólogo como Alto do Campelinho 4 (CNS 23604).

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:179

Nr.º CAA / 040/ ALTO DO CAMPELINHO 3

Designação

CNS 23603

Lugar/

Alto do Campelinho/ Covêlo de Paivó e Janarde

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,895167; -8,135514

Altitude

851 m

Descrição

«Monumento de pequenas dimensões, com um eixo máximo de 8 metros (N.-S.). O tumulus encontra-se extremamente aplanado (menos de 0,50m. de altura), o que parece dever-se, pelo menos em parte, a fatores erosivos, encontrando-se os blocos da couraça, em granito, xisto e quartzo, bastante dispersos. Não é perceptível qualquer depressão de violação. A cobertura vegetal atual é composta por carqueja, urze e herbáceas. Integra de uma necrópole de cinco monumentos». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz ao Alto do Campelinho, encontra-se o monumento neste planalto. Volta-se no sentido de Cortegaça e vê-se a mamoas a perto de 200 metros, do lado esquerdo do caminho, do qual dista 40 metros.

Observações

Está registada, equivocadamente, no Portal do Arqueólogo como Alto do Campelinho (CNS 23600).

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:179

Nr.º CAA / 041/ ALTO DO CAMPELINHO 4

Designação

CNS 23604

Lugar/

Alto do Campelinho/ Covêlo de Paivó e Janarde

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40.895203; -8.136060

Altitude

851 m

Descrição

«Monumento de grandes dimensões, com c. de 16 metros de diâmetro, mas um tumulus bastante aplanado, não ultrapassando atualmente os 0,50m. de desnível em relação ao terreno envolvente. São claramente visíveis os restos de couraça lítica (blocos de quartzo, xisto e granito) e ainda o que parecem ser fragmentos de esteios em granito, se bem que a depressão de violação não seja muito pronunciada. O coberto vegetal actual integra urze, carqueja e outra vegetação arbustiva e herbácea. Faz parte de uma necrópole de cinco monumentos». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz ao Alto do Campelinho, encontra-se o monumento neste planalto. Volta-se no sentido de Cortegaça e vê-se a mamoa a 160 metros, do lado esquerdo do caminho, do qual dista cerca de 60 metros.

Observações

Está registada, equivocadamente, no Portal do Arqueólogo como Alto do Campelinho 1, com o CNS 23601.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:180

Nr.º CAA / 042/ ALTO DO CAMPELINHO 5

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Campelinho/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.895814; -8.138487

Altitude 826 m

Descrição

«Com uma notável implantação topográfica, no rebordo do planalto, trata-se de um pequeno montículo bastante incaracterístico e difícil de delimitar, pelo facto de estar adossado a afloramentos naturais e algo perturbado superficialmente. O tumulus, de planta subcircular, terá c. de 8 metros de eixo N.-S. por 7 metros no perpendicular, rondando os 0,50m. a sua altura. Uma grande concentração de blocos de quartzo e xisto à superfície parece corresponder a restos da couraça pétreia que revestiria a sepultura. A eventual violação central não é perceptível, tanto mais que no centro se implanta um amontoado de calhaus de xisto, com cerca de um metro de altura, correspondente a marco divisório de propriedade ou limite administrativo. O montículo acha-se coberto por urze, carqueja e outros arbustos. Faz parte de uma necrópole de cinco monumentos».
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo pela Estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz ao Alto do Campelinho, encontra-se o monumento neste planalto. A mamoa situa-se cerca de 250 metros para Nor-Noroeste do início do desvio para a Cortegaça.

Observações Este sítio não estava comunicado no Portal do Arqueólogo.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:180

Nr.º CAA / 043/ ALIVIADA 1

Designação

CNS 3574

Lugar/ freguesia Aliviada/ Alviada/ Escariz

Tipologia Dólmen

Cronologia Neolítico

Coordenada 40.919531; -8.388611

Altitude 557 m

Descrição *«Fazendo parte de um núcleo de sete monumentos, a Mamoia 1 da Aliviada, também conhecida como "Dólmen da Aliviada", constitui um notável monumento megalítico, classificado como Monumento Nacional desde 1992. Trata-se de um tumulus de grandes dimensões com diâmetro de 18,5 metros e uma altura de dois metros, revestido por uma potente carapaça pétreia de granito. Aloja no seu interior um imponente dólmen de câmara poligonal alongada, com 3,50 metros de comprimento por 1,70m. de largura, composto por nove esteios, oito dos quais continham pinturas ou gravuras. Escavado em 1957 por D. Domingos de Pinho Brandão, sem qualquer publicação dos resultados, o monumento ficou desde então abandonado, se bem que diversos investigadores, nomeadamente Elisabeth Shee Twohig, tenham chamado a atenção para os motivos artísticos presentes nos seus esteios. Em 1993 F. A. Pereira da Silva realizou trabalhos de limpeza, consolidação e levantamento das representações, detetando-se importantes características estruturais do tumulus, algum espólio arqueológico e sobretudo novos motivos simbólico-decorativos, comprovando-se ainda a associação das técnicas da gravura e da pintura nos mesmos esteios, elemento de uma certa raridade nos contextos megalíticos portugueses. Posteriormente, o monumento foi ainda objeto de outra ação de recuperação, mas, entretanto, a degradação, o depósito de lixo e sobretudo atos de vandalismo mal-intencionado quebraram diversos esteios e destruíram, devido ao incêndio da câmara funerária, grande parte dos elementos pictóricos».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Parcialmente Destruído

Acesso Situa-se junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca-S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontra-se o monumento a poucas centenas de metros antes do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e num entroncamento de caminhos. Face à estrada acha-se primeiro a Mamoia 2 desde núcleo, encontrando-se o Dólmen da Aliviada c. de 20 metros adiante.

Observações Monumento foi Escavado por D. Domingos Pinho Brandão e F. A. Pereira da Silva, nas décadas de 50 e 80, classificado como Monumento Nacional em 1992. Entretanto votado ao abandono, o espaço deveria ser valorizado. Desde 2017 que a AGA – Associação Geoparque Arouca diligenciaram contactos com o proprietário nesse sentido, bem como foi entregue ao Município de Arouca, em fevereiro de 2021, um projeto de valorização para o espaço.

Bibliografia TOWHIG 1974; 1981; PEREIRA DA SILVA 1984a; 1986a; 1987a; 1993a; JORGE 1987; SILVA 2004:88; SILVA et. Ali. 2017:65/66

Nr.º CAA / 044/ ALIVIADA 2

Designação

CNS 4036

Lugar/ freguesia Aliviada/ Alviada/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40.919576; -8.389029

Altitude 556 m

Descrição *«Situada a poucas dezenas de metros do importante Dólmen da Aliviada (Sítio 043) e fazendo parte de um núcleo de sete sepulturas megalíticas, a Mamoa 2 foi um dos sete monumentos escavados por D. Domingos de Pinho Brandão em 1957. De novo intervencionado em 1984, por F. A. Pereira da Silva, é constituído por um tumulus subelíptico, com 25 metros (N.-S.) por c. de 22m. (E.-O.) e uma altura a rondar os dois metros. Contrariamente ao que é mais comum em monumentos desta natureza, a mamoa não se encontra coberta por qualquer couraça lítica; porém, o interior do tumulus é constituído quase integralmente por grandes blocos de granito bem imbricados uns nos outros, o que tecnicamente se costuma designar por "cairn". A estrutura funerária central é bastante complexa, pois apenas um esteio se encontrava in situ no momento da intervenção arqueológica mais recente. Aparentemente, o monumento teria contido inicialmente um dólmen de grandes dimensões, de planta poligonal, posteriormente substituído por uma câmara de menor volume e planta oblonga ou circular. De grande interesse neste túmulo é a presença de outras estruturas funerárias periféricas, documentando a progressiva e continuada necropolização da grande mamoa original. À superfície do tumulus detetou-se uma pequena incineração em "cinzeiro", assinalada por uma pequena laje implantada verticalmente. Inserida no tumulus e a poucos metros da câmara central encontrava-se uma grande cista com cerca de 4 metros de diâmetro e perfil piramidal, correspondendo a um espaço deposicional de incineração e que não forneceu qualquer mobiliário funerário».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso Situa-se junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca-S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontra-se o monumento a poucas centenas antes de metros do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e num entroncamento de caminhos, contíguo à estrada, do lado direito para quem vem de Nabais.

Observações

O espólio resultante da escavação deste monumento é constituído (sem contar com o proveniente dos trabalhos de D.P.B., impossível de identificar) por um total de 1203 peças, das quais 935 são pequenas contas discóidais em xisto, achatadas e perfuradas no centro, correspondendo provavelmente a elementos de colar. Ocorreram ainda 211 fragmentos cerâmicos, que não permitem qualquer reconstituição formal, sendo o espólio lítico o mais relevante do monumento. Neste capítulo destaca-se a localização de 7 pontas de seta em sílex e quartzo, 16 geométricos em sílex e 15 lâminas em sílex e quartzo, para além de dois dormentes de moinhos manual em granito.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA 1986a; 1987a; 1987b; 1993a; SILVA 2004:91

Nr.º CAA /	045/ ALIVIADA 3
Designação	
CNS	11285
Lugar/ freguesia	Aliviada/ Alviada/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Neolítico
Coordenada	40,919277; -8,388344
Altitude	556 m
Descrição	«Integrada num núcleo de sete monumentos, dos quais cinco se encontram num raio de menos de uma centena de metros, a Mamoas 3 da Aliviada é composta por um pequeno tumulus com um diâmetro de cerca de 7 metros e altura de c. de 0,50m. Não tem sinais evidentes de violação e sobressaem no montículo, que se encontra algo abatido, o topo de três pequenos esteios em granito, aparentemente in situ e parecendo configurar uma pequena câmara poligonal, vendo-se ainda restos de couraça em blocos de granito. Encontra-se atualmente coberta na íntegra por um espesso manto vegetal de pinheiros, eucaliptos, tojo, fetos e urze, que impede por completo a perceção do monumento». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).
Conservação	Destruido
Acesso	Monumento destruído. Situava-se junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca-S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontrava-se o monumento a poucas centenas de metros antes do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e num entroncamento de caminhos, contíguo à estrada, do lado direito para quem vem de Nabais, poucas dezenas de metros atrás das Mamoas 1 e 2 deste núcleo, por baixo da linha de alta tensão.
Observações	Trabalhos de limpeza da linha de alta tensão e de plantio de eucalipto destruíram por completo o monumento, por volta de 2016. A situação comunicada à DRCN pelo Centro de Arqueologia de Arouca.
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:94

Nr.º CAA / 046/ ALIVIADA 4

Designação

CNS 12136

Lugar/ Aliviada/ Alviada/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.919283; -8.390221

Altitude 557 m

Descrição *«Tumulus com cerca de 17 metros de diâmetro e cerca de 1,5 metros de altura. Intervencionado arqueologicamente em 1987, revelaria uma couraça lítica de proteção que não cobria integralmente o monumento, cingindo-se à sua periferia, como um anel de contenção. As estruturas funerárias encontravam-se já muito destruídas, permitindo apenas a identificação dos negativos de assentamento de esteios do que deveria ter sido uma câmara poligonal fechada, circundada por um espesso contraforte de blocos pétreos. O monumento integra um núcleo de sete mamoas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Abandono

Acesso Situa-se junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca-S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontra-se o monumento a poucas centenas de metros antes do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e do lado contrário aos restantes monumentos deste núcleo. Pode atalhar-se por um caminho abandonado e encontra-se a mamoa cerca de uma centena de metros adiante, por detrás de uns currais de uma habitação aí existente.

Observações Monumento Escavado por F. A. Pereira da Silva. O Monumento encontra-se em mau estado, devendo ser limpo e selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1988; 1993^a; SILVA 2004:95

Nr.º CAA /	047/ ALIVIADA 5
Designação	
CNS	12138
Lugar/ freguesia	Aliviada/ Alviada/ Escariz
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,919214; -8,388344
Altitude	556 m
Descrição	<i>«Segundo os registos disponíveis, tratava-se de um tumulus de planta subcircular, com um diâmetro de c. de 10 metros e uma altura de c. 0,80m. Possuía negativo de violação central e couraça visível em alguns pontos. A densa vegetação de pinheiro, eucalipto e cerrado matagal de tojo, fetos e silvados que recobre a zona impossibilita atualmente a verificação do estado do monumento ou mesmo a confirmação da sua preservação».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000).
Conservação	Destruído/ Não Localizado
Acesso	Destruído. O monumento estava localizado junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca - S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontrava-se a poucas centenas de metros antes do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e a cerca de 70 metros para Este-Sudeste da Mamoa 2 deste núcleo, que é a que se situa mais próximo da estrada.
Observações	Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não se localizou o monumento, que poderá ter sido destruído, por volta de 2017, aquando trabalhos de limpeza e plantação de pinheiro por baixo da Linha de Alta Tensão. Situava-se próximo do monumento 3.
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:96

Nr.º CAA /	048/ ALIVIADA 6
Designação	
CNS	12139
Lugar/ freguesia	Aliviada/ Alviada/ Escariz
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.918822; -8.388244
Altitude	553 m
Descrição	«Segundo os registos disponíveis, tratava-se de um tumulus de planta subelíptica com eixos de 12 e 10 metros e uma altura de c. de 1,20 metros. O montículo achava-se bastante aplanado, passando-lhe na vertente voltada a NNE. -SSO. um trilho carreteiro, e apresentava negativo de violação pouco perceptível, não se vendo igualmente quaisquer restos de couraça. A densa vegetação de pinheiro, eucalipto e cerrado matagal de tojo, fetos e silvados que recobre a zona impossibilita atualmente a verificação do estado do monumento ou mesmo a confirmação da sua preservação, se é que não foi mesmo destruído por terraplanagens». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)
Conservação	Destruído/ Não Localizado
Acesso	O monumento foi localizado junto à Estrada nº 519, que sai da EN 224-1 (Arouca-S. João Madeira) em direção à Abelheira. Encontrava-se a poucas centenas de metros do cruzamento de Alagoas, junto a uma curva e a cerca de 100 metros para Sudeste da Mamoa 2 deste núcleo, que é a que se situa mais próximo da estrada.
Observações	Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), à semelhança dos monumentos 3 e 5 do mesmo núcleo, embora não o tenhamos identificado, acreditamos que esteja destruído por trabalhos de limpeza e florestação de pinheiro, em 2017. A localização deste sítio no Portal do Arqueólogo está assinalada com a presença de um Marco Miliário (CNS 12439).
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:96

Nr.º CAA / 049/ ALIVIADA 7

Designação

CNS 4849

Lugar/ Aliviada/ Alviada/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9152425; -8,3850256

Altitude 549 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, com c. de 26 metros de diâmetro e altura entre os 3 e os 4 metros. Apresenta uma profunda depressão central com c. de 5,5 x 2,5m. e 1,5m. de profundidade, resultante das escavações que D. Domingos de Pinho Brandão aqui promoveu em 1957. Não são visíveis quaisquer estruturas da câmara funerária, detetando-se, porém, blocos graníticos da couraça. Está sobranceiro ao caminho que conduz da Estrada nº 519 ao lugar da Venda da Serra, caminho que parece aliás cortar ligeiramente o monumento. Vegetação arbórea de pinheiro e eucalipto e arbustiva de carqueja, urze, fetos e tojo constituem o manto vegetal atual desta grande mamoa».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Para chegar ao monumento deve seguir-se por um estradão que se inicia junto à Mamoa 2 da Aliviada, que é o primeiro para quem vem de Nabais e conduz ao lugar da Venda da Serra. A mamoa é visível a cerca de 550 metros, do lado direito do caminho.

Observações Escavado na década de 50 por D. Domingos de Pinho Brandão. O monumento deverá ser limpo, pois tem servido como depósito de entulho, e selado/valorizado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:97

Nr.º CAA / 050/ ALAGOAS 1

Designação

CNS 11798

Lugar/ freguesia Alagoas/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,923457; -8,391482

Altitude 555 m

Descrição

«Originalmente tratar-se-ia de um monumento de grandes dimensões, constituído por um tumulus de planta subelíptica com 25 x 20 metros e altura superior a um metro. Cerca de dois terços da mamoa, incluindo a zona da câmara, foram destruídos há algumas décadas para preparação de terrenos agrícolas, restando memória de que se trataria de um dólmen sem corredor, possuindo pelo menos dois esteios pintados e do qual terá saído um pequeno vaso cerâmico contendo cinzas. Trabalhos arqueológicos aí realizados em 1985 permitiram reconhecer a estrutura da parte do tumulus que se conservou e algumas valas de implantação dos esteios da câmara funerária, que seria formada por 3 ou 4 lajes graníticas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000). Em conversa com o proprietário do terreno, é possível inferir que o que restasse do sítio se encontra destruído.

Conservação Destruído

Acesso O que restava do monumento situava-se a cerca de 50 metros a Nascente do cruzamento das Alagoas, no sentido de Mansores, num pinhal que confinava com um campo lavrado. Atualmente, localiza-se intramuros de uma morada antiga.

Observações Foram recolhidos na intervenção arqueológica quatro pequenos fragmentos cerâmicos, um geométrico e dois fragmentos de lâminas em sílex, várias lascas em sílex e quartzo e 53 contas discoides em xisto.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1986c.; SILVA 2004:100; SILVA et. Ali. 2017:66/67

Nr.º CAA / 051/ ALAGOAS 2

Designação

CNS 11973

Lugar/ freguesia Alagoas/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,923359; -8,391114

Altitude 548 m

Descrição

«Tumulus de planta subcircular com um diâmetro de cerca de 7 metros e altura a rondar os 0,60m. Tem negativo de violação central, sendo pouco perceptível a couraça. O terreno onde se situa este monumento possui uma densa vegetação de pinheiros e sobretudo de espécies arbustivas, como tojo, fetos e silvados, o que aliás impede atualmente a observação da mamoa». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACESS (2000)

Conservação Mau/ Destruído

Acesso

Situa-se a mamoa a cerca de 50 metros a Nascente do cruzamento das Alagoas, no sentido de Alviada, num pinhal que confina entre quintas vedadas, a poucos metros da localização da Mamoa 1 e 3 deste núcleo.

Observações

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), os solos deste terreno parecem revolvidos, localizando-se, por todo ele, vários montes de terra. Esta situação dá a entender a possível destruição do monumento, uma vez que não foi possível identificá-lo, mesmo com a vegetação cortada.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:101

Nr.º CAA / 052/ ALAGOAS 3

Designação

CNS 12099

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9233331; -8,391612

Altitude 548 m

Descrição *«Tumulus de planta subcircular com um diâmetro de cerca de 9 metros e altura na ordem dos 0,70m. Tem negativo de violação central, sendo pouco perceptível a couraça. O terreno onde se situa este monumento possui uma densa vegetação de pinheiros e de espécies arbustivas, como tojo, fetos e silvados, o que aliás impede atualmente a observação da mamoa».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), o monumento foi identificado, contudo parece encontrar-se parcialmente afetado pela construção de um muro a norte. O monumento encontra-se, também, muito abatido.

Conservação Mau

Acesso Situa-se a mamoa a cerca de 50 metros a Nascente do cruzamento das Alagoas, no sentido de Alviada, num pinhal que confina com duas quintas, a poucos metros das localizações das mamoas 1 e 2 deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:101

Nr.º CAA / 053/ ALAGOAS 4

Designação

CNS 5948

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Dólmen

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,922985; -8,389011

Altitude 550 m

Descrição

«Monumento intervencionado arqueologicamente em 1987, sob a direção de F. A. Pereira da Silva. De acordo com os resultados desta intervenção identificou-se um tumulus com cerca de 18 metros de diâmetro e 1,30m. de altura, coberto por uma couraça lítica em granito, como é comum nos monumentos megalíticos desta zona. De maior interesse, todavia, revelar-se-ia a arquitetura da câmara funerária, registando-se o único dólmen de corredor até à data estudado em Arouca, à exceção da Portela da Anta 1 (Sítio 001). De facto, identificaram-se restos de uma câmara funerária muito destruída (da qual apenas se encontraram dois esteios), provavelmente de planta poligonal alongada, com c. de três metros e meio de eixo maior, e rodeada por um potente anel lítico de contrafortagem, prolongada por um corredor de quatro metros de comprimento e um de largura, discernível tanto em planta como em alçado (uma vez que seria originalmente um pouco mais baixo que a câmara). Desse corredor, melhor conservado do lado Norte que do Sul, localizaram-se ainda oito pequenos esteios em granito, um dos quais apresenta uma gravação pela técnica do picotado, figurando um motivo reticulado. Assim, apesar do estado de destruição do monumento, fruto por certo de sucessivas violações e remeximentos, a sua importância é extraordinária para o conhecimento do megalitismo regional». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que, no final de 2020, o monumento foi bastante afetado por trabalhos mecânicos de terraplanagem para florestação.

Conservação Mau/ Parcialmente destruído

Acesso

O monumento situa-se cerca de 350 metros a Este-Sudeste do cruzamento das Alagoas, no sentido de Mansores, junto a uma área terraplanada um pouco antes da Zona Industrial das Lameiradas. Vê-se a mamoa do lado direito da estrada, a cerca de 25 metros, num terreno vedado e com portões verdes.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1989b; 1994c.; SILVA 2004:102; SILVA et. Ali. 2017:66/67

Nr.º CAA / 054/ ALAGOAS 5

Designação

CNS

12123

Lugar/

freguesia

Tipologia

Alagoas/ Escariz

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,922096; -8,388034

Altitude

550 m

Descrição

«Monumento de dimensões apreciáveis, de planta subelíptica, com 17m. de eixo E.-O. por 15m. de eixo N.-S., estando a altura do tumulus compreendida entre os 0,50m. e um metro. Possui couraça lítica em granito, visível em diversos pontos do tumulus, e uma cratera de violação bastante alargada, com 5 x 3,5m. e c. de 0,50m. de profundidade, um pouco descentrada para NE. A cobertura vegetal da mamoa é atualmente constituída por pinheiros, eucaliptos, carvalhos, tojo e outra vegetação arbustiva». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

O monumento situa-se a pouco mais de 400 metros a Este-Sudeste do cruzamento das Alagoas, no sentido de Mansores, junto à Zona Industrial das Lameiradas. Deve atalhar-se pela estrada à direita, que se encontra ao chegar à Zona Industrial, vendo-se a mamoa a cerca de 100 metros, do lado direito.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:103

Nr.º CAA / 055/ ALAGOAS 6

Designação

CNS 12126

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,924211; -8,396661

Altitude 542 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, de planta subelíptica, com c. de 8 metros de eixo E.-O. e 6 metros de eixo N.-S. Encontra-se bastante perturbado, tendo sido objeto de uma violação bastante pronunciada, que deixou uma cratera de 3 x 1,5m. e c. de 0,50m. de profundidade, onde se vê o topo de dois esteios da câmara funerária. A SO. outros revolvimentos contribuíram também para a destruição do tumulus, que se apresenta hoje bastante arrasado, não atingindo a sua altura os 0,50m., se bem que sejam ainda visíveis esparsos blocos graníticos pertencentes à couraça lítica de cobertura. Para além de pinheiros, o monumento apresenta algum tojo e outra vegetação arbustiva e herbácea».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso No cruzamento das Alagoas deve seguir-se pela estrada que conduz a Fajões/Cesar e voltar-se à direita no primeiro desvio. Voltando-se à esquerda por um caminho, encontra-se a mamoa a cerca de 250 metros, do lado direito desse caminho.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:103

Nr.º CAA / 056/ ALAGOAS 8

Designação

CNS 131

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,924096; -8,387579

Altitude 547 m

Descrição

«Tumulus de grandes dimensões, de planta um pouco irregular, com c. de 23 x 21 metros e uma altura de apenas cerca de 0,30m. Apresentava-se na altura da sua descoberta bastante destruído e coberto por espessa vegetação, o que não permitiu observar a eventual depressão de violação, se bem que se vissem alguns restos de couraça». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), a densa vegetação não permitiu a sua identificação.

Conservação Regular/ Não localizado

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 327 desde o cruzamento das Alagoas no sentido de Mansores, deverá encontrar-se o monumento a cerca de 100 metros da entrada da Zona Industrial das Lameiradas, do lado esquerdo da estrada.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:105

Nr. ° CAA / 057/ ALAGOAS 10

Designação

CNS 12129

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,924541; -8,390145

Altitude 550 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, se bem que o tumulus esteja bastante abatido e perturbado superficialmente pelo plantio de árvores. A mamoa tem atualmente cerca de um metro de altura, 29 metros de eixo N.-S. e apenas cerca de 22 metros E.-O., pelo facto de neste último sector estar cortada por um muro e valo divisórios de propriedade. A Este, já na parte marginal do tumulus, vê-se um pequeno afloramento granítico; a Sudeste aflora o topo de dois blocos, em forma de pilar, que poderão hipoteticamente corresponder à entrada de um corredor. Na área central do monumento, em que a depressão de violação é pouco perceptível, vê-se uma laje granítica que poderá corresponder a uma eventual tampa. Num ou noutro ponto detetam-se blocos de granito resultantes do desmantelamento da couraça do monumento. A cobertura vegetal atual integra floresta mista de pinheiro, eucalipto e carvalho, dominando o tojo e a carqueja entre as espécies arbustivas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), a densa vegetação não permitiu a identificação do monumento.

Conservação Regular/ Não localizado

Acesso Seguindo pela Estrada nº 327 desde o cruzamento das Alagoas no sentido de Mansores, encontra-se o monumento a 130 metros do cruzamento, do lado esquerdo da estrada, da qual dista apenas 40 metros.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:106

Nr. ° CAA / 058/ ALAGOAS 11

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alagoas/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.923014; -8.386919

Altitude 548 m

Descrição *«Monumento destruído pelo alargamento da Estrada n.º 327 e acesso à Zona Industrial das Lameiradas. Era constituído por um tumulus de planta subelíptica com 22 x 20m. e uma altura que variava entre os 0,70 e os 0,30m., devido a um caminho que o cortava no sector Oeste. Possuía couraça lítica de cobertura, não sendo a violação central muito notória».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Situava-se junto à Estrada E-327, junto ao atual acesso para a Zona Industrial das Lameiradas.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:107

Nr.º CAA / 059/ GESTOSA 1

Designação

CNS 12143

Lugar/ Gestosa/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9280426; -8,3953042

Altitude 543 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, que teria cerca de 14 metros de diâmetro (atualmente a medida do eixo SSO. -NNE.), sendo superior a um metro a altura do tumulus. Encontra-se bastante destruído pelo traçado de um caminho a ONO. e por um muro de propriedade, que o cortou do lado oposto (ESE.), sendo hoje em dia de 14 x 5,5 metros a porção do tumulus conservada. A densa vegetação que o recobre (pinheiro, eucalipto, carvalho, castanheiro, sobreiro, tojo, fetos, urze, etc.) não permite distinguir com clareza quaisquer elementos da couraça lítica; todavia, alguns blocos graníticos de apreciável tamanho que afloram no talude do caminho que seccionou o monumento poderão eventualmente corresponder a restos de esteios da câmara sepulcral».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 519, entre as Alagoas e a Abelheira, deve voltar-se à direita por um caminho empedrado a cerca de 500 metros do cruzamento das Alagoas. O monumento situa-se a c. de 60 metros, do lado direito, na confluência de um caminho florestal com o que se inicia na estrada 519.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:129

Nr.º CAA / 060/ GESTOSA 2

Designação

CNS 382

Lugar/ freguesia Gestosa/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9256625; -8,3969973

Altitude 543 m

Descrição

«Grande monumento megalítico com cerca de 21 metros de diâmetro e uma altura próxima dos dois metros. Os restos da couraça lítica em granito não são muito visíveis, mas possui uma expressiva depressão central de violação com um metro de profundidade e c. de 5 metros de diâmetro, na qual se percebe, do lado Sul, o que parece ser o topo de um esteio da câmara funerária. Situa-se num mato com floresta mista de pinheiro e eucalipto e vegetação arbustiva de tojo, fetos e outras espécies». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 519, entre as Alagoas e a Abelheira, deve voltar-se à esquerda por um caminho de pé posto junto a um grande lameiro, a cerca de 450 metros do cruzamento das Alagoas. O monumento situa-se a cerca de 180 metros, junto a um outro caminho, do lado de dentro de um muro em pedra.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:130

Nr.º CAA / 061/ VIZO 1

Designação

CNS 12145

Lugar/ freguesia Vizo/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.934602; -8.404539

Altitude 493 m

Descrição *«Mamoas de grandes dimensões, com c. de 18 metros de diâmetro e altura entre 1 e 1,5 metros, tendo sido cortada em cerca de 4 metros pelo caminho que lhe passa a Sudoeste. A depressão de violação é pouco acentuada, e eventuais restos de couraça lítica são também pouco visíveis, devido ao denso coberto vegetal, onde predominam pinheiros, eucaliptos e espécies arbustivas como a giesta e o tojo. Faz parte de um núcleo de cinco monumentos, um dos quais, a Mamoa 5 (Sítio 174) lhe é quase contíguo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Ao chegar ao lugar do Vizo volta-se à direita por um caminho asfaltado a seguir à escola primária. O monumento encontra-se a cerca de 45 metros, do lado direito do caminho, que aliás a corta parcialmente.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:131

Nr.º CAA / 062/ VIZO 2

Designação

CNS 12146

**Lugar/
freguesia** Vizo/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.935629; -8.407785

Altitude 498 m

Descrição *«Segundo os registos existentes, trata-se de um pequeno monumento com um diâmetro de cerca de 5 metros e altura de 0,40m. Possui uma violação bastante pronunciada, vendo-se elementos líticos dispersos que poderão corresponder à couraça da mamoa. A densa vegetação arbórea (pinheiro e eucalipto) e sobretudo arbustiva (tojo, giesta, fetos, silvados, etc.) que cobre a zona impossibilita de todo a localização e observação do monumento. Um outro monumento situar-se-á a poucos metros deste».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível localizar o sítio.

Conservação Não localizado

Acesso O monumento deverá situar-se nuns matos entre o lugar do Vizo e o caminho que conduz a Alvite de Baixo, do lado direito e próximo de duas outras pequenas mamoas deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:132

Nr.º CAA / 063/ VIZO 3

Designação

CNS 12148

**Lugar/
freguesia** Vizo/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,935666; -8,407477

Altitude 501 m

Descrição «Segundo os registos existentes, trata-se de um pequeno monumento com um diâmetro de cerca de 5 metros e altura de 0,30m., situado a poucos metros da Mamoa 2 deste núcleo (Sítio 062). Possui depressão central de violação bem visível, observando-se também alguns restos da couraça lítica de cobertura. A densa vegetação arbórea (pinheiro e eucalipto) e sobretudo arbustiva (tojo, giesta, fetos, silvados, etc.) que cobre a zona impossibilita de toda a localização e observação do monumento». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível localizar o sítio.

Conservação Não localizado

Acesso O monumento deverá situar-se nuns matos entre o lugar do Vizo e o caminho que conduz a Alvite de Baixo, do lado direito e próximo de duas outras pequenas mamoas deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:133

Nr.º CAA /	064/ VIZO 4
Designação	
CNS	12150
Lugar/ freguesia	Vizo/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,935739; -8,407085
Altitude	505 m
Descrição	<p>«Segundo os registos existentes, trata-se de um pequeno monumento com um diâmetro de cerca de 7 metros e altura de 0,40m., situado nas imediações das Mamoas 2 e 3 deste núcleo (Sítios 062 e 063). Possui depressão central de violação pouco acentuada, observando-se também alguns restos da couraça lítica de cobertura. A densa vegetação arbórea (pinheiro e eucalipto) e sobretudo arbustiva (tojo, giesta, fetos, silvados, etc.) que cobre a zona impossibilita de todo a localização e observação do monumento». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), o sítio não foi localizado.</p>
Conservação	Não localizado
Acesso	O monumento deverá situar-se nuns matos entre o lugar do Vizo e o caminho que conduz a Alvite de Baixo, do lado direito e próximo de duas outras pequenas mamoas deste núcleo (Sítios 062 e 063).
Observações	
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:134

Nr.º CAA /	065/ URREIRA 1
Designação	
CNS	12151
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.943946; -8.402981
Altitude	479 m
Descrição	<p><i>«Monumento de apreciáveis dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de um metro e planta subcircular com diâmetro de 15 metros no eixo NE. -SO., já que se encontra alguns metros cortado a Sudeste. A depressão central de violação é bastante acentuada, com 5 x 2 metros e uma profundidade próxima de um metro, vendo-se alguns blocos que poderão corresponder quer a restos de couraça, quer mesmo a esteios da estrutura sepulcral. O monumento foi terraplanado alguns metros a Sudeste, onde se situa uma unidade industrial, evidenciando ainda diversas perturbações, revolvimentos e depósito de lixos e outros aterros».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Posteriormente a esta descrição, a área foi convertida a jardim, e a empresa cobriu o monumento com plástico e gravilha.</p>
Conservação	Indeterminada
Acesso	Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à esquerda num primeiro caminho que dá acesso a uma zona industrial. O monumento encontra-se a cerca de 200 metros, do lado direito, no jardim da unidade industrial Arte Fita.
Observações	
Bibliografia	VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:118

Nr.º CAA /	066/ URREIRA 2
Designação	
CNS	10289
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.944581; -8.401328
Altitude	476 m
Descrição	<p>«<i>Monumento de médias dimensões, cujo tumulus apresenta uma altura de c. de 0,50m e um diâmetro na ordem dos 10m, estando cortado quase pela metade por um caminho que lhe passa a NNO. O montículo está muito abatido, vendo-se ainda, porém, alguns blocos graníticos da couraça que o revestia. A violação central é pouco pronunciada e tem cerca de metro e meio de diâmetro</i>». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Entretanto, com as transformações do solo na área, perdeu-se a localização do monumento. Em 2015 foram realizadas sondagens, mas os dados obtidos apontam para a não existência do sepulcro naquele espaço intervencionado.</p>
Conservação	Não localizado/ Destruído
Acesso	Seguindo-se pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à esquerda num primeiro caminho que dá cesso a uma zona industrial e de novo à direita do primeiro cruzamento. O monumento encontra-se a 170 m, do lado direito, perto de duas fábricas.
Observações	Projeto Alto do Coruto (Escariz), 2011, Coordenado por Paulo André de Pinho Lemos, Henrique Matias e Tiago do Pereiro. Trabalhos de Prospeção e de Sondagem Arqueológica. Consultar relatórios/ Endovélico
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:119

Nr.º CAA /	067/ URREIRA 3
Designação	
CNS	12152
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,943666, -8,402083
Altitude	476 m
Descrição	<p>«<i>Monumento de médias dimensões, cujo tumulus apresenta uma altura que deverá ultrapassar um metro e um diâmetro na ordem dos 14 metros. Está coberto por eucaliptos, pinheiros, carvalhos e vegetação arbustiva de tojo, urze, fetos e outras espécies, que praticamente impedem a observação da mamoa. Possui negativo central de violação, um pouco descentrado para Sul e relativamente acentuado</i>». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Após esta descrição, foi realizada uma sondagem no sítio, em 2005, e trabalhos de relocalização, em 2006. Nos atuais trabalhos, 2021, não conseguimos identificar o monumento, aparentemente destruído na sua totalidade.</p>
Conservação	Mau/ Destruído
Acesso	Seguindo-se pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à esquerda num primeiro caminho que dá cesso a uma zona industrial e de novo à direita do primeiro cruzamento. O monumento encontra-se a 170 m, do lado direito, perto de duas fábricas.
Observações	Realizaram-se Sondagens arqueológicas de emergência na Mamoa 3 da Urreira, em 2005, por Carlos Alberto da Conceição Maia e Fernando Augusto Pereira da Silva; e trabalhos de relocalização em 2006, por Vítor Manuel da Silva Dias, no âmbito do projeto Relocalização, identificação e inspeção de Sítios pela Extensão do IPA – Viseu. Consultar/ verificar relatórios e Endovélico
Bibliografia	VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA s.d; SILVA 2004:119

Nr.º CAA /	068/ URREIRA 4
Designação	
CNS	12153
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40.945814; -8.403590
Altitude	479 m
Descrição	<p>«Mamoas de grandes dimensões, de planta subcircular e com cerca de 20 metros de diâmetro, estando cortada cerca de três metros sensivelmente a Oeste. Para além de várias perturbações mais periféricas, apresenta uma cratera central de violação muito pronunciada, com cerca de quatro metros de diâmetro e 0,50m de profundidade. Vê-se ainda o topo de dois esteios em granito, situados do lado sul do que deverá ser a câmara megalítica, aflorando o maior cerca de 0,40m acima do solo. À superfície do tumulus, que tem cerca de 1,5 metros de altura, vêem-se blocos graníticos da couraça pétreas, que se acha muito desmantelada». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Atualmente, o sítio encontra-se parcialmente destruído por trabalhos de extração de saibro, que abriram uma vala com cerca de 3 a 4 metros de altura, cortando cerca de 70% do monumento. Este é hoje observável no perfil dessa extração de saibro.</p>
Conservação	Mau/ Parcialmente destruído
Acesso	Seguindo-se pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à esquerda num primeiro caminho que dá acesso a uma zona industrial. Prosseguindo em frente, passa-se uma primeira rotunda, seguindo-se novamente em frente em direção às escolas. Após 150m, o monumento está à direita, situando-se este num terreno em frente à Escola Básica de Escariz, a cerca de 50 metros da estrada, no perfil da extração de saibro.
Observações	<p>Monumento designado como "Mamoas 5 do Monte Curuto" em VILAS BOAS et al. 1986.</p> <p>O terreno será propriedade Municipal. Deverá ser intervencionada de urgência.</p>
Bibliografia	VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA s.d; SILVA 2004:120

Nr.º CAA /	069/ URREIRA 5
Designação	
CNS	12157
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,944347; -8,403546
Altitude	481 m
Descrição	<p>«O monumento poderá ter sido destruído recentemente pela abertura de um largo estradão. É possível, porém que sobreviva uma reduzida parte da mamoa, no que parecem ser os indícios de um pequeno montículo, já cortado a Nascente por um caminho antigo e ultimamente afetado a Poente pelo referido estradão. O estado do sítio não permite perceber vestígios da couraça ou violações antigas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>O sítio, atualmente, encontra-se destruído pelo caminho de acesso à escola.</p>
Conservação	Destruído
Acesso	
Observações	projeto Relocalização, identificação e inspeção de Sítios pela Extensão do IPA – Viseu, 2011, Maria Gertrudes Azinheira Branco. Consultar projeto/ relatório Endovélico
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:120;

Nr.º CAA /	070/ URREIRA 6
Designação	
CNS	12161
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoã
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,944066; -8,404103
Altitude	484 m
Descrição	<p><i>«Tumulus de grandes dimensões, de planta sub-circular e com 18m de diâmetro, sendo a sua altura de c. de 1,50m e vendo-se ainda superfície pequenos blocos graníticos da couraça. Tem uma acentuada cratera central de violação, com 5 por 3 m e 0,75m, de profundidade. Junto da área central do monumento, do lado Oeste, está implantado um muro divisório de propriedade que atravessa todo o monumento. A norte e a Sul vêem-se alguns afloramentos graníticos naturais. A zona está coberta por pinheiros, eucaliptos e vegetação arbustiva onde predominam o tojo e a urze».</i> TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Atualmente está conservada no jardim da Escola Secundária de Escariz.</p>
Conservação	Regular
Acesso	O monumento está inserido no jardim da Escola Secundário de Escariz, próximo à rotunda.
Observações	
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:121;

Nr.º CAA / 071/ URREIRA 7

Designação

CNS 12175

Lugar/ freguesia Urreira/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,941593; -8,402751

Altitude 482 m

Descrição

«É também conhecido como mamoa 6 do Coruto. Trata-se de uma mamoa de grandes proporções (22m de eixo Norte-Sul e perto de 18m no sentido perpendicular). Destaca-se pela elevada altura do tumulus (cerca de 2 metros) e apresenta uma planta subelíptica. Apresenta uma larga cratera de violação, embora pouco profunda. A intervenção decorrida em 1987, permitiu documentar diversos aspetos estruturais da mamoa, designadamente a couraça lítica de cobertura e um anel de blocos para contenção periférica do montículo. A área sepulcral, porém, encontrava-se profundamente destruída, apenas sendo possível registar um robusto contraforte da câmara megalítica, cuja tipologia se desconhece, mas que deveria ser de grandes dimensões. Encontra-se implantado numa pequena elevação inscrita numa chã, tendo como satélite outro tumulus de reduzidas dimensões, a Mamoa 8 da Urreira, escavado na sua totalidade». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Escavado

Acesso Seguindo pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, encontra-se o monumento contíguo à estrada, do lado direito, a cerca de 100 metros do referido cruzamento.

Observações A intervenção arqueológica proporcionou a recolha de 95 objetos arqueológicos, predominando os fragmentos cerâmicos e avultando entre os artefactos de pedra talhada diversas lamelas, fragmentos de lâminas e pequenas lascas, materiais em sílex e quartzo. Artefactos em sílex (em lâmina e em núcleo), em quartzo (raspador e lamela), fragmentos de cerâmica não decorada, e sete fragmentos de cerâmica com bandas decoradas por incisão e um fragmento decorado com caneluras verticais.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; PEREIRA DA SILVA 1989c; 1994a; SILVA 2004:122;

Nr.º CAA /	072/ URREIRA 8
Designação	
CNS	17138
Lugar/ freguesia	Urreira/ Escariz
Tipologia	Mamoas
Cronologia	Idade do Bronze
Coordenada	40,941729; -8,402431
Altitude	481 m
Descrição	<p>«Pequena mamoa de tradição megalítica, situada junto ao monumento 7 deste núcleo (Sítio 071) e descoberta precisamente nos trabalhos preparatórios para a escavação daquela mamoa. Trata-se de uma pequena mamoa de tipo cistoide, com um diâmetro de apenas 4 metros e uma altura que não ultrapassava os 0,30m. A sua escavação revelou que o pequeno montículo, sem qualquer expressão na paisagem, era recoberto por pequenos blocos de pedra, quase exclusivamente de quartzo leitoso, enquanto um anel de pedras maiores, de granito, formava um cordão de delimitação e contenção periférica. A área de deposição funerária continha os restos de uma pequena cista, de que foram assinaladas algumas pequenas lajes, todavia muito desmantelada, para o que contribuiu a circunstância de precisamente no centro do tumulus estar implantado um grosso eucalipto. A cobertura vegetal da zona é composta por floresta mista de pinheiro e eucalipto e vegetação arbustiva onde predominam os fetos, o tojo e a urze». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p> <p>Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).</p>
Conservação	Escavado/Destruido
Acesso	Seguindo-se pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, encontrando-se o monumento a 30 metros da estrada, do lado direito, a cerca de 130 metros do referido cruzamento.
Observações	A intervenção arqueológica não proporcionou a recolha de qualquer espólio funerário.
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA 1989c; 1994b; SILVA 2004:123

Nr.º CAA / 073/ URREIRA 9

Designação

CNS 28399

Lugar/ freguesia Urreira/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.942963; -8.403235

Altitude 480 m

Descrição *«O monumento terá sido destruído, há poucos anos, por uma urbanização que se desenvolveu nas proximidades do Monte Coruto. Tratava-se de um tumulus de planta subcircular, com diâmetro na ordem dos 14 metros e altura de cerca de um metro. Apresentava couraça lítica de revestimento da mamoa e depressão de violação central. O monumento era ainda atravessado por um muro divisório de propriedade».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situava-se à esquerda do caminho que arranca da Estrada nº 504 e conduz a uma zona industrial, à semelhança de outros monumentos deste núcleo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:124;

Nr.º CAA / 074/ URREIRA 10

**Designação
CNS** 32687

**Lugar/
freguesia** Urreira/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,943497; -8,401191

Altitude 473 m

Descrição *«Monumento megalítico de grandes dimensões, com um diâmetro de cerca de 23 metros e altura na ordem dos dois metros, constituindo por certo o maior tumulo da dezena de mamoas identificadas neste núcleo da Urreira. À superfície da mamoa observam-se blocos da couraça pétrea, enquanto na depressão central de violação muito pronunciada (diâmetro de 4,5m, e altura de um metro), vê-se o topo de um esteio em granito, aparentemente in situ.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Situa-se do lado esquerdo da estrada n.º 504, a cerca de 360 metros do cruzamento da Urreira e a 35 metros da referida estrada.

Observações

Bibliografia VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA s.d.; SILVA 2004:124

Nr.º CAA / 075/ CALVÁRIO 1

Designação

CNS 12162

Lugar/ Calvário/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Calcolítico

Coordenada 40,942739; -8,413230

Altitude 435 m

Descrição

«Monumento megalítico intervencionado em 1985, em contexto de emergência em virtude do proprietário do terreno onde se situa pretender levar por diante uma construção no local. O tumulus, de planta subcircular, com 18 metros de diâmetro e uma altura pouco superior a um metro, encontrava-se já bastante perturbado, quer por violações antigas na zona da câmara funerária, quer por obras recentes, designadamente a implantação de um muro divisório de propriedade e de um poste metálico de alta tensão no rebordo da mamoa. Ainda assim, a sua escavação revelou dados de grande importância para a compreensão do fenómeno megalítico na região. O tumulus era recoberto por uma couraça lítica, mais notória nas zonas periféricas do montículo, e na zona central do monumento foi erguido um murete de pedra seca, de planta circular e 3,70 metros de diâmetro, que mais que servir de contraforte a qualquer câmara de grandes dimensões (de que não se encontraram quaisquer vestígios) criava por certo um recinto cerimonial simbólico dentro do qual, mas não no centro - de acordo com as valas detetadas na alterite granítica de base - se terá erguido uma estrutura sepulcral provavelmente não megalítica. A Mamoa do Calvário foi assim um dos primeiros monumentos intervencionados em Arouca a sugerir a grande diversidade dos espaços deposicionais e das arquiteturas funerárias destes contextos megalíticos ou submegalíticos, realidade que é hoje consensual nos meios científicos. Presentemente o monumento acha-se recoberto de vegetação arbustiva (tojo, fetos, silvados) e arbórea, tendo também alguns depósitos de lixos e outros detritos». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Escavado

Acesso O monumento situa-se perto do largo do Calvário, por trás de uma moradia de aspeto inacabado.

Observações Atualmente, não foi possível observar o terreno, uma vez que nele se encontra uma moradia. Todavia, pelo aspeto exterior e imagem aérea, o sítio deverá ter sido destruído. O espólio arqueológico recolhido neste monumento atingiu o total de 110 peças, entre as quais avultam 59 fragmentos cerâmicos, abundante material em pedra talhada (16 lâminas ou fragmentos de lâminas

em sílex, 11 geométricos em sílex e um em cristal de rocha) e duas peças em pedra polida: um machado em anfibolito verde e uma enxada de quartzito.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1989a; SILVA 2004:126

Nr.º CAA / 076/ COVAL 1

Designação

CNS 12130

Lugar/ freguesia Coval/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9088350; -8,3805647

Altitude 564 m

Descrição *«Monumento escavado por D. Domingos de Pinho Brandão em 1957 e que integra um núcleo de quatro mamoas. Trata-se de uma sepultura de grandes dimensões, com cerca de 18,5 metros de diâmetro e altura de c. de 1,5 metros em relação ao terreno envolvente. Vêem-se restos da couraça pétrea em granito à superfície da mamoa, enquanto o negativo das valas abertas na intervenção de D.P.B. criou uma depressão central com 3,5 metros de diâmetro e um metro de profundidade, continuada por uma vala longitudinal rasgada no sentido Nordeste. Na zona da câmara pode ainda observar-se um grande esteio da câmara funerária, em granito, aparentemente in situ e com cerca de um metro de altura. Vegetação arbórea de pinheiro, eucalipto e carvalho e arbustiva à base de tojo e carqueja constitui o revestimento atual do monumento, que acusa também algumas deposições de lixo doméstico».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau/ Abandonado

Acesso O monumento situa-se perto da estrada que liga os lugares da Venda da Serra e do Coval, do lado direito para quem vem do Coval. Situa-se a pouco menos de 100 metros atrás de uma pequena capela de "alminhas" que se acha face à estrada.

Observações Atualmente, o monumento encontra-se num terreno densamente colonizado por eucalipto e tem servido de depósito de lixo doméstico. Corre o risco de sofrer trabalhos de reflorestação. Deveria ser limpo e valorizado/selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:112

Nr.º CAA / 077/ COVAL 2

**Designação
CNS** 4697

**Lugar/
freguesia** Coval/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.906801; -8.378643

Altitude 563 m

Descrição *«Monumento de apreciáveis dimensões, com cerca de 17 metros de diâmetro e uma altura a rondar os 1,5 metros. Eventuais restos da couraça lítica são pouco perceptíveis, estando a depressão central de violação, com 1,5 metros de diâmetro, pouco pronunciada em profundidade e aparentemente algo descentrada. Um muro de propriedade atravessa a mamoa praticamente pelo centro, sendo o coberto vegetal constituído por tojo, carqueja, eucaliptos, pinheiros e alguns carvalhos de pequeno porte. Faz parte de um núcleo de quatro mamoas, um dos quais, Coval 3 (sítio 078), se situa apenas a c. de 50 metros».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso O monumento situa-se perto da estrada que liga os lugares da Venda da Serra e do Coval, do lado direito para quem vem do Coval. Situa-se cerca de 300 metros adiante da Mamoa 1 deste núcleo (Sítio 076), junto a uma sucata.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:113

Nr.º CAA / 078/ COVAL 3

Designação

CNS 5007

Lugar/ Coval/ Chave

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9063908; -8,3782862

Altitude 563 m

Descrição *«Monumento escavado por D. Domingos de Pinho Brandão em 1957. Trata-se de uma mamoa de apreciáveis dimensões, de planta subcircular e diâmetro que rondará os 17-18 metros, medida que a densa vegetação (tojo, urze, silvados e numerosos pinheiros e eucaliptos) que recobre o monumento não permite precisar. A altura do tumulus, no qual - pelas mesmas razões - pouco pode observar-se, anda próxima de um metro. A O-NO. vê-se uma das valas de escavação de D.P.B., com c. de 4 x 1 metros e 0,50 m. de profundidade, local aproveitado para deposição de lixos domésticos. Faz parte de um núcleo de quatro mamoas, um dos quais, Coval 2 (sítio 077), se situa apenas a c. de 50 metros». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)*

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso O monumento situa-se perto da estrada que liga os lugares da Venda da Serra e do Coval, do lado direito para quem vem do Coval. Situa-se a escassos 50 metros adiante da Mamoa 2 deste núcleo (Sítio 077).

Observações Além da densa vegetação que cobre o monumento, este tem servido de depósito de lixo doméstico/ restos de construção. Deveria ser sinalizado, limpo e selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:113

Nr.º CAA / 079/ COVAL 4

Designação

CNS 12131

Lugar/ Coval/ Chave

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,904075; -8,376761

Altitude 568 m

Descrição *«Tumulus com cerca de 21 metros de diâmetro e uma altura próxima do 1,5 m. Foi escavado totalmente em 2007, aquando se encontrava já bastante perturbado por um muro e vala divisória de propriedade, que o atravessavam no sentido OSO/ENE, vendo-se à superfície blocos esparsos da couraça granítica que revestia a mamoa. A depressão de violação central era pouco acentuada, sendo visível apenas do lado sul do referido muro».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Escavado

Acesso Localiza-se a cerca de 400m para sul da mamoa 3 do Coval, sobranceira à margem esquerda de um pequeno caminho que, do estradão conduz à povoação do Rossio.

Observações O Monumento foi escavado em 2007, no âmbito do projeto Desmatção e abertura de corredor na via de ligação Rossio/Caçus - Escariz/Arouca, por Maria de Fátima Tavares Marques e Miguel Filipe Pereira Marques. Verificar relatório/consultar Endovélico. Alguns (escassos) fragmentos cerâmicos de pastas e fabricos semelhantes. As cerâmicas ligadas à utilização da sepultura têm uma presença reduzida, pouco significativa relativamente a outros monumentos da mesma natureza.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:114;

Nr.º CAA / 080/ VENDA DA SERRA 1

Designação

CNS 3559

Lugar/ Venda da Serra/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.912008; -8.384076

Altitude 550 m

Descrição *«Monumento bastante destruído, fruto de ações de florestação e de aterros ou desaterros possivelmente relacionados com construções próximas, apresentando hoje um tumulus extremamente irregular, com cerca de 11 metros de eixo NE. -SO. e c. de 8,5 metros no sentido SE. -NO., rondando a sua altura os 0,50m. O montículo fica junto a um caminho que aliás o deve também ter cortado parcialmente pelo lado Su-sudeste. Não se distingue qualquer depressão de violação central, mas vê-se ainda à superfície um ou outro bloco granítico que pode ter correspondido à couraça do monumento funerário. O local está arborizado com floresta mista de pinheiro, eucalipto, carvalho e sobreiro, marcando ainda presença alguma vegetação arbustiva, na qual predomina o tojo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Não localizado/ Mau/ Destruído

Acesso No final do lugar da Venda da Serra (para quem vem do Coval) há uma curva à direita e, antes, um pequeno caminho à esquerda que leva a umas casas. Seguindo por este caminho, encontra-se o monumento a apenas 20 metros, do lado direito.

Observações Não foi possível a identificação do monumento com clareza nos recentes trabalhos de revisão da carta arqueológica.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:109;

Nr.º CAA / 081/ VENDA DA SERRA 2

Designação

CNS 3504

Lugar/ Venda da Serra/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9133309; -8,3836889

Altitude 559 m

Descrição

«Este monumento, intervencionado por D. Domingos de Pinho Brandão em 1957, é constituído por um tumulus de grandes dimensões, de planta subcircular, com c. de 23 metros de diâmetro e uma altura que rondará os três metros, em cuja superfície são evidentes os vestígios da couraça em granito. No centro do monumento, escavado até à base da sepultura, conserva-se ainda em muito bom estado uma câmara funerária de planta poligonal, com sete esteios, parte deles in situ, tendo os mais altos uma altura superior a 1,5 m. A escavação de D.P.B. abriu ainda uma sanja a ESE., até à zona central, e outras duas sanjas a NNO. e a Oeste. O coberto vegetal é constituído por floresta de pinheiro e carvalho com vegetação arbustiva de tojo e fetos e alguns silvados. Deve salientar-se que apesar de ter sido escavado há mais de quarenta anos e da conseqüente degradação que, entretanto, sofreu, esta sepultura é ainda um dos mais notáveis monumentos megalíticos do Concelho de Arouca no que toca à preservação das respetivas arquiteturas funerárias, ao nível dos dólmens da Mamoa 1 da Aliviada (Sítio 043) e da Mamoa 1 da Portela da Anta (Sítio 001)».
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Abandonado

Acesso

No final do lugar da Venda da Serra (para quem vem do Coval), encontra-se um entroncamento entre o caminho que segue para Nabais (à esquerda) e um que conduz ao campo de futebol (à direita). Seguindo por este último, encontra-se o monumento do lado direito, dentro de um mato, distando 80 metros do caminho.

Observações O sítio deveria ser limpo e valorizado/selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:110;

Nr.º CAA / 082/ VENDA DA SERRA 3

Designação

CNS 12132

Lugar/ Venda da Serra/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9137505; -8,3837244

Altitude 561 m

Descrição Monumento de grandes dimensões, com cerca de 22 metros de diâmetro e uma altura de perto de dois metros, que terá sido também escavado em 1957 por D. Domingos de Pinho Brandão. Na área central, onde existe uma larga e funda vala com 4 x 3 metros e c. de 1,5 metros de profundidade, não são visíveis quaisquer elementos da arquitectura funerária, se bem que ocorram numerosos blocos de granito relacionados com a couraça pétreia ou outras estruturas do monumento. A Nordeste e a Este vêem-se ainda duas sanjas da intervenção de D.P.B., que não chegaram a ser escavadas na totalidade. O coberto vegetal é constituído por floresta de pinheiro, carvalho e eucalipto, com vegetação arbustiva de tojo, fetos, carqueja e alguns silvados. TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Abandonado

Acesso No final do lugar da Venda da Serra (para quem vem do Coval), encontra-se um entroncamento entre o caminho que segue para Nabais (à esquerda) e um que conduz ao campo de futebol (à direita). Seguindo por este último, encontra-se o monumento do lado direito, dentro de um mato, ficando a 90 metros do caminho e a 50 metros para Norte da Mamoa 2 deste núcleo (Sítio 081 CAA).

Observações A localização no Endovélico está errada. Recolheu-se um micrólito trapezoidal em sílex, identificado durante os trabalhos de relocalização do monumento.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:111;

Nr.º CAA / 083/ VENDA DA SERRA 4

**Designação
CNS** 12133

**Lugar/
freguesia** Venda da Serra/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.914176; -8.383352

Altitude 563 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de um metro e diâmetro que rondaria os 13 metros. Foi destruído em cerca de metade por um caminho que lhe passa a NNO. Restos da couraça pétrea em granito vêem-se de forma esparsa, não sendo perceptível qualquer depressão central de violação. A cobertura vegetal integra pinheiros, carvalhos e eucaliptos, para além de espécies arbustivas onde predominam o tojo e os fetos».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos presentes trabalhos de relocalização, não foi possível identificar o monumento com clareza. Todavia, suspeitamos de o ter identificado num local onde estão depositadas algumas terras, fruto da abertura de um provável furo artesiano, tapado com lajes de pedra. Desta forma, entendemos que poderá ter sido potencialmente destruído e/ou aterrado.

Conservação Mau/ Destruído

Acesso No final do lugar da Venda da Serra (para quem vem do Coval), encontra-se um entroncamento entre o caminho que segue para Nabais (à esquerda) e um que conduz ao campo de futebol (à direita). Seguindo por este último, deve voltar-se de novo à direita antes de um outro caminho que leva ao campo de futebol. Encontra-se a mamoa a cerca de 90 metros, do lado direito do caminho.

Observações A localização no Endovélico está errada, eventualmente trocada com a do monumento de Venda da Serra 3, CNS 12132

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:111;

Nr.º CAA /	084/ CAÇUS 1
Designação	
CNS	12134
Lugar/ freguesia	Caçus/ Escariz
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,918511; -8,392425
Altitude	568 m
Descrição	« <i>Pequena mamoa de tradição megalítica com cerca de 6,5 metros de diâmetro e altura que em pouco ultrapassará os 0,50m. Apresenta uma violação central muito pronunciada, com cerca de dois metros de diâmetro e c. de 0,50m. de profundidade, não se registando quaisquer restos de couraça lítica. A zona está arborizada a pinheiro e eucalipto, sendo o estrato arbustivo constituído por tojo, carqueja e outras espécies</i> ». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)
Conservação	Não localizado
Acesso	Na Estrada nº 519, entre o Rossio e as Alagoas, deve chegar-se a Caçús e voltar-se à esquerda pela Rua 1º de Maio até às últimas casas do lugar. O monumento fica num mato a pouco mais de 100 metros a Nordeste de uma antena de telecomunicações.
Observações	Nos recentes trabalhos, não foi possível identificar o monumento. Salvo erro de coordenada GPS, este situar-se-á num terreno que, atualmente, está repleto de tojo com cerca de 1,5m de altura, não permitindo uma prospeção adequada.
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:130;

Nr.º CAA / 085/ CAÇUS 2

Designação

CNS

12135

Lugar/

freguesia

Tipologia

Mato da Tapada, Caçus/ Escariz

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,9134812; -8,3967965

Altitude

538 m

Descrição

«Monumento de grandes dimensões, com um diâmetro de 20 metros e altura de cerca de 1,5 metros. Alguns elementos da couraça pétrea em granito são ainda perceptíveis, se bem que bastante raros. A depressão de violação central, onde não se topa qualquer esteio da câmara funerária, é bastante larga, com c. de seis metros de diâmetro, sendo a sua profundidade de perto de um metro. A zona está arborizada essencialmente a pinheiro e eucalipto (resistindo ainda um ou outro carvalho ou sobreiro), sendo o estrato arbustivo constituído por tojo, fetos e outras espécies». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

Na Estrada nº 519, entre o Rossio e as Alagoas, antes do centro de Caçus, virar na primeira estrada asfaltada à esquerda antes do centro de Caçus. Seguindo-se em frente encontra-se o monumento a cerca de 250 metros, do lado esquerdo da estrada, da qual dista escassos 20 metros.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:131;

Nr.º CAA / 086/ ALVITE DE BAIXO 1

Designação

CNS 32697

Lugar/ freguesia Alvite de Baixo/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,932164; -8,414705

Altitude 468 m

Descrição *«O monumento, que, entretanto, não pôde localizar-se, está descrito como sendo constituído por um pequeno tumulus com um diâmetro de seis metros e uma altura de cerca de 0,40m., onde se viam alguns restos da couraça pétrea e uma larga violação central».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Não Identificado

Acesso O monumento situar-se-á perto da estrada entre o cruzamento da Urreira e Alvite de Baixo, um pouco adiante deste lugar, do lado direito da estrada.

Observações Nos recentes trabalhos, também não foi possível localizar o monumento. A sua coordenada GPS insere-se num sítio terraplanado. Poderá ter sido destruído?

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:139;

Nr.º CAA / 087/ ALVITE DE BAIXO 2

Designação

CNS 32698

Lugar/ Alvite de Baixo/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,930379; -8,415362

Altitude 468 m

Descrição «*O monumento, que, entretanto, não pôde localizar-se, está descrito como sendo constituído por um pequeno tumulus com um diâmetro de seis metros e uma altura de cerca de 0,40m., onde se viam alguns restos da couraça pétrea, na qual predominavam os calhaus de quartzo, e uma larga violação central*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau

Acesso O monumento situar-se-á perto da estrada entre o cruzamento da Urreira e Alvite de Baixo, um pouco adiante deste lugar, do lado esquerdo da estrada.

Observações Nos presentes trabalhos, foi possível identificar-se uma estrutura que corresponde ao descrito pelos autores da 1ª edição da Carta Arqueológica, embora lhe guardemos algumas reservas.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:139;

Nr.º CAA / 088/ TOUTENHEIRA 1

Designação

CNS 32693

Lugar/ Mato da Toutenheira, Ver/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9446198; -8,3902542

Altitude 440 m

Descrição *«Monumento megalítico de grandes dimensões, de planta subelíptica, com um eixo NE-SO de cerca de 19 metros e eixo NO-SE de cerca de 15 metros, ultrapassando de altura os 1,5 metros. Detetam-se na superfície tumular vestígios de blocos graníticos da couraça. Tem depressão central de violação larga, com 2,5 metros de diâmetro e relativamente pronunciada (0,50 metros de profundidade), na base da qual aflora o topo de vários esteios, dos quais o maior tem uma largura de 0,60 metros e está visível em cerca de 0,65 metros da sua altura. O número de esteios observáveis parece ser de nove, os quais, ainda que porventura deslocados, sugerem uma câmara funerária relativamente bem preservada. O monumento faz parte de um núcleo de três mamoas, uma das quais (2) lhe dista apenas 16 metros.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Seguindo em frente, por largo estradão de terra, encontra-se o monumento cerca de 750 metros adiante, dentro de um mato do lado direito desse caminho, do qual dista 30 metros.

Observações O terreno do núcleo da Toutenheira pertence ao Prof. Luís Miguel Pinho, Arqueólogo, e existe um protocolo de cedência do espaço para a Junta de Freguesia de Escariz, com o intuito de valorizar o conjunto.

Bibliografia VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:135

Nr.º CAA / 089/ TOUTENHEIRA 2

Designação

CNS 32694

Lugar/ Mato da Toutenheira, Ver/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.944505; -8.390348

Altitude 440 m

Descrição *«Tumulus de pequenas dimensões, cujo diâmetro rondará os sete metros, não atingindo 0,50 metros de altura, em relação à sua área envolvente. Parece ser delimitado por um anel lítico exterior, cujos blocos, em granito são mais perceptíveis no sector nascente. A depressão central de violação parece ser larga, mas pouco profunda. O facto do monumento, que se localiza a escassa quinzena de metros da mamoa 1 deste núcleo, estar situado no rebordo de um cômodo e a vegetação arbustiva que cobre a área impedem uma mais clara percepção do túmulo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau

Acesso Seguindo pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, por largo estradão de terra, encontra-se o monumento cerca de 750 metros adiante, dentro de um mato do lado direito desse caminho, do qual dista 30 metros. O monumento situa-se a poucos metros a poente da mamoa 1 deste núcleo.

Observações Durante estes trabalhos de 2021, não conseguimos identificar o monumento devido à densa vegetação. Todavia, em 2019 estivemos no terreno, com o proprietário (também arqueólogo), e verificou-se o sepulcro. (As coordenadas do Endovélico estão erradas alguns metros).

Bibliografia VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:136

Nr.º CAA / 90/ TOUTENHEIRA 3

Designação

CNS 32695

Lugar/ Mato da Toutenheira, Ver/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.944754; -8.391114

Altitude 428 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, cujo tumulus apresenta uma altura de cerca de 1,5 metros, vendo-se restos da couraça granítica em alguns pontos da superfície. O seu diâmetro é atualmente de c. de 12 metros no eixo Este/Oeste e de apenas 7,5m. no sentido Norte/Sul, em razão do monumento se achar destruído a Norte quase pela metade, até à zona da câmara funerária. Apresenta uma depressão central de violação muito pronunciada, com c. de 0,50m. de profundidade, onde aflora o topo de um esteio, com 0,50m. de largura e visível 0,30m. acima do solo. O monumento, próximo das Mamoas 1 e 2 do mesmo núcleo (Sítios 088 e 089), parece ter sido implantado numa zona de afloramentos naturais, o que tendo paralelos, é uma situação relativamente rara em Arouca. Na cobertura vegetal predomina o pinheiro, para além de espécies arbustivas, como os fetos, o tojo ou a urze».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau

Acesso Seguindo pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, por largo estradão de terra, encontra-se o monumento cerca de 650 metros adiante, dentro de um mato.

Observações Durante estes trabalhos de 2021, não conseguimos identificar o monumento devido à densa vegetação. Todavia, em 2019 estivemos no terreno, com o proprietário (também arqueólogo), e verificou-se o sepulcro. (As coordenadas do Endovélico estão erradas alguns metros).

Bibliografia VILAS BOAS et al. 1986; PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:137

Nr.º CAA / 91/ MOROUÇOS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Morouços, Cavada D'Entela, Ver/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.945422; -8.394219

Altitude 405 m

Descrição *«O presente registo assinala a localização de um ou mais monumentos megalíticos que terão sido destruídos por volta de 1870. A preparação de terrenos de cultivo nuns matos designados como "Morouços" e "Cavada d'Entela" (microtopónimos por si só reveladores, de vestígios de sepulturas megalíticas) terá então proporcionado o aparecimento de "cacos velhos e grandes esteios em pedra que foram aproveitados para as ramadas". No local, atualmente composto por terras agrícolas, nada se vê, embora a zona diste escassos 350 metros do núcleo megalítico da Toutenheira».* (Sítios 088 a 090).
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Seguindo em frente, por largo estradão de terra, encontra-se uma zona agrícola, com lameiros e terras lavradias. Aqui ficam os campos da Cavada d'Entela e dos Morouços, onde ficariam situados os monumentos (?) destruídos.

Observações

Bibliografia VILAS BOAS et al. 1986; SILVA 2004:138

Nr.º CAA / 92/ GOZENDAS 1

Designação

CNS 32696

Lugar/ freguesia Gozendas/ Mansores

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9429036; -8,3851610

Altitude 427 m

Descrição

«Mamoas de pequenas dimensões, com oito metros de diâmetro e uma altura que em pouco parece ultrapassar os 0,50 metros. Apresenta à superfície do tumulus e nas imediações alguns blocos de granito que podem pertencer à couraça e aparenta possuir também um anel lítico de contenção periférica, formado por pedras de maior calibre. A eventual violação central é muito perceptível». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso

Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Seguindo em frente, em direcção à Barrosa, encontra-se o monumento cerca de 1,3 km adiante, dentro de um mato do lado direito desse caminho, do qual dista 35 metros. Outro acesso possível é por Mansores, a partir do lugar da Estrada.

Observações Área onde se têm realizado diversos trabalhos de reflorestação.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:139

Nr.º CAA / 93/ Vila Viçosa 1

Designação

CNS 23701

Lugar/

Vila Viçosa / Canelas e Espiunca

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

41,0020830; -8,2146711

Altitude

344 m

Descrição

«Mamoas de médias dimensões, com 12 metros de diâmetro e uma altura que não deverá ultrapassar um metro. Blocos da couraça lítica em xisto e quartzo são visíveis à superfície do tumulus. Violação central bastante pronunciada com cerca de 1,5m. de diâmetro e c. de 0,30m. de profundidade, parecendo ver-se o topo de dois pequenos esteios em xisto. Cobertura vegetal de urze e carqueja, para além de um número elevado de pinheiros jovens que recobrem a maior parte do monumento». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação

Mau

Acesso

Situa-se no pequeno cabeço onde está localizado o cemitério de Vila Viçosa, à esquerda do muro esquerdo, que o delimita lateralmente, do qual dista apenas 15 metros.

Observações

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000). No entanto, têm sido colocados alguns depósitos de terras nas imediações do monumento que poderá, no futuro, ficar em risco.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:176

Nr.º CAA / 94/ PORTELA DE MOLDES 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portela / Moldes

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.923892; -8.228203

Altitude 484 m

Descrição *«Monumento de apreciáveis dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de um metro e planta subcircular com diâmetro de cerca de 17 metros, encontrando-se ligeiramente cortado a Oeste. A densa vegetação que o recobre impede uma mais clara perceção do monumento, se bem que pareçam ver-se aqui e ali alguns blocos graníticos da couraça. A depressão central resultante da violação da sepultura é larga, com cerca de 3,5m. de diâmetro e relativamente pronunciada, atingindo quase os 0,50m. de profundidade. A zona está florestada essencialmente a pinheiro, com alguns eucaliptos e carvalhos, predominando os fetos entre a vegetação arbustiva».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau

Acesso Situa-se junto da estrada que conduz de Arouca à Senhora da Mó, do lado direito, a 500 metros do entroncamento com a estrada de Moldes e a 80 metros adiante de um cruzeiro em pedra implantado no mesmo lado da estrada.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:203

Nr.º CAA / 095/ ARREÇAIO 1

**Designação
CNS** 5857

**Lugar/
freguesia** Arreçaió/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9477530; -8,2807742

Altitude 491 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, de planta subcircular, com um diâmetro de oito metros e uma altura de cerca de 0,50m. O tumulus encontra-se bastante perturbado pelo plantio de eucaliptos, vendo-se ainda algumas pedras de xisto e quartzo dispersas que podem ter resultado do desmantelamento da couraça lítica da mamoa. A depressão de violação é pouco perceptível, se bem que se observem alguns blocos de pedra de maiores dimensões na zona que poderia corresponder à câmara funerária. A zona está florestada a eucalipto e pinheiro, constituindo a urze, a carqueja e o tojo o estrato arbustivo. O monumento faz parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

O monumento, atualmente, encontra-se bastante afetado.

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso Localiza-se no corte da N224 para a M506-1 (junto das Alminhas), que leva a Tropeço ou Folgoso, pelo Alto do Arreçaió. O monumento situa-se a cerca de 500 metros, do lado esquerdo da estrada, à direita da entrada de um estradão.

Observações Este monumento, pelo seu mau estado e por estar a correr o risco iminente de destruição, devido aos diversos e frequentes trabalhos de reflorestação que a zona do Arreçaió sofre, deveria ser intervencionado de emergência.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:188

Nr.º CAA / 096/ ARREÇAIO 2

Designação

CNS 5858

Lugar/ Arreçaió/ Santa Eulália

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9464445; -8,2809944

Altitude 492 m

Descrição «*Tumulus subcircular com um diâmetro de cerca de 14 metros e uma altura de cerca de 0,50 metros. O estudo do monumento, através de uma escavação arqueológica, revelou tratar-se de uma mamoa composta por terras xisto-argilosas muito compactas, sobre a qual foi construída uma carapaça em xisto. A sepultura apresenta planta sub-rectangular, tipo cista megalítica, formada por quatro lajes dispostas transversalmente, formando caixa, e tinha a rodeá-la um contraforte em quartzos leitosos, de planta subcircular, que acompanhava os esteios da cista até ao topo da mesma. O monumento faz parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Atualmente, o monumento encontra-se destruído, eventualmente por trabalhos de nivelção ou alargamento do estradão/florestação.

Conservação Escavado/ Destruído

Acesso Subindo a partir de Santa Eulália pela Estrada nº 224 em direcção a Castelo de Paiva, deve voltar-se à esquerda no Arreçaió, pela Estrada 506-1, que conduz a Tropeço. Encontra-se o monumento a cerca de 800 metros, do lado esquerdo da estrada, da qual dista 25 metros.

Observações Do espólio constaram vários fragmentos cerâmicos, moinhos manuais, uma lamela em sílex e uma lâmina também em sílex, assim como algumas lascas residuais.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:188

Nr.º CAA / 097/ ARREÇAIO 3

**Designação
CNS** 5859

**Lugar/
freguesia** Arreçaió/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9452717; -8,2856283

Altitude 501 m

Descrição *«Destruído por trabalhos de plantio de eucaliptos. Tratava-se de um tumulus de apreciáveis dimensões, com planta subcircular, um diâmetro de cerca de 18 metros e uma altura na ordem dos 1,60m. O monumento fazia parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situar-se-ia a cerca de 1,2 km do entroncamento entre a Estrada nº 224 (Stª Eulália-Castelo de Paiva) e a Estrada nº 506-1, que conduz a Tropeço, do lado direito desta estrada.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:189

Nr.º CAA / 098/ ARREÇAIO 4

Designação

CNS 5860

Lugar/ freguesia Arreçaió/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9445631; -8,2872178

Altitude 504 m

Descrição «*Tumulus subcircular com um diâmetro de cerca de 12 metros e altura de 1 metro. O estudo do monumento, resultante de uma intervenção arqueológica, revelou que se tratava de um montículo formado por terras xisto-argilosas compactas, recoberto por uma carapaça lítica, muito destruída no topo do tumulus. A sepultura terá consistido numa câmara poligonal megalítica, construída a partir da alterite de base, o xisto. Possuía contraforte que, nos tramos Norte, Oeste e Sul não acompanharia os esteios da câmara. Sobre este contraforte, à profundidade média de 0,58 metros, assinalou-se uma sepultura cistóide, formada por pequenas lajes de xisto e contendo um vaso cerâmico no seu interior. O monumento faz parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto*». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído/ Escavado

Acesso Monumento parcialmente destruído. Situa-se a cerca de 1,3 km do entroncamento entre a Estrada nº 224 (Stª Eulália-Castelo de Paiva) e a Estrada nº 506-1, que conduz a Tropeço, do lado esquerdo desta estrada.

Observações Do espólio constam vários fragmentos cerâmicos, algumas lamelas e fragmentos de lâminas, geométricos, dois artefactos polidos (um deles uma machadinha) e um percutor. Na sepultura secundária inserta na massa do tumulus, sobre o contraforte, recolheu-se um vaso subcilíndrico de fundo aplanado. O que resta do monumento deveria ser limpo, sinalizado e selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:189

Nr.º CAA / 099/ ARREÇAIO 5

Designação

CNS 5861

Lugar/ Arreçaió/ Santa Eulália

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,944795; -8,287987

Altitude 504 m

Descrição *«Tratava-se de uma mamoa de médias dimensões, com planta subcircular, um diâmetro de cerca de 12 metros e uma altura na ordem dos 0,40m., não se detetando quaisquer restos de couraça pétrea. Apesar do tumulus se encontrar algo abatido, apresentava uma violação central profunda e alargada, orientada de Este/Oeste, enquanto a rodear a mamoa existia um anel de grandes blocos que se interrompia na zona da violação. O monumento fazia parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Apesar desta nota da sua destruição, e da não identificação do monumento durante os presentes trabalhos, temos ideia de que já o teremos identificado numa outra situação, pelo que não se assume com certeza a sua destruição.

Conservação Não localizado

Acesso Monumento possivelmente destruído. Situava-se a cerca de 1,4 km do entroncamento entre a Estrada nº 224 (Stª Eulália-Castelo de Paiva) e a Estrada nº 506-1, que conduz a Tropeço, do lado esquerdo desta estrada.

Observações Apesar desta nota da sua destruição, e da não identificação do monumento durante os presentes trabalhos, temos ideia de que já o teremos identificado numa outra situação, pelo que não se assume com certeza a sua destruição.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d; SILVA 2004:190

Nr.º CAA / 100/ ARREÇAIO 6 / ANTA DE CASAL MAU

Designação

CNS 94

Lugar/ freguesia Arreçaió/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.941811; -8.289601

Altitude 494 m

Descrição

«Referido no Dicionário de Pinho Leal em 1874 e classificado como Monumento Nacional desde 1910 é este monumento a "Anta de Casal Mau", amplamente citada em guias e roteiros sem qualquer conhecimento do que se trata efetivamente e outras vezes apressadamente dada como "totalmente destruída" só porque, efetivamente, os esteios que constituíam a câmara foram retirados e utilizados para muros ou ramadas, já no nosso século. Efetivamente, esta sepultura megalítica, que tantas vicissitudes tem sofrido, foi há pouco tempo afetada seriamente, mais uma vez, por ação da plantação de eucaliptos, que revolveu em profundidade a metade Oeste da mamoa. No que resta, vê-se ainda um tumulus de grandes dimensões, com 22 metros de diâmetro e uma altura que andarà pelos 1,5 metros, sendo abundantes à superfície os restos de couraça, em blocos de xisto, granito e quartzo. Possui uma cratera de violação bastante larga, algo descentrada para Norte, com cerca de 5 metros de diâmetro e também acentuada, com cerca de 0,50m. de profundidade, violação que é prolongada por uma vala que atravessa todo o monumento no sentido Sul. Pelo menos um esteio da câmara funerária, em granito, encontra-se derrubado nas proximidades. O monumento encontra-se quase integralmente florestado a eucalipto, existindo ainda alguma vegetação arbustiva. Faz parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/ Parcialmente afetado

Acesso Subindo a partir de Santa Eulália pela Estrada nº 224 em direção a Castelo de Paiva, deve voltar-se à esquerda no Arreçaió, pela Estrada 506-1, que conduz a Tropeço. Após o desvio à esquerda que leva ao lugar de Casal Mau, deve virar-se por um estradão à esquerda. Encontra-se o monumento a cerca de 500 metros, do lado direito deste estradão, junto a uma confluência de caminhos.

Observações Monumento Nacional

Espólio inexistente. Em visita de reconhecimento em 1999/2000, foi localizado à superfície um pequeno fragmento cerâmico, de aspeto medieval ou moderno.

Bibliografia PINHO LEAL 1874b; PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:191

Nr.º CAA / 101/ ARREÇAIO 7

Designação

CNS 34705

Lugar/ freguesia Arreçaió/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9482850; -8,2809663

Altitude 487 m

Descrição *«Destruído por trabalhos de plantio de eucaliptos. Tratava-se de um tumulus de pequenas dimensões, com planta subcircular, um diâmetro de cerca de 8 metros e uma altura na ordem dos 0,40m. Possuía violação central onde não se observava qualquer esteio e tinha couraça pétrea à base de xisto laminar e nódulos de quartzo. A poucos metros para Oeste localizava-se outra pequena mamoa (Sítio 102), também destruída nas mesmas circunstâncias. O monumento fazia parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situar-se-ia a cerca de 600 metros do entroncamento entre a Estrada nº 224 (Stª Eulália-Castelo de Paiva) e a Estrada nº 506-1, que conduz a Tropeço, do lado direito desta estrada.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:192

Nr.º CAA / 102/ ARREÇAIO 8

Designação

CNS 5947

Lugar/ Arreçaió/ Santa Eulália

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9484967; -8,2811383

Altitude 486 m

Descrição

«Destruído por trabalhos de plantio de eucaliptos. Tratava-se de um tumulus de tradição megalítica de pequenas dimensões, evidenciando planta subcircular, um diâmetro de c. de 6 metros e uma altura na ordem dos 0,30m. Possuía violação central onde parecia ver-se o topo de um pequeno esteio em xisto e mostrava couraça pétrea à base de xisto laminar e nódulos de quartzo. A poucos metros para Este localizava-se outra pequena mamoa (Sítio 101), também destruída nas mesmas circunstâncias. O monumento fazia parte de uma necrópole de oito monumentos (Sítios 095 a 102), cinco dos quais foram destruídos nos últimos anos, em resultado de ações de florestação com eucalipto». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso

Monumento destruído. Situar-se-ia a cerca de 600 metros do entroncamento entre a Estrada nº 224 (Stª Eulália-Castelo de Paiva) e a Estrada nº 506-1, que conduz a Tropeço, do lado direito desta estrada e a poucas dezenas de metros da Mamoa 7 (Sítio 101), igualmente destruída.

Observações

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:192

Nr.º CAA / 103/ SERNADES 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Sernandes/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 491 m

Descrição *«O monumento, que, entretanto, não pôde localizar-se, está descrito como sendo constituído por um pequeníssimo tumulus com um diâmetro de apenas quatro metros e uma altura de cerca de 0,40m., vendo-se alguns restos da couraça pétreia e uma larga violação central. Faz parte de um conjunto de quatro monumentos situados todos eles na mesma cumeada»* (Sítios 103 a 106).
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos, não nos foi possível localizar o sepulcro.

Conservação Não localizado.

Acesso O acesso faz-se pela estrada que sai de Arouca pelo Calvário até Santa Eulália. Subindo pelo estradão principal que leva à Capela de S. João de Valinhas deve subir-se sempre (em vez de virar para a Capela), até atingir uma pequena cumeada, onde se situaria o monumento. A distância entre a estrada asfaltada e o local do monumento é de cerca de um quilómetro.

Observações Visíveis vestígios de passagem de maquinaria.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:198

Nr.º CAA / 104/ SERNADES 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Sernandes/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada

Altitude 488 m

Descrição *«O monumento, que, entretanto, não foi possível localizar, está descrito como sendo constituído por um pequeníssimo tumulus com um diâmetro de apenas quatro metros e uma altura de cerca de 0,30m., vendo-se alguns restos esparsos da couraça pétrea e uma larga violação central, que pela sua amplitude parece ter destruído quase todo o interior do montículo. Faz parte de um conjunto de quatro monumentos situados todos eles na mesma cumeada (Sítios 103 a 106)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos, também não nos foi possível localizar o sepulcro.

Conservação Não localizado.

Acesso O acesso faz-se pela estrada que sai de Arouca pelo Calvário até Santa Eulália. Subindo pelo estradão principal que leva à Capela de S. João de Valinhas deve subir-se sempre (em vez de virar para a Capela), até atingir uma pequena cumeada, onde se situaria o monumento. A distância entre a estrada asfaltada e o local do monumento é de cerca de um quilómetro.

Observações Visíveis vestígios de passagem de maquinaria.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:198

Nr.º CAA / 105/ SERNANDES 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Sernandes/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9432743; -8,2642414

Altitude 473 m

Descrição *«Pequeno monumento cistoide, à semelhança dos outros três tumuli que constituíam este núcleo (Sítios 103, 104 e 106), cuja mamoa tem um diâmetro de 6,5 metros e uma altura que não ultrapassa os 0,50m. Como característica mais saliente vê-se hoje uma larga vala de violação, a partir do centro para Nordeste, com 0,50m de profundidade, dois metros de largura e 4,5m. de comprimento. Não são visíveis quaisquer restos de couraça pétrea de revestimento nem quaisquer elementos da estrutura sepulcral. Grande quantidade de fetos e herbáceas constituem atualmente a única cobertura vegetal da pequena mamoa».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos, entendemos ter identificado este monumento, que dista 4 a 6 metros de um outro, o 4.

Conservação Mau.

Acesso O acesso faz-se pela estrada que sai de Arouca pelo Calvário até Santa Eulália. Subindo pelo estradão principal que leva à Capela de S. João de Valinhas deve subir-se sempre (em vez de virar para a Capela), até atingir uma pequena cumeada, onde se situa o monumento, num pequeno colo deprimido. A distância entre a estrada asfaltada e o local do monumento é de cerca de um quilómetro.

Observações Monumento possivelmente identificado, ainda que não estejamos certos de que, efetivamente, se trate de um monumento megalítico. Toda a área do Alto de Sernandes estava cheia de vegetação (mato + eucaliptos). A tarefa de prospeção foi muito difícil. Visíveis vestígios de passagem de maquinaria.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:197

Nr.º CAA / 106/ SERNANDES 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Sernandes/ Santa Eulália

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9432305; -8,2641465

Altitude 473 m

Descrição *«O monumento, que não foi localizado nas prospeções efetuadas, está descrito como sendo constituído por um pequeno tumulus com um diâmetro de cerca de cinco metros e uma altura de cerca de 0,30m., vendo-se alguns restos da couraça pétrea e sendo nítida a violação central. Faz parte de um conjunto de quatro monumentos situados todos eles na mesma cumeada (Sítios 103 a 106)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos realizados, identificámos uma estrutura semelhante ao monumento 3, distante desde uns 4 a 6 metros para Sul, que entendemos corresponder ao monumento 4.

Conservação Mau

Acesso O acesso faz-se pela estrada que sai de Arouca pelo Calvário até Santa Eulália. Subindo pelo estradão principal que leva à Capela de S. João de Valinhas deve subir-se sempre (em vez de virar para a Capela), até atingir uma pequena cumeada, onde se situaria o monumento. A distância entre a estrada asfaltada e o local do monumento é de cerca de um quilómetro.

Observações Embora o sítio seja bastante sugestivo para a presença de monumentos funerários desta tipologia, assistimos à identificação do Sernandes 3 e 4 com algumas reservas, ressaltando que, eventualmente, poderão não se tratar de sepulcros.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:198

Nr.º CAA / 107/ MAMOELA 1

Designação

CNS 32700

Lugar/ freguesia Alto da Mamoela/ S. Miguel do Mato

Tipologia Mamoa

Cronologia Neolítico

Coordenada 40,9673941; -8,3845026

Altitude 418 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, também objeto de escavações arqueológicas promovidas por D. Domingos de Pinho Brandão. É constituído por uma mamoa de grandes dimensões, com cerca de dois metros de altura e 20 metros de diâmetro, parecendo ligeiramente cortada a Oeste pela implantação de um muro de propriedade. À superfície do tumulus são visíveis abundantes restos líticos (xisto, granito e quartzo) pertencentes à couraça pétrea que revestia o monumento funerário. Das escavações restam abertas duas sanjas, uma a Sudeste e a outra a Noroeste, sendo esta a única que atinge o centro do monumento. A depressão central, aqui não de violação, mas resultante da intervenção realizada, tem dois metros de diâmetro por cerca de 0,50m. de profundidade, se bem que por certo esteja um pouco aterrada. Nela vê-se ainda o topo de um esteio em xisto, tipo pilar. O monumento está coberto por densa vegetação arbórea (pinheiro e eucalipto) e arbustiva (carqueja e tojo). Uma outra mamoa, de menores dimensões, está referenciada a cerca de 200 metros para Oeste (Sítio 108)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso O acesso pode fazer-se pela Estrada nº 504, que de Escariz leva a Castelo de Paiva. Após o cruzamento da Portelada, encontram-se à direita um posto de abastecimento de combustível e um campo de futebol. Entre o campo de futebol e uma fábrica, um caminho à direita conduz ao monumento, que se situa a 450 metros, do lado esquerdo.

Observações O monumento foi intervencionado por D. Domingos de Pinho Brandão. Deveria ser limpo e selado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:140

Nr.º CAA / 108/ MAMOELA 2

Designação

CNS 32701

Lugar/ freguesia Alto da Mamoela/ S. Miguel do Mato

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,967067; -8,387091

Altitude 408 m

Descrição *«Monumento não localizado, desconhecendo-se por isso se ainda se conserva. Segundo os registos disponíveis localizar-se-á cerca de 200 metros a Oeste da Mamoa 1 (Sítio 107) deste núcleo. Trata-se de um tumulus de médias dimensões, com cerca de 10 metros de diâmetro por 0,50m. de altura. Possui violação central muito pronunciada, com 2 x 1,5 metros, e o tumulus, onde se detetam restos da couraça lítica de cobertura, acha-se cortado a Este pela vala de implantação de um muro de divisória predia».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos, não foi possível localizar o monumento.

Conservação Não localizado

Acesso O acesso pode fazer-se pela Estrada nº 504, que de Escariz leva a Castelo de Paiva. Após o cruzamento da Portelada, encontram-se à direita um posto de abastecimento de combustível e um campo de futebol. Entre o campo de futebol e uma fábrica, um caminho à direita conduz ao monumento, que se situará a cerca de 250 metros, do lado esquerdo.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:141

Nr.º CAA / 109/ MONTE CANA

Designação

CNS 32702

Lugar/ freguesia Monte Cana/ S. Miguel do Mato

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9752287; -8,3821459

Altitude 448 m

Descrição *«Monumento destruído por trabalhos recentes de plantação mecânica de eucaliptos. Pinho Leal refere a existência de um dólmén na Serra de Borralhoso que poderia corresponder a este monumento. Tratava-se de um tumulus de planta subcircular, altura de cerca de dois metros e um diâmetro a rondar os 12 metros. Implantado no topo aplanado do Monte da Cana, o que lhe conferia especial visibilidade, possuía couraça lítica à base de blocos de quartzo leitoso. Parte do sector Este do montículo havia já sido cortado por um estradão para uso dos madeireiros. No interior da depressão de violação achava-se implantado o marco geodésico da Cana, que é hoje precisamente a única parte que resta do monumento, assente sobre uma "banqueta" de cerca de um metro quadrado onde parecem ver-se, ainda assim, restos de esteios em xisto. Eucaliptal jovem e algumas espécies arbustivas constituem atualmente o coberto vegetal da área».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Destruído

Acesso O acesso pode fazer-se pela Estrada nº 504, que de Escariz leva a Castelo de Paiva. Após o cruzamento da Portelada, encontra-se à direita um posto de abastecimento de combustível. Cerca de 700 metros adiante, um estradão à esquerda conduz ao Monte da Cana, onde se situava a mamoa.

Observações O que resta deste monumento deveria ser intervencionado de emergência.

Bibliografia PINHO LEAL 1874a; PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:142

Nr.º CAA / 110/ CHÃO DE ALAGOA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Chão de Alagoa/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9257253, -8,3247416

Altitude 443 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de 1,5 metros e planta subelíptica, com c. de 20 metros de eixo E.-O. e 18 metros no sentido N.-S. No tumulus, levemente cortado a Norte por um caminho, vêem-se restos da couraça pétrea com blocos de xisto e quartzo. Tem um grande negativo de violação central, com cerca de cinco metros de diâmetro e 0,50m. de profundidade».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/
BASE DADOS ACCESS (2000)

Cobertura vegetal de pinheiro e eucalipto, para além de algumas herbáceas. Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso O acesso pode fazer-se a partir da Estrada nº 506, que leva a Tropeço. Cerca de 500 metros antes de chegar à igreja desta freguesia, deve voltar-se à esquerda numa estrada que se dirige à Várzea e logo adiante à direita, por outra estrada. Cerca de 650 metros adiante, um estradão florestal à direita leva ao monumento, que se atinge após um percurso de outros 650 metros, após passar pela Mamoa 2 (Sítio 111), que se encontra 60 metros a Nordeste.

Observações Está localizado junto a um Marco da Ordem de Malta. As dimensões tiradas, em 1999, pelo CAA, parecem estar trocadas com a de Chão de Alagoa 2. Esta terá, na realidade, 14m x 1m

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:200

Nr.º CAA / 111/ CHÃO DE ALAGOA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Chão de Alagoa/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.9261423, -8.3240872

Altitude 442 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, cujo tumulus tem uma altura de cerca de um metro e planta subcircular, com diâmetro próximo dos 14 metros. No tumulus, bastante abatido, vêem-se restos da couraça pétrea com blocos de xisto e quartzo. Tem um negativo de violação central largo mas pouco acentuado, com c. de 3,5m. de diâmetro e 0,30m. de profundidade. Na cobertura vegetal predomina o eucalipto, para além de alguma arbustivas e herbáceas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso O acesso pode fazer-se a partir da Estrada nº 506, que leva a Tropeço. Cerca de 500 metros antes de chegar à igreja desta freguesia, deve voltar-se à esquerda numa estrada que se dirige à Várzea e logo adiante à direita, por outra estrada. Cerca de 650 metros adiante, um estradão florestal à direita leva ao monumento, que se atinge após um percurso de mais 600 metros.

Observações Monumento localizado do lado direito da estrada florestal. Mostra-se ligeiramente afetada pela abertura do caminho. As medidas serão de 18m x 20m.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:200

Nr.º CAA / 112/ BARRACA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Barraca, Venda Nova/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8771522; -8,3078782

Altitude 909 m

Descrição *«O monumento está situado numa zona levemente aplanada, ao fundo de um pequeno pendente orientado para SSO. Trata-se de um tumulus de pequenas dimensões, com um diâmetro entre os 6 e os 6,50 metros e uma altura que não excede os 0,50m. Encontra-se bastante aplanado, especialmente nos sectores Sul e Sudoeste, onde é visível com alguma dificuldade. Talvez por isso não se detetam vestígios da violação, se bem que sejam perceptíveis pequenos blocos de xisto, quartzo e granito relacionados com a couraça pétrea da mamoa. A carqueja e a urze constituem o principal coberto vegetal do monumento».*
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Em frente à Senhora da Laje deve seguir-se para o pequeno lugar da Barraca/Venda Nova e tomar o caminho que segue para o Alto da Malfadada. Encontra-se o monumento a Noroeste, c. de 250 metros mais acima.

Observações

Bibliografia SILVA 1992; SILVA 2004:79

Nr.º CAA / 113/ BARRACA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Barraca, Venda Nova/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8784149; -8,3083785

Altitude 928 m

Descrição *«O monumento está situado no topo de um cabeço arredondado, com grande visibilidade (especialmente para Nordeste) e numa zona de afloramentos rochosos. É uma mamoa de médias dimensões e de planta subelíptica, com 10 metros de eixo E.-O. e apenas 7 metros no sentido N.-S. No tumulus, com altura superior a 0,50 metros, é claramente discernível a couraça, com abundantes blocos de granito e um ou outro fragmento de quartzo. A eventual violação central não é evidente. O monumento é em parte sobreposto a Sudeste por um muro de divisória de terrenos. A carqueja constitui o coberto vegetal predominante».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Em frente à Senhora da Laje deve seguir-se para o pequeno lugar da Barraca/Venda Nova, onde uma canada leva à Malfadada. Após um percurso de cerca de 400 metros deve voltar-se a Nordeste, encontrando-se o monumento num morro pedregoso, sobre a Senhora da Laje.

Observações A cerca de 5m do monumento, a sudeste, do lado de lá do muro de propriedade, identificou-se um montículo de pedras graníticas de média e pequena dimensão. Inicialmente foi interpretado que o muro teria sido construído por cima do monumento. Contudo, não nos foi possível identificar uma relação direta entre o montículo e o monumento em si.

Bibliografia SILVA 1992; SILVA 2004:79

Nr.º CAA / 114/ CUMEEIRA 2

Designação

CNS 19191

Lugar/ freguesia Cumeeira/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.881063; -8.314868

Altitude 868 m

Descrição

«Implantada numa pequena chã no sopé da Cumeeira, trata-se de uma pequena mamoa com 7,5 metros de diâmetro e uma altura que em pouco ultrapassará os 0,50m. A abundante cobertura de tojo, carqueja e urze praticamente impossibilita a observação do monumento, impedindo a deteção de eventuais elementos de couraça pétrea ou o próprio negativo de violação. Na zona há pequenos afloramentos de xisto e não longe uma plantação de pinheiros». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso

Em frente à Senhora da Laje deve seguir-se para o pequeno lugar da Barraca/Venda Nova, onde um caminho conduz à Cumeeira, passando sensivelmente a Sudoeste do Alto da Malfadada. O monumento localiza-se a cerca de meio percurso entre a Malfadada e a Cumeeira, do lado Sul do caminho, que em parte parece cortá-lo.

Observações

A área encontra-se ardida e a sofrer reflorestação nas imediações. Poderá ser potencial o risco de afetação deste monumento. O monumento 1 situa-se do lado de Vale de Cambra. A nordeste a carapaça (composta de pedras de médio a pequena dimensão em quartzo leitoso e vermelho), parece estar maia abatida, enquanto a restante parte parece estar bastante perceptível. O centro do monumento não tem materiais líticos (provavelmente violação).

Bibliografia

SILVA 1992; SILVA 2004:80

Nr.º CAA / 115/ LÁPIDE ROMANA DE FERMEDO

Designação

CNS 6374

Lugar/ freguesia Igreja Matriz de Fermedo/ Fermedo

Tipologia Epígrafe

Cronologia Romano

Coordenada 40.953997; -8.415913

Altitude 308 m

Descrição *«Integrada na face exterior da parede da capela-mor, encontra-se há longos anos (porventura desde a reconstrução da capela em 1785, conforme sugere uma inscrição na base) uma lápide romana em mármore róseo, com as dimensões de 1,105m. de altura por 0,545m. de largo, onde foi aberto, em boas capitais latinas, um epitáfio funerário. Serviu para identificar a sepultura de um tal Laetus, filho de Caturu e natural de Aviobriga, cidade de localização incerta. A inscrição, distribuída por sete linhas, pode traduzir-se da seguinte forma: Aqui está sepultado Laetus, de Aviobriga, filho de Caturu, que faleceu com 28 anos. Niger, seu irmão, mandou fazer este monumento segundo o seu testamento, de harmonia com a arbitragem de Quintus Laberius Exoratus, de Lisboa. A tipologia da inscrição e a matéria-prima em que foi executada tornam muito improvável que seja originário da região de Arouca este monumento epigráfico, que pode ser datado da primeira metade do século III da nossa era.»*
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Bom

Acesso Igreja paroquial de Fermedo, inserida na parede exterior da capela-mor voltada a Nascente. A igreja situa-se na Praça António Pereira da Silva, acedendo-se ao local pela EN 326 (Arouca-Espinho).

Observações

Bibliografia ALMEIDA 1959; LAMBRINO 1960; BRANDÃO 1961a; 1961b; 1987; AZEVEDO e MOREIRA 1973; SILVA 1994; MANTAS 1996; ALARCÃO 1996; SILVA 2004:300

Nr.º CAA / 116/ HEXAFÓLIO DE FERMEDO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz de Fervedo/ Fervedo

Tipologia Elemento Arquitetónico

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.953997; -8.415913

Altitude 308 m

Descrição

«Poucos metros acima da lápide romana (Ficha 115) que também se encontra embutida na parede da matriz de Fervedo, pode ver-se um elemento escultórico de grande beleza. Trata-se de uma roseta de seis folhas, com talhe em bisel, inscrita num círculo encordado. Aparenta ser esculpida em calcário. Alguns autores não têm hesitado em considerar visigótico, ou pelo menos pré-românico, este ornato, dando-o como proveniente das demolições que houve necessidade de fazer na última reconstrução da capela-mor, em 1785 (GONÇALVES 1991). Poderá mesmo relacionar-se, hipoteticamente, com a capela "moçárabe" do Palácio dos Condes da Feira que existiria perto da matriz e que Pinho Leal descreve em detalhe (AZEVEDO e MOREIRA 1973). A grande universalidade e pervivência deste motivo decorativo devem, no entanto, recomendar alguma prudência na sua avaliação, para a qual um exame da peça em ocasião de eventual picagem das paredes do templo seria um contributo de grande alcance». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Bom

Acesso Igreja paroquial de Fervedo, inserida na parede exterior da capela-mor voltada a Nascente. A igreja situa-se na Praça António Pereira da Silva, acedendo-se ao local pela EN 326 (Arouca-Espinho).

Observações

Bibliografia ALMEIDA 1962; GONÇALVES 1991; AZEVEDO e MOREIRA 1973; SILVA 1989; SILVA 2004:303

Nr.º CAA / 117/ INSCRIÇÃO S. MIGUEL DO MATO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz S. Miguel do Mato/ S. Miguel do Mato

Tipologia Inscrição

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.968483; -8.417454

Altitude 242 m

Descrição *«Sobre uma janela da parede Norte da sacristia da Igreja de S. Miguel do Mato vê-se um silhar de granito, com 1,43 x 0,44 metros, apresentando gravada uma inscrição hoje de difícil leitura, pelo facto do silhar se encontrar picado em diversos pontos e as letras da inscrição se encontrarem mal decalcadas e pintadas a tinta preta. Segundo os estudos mais recentes (BARROCA 1995), a epígrafe contém apenas uma data: "Era de 1187, às quatro kalendas de...", eventualmente alusiva à sagração do templo, que após correção da era de César para a cristã e cálculo do calendário permite apontar a data final de 29 de Maio de 1149 para aquele evento».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso Igreja paroquial de S. Miguel do Mato, na parede exterior da sacristia. Acede-se ao templo pela EN 326 (Arouca-Espinho), ao km. 19.

Observações

Bibliografia GONÇALVES 1991; BARROCA 1995; SILVA 2004:385

Nr.º CAA / 118/ JUGADA

Designação

CNS 6220

Lugar/ freguesia Jugada/ Alvarenga

Tipologia Menir

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9926148; -8,0908466

Altitude 1139 m

Descrição *«Situado numa chã levemente deprimida sobre a nascente da Ribeira de Noninha, a Poente do Alto do Vale do Asno, mas ainda assim em zona de portela com grande visibilidade envolvente, o pequeno menir ou "marco" da Jugada constitui um importante testemunho da sacralidade pré-histórica que os tempos posteriores respeitaram e re-funcionalizaram pelo menos como marco divisório, de carácter administrativo, predial ou de pastoreio entre comunidades vizinhas. Objeto de uma intervenção arqueológica em 1993, da responsabilidade de E. J. Lopes da Silva, viria a revelar notáveis aspetos estruturais que realçam a sua importância. Trata-se de um monólito em granito sumariamente afeiçãoado, de secção subretangular, com uma altura de 1,18 metros acima do solo e base subrectangular com c. de 0.60m de largura. Implantado verticalmente, como é próprio destes monumentos, a sua escavação revelou que assenta num lajeado granítico bem imbricado e perfeitamente circular, com 4,30m de diâmetro, reforçado na periferia por blocos de maior calibre. Testemunho da sua reutilização em tempos modernos constitui a inscrição de duas linhas em caracteres latinos, de difícil leitura, que apresenta numa das faces».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo, Alto do Coto e Alto do Vale do Asno (PR1). Após cerca de 4 km., por estradões só acessíveis a veículo todo-o-terreno, passando, entretanto, pelo núcleo de mamoa do Fojo (Sítios 156 a 159), pelas Mamoas 2 e 3 das Casinhas (Sítios 133 e 134) e pela Mamoa do Vale do Asno (Sítio 019). O menir fica junto ao caminho e é facilmente identificável.

Observações

Bibliografia SILVA, E. 1995; 1997; PINHO 1997; PINHO et al. 1999; SILVA 2004:162

Nr.º CAA / 119/ VALE DO LAMEIRO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Vale do Lameiro/ Escariz

Tipologia Necrópole

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.937479; -8.402595

Altitude 498 m

Descrição *«O achado de diversas sepulturas num campo do lugar de Vale de Lameiro documenta claramente a existência de uma necrópole no local. Os testemunhos dos moradores do lugar parecem sugerir que as descobertas mais antigas teriam ocorrido por volta de 1925. Nos finais da década de '30 outros trabalhos agrícolas terão revelado novo conjunto, talvez mais de uma dezena, de sepulturas. Segundo a recordação popular as sepulturas eram escavadas no saibro natural, teriam um contorno subrectangular ou ovalado, com alargamento na área da cabeceira e o fundo alteado para sustentação da cabeça dos defuntos e eram cobertas por lajes de xisto. Na mesma altura terão também aparecido os alicerces de uma construção e uma "lapeira" ou "fornalha" com cinzas. Um achado mais recente verificou-se em 1962, este a merecer nota na imprensa local (ACHADO 1962). Em 1987 restos de uma sepultura puderam ainda ser documentados por arqueólogos do Centro de Arqueologia de Arouca. Se bem que haja notícia de aparecer muita "telha de meia-cana" nos campos contíguos, não há indicações muito seguras de que as sepulturas contivessem qualquer espólio (SILVA 1988), o que associado à sua tipologia permite propor uma cronologia medieval para a necrópole, tanto mais que a memória local regista a tradição de nas imediações ter existido uma igreja. O estado actual dos terrenos não permite qualquer observação de pormenor, se bem que a maioria das sepulturas aparecidas deva ter sido destruída».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Mau/Indeterminado

Acesso Seguindo pela Estrada nº 519, entre a Abelheira e Alagoas, deve voltar-se à direita pelo primeiro caminho asfaltado após o cruzamento da Abelheira. Cerca de 150 metros adiante, um pequeno caminho à direita leva ao local da necrópole.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia ACHADO 1962; SILVA 1988; SILVA 2004:384

Nr.º CAA / 120/ CÔTO DO CRASTO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Crasto/ Mansores

Tipologia Indeterminado

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.934335; -8.372168

Altitude 407 m

Descrição

«O microtopónimo "Côto do Crasto", associado a um cabeço de notável implantação topográfica, dotado de defesas naturais e com uma excelente dominância visual sobre o alvéolo agrícola de Mansores, levaram a que este cabeço tenha vindo a ser indicado como local de assentamento de um povoado castrejo (SILVA 1993a; 1994). Apesar do sítio não proporcionar materiais arqueológicos de superfície, a existência de plataformas artificiais, de pedra boleada de aspeto arcaico e a tradição popular de aí ter sido o lugar mais antigo da freguesia, registando-se mesmo a memória de "uns casebres" numa das encostas, sustentavam com alguma segurança tal atribuição. Recentemente, porém, uma profunda desmatagem efetuada no cabeço e a construção de uma moradia na vertente N. forneceram ensejo e condições para uma observação mais adequada do sítio. Para além da relativa abundância de pedra solta visível à superfície (parte da qual, todavia, poderá estar relacionada com trabalhos de extração de pedra, cujos indícios são visíveis), nos blocos graníticos que coroam o topo do cabeço parecem ver-se, aqui e ali, vestígios de entalhes e afeições, o que só um levantamento cuidadoso poderá confirmar. A topografia do sítio, que é um cabeço destacado junto a uma linha de água, apresentando um conjunto de plataformas a O. e um cume roqueiro seguido de uma pequena plataforma orientada a E., a grande visibilidade que dele se obtém, dominando uma importante portela de circulação para o litoral e a própria proximidade à igreja paroquial, são fatores que concorrem para considerar-se a forte probabilidade de aqui ter estado instalada uma pequena atalaia medieval. Sítio porventura de ocupação intermitente e pouco duradoura, não justificaria o investimento em grandes obras defensivas e torna compreensível a ausência quase absoluta de materiais arqueológicos de superfície. Só através de sondagens arqueológicas será possível confirmar ou infirmar esta proposta, devendo por ora considerar-se como "indeterminada" a natureza da eventual ocupação do cabeço». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso Seguindo pela Estrada nº 326, entre a Abelheira e Mansores, encontra-se o pequeno lugar de Crasto, do lado esquerdo da estrada, um pouco adiante do desvio para a igreja paroquial. A colina do Côto do Crasto destaca-se

perfeitamente no meio do vale, sendo o acesso feito através das casas do lugar de Crasto.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia SILVA 1993a; 1994; SILVA 2004:353

Nr.º CAA / 121/ SENHOR DOS AFLITOS 2

Designação

CNS 23719

Lugar/ freguesia Monte do Senhor dos Aflitos/ Alvarenga

Tipologia Povoado

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada 40,957530; -8,160722

Altitude 495 m

Descrição «Designado também como "Castro de Alvarenga", é um povoado fortificado de altura, com grande dominância visual para todos os sectores e nomeadamente sobre o vale de Alvarenga e o Paiva, que corre um quilómetro a Poente. São identificáveis restos de três amuralhamentos: um à cota superior, delimitando o bordo aplanado, de tipo ciclópico, constituído pelo simples alinhamento de grandes blocos de granito e quartzo sem aparelho visível; um segundo, idêntico e a cota inferior, visível em particular na encosta Sudeste, e que integra no circuito alguns afloramentos naturais; vestígios de uma terceira cerca defensiva, aparentemente de menor aparato, detetam-se ainda a NO., cortada pelo estradão de acesso à capela instalada no topo do monte. Infelizmente, uma intensa exploração mineira relacionada com a procura de volfrâmio revolveu quase por completo a plataforma superior do castro, não sendo de todo impossível, porém, que pequenas zonas de ocupação se tenham conservado mais preservadas. A tipologia da implantação e do sistema defensivo, e sobretudo a natureza dos materiais arqueológicos de superfície apontam para uma ocupação exclusiva do Bronze Final, aparentemente sem continuidade no Ferro. De igual modo, a possibilidade de uma reocupação medieval do monte (SILVA 1994) não parece confirmar-se, o que em todo o caso é difícil de esclarecer sem uma intervenção arqueológica». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000). Em 2007, o Centro de Arqueologia de Arouca realizou sondagens no local. Verificar/ consultar relatórios Endovélico.

Conservação Mau/ Escavado

Acesso Seguindo pela Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga), à entrada de Alvarenga toma-se um desvio à direita para Santo António e a Capela do Senhor dos Aflitos.

Observações Fragmentos cerâmicos domésticos, um fragmento decorado, exibindo uma banda de sulcos incisivos oblíquos sob o bordo, peso de tear em cerâmica. O

Bibliografia SILVA 1993a; 1994; SILVA 2004:248; SILVA E LEMOS 2018;

Nr.º CAA / 122/ SENHOR DOS AFLITOS 3

Designação

CNS 23720

Lugar/ freguesia Monte do Senhor dos Aflitos/ Alvarenga

Tipologia Menir

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.955260; -8.159878

Altitude 482 m

Descrição *«Implantado numa pequena plataforma da encosta SE. do Monte do Senhor dos Aflitos, numa posição de onde se domina visualmente todo o sector Sul e Nascente do vale de Alvarenga, o menir foi descoberto em 1993, tendo aparecido tombado, com a base assente num alvéolo definido por blocos de quartzo, de feitura recente, a denunciar a sua provável reutilização como marco predial. Não custa acreditar, porém, que a sua atual localização não ande longe da original. Trata-se de um monólito granítico, de secção subtrapezoidal, com uma altura de 1,40m. por c. de 0,25m de lado. Apresenta evidentes vestígios de afeiçãoamento que lhe dão um recorte fálico - como é relativamente frequente nestes monumentos - sublinhado pela fractura longitudinal existente no topo, relacionada com um veio quartzítico, morfologia de que o "artífice" soube tirar partido para sugerir o meato uretral; do mesmo modo a irregularidade da base foi afeiçãoada com a finalidade de criar um espessamento que tanto facilitaria a implantação vertical da peça como contribui para a particular morfologia do menir. De atribuição cronológica normalmente complexa, pela inexistência de depósitos arqueológicos associados, os menires comparticipam, latu sensu, do fenómeno megalítico. Neste caso, regista-se a existência de uma mamoa a cerca de 500 metros (Sítio 020), o que é comum com os outros menires localizados em Arouca - Três Irmãos (Sítio 149) e Jugada (Sítio 118) - igualmente a poucas centenas de metros de monumentos megalíticos». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)*

Conservação Mau

Acesso Seguindo pela Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga), encontra-se à entrada de Alvarenga um desvio à direita para o lugar de Santo António e a Capela do Senhor dos Aflitos. Poucas centenas de metros adiante atinge-se o início do estradão que sobe o monte e leva à capela. Para chegar ao menir é necessário percorrer toda a plataforma superior do monte, para lá da capela, encontrando-se o monumento no início da encosta Sudeste, a cerca de 180 metros.

Observações O menir, atualmente, encontra-se na mesma posição aquando da sua descoberta, mas tombado.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA e SILVA 1994; SILVA 2004:172

Nr.º CAA / 123/ CASTELO DOS CARVALHAIS

Designação

CNS 22579

Lugar/

Monte do Castelo; Monte de Baixo, Carvalhais/ Alvarenga

freguesia

Tipologia

Castelo Roqueiro

Cronologia

Idade Média

Coordenada

40.966450; -8.177829

Altitude

272 m

Descrição

«Trata-se de um castelo roqueiro da época da Reconquista (séc. IX-XII) implantado num pequeno cabeço rochoso, de morfologia cónica, sobre um meandro do rio Paiva. Um profundo fosso foi talhado na base, sobretudo no sector Nordeste, como forma de dificultar o acesso e aumentar a eficácia defensiva. No topo observam-se cortes e entalhes nos penedos graníticos e mesmo o que parecem ser restos de muretes defensivos, ocorrendo por toda a superfície pedra aparelhada e fragmentos cerâmicos, para além de expressivos derrubes de muralha em toda a encosta. São evidentes ainda os vestígios de extração de pedra na área, fruto de laboração de pedreiras. Numa monografia da freguesia publicada em inícios do século dá-se conta do aparecimento no "Carvalho ou Côtó do Carvalho" de "sepulturas", "ruínas, pás de ferro e outros objetos do mesmo metal, pequenas rodas de barro, um forno..." (MADUREIRA 1906), descrição que, todavia, pode não corresponder ao castelo agora referenciado. O achado de um fragmento de tegula (telha de tipo romano) no topo do cabeço sugere a existência de ocupações anteriores nas proximidades».
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Mau

Acesso

A estação situa-se num cabeço rochoso sobre o Paiva, a menos de 2 km, para Poente, do centro da freguesia. Na E.N. 225, no sentido de Nespereira, volta-se à esquerda por um caminho empedrado, c. de 350m adiante do desvio para Arouca. Faz-se depois um trajeto de 500 metros por estradão, devendo o resto do percurso ser feito a pé.

Observações

Cerâmica doméstica medieval; cossoiros; tegula; escória (ocorrências de superfície).

Bibliografia

MADUREIRA 1906; MENDES 1995; SILVA 2004:351; SILVA 2011; RIBEIRO 2013

Nr.º CAA / 124/ CORTEGADA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cortegada/ Alvarenga

Tipologia Habitat

Cronologia Romano

Coordenada 40.977573; -8.166524

Altitude 446 m

Descrição *«As referências recolhidas dão conta de que há cerca de 50 anos alguns rapazes terão feito umas escavações no lugar, por brincadeira, tendo achado "um forno subterrâneo, recheado de objetos de barro" (MENDES 1995:110), uns "cacos velhos" e, supostamente, uma mó manual em granito, giratória, ilustrada em trabalho recente (Ibidem). O dormente ter-se-á perdido, entretanto; a peça classificada como movente, que foi encontrada e analisada, parece corresponder a um elemento de uma prensa de lagar. Aparentemente, parece tratar-se de um local de ocupação antiga, hipoteticamente romana. A topografia do sítio dos achados, onde a vegetação arbustiva não permite qualquer observação do solo, ajusta-se bem à implantação de um casal de época romana, mas os dados disponíveis de momento não permitem maiores precisões».*
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Atingindo-se o lugar da Cortegada deve seguir-se para Oeste até à última casa do lugar, que está em ruínas. O local dos achados seria mais ou menos frente à casa, da parte de cima de um caminho murado.

Observações Desconhecem-se as cerâmicas hipoteticamente aparecidas. O dormente de mó manual ilustrado em MENDES 1995 não foi localizado. O provável elemento de prensa, aparentemente sem grande interesse arqueológico nem atribuição cronológica possível, foi deixado no lugar, junto às ruínas de uma casa existente perto do local dos achados. (SILVA 2004:286)

Bibliografia MENDES 1995; SILVA 2004:286

Nr.º CAA / 125/ PELOURINHO DE TRANCOSO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Largo de Trancoso/ Alvarenga

Tipologia Pelourinho

Cronologia Idade Moderna

Coordenada 40.966172; -8.156138

Altitude 390 m

Descrição *«Implantado sobre um soco circular de três degraus, é constituído por um fuste liso, de secção circular, com vestígio de fixação da argola ou anel de sujeição. Possui pinha cilíndrica com gola, onde se acha aplicado um escudo sobre uma faixa com data e outra inscrição, onde pode ler-se 1590 (ou 1580, segundo outros autores), seguido de outros caracteres para os quais têm sido aventadas diferentes interpretações (MENDES 1995)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Regular

Acesso Situa-se no largo principal do lugar de Trancoso. Está implantado frente ao edifício dos antigos paços do concelho.

Observações Imóvel de Interesse Público

Bibliografia GONÇALVES 1991; MENDES 1995; MALAFAIA 1997; DGEMN 2000; SILVA 2004:380

Nr.º CAA / 126/ CASTRO DE VALINHAS

Designação

CNS 3321

**Lugar/
freguesia** S. João de Valinhas/ Santa Eulália

Tipologia Povoado Fortificado

Cronologia Idade do Ferro/ Romano

Coordenada 40.935361; -8.262686

Altitude 445 m

Descrição

«No monte de S. João de Valinhas existem importantes vestígios de ocupação humana ao longo de mais de 2000 anos. Na verdade, as condições topográficas daquele relevo, um esporão que domina visualmente todo o vale de Arouca, foram propícias à fixação de uma comunidade nos inícios da época castreja, entre os séculos X e VIII antes de Cristo. Desses tempos do "Bronze Final" - os mais recuados da ocupação do monte, nesta fase da investigação - não foram ainda localizadas nas escavações arqueológicas efetuadas quaisquer estruturas, mas apenas algum espólio lítico e cerâmico, no geral descontextualizado. O castro da Idade do Ferro, similar, no essencial, a tantos povoados congéneres que nesses tempos enxamearam o NO. Peninsular (como as Citânias de Sanfins, Briteiros, Monte Mòzinho ou - mais próximo de Arouca - o Castro de Romariz) ter-se-á desenvolvido em particular nas encostas voltadas a Sul e Sudeste, aproveitando ou preparando plataformas entre os maciços graníticos que afloram em abundância. Os principais vestígios arquitetónicos dessa época visíveis de momento são constituídos pelos restos de uma construção de planta circular, associada a um murete de sustentação de terras, e à base de uma outra estrutura subcircular talhada no saibro natural. O castro de Valinhas foi depois romanizado a partir, provavelmente, do séc. I a.C., do que são testemunho numerosos restos cerâmicos, vitreos, líticos, metálicos, numismáticos, etc. Alicerces de construções de planta retangular, correspondendo a diferentes fases de edificação em época tardo-romana, documentam amplamente este período». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Mau/ Parcialmente destruído

Acesso

A estrada que liga Arouca, pelo Calvário, à freguesia de Santa Eulália constitui o melhor acesso ao castro. Um largo estradão em terra (com correspondência num caminho do outro lado da estrada) dá acesso à Capela de S. João de Valinhas e à área arqueológica superior (ruínas romanas e castelo), devendo para tal subir-se o estradão cerca de 450 metros e depois voltar-se à esquerda até ao fim do caminho. Para as ruínas castrejo-romanas, situadas na encosta Sudeste, pode também subir-se por um estradão junto à Capela de S. Tiago, que se encontra perto da estrada, no lugar de Crasto.

Observações SIP – Sítio de Interesse Público. O sítio tem vindo a ter diversas afetações desde 2017, situações já comunicadas à tutela, encontrando-se destruída a estrutura habitacional da Idade do Ferro.

Bibliografia SILVA, F. 1986; GONÇALVES 1991; SILVA 1988; 1993a; 1993b; 1993c; 1994; 1995; no prelo-a; SILVA e RIBEIRO 1999; SILVA et. Al. 2002; SILVA 2004:238;

Nr.º CAA / 127/ MARMOIRAL DE SANTO ANTÓNIO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Santo António/ Santa Eulália

Tipologia Sepultura

Cronologia Idade média

Coordenada 40.928546; -8.271004

Altitude 264 m

Descrição

«Curioso arco funerário medieval, em granito, o Memorial ou Marmoiral de Santo António é um dos seis monumentos deste tipo existentes em todo o País e o único imóvel românico do Concelho de Arouca. É constituído por um plinto de três fiadas de silhares, servindo a superior de base de assentamento a um arco de volta inteira cujas aduelas ostentam motivos decorativos nas faces e no intradorso. A meia flecha, assente sobre duplo par de colunelos com capitéis figurados, vê-se uma aparente tampa sepulcral, enquanto a base do arcossólio revela uma superfície de suporte debruada por um sulco, a semelhar leito funerário. Ladeando o arco central, a altura superior, abrem-se dois outros pequenos arcos, de chanfradura perlada. O entablamento é sustentado por friso de cachorros, muito desgastados, enquanto uma simulada cobertura de duas águas é enquadrada, num e noutra topo do monumento, por cruces latinas, vendo-se ao centro um esferoide incaracterístico. O monumento mede c. de 4,30m. de altura, sendo de 4,75 x 1m. o comprimento e largura máxima. Os diferentes AA. que se têm debruçado sobre o monumento datam-no entre o século XII e XIII. A sua funcionalidade levantou durante muito tempo sérias dúvidas e cruza-se com o culto popular ligado à rainha Santa Mafalda, uma vez que os seus biógrafos setecentistas e oitocentistas ligam a edificação deste arco (assim como os da Ermida, em Penafiel e Alpendurada, no Marco de Canaveses) aos pontos de descanso do cortejo fúnebre da infanta entre Rio Tinto, onde terá morrido, e o mosteiro de Arouca, onde foi sepultada. Se é possível que o Memorial de Santo António tenha servido de ponto estacional por ocasião dos funerais de D. Mafalda (o que a admitir-se é muito interessante do ponto de vista cronológico, pois estabelece uma datação terminus ante quem 1256 para a edificação do moimento), está fora de hipótese que tenha sido expressamente construído para tal finalidade. De facto, o marmoiral de Arouca é um dos últimos vestígios de um tipo de sepulturas medievais (amplamente referidos na documentação, se bem que com sentidos variáveis e pouco claros), erigidas junto a caminhos, normalmente providas de um arco (se bem que com exceções, como o de Castelo de Paiva) e cuja utilização efetiva levanta, essa sim, justificada complexidade, podendo situar-se o espaço funerário na sua base (marmoirais de Penafiel e Castelo de Paiva), ter servido apenas como ossários (Alpendurada?) ou ter contido uma arqueta ou sarcófago, como pode ter acontecido com o de Arouca. Outra possibilidade que pode apontar-se para o exemplar em apreço é a de ter tido a sepultura na sua base, servindo neste

caso o "almofadado" existente no vão do arco para a colocação de um jacente, ou algo similar. Seja como for, importa registar que o monumento se acha deslocado da sua localização primitiva. Estaria originalmente implantado do outro lado da estrada, talvez onde hoje existe a placa central da rotunda, e foi mudado por necessidade de abertura da Estrada 326, no século XIX». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Entretanto, desde a produção da 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca, o Arco funerário foi restaurado e recolocado mais próximo da sua localização original

Conservação

Bom

Acesso

Situa-se à face da Estrada Nacional 326, no lugar de Santo António, a pouco mais de um quilómetro antes de Arouca, para quem vem de Vale de Cambra ou de Castelo de Paiva.

Observações

Monumento Nacional

Bibliografia

VITORINO 1936; 1942; 1943; AZEVEDO 1939; 1940; SIMÕES JÚNIOR 1967; FERNANDES 1980; 1983; SILVA, F. 1986; SILVA 1987; GONÇALVES 1991; SILVA 2004:356

Nr.º CAA / 128/ IGREJA DE SANTA EULÁLIA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz/ Santa Eulália

Tipologia Igreja Matriz

Cronologia Idade média

Coordenada 40.931782; -8.268210

Altitude 301 m

Descrição *«Se bem que o aspeto geral da matriz de Santa Eulália não revele presentemente grande antiguidade, mas antes das profundas reformas que a igreja sofreu entre os séculos XIX e XX, alguns elementos avulsos documentam as origens medievais do templo. Destaca-se, essencialmente, um friso de três silhares com decoração enxaquetada ou em bilhetes, com cerca de 2,20m. de comprimento por c. 0,35m. de espessura, colocados no exterior da parede Norte, no cunhal entre a nave e a capela-mor. Se bem que tenha sido datado do séc. XV (GONÇALVES 1991) é motivo de tradição românica, não repugnando por isso a sua anterioridade. Junto ao portal lateral Sul, reaproveitada como capa de pavimento, outra laje apresenta ainda a gravação de um par de tesouras, a documentar eventualmente restos de uma tampa de sepultura com signo profissional. Por fim, em silhares dos umbrais do portal Sul viam-se claramente, há poucos anos, algumas siglas de pedreiro gravadas, o que recentes "lavagens" ou picagens da pedra obliteraram por completo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

De referir que foi descoberto, recentemente (2017), vestígios de ocupação romana nos terrenos imediatamente a sul da Igreja, no lugar dos Adros (quinta do paço).

Conservação Bom

Acesso Igreja Paroquial de Santa Eulália, no exterior da parede lateral Norte, na transição da nave para a capela-mor. Para chegar à matriz deve seguir-se pela EN 224 (Arouca-Castelo de Paiva), voltando-se num desvio para o lugar da igreja.

Observações De referir que foi descoberto, recentemente (2017), vestígios de ocupação romana nos terrenos imediatamente a sul da Igreja, no lugar dos Adros (quinta do paço).

Bibliografia GONÇALVES 1991; SILVA 1989; SILVA 2004:386

Nr.º CAA / 129/ GRALHEIRA D´ÁGUA

Designação

CNS 23834

Lugar/ freguesia Gralheira d´Água/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mina

Cronologia Romano

Coordenada 40.968342; -8.221308

Altitude 628 m

Descrição *«Exploração mineira antiga de que se vêem atualmente um grande fojo, de plano superior grosseiramente sub-rectangular com orientação sensivelmente Noroeste - Sudeste, e cerca de 10 metros, com galeria e alguns vestígios de laboração no exterior, designadamente almofarizes talhados na rocha e alguns tanques. Apresenta uma profundidade máxima de 25 metros. Para além dos vestígios observáveis próximo da boca da galeria, como degraus e plataformas talhadas na rocha, pilares de sustentação, condutas e observatórios para água, destacam-se no exterior, claros indícios do processo tecnológico de tratamento de minerais, designadamente alguns tanques de lavagem associados a uma nascente, e um conjunto de afloramentos rochosos com pequenas cavidades que serviam de almofarizes para a britagem dos materiais saídos da mina. Nas imediações têm também sido encontrados fragmentos de mós manuais, giratórias, relacionadas igualmente co a trituração dos elementos minerais. A evidência do uso do fogo, como técnica de desmonte na frente mineira, complementando outros vestígios e notícias de achados antigos, torna bastante provável a cronologia romana desta exploração, possivelmente destinada á pesquisa de ouro».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso Seguindo pela Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga), deve voltar-se à esquerda no estradão imediatamente antes da empresa das louseiras de Canelas. Deverá depois percorrer-se uma distância de cerca de um quilómetro, por caminhos florestais, até chegar à cumeada rochosa da Gralheira d'Água.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia MADUREIRA 1909; SILVA 2004:291; FIGUEIREDO e SILVA 2006a; 2006b:523-524; COUTO et. Al. 2010;

Nr.º CAA / 130/ CAPELA DE SANTIAGO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Crasto/ Arouca e Burgo

Tipologia Capela

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.935646; -8.261454

Altitude 370 m

Descrição *«Documentada pelo menos desde o remoto ano de 1085, a pequena Capela de Santiago apresenta hoje um aspeto algo incomum, cuja datação poderá recuar, quando muito, aos séculos. XVI/XVII. Há cerca de 30 anos, porém, trabalhos efetuados no adro ou relacionados com a própria abertura da estrada, permitiram localizar algumas sepulturas abertas no granito natural (e segundo algumas informações, mesmo "sarcófagos"), que, entretanto, terão sido destruídas. As indicações disponíveis, essencialmente resultantes da memória dos habitantes locais, não permitem caracterizar muito bem o achado, que corresponderá, naturalmente, à necrópole envolvente do templo, provavelmente de cronologia medieval».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Indeterminado

Acesso Situa-se na estrada que liga Arouca, pelo Calvário, à freguesia de Santa Eulália. Encontra-se a Capela de S. Tiago, do lado Oeste da estrada, junto a uma curva, no lugar de Crasto.

Observações Não é hoje muito precisa a extensão dos achados, mas deverá considerar-se uma área de pelo menos 25 metros de raio com o centro na capela, zona de potencial arqueológico quer para a necrópole, quer mesmo para a eventualidade de outros vestígios do templo medieval, cuja localização e planta nada garante que coincidisse com o atual (SILVA 2004:386)

Bibliografia SILVA, F. 1986; SILVA 2004:386

Nr.º CAA / 131/ PELOURINHO DO BURGO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Burgo/ Arouca e Burgo

Tipologia Pelourinho

Cronologia Idade Moderna

Coordenada 40.927229; -8.263034

Altitude

Descrição

À altura da 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (1999/2000), o pelourinho do Burgo estava completo, se bem que fragmentado em cinco peças e armazenado na casa dos Vaz Pinto.

«A base é constituída por um plinto quadrangular, rematado por um tambor oitavado com encaixe quadrangular no topo, elemento com 0,68m. de lado por 0,60m. de altura; um segundo fragmento correspondia à base de encabamento e arranque do fuste (que tem 0,29m. de diâmetro), medindo 1,30m. de comprimento; outros dois fragmentos correspondiam às partes medial e terminal do fuste, medindo respetivamente 0,70m. e 1,11m; e, por fim, o remate do pelourinho é constituído por uma base discoide sobre a qual se apoia uma esfera semi-vazada, provida de um orifício lateral para encaixe de qualquer peça, medindo este último elemento c. de 0,45m. de altura por 0,35m. de diâmetro. A soma das diferentes dimensões, descontando-se o encabamento do fuste, permite concluir que o pelourinho teria de altura original cerca de 4 metros. Junto com os fragmentos do pelourinho encontravam-se três outras peças, de distinta morfologia e granito de grão diferente daquele em que foi realizado o pelourinho, parecendo corresponder a "frades" que podem ter constituído qualquer tipo de proteção àquele antigo símbolo municipal. O monumento data do século XVI.» TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Atualmente, o pelourinho encontra-se restaurado, desde 2002, e aplicado junto à capela de S. Frutuoso.

Conservação Regular

Acesso Situa-se junto à capela do Espírito Santo e S. Frutuoso, no Burgo, face à EN 326.

Observações Imóvel de Interesse Público

Bibliografia SIMÕES JÚNIOR 1950; GONÇALVES 1991; MALAFAIA 1997; DGEMN 2000; SILVA 2004:379

Nr.º CAA / 132/ CASINHAS 1

Designação

CNS 30707

Lugar/

Casinhas/ Alvarenga/ Cabril

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,9766959; -8,1009438

Altitude

992 m

Descrição

«Integrado numa necrópole de que se conhecem pelo menos três mamoas (Sítios 132 a 134), o monumento está situado numa zona levemente deprimida entre cumeadas, com grande visibilidade envolvente. É constituído por um tumulus de médias dimensões, com cerca de 12 metros de diâmetro e uma altura superior a um metro. Apresenta negativo de violação central bastante largo e pronunciado, com c. de 3,5m. de diâmetro e 0,40m. de profundidade. São visíveis à superfície abundantes blocos em xisto da couraça lítica, bem como dois esteios da câmara funerária, também em xisto, tendo o maior 1,30m. de comprimento. O monumento foi ligeiramente cortado a Este pela abertura de um estradão de acesso a uma antena de telecomunicações. Vegetação rasteira de carqueja, urze, tojo e herbáceas recobre a mamoas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação

Regular

Acesso

A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo e Alto do Côto, num percurso sensivelmente paralelo aos limites do Concelho de Arouca. Tem de percorrer-se uma distância de perto de 2,5 km., por estradões só acessíveis a todo-o-terreno, passando, entretanto, pelo núcleo de mamoas do Fojo. Chegando-se ao início do planalto cartografado como "Alto do Côto", deve voltar-se à direita por um estradão recente que dá acesso a uma antena de telecomunicações. O monumento situa-se a cerca de 200 metros desse desvio, do lado direito do caminho.

Observações

Bibliografia

SILVA 2004:158

Nr.º CAA / 133/ CASINHAS 2

Designação

CNS 30708

Lugar/ freguesia Casinhas/ Alvarenga/ Cabril

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9784583; -8,1011932

Altitude 1001 m

Descrição *«Localizado a cerca de 200 metros da Mamoa 1 deste núcleo, o monumento é constituído por um tumulus de médias dimensões, com 13 metros de diâmetro e altura de cerca de um metro. Apresenta uma couraça pétreia robusta com blocos de xisto apresentando na sua maioria veios quartzíticos. A depressão central de violação é larga (4,5 x 2,5m.) e profunda (0,50m.), vendo-se ainda nas imediações restos de um ou dois esteios. Cobertura vegetal à base de carqueja, urze e herbáceas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo e Alto do Côto, num percurso sensivelmente paralelo aos limites do Concelho de Arouca. Tem de percorrer-se uma distância de perto de 2,5 km., por estradões só acessíveis a todo-o-terreno, passando, entretanto, pelo núcleo de mamoas do Fojo. O monumento situa-se no início do planalto cartografado como "Alto do Côto", do lado direito do caminho, junto a um estradão recente que dá acesso a uma antena de telecomunicações.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:158

Nr.º CAA / 134/ CASINHAS 3

Designação

CNS 30709

Lugar/ freguesia Casinhas/ Alvarenga/ Cabril

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9801871; -8,0997375

Altitude 1015 m

Descrição *«Monumento um pouco atípico que parece constituído por um tumulus subcircular com c. de 13 metros de diâmetro e um metro de altura, revestido por uma potente couraça de blocos de xisto e quartzo, que aparentemente incorpora um afloramento rochoso natural de orientação NO. -SE. Poderá também dar-se a circunstância da sepultura se circunscrever apenas a um montículo cistoide adossado ao lado Sudoeste do afloramento, servindo neste caso o tumulus couraçado que encosta ao afloramento por Nordeste de mero recurso de monumentalização. Em qualquer das possibilidades, a depressão central de violação é pequena e pouco pronunciada. Carqueja e herbáceas constituem o coberto vegetal do monumento».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo e Alto do Côto, num percurso sensivelmente paralelo aos limites do Concelho de Arouca. Tem de percorrer-se uma distância de perto de 2,7 km., por estradões só acessíveis a todo-o-terreno, passando, entretanto, pelo núcleo de mamoas do Fojo. O monumento situa-se no planalto cartografado como "Alto do Côto", a uma distância de c. de 200 metros da Mamoa 2 deste núcleo, do lado direito do caminho, no topo de um pequeno cabeço.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:159

Nr.º CAA / 135/ MONTE CORUTO

Designação

CNS 12560

Lugar/ Coruto/ Escariz

freguesia

Tipologia Castelo Roqueiro

Cronologia Idade do Bronze/ Idade Média

Coordenada 40,944835; -8,406731

Altitude 511 m

Descrição

«*Pinho Leal narra no seu Dicionário, acerca do Monte Coruto, que "a gente destes sítios conta muitas maravilhas deste cabeço. Diz que houve nele um castelo de mouros e que aqui existem grandes riquezas encantadas. É tradição que em tempos remotos se chamava Crasto Alvarinho..." (PINHO LEAL 1874a). E se o mesmo A. confessa que "examinei muitas vezes o Cruto com todo o vagar e não vejo ali o mínimo vestígio de qualquer casta de edifícios" (Ibidem), o facto é que no Coruto esteve instalado um castelo roqueiro medieval cujos vestígios são evidentes. De facto, para além da ocorrência de cerâmicas superficiais típicas deste período (séc. IX-XII), são ainda visíveis neste monte pedregoso - se bem que se ache em grande parte destruído por ação de uma intensa exploração de pedreiras - cortes e entalhes nos penedos para implantação de uma cerca defensiva, um ou outro silhar aparelhado e outros traços que documentam a adequação das condições naturais à instalação militar. Numa pedreira das proximidades apareceu entre 1965 e 1968 um grande tesouro monetário, dentro de um recipiente cerâmico. O tesouro seria composto por mais de um milhar de moedas (fala-se mesmo em vários milhares!...), algumas das quais foram classificadas por Simões Júnior como datando do reinado de D. Dinis (VILAS BOAS et al. 1986); em 1977 ter-se-á efetuado outro achado numismático, sobre o qual não há mais informações (Idem)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Em 2003, o monte terá sido afetado por trabalhos de construção no seu sopé. Nesse sentido, foram realizados trabalhos de prospeção pelos arqueólogos Carlos Alberto da Conceição Maia e Fernando Augusto Pereira da Silva que referem que os resultados das ações de prospeção permitiram a recolha de diverso material arqueológico, maioritariamente olaria de fabrico manual e a torno, a par de algumas peças metálicas, em ferro e bronze e ainda alguns líticos, com destaque para um peso de rede. De eventuais estruturas, assim como amuralhados do povoado da Idade do bronze e do "castelo roqueiro" que lhe sucedeu no tempo, nada se pôde identificar, pese embora a existência de vária pedra solta; contudo, dado tratar-se de um local que desde há muito tempo funciona como pedreira, torna-se difícil identificar tais estruturas. Consultar relatório/Endovélico.

- Conservação** Mau
- Acesso** Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à esquerda num primeiro caminho que dá acesso a uma zona industrial. Seguindo em frente por esse caminho atinge-se o Monte Coruto após cerca de 500 metros, altura em que deverá voltar-se a Sudoeste para chegar ao local do castelo. O acesso é também possível a partir da Estrada nº 326, por um caminho à esquerda cerca de 500 metros após o Cruzeiro de Escariz.
- Observações** Área foi prospetada por Fernando Augusto Pereira da Silva após as primeiras afetações do sítio, em 2003. Foram identificados alguns fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze. Atualmente, toda a área envolvente do monte tem sido alvo de urbanização pelo município de Arouca.
- Bibliografia** PINHO LEAL 1874a; VILAS BOAS et al. 1986; SILVA 1988; 1994; SILVA 2004:352; SILVA 2011; RIBEIRO 2013,

Nr.º CAA / 136/ CIDADADE 1

Designação

CNS 19810

Lugar/ freguesia Cidade/ Rossas

Tipologia Povoado

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada 40,9180556; -8,2987855

Altitude 357 m

Descrição

«Os montes "Cidadella" e "Prensoiru" são citados num diploma do ano de 1110, aludindo claramente ao relevo conhecido como Cidade, situado na divisão das freguesias de Rossas e Urrô. A microtoponímia, associada a lendas e tradições locais, é riquíssima, registando-se os sítios do MURO, PASSEIO DOS CAVALOS, PICADEIRO e CIDADADE (popularmente SUBIDADE ou SOVIDADE), nomes de lugar que por todo o País se ligam a montes com ocupação antiga, designadamente castros. Efetivamente, A. Almeida Fernandes, baseando-se na documentação medieval, tem proposto que no monte da Cidade se situaria o CASTRO ARAUKA mencionado em diplomas a partir de 1080 o que, todavia, não parece sustentável, quer pelos documentos, quer pela arqueologia. Vista de Norte (por exemplo, da Igreja de Urrô, ou da estrada para Tropeço), a Cidade é constituída por um conjunto de três relevos: um central, mais amplo, onde foi localizado um monumento megalítico (Sítio 165) e dois laterais, com cotas culminantes levemente inferiores, um sobre Cela e Nogueiró e outro mais voltado à Várzea. Neste último, que parece ser o designado como "Passeio dos Cavalos", trabalhos de florestação a eucalipto realizados entre 1992 e 1993, revolveram profundamente as encostas setentrionais, o que permitiu a recolha de alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis aos finais da Idade do Bronze e a observação de restos de estruturas num talude, se bem que não seja possível precisar a sua cronologia. A implantação destacada deste relevo, a cotas na ordem dos 350-360 metros, com grande dominância visual, situado sobre o Arda e dominando por Sudeste a "garganta" da Pedra Má e o acesso ao vale, fazem deste monte um ponto de eleição para uma ocupação proto-histórica. Parecem ver-se ainda restos de duas linhas defensivas, correspondendo a dois desníveis concêntricos do terreno». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso O acesso à Cidade pode fazer-se por um caminho ascendente que sai da margem direita da Estrada nº 224 logo a seguir à curva da "Pedra Má", para quem se dirige a Arouca. Após um percurso de cerca de 400 metros deverá ultrapassar-se uma serração,

atingindo-se uma estrada asfaltada. Aí, haverá que voltar à esquerda, encontrando-se acesso ao cabeço uma centena de metros adiante, do lado esquerdo da estrada. Outro acesso possível é a partir de Nogueiró, de onde se acede à mesma estrada asfaltada que passa perto do sítio arqueológico.

Observações Recentemente, a instalação de um estaleiro no sopé do monte, na sua vertente E/SE afetaram uma parte do monte.

Bibliografia FERNANDES 1965; FERNANDES e SILVA 1995 (documentação); SILVA 1994; SILVA E LEITE 2004; SILVA 2004:250; SILVA e LEITE 2010;

Nr.º CAA / 137/ MALAFAIA

Designação

CNS 16383

Lugar/ Malafaia/ Várzea

freguesia

Tipologia Habitat

Cronologia Romano

Coordenada 40.928800; -8.301770

Altitude 330 m

Descrição

«O sítio arqueológico foi detetado em 1987, graças ao aparecimento de fragmentos de tegula (telha romana) no talude de um caminho. A construção de uma moradia num terreno contíguo e o alargamento desse caminho afetaram o local alguns anos depois, o que motivou a realização de trabalhos arqueológicos de emergência em 1995, tendo a intervenção sido continuada nos anos seguintes, até 1997, altura em que foi interrompida, por falta de financiamento. Foram encontrados muros e alicerces de edifícios, construídos essencialmente em xisto, um dos quais parece corresponder a uma construção de planta retangular de grandes dimensões. Outra estrutura- esta muito destruída porque se situava exatamente sobre o talude - poderá relacionar-se com um possível forno, junto do qual haveria uma lareira formada por placas de barro semelhantes a telhas planas. Numa primeira interpretação, que carece naturalmente de verificação através do alargamento das escavações arqueológicas, terá existido na Malafaia um casal, ou casa agrícola, de época tardo-romana, prolongando-se a ocupação do sítio durante os séculos VI ou VII. Para além do estado de conservação das ruínas, hoje valorizado, o espólio arqueológico resultante da intervenção é composto essencialmente por telha de tipo romano (nas variedades de tegula e imbrex), cerâmicas comuns, muito fragmentadas, dois capitéis, entre outros elementos, mas não permitindo por isso uma atribuição cronológica segura. Curiosamente, numa sondagem aberta a algumas dezenas de metros da zona principal de escavação (feita precisamente com o objetivo de delimitar a área de interesse arqueológico) não surgiram quaisquer estruturas, mas apareceu um fragmento cerâmico de imitação de sigillata clara romana cujo uso poderá ser datado até aos começos do séc. VII, o que atesta a ocupação do sítio por essa época». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso

Seguindo-se pela estrada nº 506, na direção de Tropeço, deve voltar-se à esquerda por um desvio sinalizado "Malafaia", encontrando-se a estação arqueológica cerca de 120 metros adiante, do lado direito, numa curva de estrada e junto a um caminho.

Observações O sítio foi intervencionado entre 1997 e 2008. Em 2013 o sítio sofreu intervenções para a instalação de um Centro Interpretativo. Em 2018 os setores remanescentes foram escavados e o sítio valorizado, no âmbito do Projeto *Iter Hominis*, pela Associação Geoparque Arouca.

Bibliografia SILVA 1997; SILVA 2004:256; SILVA et al. 2013; 2017; SILVA E RIBEIRO 2014; LEMOS E SILVA 2018;

Nr.º CAA / 138/ IGREJA DE VÁRZEA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz/ Várzea

Tipologia Igreja

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.923940; -8.304515

Altitude 250 m

Descrição *«Entre as igrejas paroquiais do concelho de Arouca, a da freguesia da Várzea é uma das que se encontra documentada desde épocas mais antigas (anterior ao ano de 1085, pelo menos) mas sobretudo uma das que conserva, na austeridade do seu traçado, um aspeto exterior mais original, designadamente as paredes laterais da nave, "dum gótico rural arcaizante, provavelmente já do séc. XV", segundo a expressão de Nogueira GONÇALVES (1991). Num ou noutro silhar detetam-se vestígios de algumas siglas de pedreiro medievais, se bem que muito apagadas. Na parede da fachada, junto ao portal principal, um bloco com as dimensões de 0,54 x 0,39m. ostenta quase ilegível epígrafe, aparentemente expressando DOM / I ... e atribuída ao séc. XIV (BARROCA 1995)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Bom

Acesso Igreja paroquial da Várzea, situada no centro da freguesia, à qual se acede por estrada municipal a partir do km 34,5 da EN 224 (Arouca-Vale de Cambra).

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia GONÇALVES 1991; BARROCA 1995; SILVA 2004:389

Nr.º CAA / 139/ VENDA NOVA

Designação

CNS 31226

Lugar/ freguesia Venda Nova/ Tropeço

Tipologia Habitat

Cronologia Romano

Coordenada 40.936207; -8.307776

Altitude 347 m

Descrição

«A construção de duas moradias no lugar da Venda Nova, entre 1991 e 1992, proporcionou o achado de alguns fragmentos de cerâmica romana, recolhidos diretamente no talude resultante do desaterro para as fundações de um dos prédios. Se bem que se tratasse de um achado muito localizado e não fossem visíveis quaisquer outros vestígios arqueológicos, a análise das peças recolhidas, onde se identificam fragmentos de dolium (pote de provisões) e de tegula (telha plana de tipo romano), sugere estarmos perante os restos de um habitat (casal?) de época romana, hipótese que as condições topográficas do local também sustentam. Em terrenos próximos, designadamente contíguos à igreja matriz, têm também sido recolhidos fragmentos de cerâmica romana, o que aponta para uma área arqueológica mais ampla». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Indeterminado/ Destruído

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 506, na direção de Tropeço, o sítio dos achados situa-se pouco adiante da igreja paroquial desta freguesia, do lado direito de um entroncamento de estradas.

Observações Espólio: Alguns fragmentos cerâmicos, correspondendo a parte do colo de um dolium e ao rebordo de uma telha plana (tegula).

Bibliografia SILVA 2004:284

Nr.º CAA / 140/ APEGADA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Apegada/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.9353191; -8.3042680

Altitude 411 m

Descrição *«Monumento não localizado, desconhecendo-se por isso se ainda se conserva. Segundo os registos disponíveis tratava-se de uma mamoa de médias dimensões, com c. de 13 metros de diâmetro, encontrando-se bastante destruída pela florestação, que em grande medida havia já arrasado o tumulus. Eram ainda visíveis vestígios esparsos de couraça lítica e uma depressão central de violação pouco profunda, parecendo também localizar-se um fragmento de esteio derrubado sobre o tumulus. Atualmente há no local uma cobertura vegetal muito densa com floresta mista de pinheiro, eucalipto e carvalho e manto arbustivo de fetos e tojo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 506, na direção de Tropeço, deve voltar-se à direita por um caminho empedrado situado poucas dezenas de metros antes da paroquial da freguesia. Subindo por esse caminho cerca de 200 metros atingem-se os matos onde o monumento estará situado.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:201

Nr.º CAA / 141/ POUSADOUROS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Pousadouros/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.9294065; -8.3066307

Altitude 407 m

Descrição Monumento de médias dimensões, cujo tumulus tem uma altura de perto de um metro e planta subcircular, com diâmetro de 10 metros. No tumulus, bastante afetado por ações de florestação, vêem-se restos da couraça pétreia com blocos de xisto e granito. Tem um negativo de violação central bastante visível, alargado para Nascente, com diâmetro de dois metros e profundidade de 0,30m. Cobertura vegetal arbórea de pinheiros, eucaliptos e castanheiros e arbustiva à base de tojo e de fetos. TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso O acesso pode fazer-se a partir da Estrada nº 506, que leva a Tropeço. Cerca de 500 metros antes de chegar à igreja desta freguesia, deve voltar-se à esquerda numa estrada que se dirige à Várzea, encontrando-se a mamoa a menos de 100 metros adiante, do lado esquerdo da estrada, da qual dista apenas 30 metros.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:201

Nr.º CAA / 142/ TORRE DOS MOUROS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Lourosa de Campos/ Arouca e Burgo

Tipologia Torre

Cronologia Medieval

Coordenada 40.915798; -8.264052

Altitude 381 m

Descrição

«A torre "dos Mouros" de Lourosa do Campos é uma das mais notáveis edificações medievais não só no Concelho de Arouca como num quadro regional mais amplo. Implantada num ponto topográfico destacado de onde domina visualmente um amplo território agrícola, a torre teve por certo funções mais residenciais que militares, o que explica as suas dimensões, claramente superiores a edificações congéneres de cronologia anterior. De planta quadrangular, foi construída em cantaria granítica de bom recorte, disposta em fiadas isódomas e ostentando numerosíssimas siglas de pedreiros. Está dividida internamente em três pisos, cujos pavimentos, em madeira, assentam em vigas sustentadas por cachorros laterais. Ao piso térreo, de serviços, onde existirá um poço ou cisterna hoje atulhada, acede-se por uma porta rasgada na parede Norte, enquadrada por arco ogival; uma coluna granítica que actualmente serve de suporte ao pavimento superior não é coeva da edificação, mas adjunção posterior. O piso intermédio está provido de duas janelas, abertas a Este e a Poente, tendo sido esta última transformada em porta, em época incerta, à qual se adossou uma escadaria em pedra. O piso superior constituía o andar nobre da habitação senhorial, o que explica o maior número de aberturas - uma em cada face - e o particular tratamento que lhes foi dado, designadamente com janelas de duas luzes. Na fachada Oeste, ladeando uma das aberturas de maior qualidade vê-se um potente balcão saliente, de aspecto militar, assente em cachorros escalonados e dotado de fresta e matacões, que mais não era que a dependência sanitária da residência. Na face Oeste, à direita da actual escada de acesso ao primeiro piso, um dos silhares ostenta uma inscrição, muito delida, onde Nogueira GONÇALVES (1991) leu a data de 1354 e mais recentemente Mário BARROCA (1995) decifrou o ano de 1314, sugerindo mesmo que tal letreiro date ou a construção ou qualquer reforma importante no edifício. A segunda hipótese parece mais plausível, sobretudo se atendermos à documentação referida por SIMÕES JÚNIOR (1959) que indica que já em 1264, a torre pertenceria a um tal Soeiro Nunes, "militar de Caambara", tendo em 1283 o edifício sido entregue ao Mosteiro de Paço de Sousa. Estarão estas notícias relacionadas com o báculo que se vê gravado num dos silhares interiores, junto à escada de madeira que dá acesso ao terceiro piso? Propriedade particular, a Torre serve presentemente de arrecadação agrícola. O espaço exterior foi no entanto limpo e desafogado há poucos anos e os proprietários de bom grado acedem a receber os visitantes que de forma

crescente acorrem a esta residência fortificada da Baixa Idade Média». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Entretanto, em 2017, o sítio sofreu obras de restauro, sem acompanhamento arqueológico.

Conservação Indeterminado

Acesso A partir da Estrada nº 326 deve seguir-se pelo desvio que se inicia na Capela do Espírito Santo na direcção da igreja paroquial do Burgo. Adiante da pequena capela de Santo Aleixo um desvio à direita conduz ao lugar de Lourosa de Campos, encontrando-se acesso à torre a cerca de 400 metros, junto a uma curva, por entre casas. É também possível chegar à capela de Santo Aleixo a partir da estrada para a Freita que parte da rotunda à entrada da Vila, sendo o percurso idêntico na parte final.

Observações A Torre dos Mouros foi, recentemente intervencionada, sem que tenha sofrido qualquer acompanhamento arqueológico. Soube-se, inclusivamente, que os silhares da construção foram limpos com recurso a jato de água, algo que poderá ter afetado as várias siglas que aí se encontravam. Dai a classificação de conservação como indeterminado.

Bibliografia SIMÕES JÚNIOR 1959; SILVA 1989; GONÇALVES 1991; BARROCA 1995; SILVA 2004:372

Nr.º CAA / 143/ BACELO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Bacelo, Pedrógão/ Moldes

Tipologia Habitat

Cronologia Romano

Coordenada 40.901034; -8.209977

Altitude 458 m

Descrição *«No Verão de 1954, em trabalhos de arroteamento de umas leiras situadas numa encosta voltada à ribeira de Boucegedim, apareceram algumas ruínas e objetos a documentar ocupação antiga do local. Encontraram-se os alicerces de três ou quatro muros, "de pedra miúda assente em barro", que configurariam talvez dois compartimentos. Achou-se também uma mó giratória em granito e uma "assadeira" em barro vermelho. O estado atual do terreno, um conjunto de socalcos junto a uma casa rural abandonada e -em ruínas, não permite - pela quantidade de árvores, silvados e outra vegetação arbustiva - qualquer observação do solo ou mesmo uma perceção de conjunto, mas as informações recolhidas, associadas à implantação topográfica do local, sugerem fortemente que poderemos estar em presença de um sítio romano, nomeadamente um pequeno casal agrícola, porventura semelhante ao que está em estudo na Malafaia (Sítio 137)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Indeterminado

Acesso Seguindo pela estrada que conduz do lugar de Fuste ao de Pedrógão, deve atalhar-se por um caminho térreo à esquerda que é o último antes de chegar à ponte sobre a ribeira de Boucegedim. Descendo por esse caminho, que leva à Quinta do Recovado, encontra-se o local dos achados junto a uma casa em ruínas com um espigueiro, a cerca de 200 metros, antes de uma curva bastante pronunciada à direita.

Observações O estado de abandono do local não permitiu, nos presentes trabalhos, observar o sítio.

Bibliografia SILVA 2004:285

Nr.º CAA / 144/ DEVESA DA MÓ

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Devesa da Mó, Fuste/ Moldes

Tipologia Sepultura

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.902677; -8.213799

Altitude 575 m

Descrição *«Num caminho velho que liga as aldeias de Fuste e de Pedrógão apareceu, talvez em finais da década de 1950, uma sepultura em pedra, constituída por uma caixa, de contorno retangular, delimitada por lajes de xisto. Não há registo de qualquer espólio, à exceção de "uma canela", entretanto desaparecida. No local não são visíveis hoje quaisquer traços dessa sepultura, que teria surgido na base do caminho, à medida que este se afundou pelo maior trânsito relacionado com trabalhos para a plantação de pinheiros. Se bem que não seja incomum a presença de uma sepultura (aparentemente de inumação) isolada, junto a um caminho tradicional, a observação do terreno envolvente, uma encosta suave que desce em plataformas sobre o lugar de Fuste, permite considerar a forte possibilidade de estarmos perante uma necrópole, para a qual pode admitir-se uma cronologia romana».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Indeterminado

Acesso Seguindo pela estrada que conduz do lugar de Fuste ao de Pedrógão, deve passar-se o edifício da escola primária de Fuste e atalhar-se por um caminho térreo à direita imediatamente antes do desvio da estrada para Pedrógão. O local do achado situa-se a cerca de 65 metros da estrada atual. Não é possível determinar com rigor a área de interesse arqueológico, que deverá ser relativamente extensa se se tratar de uma necrópole. Convencionalmente, deve considerar-se uma área de c. de 50 metros em torno ao local do achado.

Observações O caminho é ainda existente, mas, pelo seu estado de abandono, não foi possível relocalizar o sítio. No entanto, o caminho não parece ter tido afetação desde o primeiro registo do sítio na anterior edição da Carta Arqueológica de Arouca.

Bibliografia SILVA 2004:288

Nr.º CAA / 145/ **ESTRADA VELHA DE VER**

Designação

CNS 24804

Lugar/ Estrada Velha/ Escariz

freguesia

Tipologia Calçada

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.943195; -8.391837

Altitude 435 - 465 m

Descrição

«A "Estrada Velha" era o caminho tradicional que ligava a povoação de Ver à atual Estrada nº 504 e outros lugares a Sul, designadamente Alvite de Baixo, onde entroncaria possivelmente com outra via antiga que do Cruzeiro de Escariz ia a Vale de Lameiro e daí à Venda da Serra. De traçado tendencialmente retilíneo e uma largura relativamente uniforme em torno dos 2-3 metros, apresenta alguns troços lajeados, com uma extensão máxima de c. de 250m., e por vezes com profundas rodeiras, a atestar trânsito intenso ou continuado. Não sendo talvez defensável uma origem romana para esta calçada, é possível, porém, que a sua datação recue a tempos medievais». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos realizados, não se identificaram vestígios da calçada que parece ter sido destruída pela passagem corrente de máquinas agrícolas e florestais, e também arranjos e terraplanagens por niveladora. Uma outra possibilidade, mais positiva, é que esteja soterrada. Todavia, esta segunda hipótese não nos parece a mais provável, pelo que apontamos a sua destruição.

Conservação Indeterminado/ Destruído

Acesso

Seguindo-se pela Estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho estreito logo adiante do referido cruzamento. Esse caminho, que é a "Estrada Velha", efetua um percurso relativamente extenso (1,5 km), indo entroncar no estradão que sai de Ver e conduz à Barrosa (Mansores).

Observações

Bibliografia

VILAS BOAS et al. 1986; SILVA 2004:392

Nr.º CAA / 146/ ALVARIÇA

Designação

CNS 3948

**Lugar/
freguesia** Alvariça, Vila Cova/ Canelas e Espiunca

Tipologia Necrópole

Cronologia Romano

Coordenada

Altitude 385 - 455 m

Descrição

«A necrópole romana de Alvariça terá sido descoberta, ao que parece, por alturas de 1946, no arroteamento de umas leiras de monte, ocasião em que o sítio foi visitado por Simões Júnior e Russell Cortêz, que procederam a escavações pontuais. Em 1954 fez-se nova campanha de escavações, desta feita a cargo do pároco local, F. Almeida Fernandes, datando as pesquisas mais extensas de 1956 ou 1957, desta feita orientadas por D. Domingos de Pinho Brandão. De nenhuma destas investigações, porém, se publicou qualquer notícia desenvolvida, pelo que o importante espólio epigráfico, cerâmico e numismático registado se acha hoje em dia disperso e totalmente descontextualizado do ponto de vista científico. O núcleo principal da necrópole situa-se numa encosta do sítio de Alvariça, perto de Vila Cova, mas há indicações, se bem que um pouco vagas, de que outro conjunto de sepulturas teria aparecido algumas centenas de metros mais para Noroeste, já no limite de Arouca com a freguesia paivense de Real. Pelos dados recolhidos, as sepulturas exumadas, de ritual incineratório, terão ultrapassado as quatro dezenas, sendo formadas por lajes de xisto dispostas em planta quadrangular ou retangular. Todas possuíam espólio, especialmente vasilhame cerâmico, mas também algumas moedas, que alguns registos documentam. O aspeto mais notável deste cemitério, porém - e nisso se distingue das centenas de necrópoles tardo-romanas referenciadas em todo o País - é que em muitos casos as sepulturas teriam ainda as respetivas estelas funerárias implantadas no local original, o que é sobremaneira raro em todo o Império. A coleção epigráfica de Alvariça acha-se de momento reduzida a oito peças, uma das quais anepígrafa, e sobre elas incide em particular a discussão dos especialistas, tendo em conta a cronologia da necrópole, situada entre os séculos IV e V da nossa era, e a possibilidade de o formulário dos epitáfios indicar já contextos sociais cristianizados, o que não parece confirmar-se». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos recentes trabalhos, não foi possível localizar o sítio com precisão.

Conservação Indeterminado/ Não localizado

Acesso Chegando ao lugar de Vila Cova deve seguir-se até um largo cruzamento de vários estradões em terra, que se encontra a cerca de um quilómetro daquele

lugar. Os locais dos achados situar-se-ão um pouco antes desse entroncamento, do lado direito e também cerca de 450 metros adiante, seguindo pelo estradão que conduz ao lugar de Anciã, já de Castelo de Paiva.

Observações Algumas destas peças, que estavam cedidas ao CAA, estão expostas no Museu Municipal de Arouca, estando o conjunto epigráfico à guarda da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. O CNS, no Portal do Arqueólogo surge com o nome de Vila Cova, contudo, pensa-se que se trata da necrópole da Alvariça.

Bibliografia EM AROUCA 1950; SIMÕES JÚNIOR 1959; BRANDÃO 1962; 1987; BRANDÃO e LOUREIRO 1991; SILVA 1994; SILVA e RIBEIRO 2002; SILVA 2004:264

Nr.º CAA / 147/ MOSTEIRO DE ESPIUNCA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Espiunca/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mosteiro

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.993114; -8.213179

Altitude 85 m

Descrição *«Documentado pelo menos desde 1199, o pequeno mosteiro feminino da Espiunca, da regra de S. Bento, terá sido extinto no século XVI, tendo as freiras sido deslocadas para o Mosteiro de S. Bento da Avé-Maria, no Porto. No campo que a tradição local aponta como a sede do mosteiro vê-se abundante pedra não trabalhada e não se recolhem materiais de superfície, se bem que seja noticiado o aparecimento de fragmentos de telha. Segundo informação oral foram aqui recolhidas duas colunas, hoje na igreja paroquial e "duas pias onde as freiras tomavam banho", provável alusão a sarcófagos cujo paradeiro se desconhece. Deste local são também provenientes alguns azulejos hispano-árabes, datáveis em torno a 1500».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Atualmente, o espaço mantém-se como em 1999/2000, embora esteja a ser utilizado como estacionamento para os passadiços do Paiva, bem como seja apreciado para construção.

Conservação Indeterminado

Acesso Após travessia do Paiva, virar à direita em direção à aldeia da Espiunca. O campo, em parte florestado e em parte agricultado, onde é tradição ter existido o mosteiro situa-se à direita, no ângulo formado entre a estrada e um caminho que desce para o rio.

Observações O espaço encontra-se utilizado como estacionamento de carros para os visitantes dos Passadiços do Paiva;

Bibliografia SIMÕES JÚNIOR 1959; GONÇALVES 1991; BRANDÃO e LOUREIRO 1991; GUIMARÃES 1992; SILVA 2004:391

Nr.º CAA / 148/ DRAVE 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto da Drave/ Covêlo de Paivó

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.852688; -8.115346

Altitude 902 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, de planta subcircular, com um diâmetro de sete metros e uma altura de cerca de 0,50m. Por todo o tumulus apercebem-se restos da couraça com blocos de xisto e ocasionalmente de quartzo. A depressão central de violação é pouco pronunciada, parecendo, todavia, ver-se a aflorar o topo de um pequeno esteio em xisto. A mamoa parece ainda estar associada a um pequeno afloramento rochoso. Carqueja, urze e um pequeno pinheiro constituem o coberto vegetal do monumento funerário».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo pela estrada asfaltada que conduz à aldeia da Drave encontra-se o monumento quase no final de uma zona aplanada, cerca de 300 metros antes de uma curva pronunciada que inicia o percurso descendente para aquele lugar. Situa-se do lado direito, a poucos metros da estrada.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:183

Nr.º CAA / 149/ TRÊS IRMÃOS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Três Irmãos, Senhora da Laje/ Rossas

Tipologia Menir

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8792823; -8,3066528

Altitude 863 m

Descrição *«O conjunto megalítico dos "Três Irmãos" domina a portela de acesso ao planalto da Freita a partir de Noroeste. É composto por três monólitos graníticos de grandes dimensões, que a população local associa a mitos e lendas tradicionais, recordando que estariam todos eles erguidos, embora presentemente dois se achem derrubados e um mesmo fragmentado. O monólito que se encontra ainda erguido tem c. de 3,30m. de altura e está assente num afloramento de superfície oblíqua, o que determinou o corte de forma paralela da base do menir, travado ainda de um dos lados por um afloramento mais elevado. Num dos monólitos tombados, com 3,55m. de comprimento, o afeiçoamento e mesmo a morfologia fálica são evidentes, com uma base de recorte triangular, secção subcilíndrica e meato uretral bem definido. O terceiro bloco, por fim, com apenas 1,61m. pelo facto de estar fragmentado na parte superior, apresenta pelo menos uma das faces desbastada e polida. Estamos assim perante o que seria um pequeno alinhamento de três menires, intervalados e travados por blocos de menores dimensões, conjunto bastante original e para o qual não se conhecem paralelos. O carácter mágico-sacral do lugar e a "necessidade" da sua "cristianização" atestam-se pela gravação de uma cruz latina num afloramento a escassos metros».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso O conjunto megalítico situa-se próximo da estrada que de Chão de Ave conduz à Senhora da Laje, sendo visível de apreciável distância, a meia encosta, do lado direito da estrada, cerca de 250 metros antes de chegar àquele santuário.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia PEREIRA DA SILVA e SILVA 1994; SILVA 2004:81; SILVA, LEITE, ROCHA 2010:112/113;

Nr.º CAA / 150/ SENHORA DA LAJE 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Senhora da Laje/ Merujal/ Urrô

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8780833; -8,3051031

Altitude 880 m

Descrição *«Nas faces de um penedo granítico que apresenta uma configuração sugestiva, quase zoomórfica, vêem-se diversas gravuras, essencialmente de dois tipos: fossetes (pequenas covinhas) e ungulados, ou pegadinhas (gravuras geminadas que se assemelham a pegadas de ovicaprídeos). A datação e o significado da gravação destes motivos são bastante problemáticos. No que se refere à primeira, se bem que estas representações sejam bastante correntes na arte rupestre pós-glacial do Noroeste e Beiras, a sistemática ausência de contexto arqueológico (isto é, de depósitos associados cuja escavação pudesse fornecer artefactos ou outros elementos de datação) limita as propostas cronológicas à análise intrínseca e comparação estilística. Quanto ao seu significado, apenas pode supor-se que a razão destas formas artísticas se ligue a processos de ritualização do território de comunidades tradicionais, porventura de pastores, que assim traduziram a sua mundividência simbólica, perpetuando num suporte natural selecionado por si próprias, um aspeto da sua realidade quotidiana ou um determinado traço mitológico».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso O penedo com as gravuras localiza-se do lado direito da estrada, ao chegar ao planalto da senhora da Laje, sentido Chão ´ d'Ave - Merujal. Ao chegar ao topo, cortar por um caminho em terra batida à direita. As gravuras encontram-se na base de um penedo, à direita.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:81 SILVA, LEITE, ROCHA 2010:108;

Nr.º CAA / 151/ PORTELADA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portelada/ S. Miguel do Mato

Tipologia Necrópole

Cronologia Romano

Coordenada 40.966215; -8.391262

Altitude 381 m

Descrição *«Segundo contam informadores locais, num terreno hoje muito alterado, mas que se situava junto do posto de abastecimento de combustível da Portelada, apareceram por volta de 1950 diversas sepulturas, a cerca de um metro de profundidade, cobertas por lajes - aparentemente de xisto - " com uns feitios", dentro das quais haveria "uns potinhos, ou taças, de barro". Outras notícias, igualmente vagas, sugerem mesmo sepulturas mais elaboradas, sendo recorrente a menção a espólio cerâmico. Tudo indica estarmos perante uma necrópole romana de incineração, situada topograficamente numa zona de passagem (portela) e porventura mesmo próxima de caminhos importantes. Poderão ainda interpretar-se os "feitios" das lajes de xisto como eventuais epígrafes funerárias».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

O sítio deverá encontrar-se agora destruído, ou parcialmente destruído, devido a trabalhos de construção de uma moradia.

Conservação Indeterminado/ Destruído

Acesso O acesso pode fazer-se pela Estrada nº 504, que de Escariz leva a Castelo de Paiva. Após o cruzamento da Portelada, encontra-se à direita um posto de abastecimento de combustível. A zona correspondente aos achados de sepulturas situa-se do lado direito da estrada, um pouco antes ou por trás das bombas de gasolina.

Observações

Bibliografia SILVA 1988; SILVA 2004:287

Nr.º CAA / 152/ PELOURINHO DE AROUCA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Vila/ Arouca e Burgo

Tipologia Pelourinho

Cronologia Idade Moderna

Coordenada 40.928450; -8.246015

Altitude 299 m

Descrição *«A reconstituição do pelourinho de Arouca implantou as peças originais sobre um fuste granítico cilíndrico, assente numa base circular e esta num soco hexagonal de três degraus moldurados. É um pelourinho de bola de tipo manuelino, sendo o capitel ladeado por dois escudos reais e culminado por singela esfera armilar. Trata-se de um monumento do séc. XVI».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Bom

Acesso Situa-se junto à porta lateral da igreja do Mosteiro de Arouca, frente à Praça Brandão de Vasconcelos, tendo aí sido reerguido em 1989, a instâncias da Autarquia, após uma parte dos seus elementos terem estado arrumados desde finais do século XIX em dependências do Mosteiro.

Observações Imóvel de Interesse Público

Bibliografia MALAFAIA 1997; DGEMN 2000; SILVA 2004:378

Nr.º CAA / 153/ MOSTEIRO DE AROUCA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Vila/ Arouca e Burgo

Tipologia Mosteiro

Cronologia Idade Média/ Moderna

Coordenada 40.927867; -8.246449

Altitude 298 m

Descrição

«Enquanto não forem desenvolvidos na área do Mosteiro e igreja de Arouca trabalhos de escavação arqueológica, o mais que pode fazer-se é conjecturar, com base em informação histórica aliás pouco abundante, quer a data da fundação do convento, quer a questão de saber o seu local de construção primordial. De facto, das primeiras décadas de vida do mosteiro, em inícios do século X, nada pode ver-se; assim como são muito escassos os vestígios das épocas subseqüentes, tão profundas e marcantes foram as transformações arquitetónicas que o Mosteiro sofreu nos séculos XVII e XVIII. O troço de muro visível no pátio interior, usualmente apontado como o resto de paramento mais antigo observável, não é mais que uma parede antiga, seccionada transversalmente, com um tosco remate onde se inclui um silhar com cruz de sagração e um bloco avulso com uma inscrição singela. Melhor aspeto, a sugerir uma ambiência românica, apresenta o interior do compartimento aí existente, onde pode ver-se a mesma parede, mas agora bem aparelhada em fiadas isódomas, dotada de dois grossos contrafortes, podendo ser um dos poucos restos visíveis de um templo predecessor do atual. O silhar com a inscrição terá aparecido em obras de restauro do mosteiro e apresenta o nome masculino ERO, em gravação profunda, seguido de uma cruz de braços equiláteros (Peça 203). Foi recentemente classificado como datável do séc. X, podendo ter feito parte de qualquer formulário funerário (BARROCA 1995), se bem que não possa saber-se qual o personagem referido». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso No centro da Vila de Arouca, com acesso pela Av. 25 de Abril.

Observações Monumento Nacional. Alvo de uma série de Escavações pela empresa Arqueologia e Património. Atualmente integrando o Programa Revive, encontrando-se a sua Ala Sul em reabilitação para receber um Hotel.

Bibliografia SIMÕES JÚNIOR 1960; DIAS 1980; COELHO 1988; SILVA 1989; GONÇALVES 1991; BARROCA 1995; SILVA 2004:362; RÊPAS 2005; GOMES 2006; ROCHA 2011; BENTO 2016; SANTOS 2018;

Nr.º CAA / 154/ POMBAL DO PARQUE

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Vila/ Arouca e Burgo

Tipologia Indeterminado

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.927959; -8.248595

Altitude 293 m

Descrição *«O edifício corresponde a um antigo pombal, é de construção contemporânea e em si próprio não tem especial valor patrimonial. A circunstância que lhe confere algum significado do ponto de vista arqueológico é o facto de ter sido construído com silharia granítica reaproveitada de antigos edifícios, maioritariamente, segundo a tradição, da antiga matriz de S. Bartolomeu, templo medieval demolido por volta de 1870. Efetivamente, em várias dezenas de silhares vêm-se as bem conhecidas siglas ou marcas de pedreiro que eram comuns nas principais construções medievais, quer de tipo alfabético, quer geométrico. À direita da porta, por sua vez, um outro bloco apresenta uma cruz pátea inscrita dentro de um círculo, parecendo corresponder a uma cruz de sagração».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso Situa-se no extremo Poente do Parque da Vila.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia SILVA 1989; DGEMN 2000; FIGUEIREDO 2002; SILVA 2004:368

Nr.º CAA / 155/ CALÇADA ANTIGA DO CRUZEIRO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Vale de Lameiro, Calvário, Cruzeiro/ Escariz

Tipologia Calçada

Cronologia Romano

Coordenada 40.939780; -8.410252

Altitude 425 - 455 m

Descrição *«O troço de calçada antiga que arranca do largo do Cruzeiro, em Escariz, serpenteia para Sudeste, em sentido levemente ascendente, até cruzar o caminho (hoje estrada asfaltada) que vai da Urreira até Alvite de Baixo, dirigindo-se depois para Vale de Lameiro e Gestosa. De largura relativamente uniforme, entre os 3 e os 3,5 metros, e traçado tendencialmente retilíneo, apresenta ainda três troços lajeados, totalizando cerca de 280 metros, que denunciam grande antiguidade. Se não podemos classificá-la como romana a partir da observação do pavimento, que por certo terá tido muitos arranjos e reformulações ao longo do tempo, a cronologia do traçado oferece alguma segurança».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Acede-se à calçada a partir do largo do Cruzeiro, em Escariz. Deve seguir-se por um caminho que sai desse largo por Sudeste. A calçada inicia depois um traçado ascendente até atingir a estrada asfaltada entre o cruzamento da Urreira e o lugar de Alvite de Baixo.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:278

Nr.º CAA / 156/ FOJO 1

Designação

CNS 4773

Lugar/ freguesia Fojo/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,967716; -8,113564

Altitude 798 m

Descrição

«Monumento de apreciáveis dimensões cujo tumulus tem uma altura de c. de dois metros, rondando os 16 metros o seu diâmetro original. Encontra-se bastante destruído pela abertura de um caminho, que cortou o tumulus a NNO., e sobretudo por revolvimentos de terras ligados à plantação de eucaliptos, que terraplenaram mais de metade da mamoa, do lado ENE. Vêem-se ainda restos da couraça em xisto, não sendo a cratera de violação bem perceptível, quer pelo estado de destruição do monumento, quer pela densa vegetação que o recobre atualmente, constituída por tojo, fetos, carqueja e eucaliptal. Faz parte de uma necrópole de quatro monumentos, situada numa zona de portela entre cumeadas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar o monumento com clareza, talvez pela elevada vegetação e pela sua destruição, já sinalizada na Carta Arqueológica de 2000.

Conservação Destruído

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo. O monumento situa-se a cerca de um quilómetro, do lado direito do caminho.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:155

Nr.º CAA / 157/ FOJO 2

Designação

CNS 3836

Lugar/ freguesia Fojo/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,967842; -8,113136

Altitude 795 m

Descrição

«Monumento de dimensões modestas, com um diâmetro de c. de 10 metros e uma altura ligeiramente superior a 0,50m. O tumulus encontra-se um pouco afetado a NNO. e a OSO. por revolvimentos do solo. Na zona central, que apresenta uma extensa depressão de violação, com cerca de quatro metros de diâmetro e 0,50m. de profundidade, vêem-se abundantes blocos da couraça lítica em xisto (que aliás são também perceptíveis à superfície da mamoa), um pequeno esteio de xisto in situ (com 0,50m. acima do solo e outro tanto de largura na base) e restos de pelo menos outros dois esteios no mesmo material, derrubados. A sepultura parece ter tido um anel lítico central a delimitar a área deposicional, à semelhança do que sucede noutros monumentos congéneres de Arouca. Urze, carqueja e tojo constituem a vegetação que cobre o tumulus. Faz parte de uma necrópole de quatro monumentos, situada numa zona de portela entre cumeadas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo. O monumento situa-se a cerca de um quilómetro, do lado direito do caminho.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:155

Nr.º CAA / 158/ FOJO 3

Designação

CNS 28407

Lugar/ freguesia Fojo/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,968121; -8,112887

Altitude 796 m

Descrição

«Monumento de dimensões médias, cujo tumulus apresenta um diâmetro de 14 metros e uma altura entre 1 e 1,5 metros. À superfície da mamoa são visíveis abundantes restos da couraça pétrea em xisto. Possui negativo central de violação com 5 x 3 metros, bastante alargada para Oeste, e com cerca de 0,50m. de profundidade. Derrubado sobre o tumulus, vê-se o que poderá ser um esteio em xisto, alongado, com c. de 1,20 metros de comprimento. Cobertura vegetal à base de carqueja, tojo e urze. Faz parte de uma necrópole de quatro monumentos, situada numa zona de portela entre cumeadas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo. O monumento situa-se a cerca de um quilómetro, do lado direito do caminho.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:156

Nr.º CAA / 159/ FOJO 4

Designação

CNS 28408

Lugar/ freguesia Fojo/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,968112; -8,113314

Altitude 794 m

Descrição

«A poucos metros da Mamoa 3 deste núcleo, mas já do outro lado do caminho, parecem ver-se os restos de um outro pequeno monumento muito afetado por revolvimentos de terras e pela abertura do caminho, que lhe passa a SSE. Teria cerca de sete metros de diâmetro e uma altura pouco superior a 0,50m. No que se conserva do tumulus vêem-se ainda blocos esparsos da couraça, em xisto. Tojo, fetos e algumas herbáceas constituem o coberto vegetal do monumento, que integra uma necrópole de quatro monumentos, situada numa zona de portela entre cumeadas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação

Destruido

Acesso

A partir da Capela da Senhora do Monte deve seguir-se por um estradão a Nascente que segue para o Fojo. O monumento situa-se a cerca de um quilómetro, do lado esquerdo do caminho.

Observações

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar o monumento com clareza, cuja destruição havia já sido notificada na Carta Arqueológica de 2000.

Bibliografia

SILVA 2004:156

Nr.º CAA / 160/ ARMADA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Armada/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.957659; -8.198688

Altitude 449 m

Descrição *«Junto ao desvio que da estrada Arouca-Alvarenga se dirige para Canelas foi referenciado há anos um pequeno monumento megalítico, cuja altura não ultrapassaria os 0,50m. e do qual restava já apenas uma parte do tumulus, devendo a restante ter sido terraplenada precisamente por efeito da abertura ou alargamento da estrada para Canelas. Posteriores obras de alargamento daquele entroncamento rodoviário destruíram por completo o que restava da sepultura».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Monumento destruído. Situava-se junto ao entroncamento entre a Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga) e o desvio para Canelas.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia SILVA 2004:173

Nr.º CAA /	161/ ROSSIO 1
Designação	
CNS	17606
Lugar/ freguesia	Rossio/ Vila Chã, Codal e Vila Cova de Perrinho
Tipologia	Mamoã
Cronologia	Idade do Bronze
Coordenada	40.901663; -8.381871
Altitude	557 m
Descrição	<p>«Apresentando-se inicialmente como um pequeno tumulus com sete metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassava os 0,50m. acima do solo, a pequena mamoã do Rossio foi objeto de uma intervenção arqueológica em 1995, pelo facto de estar ameaçada por uma obra projetada para o local onde se implantava. A escavação arqueológica do monumento permitiu verificar, antes de mais, o grande estado de destruição em que se encontrava, fruto de violações e revolvimentos diversos. De facto, não só não foram localizados praticamente nenhuns vestígios da eventual couraça lítica, como a própria zona deposicional se achava extremamente perturbada, permitindo apenas concluir, por analogia com outros monumentos congéneres, que se trataria de uma sepultura em fossa, como é corrente em monumentos de tradição megalítica de época tardia (Idade do Bronze)». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)</p>
Conservação	Destruído/ Escavado
Acesso	Monumento escavado por Fernando A. P. da Silva e destruído. Situava-se junto ao cruzamento do Rossio, numa área presentemente ocupada por um stand de automóveis.
Observações	Da escavação arqueológica realizada não resultou a localização de qualquer espólio
Bibliografia	PEREIRA DA SILVA 1998; SILVA 2004:144

Nr.º CAA / 162/ IGREJA MATRIZ DE ROSSAS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz/ Rossas

Tipologia Igreja

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.905600; -8.303222

Altitude 238 m

Descrição *«O atual templo, dos séculos XVI-XVII, terá sucedido a um outro, medieval, que se situaria próximo (presume-se que no Campo da Portela, junto ao Urtigosa). Dessa primeira paroquial deve provir uma boa parte da cantaria granítica isódoma utilizada nas paredes da construção atual, a avaliar pelas numerosas e bem marcadas siglas de canteiro visíveis em muitos silhares, umas de tipo alfabético, outras geométricas. A matriz de Rossas, aliás, é o templo arouquense onde estes elementos podem ser melhor observados. A possibilidade de uma desinformada limpeza mecânica da cantaria poder destruir o aparelho siglado (à semelhança do que tem sucedido noutras igrejas do Concelho) será talvez a maior ameaça que pode impender sobre estes vestígios medievos».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Bom

Acesso Ao quilómetro 36 da EN 224 (Arouca-Vale de Cambra) deve tomar-se a Estrada nº 627, que conduz à igreja paroquial de Rossas.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia GONÇALVES 1991; DGEMN 2000; SILVA 2004:162; PINHO 2015

Nr.º CAA / 163/ ABORRIDA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Aborrida/ Arouca e Burgo

Tipologia Habitat

Cronologia Idade Moderna

Coordenada 40.927623; -8.248616

Altitude 293 m

Descrição *«O projeto de construção de equipamentos sanitários no Parque da Vila de Arouca, em área situada dentro da Zona Especial de Proteção do Mosteiro de Arouca, obrigou à realização de sondagens arqueológicas de avaliação prévia. As sondagens, efetuadas em 1996, detetaram ténues níveis de ocupação muito provavelmente associados a instalações agrícolas dos séculos XVIII-XIX - porventura relacionados com a Casa da Aborrida - às quais se ligaria o portal em cantaria cujos blocos foram na ocasião numerados para remontagem».*
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Situa-se no topo Poente do Parque da Vila de Arouca, na área onde é hoje a Esplanada do Parque.

Observações O espólio resultante da intervenção compreende, em larguíssima proporção, fragmentos cerâmicos de louças dos séculos XIX/XX, tanto mais que a zona foi usada como lixeira doméstica. Avulta entre as recolhas, porém, uma interessante talha de louça preta (Peça 198), que permitiu reconstituição parcial, e que é datável do século XVIII.

Bibliografia SILVA E RIBEIRO, s.d.; SILVA 2004:393

Nr.º CAA / 164/ PELOURINHO DE CABEÇAIS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cabeçais/ Fermedo

Tipologia Pelourinho

Cronologia Idade Moderna

Coordenada 40.950420; -8.425043

Altitude 355 m

Descrição *«Pelourinho quinhentista de bola, de fuste liso, cilíndrico, assente num pedestal alto moldurado. O esferóide terminal, separado do fuste por um disco largo, apresenta numa das faces um escudo nacional invertido, sendo na posterior coroado por grinaldas. Uma inscrição gravada no plinto indica F 1275 e na segunda linha R 1932, sendo fictícia a primeira data (alusiva ao ano do presumido foral que D. Afonso III teria concedido a Fermedo, nunca confirmado) e respeitando a segunda à reconstrução moderna do pelourinho. É polémica a singularidade das quinas invertidas na bola terminal, alegando alguns autores um erro na ocasião da reconstrução (AZEVEDO e MOREIRA 1973), mas defendendo as entidades oficiais a autenticidade da inversão e pronunciando-se contra a sua "correção"». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)*

Conservação Bom

Acesso Situa-se junto ao centro de Cabeçais, implantado na escadaria de acesso à Capela de N^a S^a da Saúde, em frente ao edifício dos antigos Paços do Concelho.

Observações Imóvel de Interesse Público. Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1^a edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia AZEVEDO e MOREIRA 1973; GONÇALVES 1991; MALAFAIA 1997; DGEMN 2000; SILVA 2004:381

Nr.º CAA / 165/ CIDADADE 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cividade/ Rossas

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9128994; -8,2982903

Altitude 425 m

Descrição *«Mamoas de grandes dimensões, com cerca de 24 metros de diâmetro, altura superior a um metro, esparsos vestígios de couraça lítica e uma cratera central de violação bastante extensa, com cerca de 8 metros por mais de 0,50m. de profundidade. Cobertura vegetal atual de floresta mista de pinheiro e eucalipto e manto arbustivo com predominância de fetos. O monumento tem cerca de 4 marcos de propriedade na sua couraça».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Regular

Acesso A partir da estrada que vai de Nogueiró (M511-2) a Lourosa de Matos, 30m após o corte para a Cividade, existe umas alminhas do lado esquerdo da estrada. Em frente às alminhas, seguir um caminho florestal que leva ao topo do monte. A mamoa fica a cerca de 500 metros do início do caminho, do lado esquerdo, após subir até ao topo do monte.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia SILVA 2004:203

Nr.º CAA / 166/ IGREJA PAROQUIAL DO BURGO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Igreja Matriz/ Burgo

Tipologia Igreja

Cronologia Medieval

Coordenada 40.922009; -8.258330

Altitude 320 m

Descrição *«A igreja paroquial do Burgo, cuja construção é globalmente atribuída ao séc. XV, apresenta alguns traços que denotam maior antiguidade, designadamente ao nível da nave, já que a cabeceira e a fachada sofreram maiores alterações ao longo do tempo. Em particular, merecem relevo alguns cachorros decorados, vendo-se num uma esfera e em outro um largo rolo, elementos de tradição românica. Na parede Norte, sob uma porta, obras modernas deixaram à vista um silhar com um pentalfa relevado. Em obras de arranjo e pavimentação do adro e escadaria de acesso ao templo, realizadas há cerca de dez anos, apareceram algumas tampas de sepultura. De uma vê-se ainda no solo da entrada da igreja a singela identificação: S(EPULTURA) DE IOAO LUCAS. Outra, mais interessante, é uma cobertura medieval, dotada de uma cruz gravada dentro de um círculo e reaproveitada mais tardiamente, como o atesta a inscrição do séc. XVII na face oposta».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Bom

Acesso A partir da EN 326 (Arouca-Espinho) deve voltar-se à esquerda junto da Capela do Espírito Santo, atingindo-se a igreja paroquial poucas centenas de metros depois.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia GONÇALVES 1991; SILVA 1989; SILVA 2004:388

Nr.º CAA / 167/ LACEIRAS DO COVO 1

Designação

CNS 19101

Lugar/ freguesia Laceiras do Covo/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada

Altitude 1012 m

Descrição

«Situado no rebordo de uma chã e num ponto de boa visibilidade, este monumento é constituído por um tumulus relativamente de pequenas dimensões, com c. de 9 metros de diâmetro e uma altura que em pouco ultrapassará os 0,50m. A carapaça lítica que recobre a sepultura é bem visível, contendo calhaus de xisto e de quartzo. O negativo de violação central é relativamente largo, mas pouco profundo. Nas imediações há afloramentos naturais de xisto e quartzo, que poderão ter fornecido a matéria-prima para a construção do monumento. A carqueja forma a cobertura arbustiva dominante».
TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Na estrada que de Cabaços se bifurca para Vale de Cambra e S. Pedro do Sul segue-se no primeiro daqueles sentidos. O monumento situa-se do lado Este da estrada, a c. de 200m e perto de uma pequena capela.

Observações

Bibliografia SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:82; SÁ 2014a, 2014b, 2015; SÁ ET AL. 2014;

Nr.º CAA / 168/ ALTO DO SEIXO 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Seixo/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9505046; -8,3191988

Altitude 416 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com cerca de 12 metros de diâmetro e uma altura que atualmente não atingirá um metro. O monumento foi afetado por ações de florestação, vindo-se ainda, no entanto alguns blocos de xisto dispersos provenientes da couraça lítica do tumulus. O negativo central da violação é bastante largo, com c. de três metros de diâmetro, se bem que pouco acentuado (c. de 0,30m. de profundidade). A cobertura vegetal integra espécies arbustivas (carqueja e urze) e sobretudo alguns pinheiros e muitos eucaliptos, um dos quais, de grossíssimo tronco, está implantado mesmo no centro do monumento. Faz parte de um núcleo de pelo menos quatro monumentos (Sítios 168 a 171)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso Pelo Alto do Seixo passa um caminho que liga a Estrada nº 506-1 (Arreçai) e a estrada entre Folgosinho e Tropeço. A Mamoa 1 situa-se cerca de 40 metros a Sudeste do entroncamento entre o referido caminho e a estrada de Folgosinho.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:194

Nr.º CAA / 169/ ALTO DO SEIXO 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Seixo/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9501761; -8,3192417

Altitude 416 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com cerca de 10 metros de diâmetro e altura entre os 0,50 e 1 metros. Vêm-se ainda restos da couraça lítica, onde sobressaem blocos de quartzo leitoso e algum xisto. A depressão central de violação é pouco extensa (1,5 metros de diâmetro) e pouco pronunciada (0,25m. de profundidade). A cobertura vegetal integra pinheiro, eucalipto e bastante carqueja, para além de algumas herbáceas. Faz parte de um núcleo de pelo menos quatro monumentos (Sítios 168 a 171)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Pelo Alto do Seixo passa um caminho que liga a Estrada nº 506-1 (Arreçai) e a estrada entre Folgosinho e Tropeço. A Mamoa 2 situa-se cerca de 75 metros a Sudeste do entroncamento entre o referido caminho e a estrada de Folgosinho, um pouco adiante da Mamoa 1 deste núcleo (Sítio 168).

Observações

Bibliografia SILVA 2004:194

Nr.º CAA / 170/ ALTO DO SEIXO 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Seixo/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9508616; -8,3164767

Altitude 422 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com cerca de 11 metros de diâmetro e uma altura que deverá rondar um metro. Apesar da densa vegetação que recobre parte da mamoa, vêem-se alguns blocos de quartzo dispersos que deveriam pertencer à couraça. A depressão central de violação não parece ser muito extensa (talvez c. de 1,5 metros de diâmetro) mas é bastante profunda (0,50m.). Faz parte de um núcleo de pelo menos quatro monumentos (Sítios 168 a 171)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Pelo Alto do Seixo passa um caminho que liga a Estrada nº 506-1 (Arreçai) e a estrada entre Folgosinho e Tropeço. A Mamoa 3 situa-se a cerca de 260 metros do entroncamento entre o referido caminho e a estrada de Folgosinho, do lado direito do estradão.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:195

Nr.º CAA / 171/ ALTO DO SEIXO 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Seixo/ Tropeço

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9508234; -8,3122958

Altitude 422 m

Descrição *«O Pequeno tumulus encontra-se destruído, eventualmente pelo alargamento e asfaltamento da atual estrada. Teria cerca de seis metros de diâmetro e uma altura que não atingia os 0,50m. Viam-se blocos de xisto e quartzo pertencentes à couraça lítica que o revestia e a depressão central de violação era pequena e pouco pronunciada. O monumento parecia ter sido implantado no topo de um afloramento rochoso, o que lhe conferia um certo destaque na paisagem. Era contíguo a um estradão que lhe passava a NNE.(atual estrada), coberto por vegetação arbustiva de carqueja, se bem que rodeado por floresta mista de pinheiro e eucalipto. Fazia parte de um núcleo de pelo menos quatro monumentos (Sítios 168 a 171)».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Destruído

Acesso Pelo Alto do Seixo, passa uma estrada que liga a Estrada nº 506-1 (Arreçai) e a estrada entre Folgosinho e Tropeço. A Mamoa 4 situava-se a cerca de 800 metros do entroncamento entre o referido caminho e a estrada de Folgosinho, levemente sobreelevada, do lado direito do estradão.

Observações Deverá ter sido destruída no alargamento e asfaltamento da via.

Bibliografia SILVA 2004:195

Nr.º CAA / 172/ LACEIRAS DO COVO 2

Designação

CNS 17747

Lugar/ freguesia Laceiras do Covo/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Idade do Bronze

Coordenada

Altitude 1002 m

Descrição

«Pequeníssimo tumulus cuja altura não ultrapassa os 0,30m., constituindo um círculo perfeito com apenas três metros de diâmetro. Foi objecto de uma intervenção arqueológica dirigida por F. A. Pereira da Silva. Está estruturado externamente por uma coroa de lajes de xisto colocadas de cutelo, criando uma espécie de concha sobre a qual se desenvolve o tumulus, que é formado quase exclusivamente por pequenos calhaus de quartzo leitoso. Já próximo do centro da sepultura, um segundo anel de lajes de xisto mais espaçadas contribui também para a estruturação e solidez do tumulus. No centro continha uma pequena cista de planta subquadrangular, completamente desmantelada e da qual poderia ser parte integrante um pequeno esteio de xisto pousado no rebordo da violação. Urze, carqueja e algumas herbáceas constituem o único coberto vegetal da mamoa. Apesar da sua pequenez, este monumento constituirá por certo um dos mais bonitos do Concelho de Arouca, designadamente pela estruturação e revestimento a quartzo do tumulus. Em dimensões só tem paralelos conhecidos, até agora, na pequena cista do Braceiro, entretanto destruída, na Mamoa 8 da Urreira e na pequena Mamoa 12 de Alagoas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000)

Conservação Escavado

Acesso Na estrada que de Cabaços bifurca para Vale de Cambra e S. Pedro do Sul segue-se no primeiro daqueles sentidos. O monumento situa-se à direita, do lado Oeste da estrada, a cerca de 400 metros daquela bifurcação.

Observações O monumento foi intervencionado por Edite Sá.

Bibliografia SILVA 1992; PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:82; SÁ 2014a, 2014b, 2015; SÁ ET. AL. 2014;

Nr.º CAA / 173/ ALAGOAS 7

Designação

CNS 12127

Lugar/ Alagoas/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,924608; -8,396354

Altitude 541 m

Descrição *«Monumento não localizado, desconhecendo-se por isso se ainda se conserva e em que condições. Segundo os registos disponíveis trata-se de um tumulus de médias dimensões, de planta subelíptica, com um eixo maior de cerca de 15 metros e um eixo menor de 12 metros, tendo c. de 0,80m. de altura. Possui violação central, não sendo visíveis quaisquer esteios ou elementos da couraça. Situar-se-ia próximo da Mamoa 6 (Sítio 048) deste núcleo».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Destruído/ Indeterminado

Acesso No cruzamento das Alagoas deve seguir-se pela estrada que conduz a Fajões/Cesar e voltar-se à direita no primeiro desvio. A mamoa situar-se-á a cerca de 50 metros para Norte da Mamoa 6 deste núcleo (Sítio 055).

Observações Nos recentes trabalhos, não foi possível localizar o monumento. Considerando que o terreno se encontra relativamente limpo, bem como pelas dimensões do monumento, consideramos que este possa ter sido potencialmente destruído

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:104

Nr.º CAA /	174/ VIZO 5
Designação	
CNS	22399
Lugar/ freguesia	Vizo/ Escariz
Tipologia	Mamoa
Cronologia	Pré-História
Coordenada	40,934476; -8,404301
Altitude	493 m
Descrição	« <i>Parece tratar-se de um monumento megalítico de pequenas dimensões, apresentando cerca de 8,5 metros de eixo E.-O. por apenas sete metros de Norte para Sul, se bem que deste lado esteja significativamente cortado pelo caminho asfaltado. Diversos revolvimentos na periferia do tumulus, a implantação de um enorme raizeiro de eucalipto quase no centro e o facto de não serem evidentes vestígios da couraça lítica nem do habitual negativo de violação tornam a identificação deste monumento um pouco duvidosa, o que só uma sondagem arqueológica poderia esclarecer. Situado a cerca de 15 metros da Mamoa 1 deste núcleo (Sítio 061), este montículo tem uma cobertura vegetal de pinheiro e eucalipto, para além da vegetação arbustiva normalmente associada (tojo, fetos, etc.)</i> ». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).
Conservação	Destruído/ Escavado
Acesso	Escavado e Destruído. Ao chegar ao lugar do Vizo, volta-se à direita por um caminho asfaltado a seguir à escola primária. O monumento encontrava-se a cerca de 30 metros, do lado direito do caminho.
Observações	No âmbito da construção de uma moradia, em 2006, o monumento foi escavado pelo arqueólogo Fernando Silva e, ao que consta, desse monumento não foi identificado qualquer tipo de estrutura ou espólio arqueológico. Consultar relatório/ Endovêlico SILVA 2004:134

Nr.º CAA / 175/ CALÇADA DE VENDA DA SERRA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Venda da Serra/ Escariz

Tipologia Calçada

Cronologia Romano

Coordenada 40.914349; -8.384770

Altitude 555 m

Descrição *«A tradição da estrada antiga de Viseu para o litoral é ainda bastante forte no lugar da Venda da Serra. Do traçado desse caminho tradicional, que seguia a orientação Coval-Venda da Serra-Aliviada, viam-se ainda não há muitos anos alguns troços lajeados, como o ilustrado, um pouco antes da Venda da Serra para quem vem da Aliviada. Numa fotografia com pouco mais de 10 anos podem apreciar-se as capas graníticas bem lançadas neste ponto de ligeira subida, mas o local parece ter sido aterrado e alteado, o que a confirmar-se terá preservado o lajedo. No geral, a uniformidade da largura, a rondar os quatro metros, e a tendência para os troços retilíneos condizem com os modelos viários romanos, tendo em conta que se trataria de uma via regional, se assim pode dizer-se».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Mau/Parcialmente Destruído

Acesso Para chegar à calçada pode seguir-se por um estradão que se inicia junto à Mamoia 2 da Aliviada (Sítio 044), que é o primeiro para quem vem de Nabais e conduz ao lugar da Venda da Serra. Esse estradão coincide já com o traçado da calçada, podendo ver-se o troço lajeado a cerca de 700 metros, perto do lugar da Venda da Serra, por onde o acesso também é naturalmente possível.

Observações O troço em questão é atravessado diariamente por máquinas florestais. Deveria ser criada uma alternativa paralela, numa extensão de cerca de 50 m, evitando o deteriorar deste lajedo. Ou, então, a colocação de terra por cima.

Bibliografia SILVA 2004:279

Nr.º CAA / 176/ FARRAPA 3

Designação

CNS 32691

Lugar/ freguesia Farrapa/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.898430; -8.357216

Altitude 521 m

Descrição *«Monumento de grandes dimensões, que terá cerca de 18 metros de diâmetro, sendo de um a 1,5 metros a altura do respetivo tumulus (dados que a densa vegetação que recobre o monumento não permite recolher com maior precisão). A mamoa encontra-se bastante perturbada por revolvimentos a NNO. e a SE, que inclusivamente impedem a identificação de qualquer negativo de violação central. Por toda a área do monumento vêem-se alguns blocos Construção graníticos que poderão corresponder à sua couraça lítica. Um muro de propriedade atravessa o rebordo Nordeste do monumento. A cobertura vegetal, muito densa, inclui pinheiros, eucaliptos e carvalhos, para além de muito tojo, urze, carqueja e outras espécies arbustivas e herbáceas. Junto à mamoa há também deposições de entulhos relacionados por certo com obras das proximidades, uma vez que o monumento se situa em plena Zona Industrial da Farrapa».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Destruído

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), deve virar-se à direita no primeiro desvio para a Zona Industrial da Farrapa. Encontra-se o monumento a cerca de 250 metros, do lado direito da estrada, da qual dista 50 metros. Hoje, aí localiza-se uma empresa de venda de pesados, Irmãos Ferreira.

Observações Entretanto, o monumento foi destruído, como dá nota no Endovélico, pela abertura da Zona Industrial da Farrapa.

Bibliografia SILVA 2004:128

Nr.º CAA / 177/ COMPLEXO MINEIRO DE RIO DE FRADES

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Rio de Frades/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Complexo Industrial Mineiro

Cronologia Contemporâneo

Coordenada 40.875195, -8.188481

Altitude 320 - 450 m

Descrição *«A exploração de minério em Rio de Frades, e designadamente o Volfrâmio, contrariamente ao que por vezes se julga, não nasceu com a 2ª Grande Guerra. Efetivamente, desde os inícios do século que a riqueza mineral da região Leste do Concelho de Arouca atraiu a atenção de locais e forasteiros, registando-se numerosos manifestos de minas que por vezes chegavam a obter alvará de exploração (VILAR 1998). Os alvarás para exploração de minério mais antigos de Rio de Frades datam de 1921-22, constituindo-se no ano seguinte, 1923, a Companhia Mineira do Norte de Portugal, em parte por transmissão de bens da Société Franco-Portugaise de Minas de Arouca et Amarante. A Companhia Mineira funcionou essencialmente com capitais alemães e estava dedicada à exportação de volfrâmio para esta potência, sendo também um alemão, Kurt Dithmer, um dos seus administradores mais emblemáticos durante a Segunda Guerra, altura em que o "boom" da exploração levou a Rio de Frades gente de todo o País, chegando a ultrapassar os dois milhares o pessoal empregado na Companhia, segundo algumas estimativas. Sendo a empresa mineira com maior número de concessões e, conseqüentemente, uma maior área territorial, a "Companhia Alemã" efetuou a maior parte dos investimentos e benfeitorias no Couto Mineiro a partir de 1941, de que se destacam a abertura e asfaltamento da estrada para Rio de Frades e a instalação de eletricidade e telefone (VILAR 1998). As ruínas das explorações e instalações mineiras de Rio de Frades acham-se, deste modo, extremamente dispersas e em muitos casos praticamente impossíveis de detetar, identificar funcionalmente e situar no plano cronológico. Podemos dizer que hoje em dia o lugar de Rio de Frades é composto por três núcleos. A meia encosta, a aldeia tradicional, de casas de xisto encravadas num meandro do rio, onde a custo umas leiras de terraço foram roubadas à lousa e à aridez que parece dominante. Cerca de 350m. adiante, em ascensão custosa, atinge-se o bairro ou as "casas de cima", um conjunto de edifícios lineares, dispostos em plano paralelo ao anfiteatro que se abre sobre o rio; são antigas residências de pessoal técnico e administrativo empregado nas minas, ainda hoje ocupadas e mantidas por famílias em grande parte ligadas ao trabalho do minério. Cá em baixo, por fim, junto ao rio, situa-se o núcleo principal das "Casas da Companhia", iniciando-se com as ruínas dos escritórios, num meandro apertado do rio de Frades e dispendo-se seguidamente um conjunto de construções - umas desertas e outras com residentes, mas onde o estado geral de ruína e abandono constitui a imagem*

mais forte - relacionadas com um hospital (que nunca chegou a funcionar), diversas moradias "de engenheiros" e pessoal qualificado e até a pequena capela da padroeira do ofício, Santa Bárbara, incharacterística construção de madeira e tijolo mas certamente fonte de apoio espiritual de grande importância para equilibrar a rudeza e as agruras do trabalho das minas. Mais adiante, por fim, as instalações técnicas, com a lavaria modelando uma das encostas e um conjunto de armazéns e oficinas destinados ao tratamento e arrecadação do minério, bem como à manutenção dos equipamentos ligados à exploração. As encostas de pendente acentuado que enquadram o polo mineiro, de um e outro lado do rio, acham-se semeadas de ruínas e de trilhos que conduziam às bocas das minas e por onde era transportado o minério em bruto - quando não o faziam em cestas lançadas por cabos sobre o rio. Nuns casos, trata-se de ruínas de habitações de mineiros, noutros de armazéns, postos de transformação elétrica e outras dependências do complexo mineiro. Um circuito por esses trilhos hoje em parte maltratados e invadidos por vegetação, é essencialmente a descoberta de uma gigantesca paisagem esculpida pela sede do lucro ou pela necessidade de ganhar a vida. Atravessando-se uma profunda garganta rasgada a pico e martelo no xisto duro para atalhar caminho e vencer um monte, descobrem-se ciclópicas condutas de água ou minério, enquanto se passa por várias construções cuja densidade diminui à medida que se afastam do eixo nevrálgico da exploração. Mas são sobretudo as bocas de mina, às dezenas, que dão conta do labor intenso e brutal que constituiu a "febre do minério" em Rio de Frades». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).)

- Conservação** Mau/ Parcialmente Destruído
- Acesso** Para chegar ao complexo mineiro deve seguir-se pela Estrada nº 510 (Moldes-Rio de Frades). Antes de chegar ao lugar há uma bifurcação, podendo seguir-se pela esquerda diretamente para as "Casas da Companhia" ou seguir à direita para a aldeia e os "Bairros de Cima", de onde se alcança uma magnífica perspetiva das instalações mineiras.
- Observações** A Galeria do Vale da Cerdeira foi reabilitada pelo Município de Arouca, em 2017, sem qualquer tipo de acompanhamento arqueológico.
- Bibliografia** VILAR 1998; SILVA 2004:407; SILVA e RIBEIRO 2006; ROCHA 2008

Nr.º CAA / 178/ COMPLEXO MINEIRO DE REGOUFE

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Regoufe/ Covêlo de Paivó

Tipologia Complexo Industrial Mineiro

Cronologia Contemporâneo

Coordenada 40.879132, -8.134302

Altitude 645 - 670 m

Descrição *«À semelhança do que sucedeu em Rio de Frades e noutros pontos do Leste arouquense, a pesquisa e exploração do Volfrâmio em Regoufe, ao contrário do que por vezes se julga, não resultou das necessidades da 2ª Grande Guerra. Na verdade, desde os começos do século XX que a riqueza mineral da região suscitou a atenção de locais e forasteiros, registando-se numerosos manifestos de minas que por vezes chegavam a obter alvará de exploração (VILAR 1998). Os alvarás para exploração de minério nas minas mais importantes de Regoufe são concedidos por volta de 1922, a cidadãos ingleses e franceses, mas só em 1941, já em plena guerra, é constituída a principal empresa de exploração, a Companhia Mineira do Norte de Portugal, que funcionava principalmente com capitais e administração britânicas. Não é possível quantificar, por falta de registos, o número de operários e outro pessoal empregado no complexo mineiro, parecendo seguro, todavia, que terá chegado a ultrapassar de largo o milhar de pessoas. À semelhança do que sucedeu com os alemães em Rio de Frades, também aqui a "Companhia Inglesa" foi responsável por importantes melhoramentos para a região, designadamente a abertura e asfaltamento da estrada a partir de Ponte de Telhe (aproveitando o facto de até aí ter já sido aberta pela Companhia de Rio de Frades), e a instalação de eletricidade e telefone nas minas, de onde mais tarde chegaria ao lugar (VILAR 1998). Ao contrário do que sucede em Rio de Frades, que é um ambiente de xisto, em Regoufe a paisagem é dominada pelas massas graníticas, com solos áridos e de esparsa vegetação arbustiva, num quadro já de transição peneplanáltica para as alturas do Montemuro. E também de forma inversa a Rio de Frades, o complexo aqui é concentrado num largo talvegue próximo da povoação, apenas dispersando a exploração algumas minas mais distantes nos montes vizinhos. Em Regoufe o polo mineiro está bem demarcado espacialmente da aldeia agrícola tradicional, que lhe fica a poucas centenas de metros, mas já na outra encosta do monte. Para quem chega a Regoufe - pela estrada aberta pelos ingleses - as ruínas do complexo industrial surgem quase de súbito e surpreendem pelo modo como preenchem, nos tons quase monocromos do granito, uma garganta ou talvegue bastante amplo, dando a aparência de uma aldeia abandonada - estranhamente moderna - onde só um ou outro rebanho de cabras por vezes agita as encostas e espanta o silêncio.*

O núcleo do complexo mineiro, onde as construções curiosamente alternam com as bocas de muitas minas, ocupa uma superfície de 3,5 ha (c. 350m de eixo maior por 100 m. de largo), disposto em anfiteatro a toda a volta de uma área relativamente plana por onde corre uma pequena linha de água. Do lado Norte e Nordeste, predominavam as instalações técnicas e administrativas, destacando-se a Norte o edifício de dois andares onde funcionaram os escritórios, que como que domina uma espécie de largo ou praça superior, envolvido por todo um conjunto de construções, espalhadas pela encosta e destinadas a oficinas, central elétrica, armazéns, etc. As instalações da lavaria, sucessão de tanques e maquinaria pelo monte acima, são praticamente as últimas do complexo, a Sudoeste. No lado oposto, a Nascente, a maior parte das construções tinham carácter residencial, destacando-se sobretudo o "bairro" de pequenos compartimentos, alinhados em notória extensão e dispostos em dupla plataforma, que constituíam as "casas dos mineiros". Instalações sanitárias, o "clube", uma venda e até uma pequena cavaleriça podem ainda ser identificados. Grandes morouços de blocos de granito e quartzo, cascalheiras e areias de diversos calibres, subprodutos da exploração, preenchem os espaços intermédios; enquanto uma triste nota de cor é dada por restos de vagonetes e maquinaria ferrugenta abandonadas. À semelhança do que sucedeu em Rio de Frades, também aqui o grosso da maquinaria, dos equipamentos e de tudo o que pudesse render algum valor em qualquer ferrolho foi saqueado ou destruído. Ainda assim, conservam-se umas poucas máquinas que por certo não deixariam de merecer observação e protecção num quadro de valorização patrimonial destas ruínas. Um aspeto importante no complexo mineiro de Regoufe tem que ver com a estratigrafia construtiva do polo mineiro. De facto, se em Rio de Frades, a homogeneidade dos aparelhos de xisto e o estado mais arruinado das construções não permitem com facilidade propor o faseamento do edificado ao longo do tempo; em Regoufe parecem detetar-se pelo menos dois grandes períodos. Uma primeira fase ter-se-á iniciado em 1915, ano em que o francês Gustave Thomas obtém alvará para a exploração da "mina de Regoufe" ou Poça da Cadela (VILAR 1998). A este período, que parece já bastante expressivo do ponto de vista do investimento construtivo (desconhecemos se igualmente representativo no plano do volume da exploração ou meios humanos envolvidos), poderão corresponder a maior parte dos edifícios de melhor qualidade, em cantaria de granito. Deste primeiro complexo industrial identificam-se pelo menos uma residência de alguma notoriedade, numa plataforma a Nordeste, com a data de 1916 gravada em cartela sobre a padieira da porta; o edifício onde terá funcionado a primeira lavaria, no qual se vê um pilar com a inscrição "1917/G.T/R" (= Gustave Thomas/Regoufe); e ainda um outro prédio - entre este e o dos escritórios - onde um outro pilar registou para a posteridade "G.T/M.R/1918" (= Gustave Thomas/Minas de Regoufe). A partir de 1928 Charles Brown adquire algumas concessões a Thomas e por volta de 1939 a administração do complexo mineiro estaria nas mãos de Brown e do seu colaborador português Agostinho Gralheiro. Aparentemente, Brown e Gralheiro terão no essencial aproveitado as instalações da primeira época, devendo-se sobretudo ao impulso da Companhia Mineira do Norte de Portugal, a partir de 1941-42, as inovações mais significativas, designadamente algumas das

instalações técnicas (como a central elétrica e o posto de transformação), a nova lavaria, o conjunto de edifícios situados a Sul, junto ao caminho de acesso ao complexo, e outras dependências, com a particularidade de nestes edifícios predominarem agora os blocos e o cimento como material de construção. Um campo de futebol que as autoridades locais terão mandado fazer há poucos anos, precisamente no centro do complexo mineiro, constitui a única nota destoante num conjunto raro no plano da arqueologia industrial do nosso País, iniciativa que, todavia, poderá merecer compreensão se entendida como esforço de animação e reabilitação de um espaço carregado de memória, mas que a desertificação e a ruína parecem marcar de um profundo sentido de tristeza». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000.)

Conservação Mau/ Parcialmente destruído

Acesso Para chegar ao complexo mineiro deve seguir-se pela Estrada nº 510, entre Moldes e Ponte de Telhe, tomando depois a Estrada nº 567, que leva ao Alto do Campelinho. Aí, um desvio, sinalizado, conduz a Regoufe, encontrando-se o acesso às instalações mineiras logo à entrada do lugar.

Observações

Bibliografia VILAR 1998; SILVA 2004:407, SILVA e RIBEIRO 2006; ROCHA 2008

Nr.º CAA / 179/ ESTRADA VELHA 2

Designação

CNS 32703

Lugar/ Estrada Velha/ Escariz

freguesia

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,941057; -8,397037

Altitude 461 m

Descrição *«Mamoas de pequenas dimensões, com oito metros de diâmetro e uma altura que em pouco parece ultrapassar os 0,50 metros. Apresenta à superfície do tumulus e nas imediações alguns blocos de granito que podem pertencer à couraça e aparenta possuir também um anel lítico de contenção periférica, formado por pedras de maior calibre. A eventual violação central é muito perceptível»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).)

Conservação Destruído

Acesso Seguindo pela estrada n.º 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho estreito logo adiante do referido cruzamento. Continuando por esse caminho, que é a Estrada velha", situa-se a cerca de 500 metros, do lado esquerdo do caminho, do qual dista 30 metros.

Observações Solo aparenta revolvimento para plantio. Muito blocos de granito de média e pequena dimensão dispersos pela zona. Atualmente, o sítio parece estar destruído por trabalhos de florestação.

Bibliografia SILVA 2004:143

Nr.º CAA / 180/ COUTO DE MÓS 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Couto de Mós/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8996547; -8,3736674

Altitude 551 m

Descrição *«Monumento que teria cerca de 8-9 metros de diâmetro, o que não foi possível determinar pelo seu mau estado de conservação e pela vegetação que o recobre. O tumulus teria uma altura superior a 0,50m. e apresenta ainda alguns blocos de xisto e granito que podem ter feito parte da couraça lítica de cobertura. Uma violação muito pronunciada com cerca de 0,40m. de profundidade e 2,5m. de diâmetro alonga-se para Nordeste, tendo destruído nesse sector o montículo tumular. Cerrada vegetação de pinheiro, eucalipto, tojo e carqueja reveste por completo o monumento.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000.)

Conservação Mau/ Destruído/ Indeterminado?

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), atingindo-se a recta do Rossio, deve tomar-se o caminho à direita que conduz aos lugares do Coval e Venda da Serra. O monumento situa-se a cerca de 150 metros da Estrada, do lado esquerdo do caminho.

Observações Nos recentes trabalhos, não foi possível identificar o monumento pela densa vegetação da propriedade onde se insere. Todavia, o solo aparenta trabalhos de florestação, o que poderá ter conduzido à destruição do monumento.

Bibliografia SILVA 2004:116

Nr.º CAA / 181/ COUTO DE MÓS 5

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Couto de Mós/ Chave

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,8996547; -8,3736674

Altitude 550 m

Descrição *«Pequeno tumulus de tradição megalítica com 5,5 metros de diâmetro e uma altura que não atinge os 0,50m. em relação ao terreno envolvente. Não são visíveis quaisquer restos de couraça lítica e a depressão central de violação é pequena e pouco pronunciada. Pinheiro, carvalho e vegetação arbustiva de carqueja, urze, tojo, fetos e silvas revestem atualmente o monumento.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Mau/ Destruído? / Indeterminado?

Acesso Seguindo pela Estrada 224-1 (Chão de Ave-Carregosa), atingindo-se a recta do Rossio, deve tomar-se o caminho à direita que conduz aos lugares do Coval e Venda da Serra. O monumento situa-se a 130 metros da Estrada, do lado esquerdo do caminho.

Observações Nos recentes trabalhos, não foi possível identificar o monumento com clareza devido à densa vegetação de eucalipto, bem como aos restos de combustível vegetal que se espalham um pouco por todo o terreno. Todavia, apesar do aparente revolvimento de solo por trabalhos de florestação, o que poderá ter conduzido à destruição do monumento, identificámos algo que poderá corresponder ao monumento 5 de Couto de Mós.

Bibliografia SILVA 2004:116

Nr.º CAA / 182/ ALAGOAS 9

Designação

CNS

12128

Lugar/

freguesia

Tipologia

Alagoas/ Escariz

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40,925274; -8,396345

Altitude

539 m

Descrição

«Monumento não localizado, desconhecendo-se por isso se ainda se conserva e em que condições. Segundo os registos disponíveis trata-se de um tumulus de grandes dimensões, de planta subelíptica, com um eixo maior de cerca de 23 metros e um eixo menor de 21 metros, tendo altura próxima de um metro. Possui violação central, não sendo visíveis quaisquer esteios ou elementos da couraça. Situar-se-ia próximo da Mamoa 7 (Sítio 173) deste núcleo». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação

Mau/ Destruído

Acesso

No cruzamento das Alagoas deve seguir-se pela estrada que conduz a Fajões/Cesar e voltar-se à direita no primeiro desvio. A mamoa situar-se-á a cerca de 100 metros para Norte da Mamoa 6 deste núcleo (Sítio 055).

Observações

Nos recentes trabalhos, apesar do terreno se encontrar relativamente limpo, não foi possível relocalizar o monumento. Pelas suas dimensões, o que seria facilmente perceptível, acreditamos que possa estar destruído.

Bibliografia

PEREIRA DA SILVA, s.d.; SILVA 2004:105

Nr.º CAA / 183/ CAPELA DE SÃO PEDRO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** S. Pedro/ Arouca e Burgo

Tipologia Capela

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.929202; -8.239296

Altitude 341 m

Descrição *«A capela, de aspeto modesto, liga-se a um dos núcleos de povoamento mais antigos do vale de Arouca, o que se associa à tradição de aqui ter sido primitivamente fundado o Mosteiro de S. Pedro (FERNANDES 1965). Deste templo será proveniente a magnífica imagem quatrocentista de S. Pedro exposta no Museu de Arouca (DIAS 1980). O arco ogival que enquadra o portal e a sobriedade dos muros dão-lhe uma aparência arcaica, podendo datar-se a construção em torno ao século XVI. Encontrando-se a capela semiarruinada há pouco mais de uma década, foi objeto de uma ação de recuperação arquitetónica em 1988, na qual apareceram pedras sigladas e vários elementos reaproveitados - essencialmente de aduelas de arcos e colunelos - fazendo parte da alvenaria irregular das paredes. Com base nestes elementos pode pressupor-se a existência de um templo anterior, dos séculos XIV/XV (DGEMN 2000). No desmonte do altar, porém, apareceram na base do pilar que o sustentava dois ceitis de D. João III (VAZ PINTO 1994), confirmando assim a cronologia da capela atual».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Bom

Acesso Seguindo pela EN 326 (Arouca-Moldes) a partir do edifício dos Paços do Concelho de Arouca, deve voltar-se à esquerda por um caminho sinalizado. Encontra-se a capela a cerca de 300 metros.

Observações Os elementos arquitetónicos encontrados foram deixados à vista nas paredes interiores da capela. Desconhece-se a localização dos dois ceitis aparecidos na base do altar. Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Bibliografia FERNANDES 1965; DIAS 1980; SILVA 1989; GONÇALVES 1991; VAZ PINTO 1994; DGEMN 2000; SILVA 2004:390

Nr.º CAA / 184/ PORTELA DA ANTA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portela da Anta/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.860012; -8.261479

Altitude 997 m

Descrição *«A menos de 200 metros a Poente da grande mamoa da Portela da Anta (Sítio 001) localiza-se um pequeno tumulus de tradição megalítica, muito pouco pronunciado, com seis metros de diâmetro no eixo ONO. -ESE. e apenas quatro no sentido SSO. -NNE., em virtude de neste sector estar cortado quase pela metade pelo caminho que passa ao dólmen da Portela da Anta. A sua altura é hoje diminuta, não ultrapassando os 0,30m., o que não obsta a que se observem à superfície blocos graníticos de médio calibre, à mistura com pequenos calhaus de quartzo leitoso, pertencentes à couraça lítica do monumento. Na zona central percebem-se ainda restos da depressão da violação. A pequena mamoa está coberta a carqueja, urze, algum tojo e herbáceas diversas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau/Parcialmente Destruído

Acesso O acesso mais fácil faz-se pela estrada que conduz de Albergaria à Castanheira. Um pouco adiante de Cabaços volta-se para Norte num estradão (sinalizado); poucas centenas de metros adiante uma árvore isolada e um pontão de pedra rústico marcam o local onde deve voltar-se a Nascente, em breve se vislumbrando a grande Mamoa 1 da Portela da Anta (Sítio 001). A mamoa 2 situa-se 170 metros antes da Portela da Anta 1, do lado direito do caminho, que aliás a corta parcialmente.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1997; SILVA 2004:73

Nr.º CAA / 185/ ALAGOAS 12

Designação

CNS

28627

24716

Lugar/

freguesia

Alagoas/ Escariz

Tipologia

Mamoa

Cronologia

Pré-História

Coordenada

40.924828; -8.385884

Altitude

547 m

Descrição

«Pequeno tumulus de tradição megalítica com 3,5 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará os 0,30m. em relação ao terreno envolvente. Parece ser delimitado por um anel lítico de contenção, aflorando ainda à superfície outros blocos graníticos que poderão corresponder à couraça. Não há vestígios de violações significativas. O monumento, claramente de tipo cistoide, está situado numa zona de pequenos afloramentos rochosos, sendo o coberto vegetal constituído por pinheiros, eucaliptos e vegetação arbustiva e herbácea pouco expressiva». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

A identificação do monumento, nos recentes trabalhos, deu-se com algumas reservas, uma vez que, mesmo correspondendo à coordenada e à descrição, temos sérias dúvidas na identificação do sítio como mamoa.

Conservação

Mau

Acesso

Seguindo pela Estrada nº 327 desde o cruzamento das Alagoas no sentido de Mansores, encontra-se o monumento a cerca de 250 metros da entrada da Zona Industrial das Lameiradas, do lado esquerdo da estrada, da qual não dista mais que 20 metros.

Observações

No portal do arqueólogo o sítio aparece com 2 CNS diferentes.

Bibliografia

SILVA 2004:107

Nr.º CAA / 186/ MURONÇAL 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Muronçal/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9523108; -8,1290128

Altitude 653 m

Descrição *«Monumento de dimensões reduzidas cujo tumulus apresenta uma altura de cerca de 0,50m. e mede oito metros de eixo E.-O. e apenas 5,5m. no sentido N.-S., o que se explica pelo facto da mamoa estar arrasada a NNE. por revolvimentos de terras. Apesar da densa vegetação arbustiva que o recobre (à base de carqueja, tojo e urze), apercebem-se ainda à superfície do tumulus restos da couraça lítica em blocos de xisto, sendo pouco perceptível, pelo contrário, a depressão central de violação».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, já no limite do Concelho de Arouca, deve voltar-se à esquerda por um estradão de terra que sobe até ao Muronçal. A mamoa situa-se a cerca de 200 metros da estrada, do lado esquerdo do caminho, do qual dista escassos 25 metros.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:164

Nr.º CAA / 187/ MURONÇAL 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Muronçal/ Alvarenga

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.950772; -8.131229

Altitude 631 m

Descrição *«Pequeno tumulus com cerca de sete metros de diâmetro e altura ligeiramente superior a 0,50m. em relação ao terreno envolvente. Apresenta depressão central de violação bastante extensa e pronunciada e esparsos restos de couraça lítica em xisto. Além da densa vegetação que o recobre (tojo, carqueja e urze), e que impede uma mais clara perceção do monumento, este encontra-se bastante destruído a Nascente, seja por motivo de violações, seja em razão da abertura da estrada Alvarenga-Cabril, que lhe é contígua».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Mau/ Destruído

Acesso Seguindo-se pela Estrada nº 225, entre Alvarenga e Cabril, já no limite do Concelho de Arouca, deve voltar-se à direita pelo desvio que segue para Fontinta, Sobral e Meitriz. O monumento situa-se cerca de 35 metros adiante, do lado esquerdo do caminho, junto ao talude profundo sobre a Estrada 225.

Observações Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar o monumento com rigor. A área, desde a 1ª edição da carta Arqueológica de Arouca (2000) sofreu várias alterações, nomeadamente no que respeita à abertura de melhorias de redes viárias. É possível que monumento tenha sido muito afetado ou mesmo destruído por estes trabalhos.

Bibliografia SILVA 2004:165

Nr.º CAA / 188/ IGREJA MATRIZ DE ALVARENGA

Designação

CNS 33171

**Lugar/
freguesia** Vila, Igreja Matriz/ Alvarenga

Tipologia Igreja

Cronologia Idade Média

Coordenada 40.969060; -8.163899

Altitude 377 m

Descrição

«Templo antigo, tem na capela-mor a sua componente melhor preservada, podendo recuar a sua datação até ao século XV, ou mesmo até aos sécs. XIII/XIV, segundo outros Autores. Aqui, pode ver-se um aparelho de fiadas isódomas, com algumas siglas de canteiro. Na cachorrada, de um e outro lado da capela, observam-se modilhões de rolo e com meias-esferas, de tradição românica. Na fachada, sobre o portal, pode ver-se silhar com inscrição, muito delida e de leitura quase impossível, não aparentando, porém, grande antiguidade». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Bom

Acesso

Igreja paroquial da freguesia, à qual se acede por desvio situado ao km 20 da EN 326-1 (Arouca-Castro Daire).

Observações

Em 2008 realizaram-se trabalhos arqueológicos de acompanhamento arqueológico das obras de arranjo exterior da Igreja de Santa Cruz de Alvarenga, cujo projeto tem como responsável António Manuel S. P. Silva. Verificar relatórios/Endovélico

Bibliografia

GONÇALVES 1991; MENDES 1995; DGEMN 2000; SILVA 2004:389

Nr.º CAA / 189/ PROVA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.887653; -8.135261

Altitude 812 m

Descrição *«Monumento de médias dimensões, com cerca de dez metros de diâmetro e um metro de altura. Vêem-se bastantes blocos da couraça, em granito, à superfície do tumulus. A depressão central de violação, que é bastante larga e acentuada, com cerca de 1,5m. de diâmetro e 0,50m. de profundidade, revela o topo de três grandes esteios em granito, o maior dos quais tem 0,90m. de largura, aflorando 0,40m. à superfície do solo, parecendo configurar o conjunto uma câmara funerária de planta de tipo quadrangular. Este monumento, que aparenta assim possuir a sua arquitetura original relativamente bem preservada, faz parte de uma necrópole que conta já com quatro monumentos localizados. Possui uma cobertura arbustiva densa, predominando a carqueja, a urze e os fetos».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000), à exceção de que se identificaram mais 3 monumentos, pelo que passa agora a ser uma necrópole com 7 monumentos.

Conservação Regular

Acesso Deve seguir-se pela Estrada nº 510, entre Moldes e Ponte de Telhe, tomando-se depois a Estrada nº 567, que leva ao Alto do Campelinho. Aí, um desvio, sinalizado, conduz a Regoufe. Na primeira curva à esquerda, do lado direito da estrada, deve subir-se por um carreiro, encontrando-se a mamoa a cerca de 250 metros, do lado direito, poucos metros a Norte das Mamoas 2 e 3 deste núcleo.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:181

Nr.º CAA / 190/ PROVA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.887653; -8.135261

Altitude 811 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, com cerca de 6,5 metros de diâmetro e uma altura que em pouco ultrapassará os 0,50m. Apesar da cerrada vegetação arbustiva que o recobre (fetos, urze e carqueja) não possibilitar uma boa observação do monumento, vêem-se restos de couraça em granito e de alguns esteios no mesmo material, um dos quais, com 0,40m. de largura, aflora à superfície na extensão de 0,25m. A violação central não parece muito pronunciada. O monumento faz parte de uma necrópole que conta já com quatro mamoas identificadas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000), à exceção de que se identificaram mais 3 monumentos, pelo que passa agora a ser uma necrópole com 7 monumentos.

Conservação Regular

Acesso Deve seguir-se pela Estrada nº 510, entre Moldes e Ponte de Telhe, tomando-se depois a Estrada nº 567, que leva ao Alto do Campelinho. Aí, um desvio, sinalizado, conduz a Regoufe. Na primeira curva à esquerda, do lado direito da estrada, deve subir-se por um carreiro, encontrando-se a mamoa a cerca de 250 metros, do lado direito, poucos metros a Norte da Mamoa 3 deste núcleo.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:181

Nr.º CAA / 191/ PROVA 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.887402; -8.135354

Altitude 810 m

Descrição *«Monumento de pequenas dimensões, com cerca de 6 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará os 0,50m. Apresenta uma depressão central de violação relativamente acentuada e alargada para NO., com 1,5m. de diâmetro e 0,30m. de altura. À superfície do tumulus vêem-se blocos graníticos e ocasionalmente de quartzo, resultantes do desmantelamento da couraça lítica de cobertura, enquanto a zona central revela a presença de três esteios, que parecem baixos e largos, tendo o maior 0,90m. de largura, configurando aparentemente uma câmara tipo cista. A cobertura arbustiva é composta por carqueja, urze e fetos. O monumento faz parte de uma necrópole que conta já com quatro mamoas identificadas».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000), à exceção de que se identificaram mais 3 monumentos, pelo que passa agora a ser uma necrópole com 7 monumentos.

Conservação Regular

Acesso Deve seguir-se pela Estrada nº 510, entre Moldes e Ponte de Telhe, tomando-se depois a Estrada nº 567, que leva ao Alto do Campelinho. Aí, um desvio, sinalizado, conduz a Regoufe. Na primeira curva à esquerda, do lado direito da estrada, deve subir-se por um carreiro, encontrando-se a mamoa a cerca de 250 metros, do lado direito.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:182

Nr.º CAA / 192/ PROVA 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.887260; -8.135274

Altitude 810 m

Descrição

«Monumento de pequenas dimensões, com cerca de 6 metros de diâmetro e uma altura que não ultrapassará os 0,50m. Apresenta uma depressão central de violação relativamente acentuada e alargada para NO., com 1,5m. de diâmetro e 0,30m. de altura. À superfície do tumulus vêem-se blocos graníticos e ocasionalmente de quartzo, resultantes do desmantelamento da couraça lítica de cobertura, enquanto a zona central revela a presença de três esteios, que parecem baixos e largos, tendo o maior 0,90m. de largura, configurando aparentemente uma câmara tipo cista. A cobertura arbustiva é composta por carqueja, urze e fetos. O monumento faz parte de uma necrópole que conta já com quatro mamoas identificadas». TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000), à exceção de que se identificaram mais 3 monumentos, pelo que passa agora a ser uma necrópole com 7 monumentos.

Conservação Regular

Acesso Deve seguir-se pela Estrada nº 510, entre Moldes e Ponte de Telhe, tomando-se depois a Estrada nº 567, que leva ao Alto do Campelinho. Aí, um desvio, sinalizado, conduz a Regoufe. Na primeira curva à esquerda, do lado direito da estrada, deve subir-se por um carreiro, encontrando-se a mamoa a cerca de 250 metros, do lado direito.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:182

Nr.º CAA / 193/ FORNO DA TELHA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Forno da Telha/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.970023; -8.197530

Altitude 331 m

Descrição *«Pequeno monumento com cerca de 7,5m de diâmetro e uma altura que se aproximará dos 0,50m. nas partes melhor conservadas do tumulus. Encontra-se bastante perturbado por um muro que se lhe sobrepôs no rebordo Poente e sobretudo pelo plantio de eucaliptos, que terraplenou bastante a mamoa, dispersando os blocos de xisto da couraça e favorecendo os processos erosivos. O eventual negativo de violação central é muito pouco perceptível, pelo estado de destruição em que o tumulus se encontra. Um outro monumento (Sítio 194), em tudo similar a este, encontra-se a cerca de 40 metros para Norte. A zona está florestada a eucalipto, pinheiro e algum carvalho».* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), verificou-se que não existem alterações a registar desde a 1ª edição da Carta Arqueológica de Arouca (2000).

Conservação Mau

Acesso Antes de chegar ao centro da freguesia de Canelas, vindo de Arouca, deve voltar-se à direita pelo caminho que conduz ao cemitério. Após passar um pontão sobre uma linha de água, deve virar-se de novo à direita até ao Forno da Telha. O monumento encontra-se num cabeço florestado, por trás das últimas casas do lugar. A mamoa 2 deste núcleo encontra-se 40 metros para Norte.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:174

Nr.º CAA / 194/ FORNO DA TELHA 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Forno da Telha/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.970505; -8.197787

Altitude 307 m

Descrição *«Pequeno monumento com cerca de 7,5m. de diâmetro, não atingindo atualmente os 0,50m. de altura. Encontra-se bastante destruído - à semelhança da Mamoa 1 (Sítio 193), que se encontra a cerca de 40 metros para Sul - por desaterros e plantio de árvores, não sendo por isso o tumulus perceptível em todo o seu perímetro e estando a própria violação central bastante disfarçada. Vêem-se ainda, todavia, alguns blocos da couraça em xisto. A zona está florestada a pinheiro, ocorrendo também algumas herbáceas na área do monumento.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), não foi possível identificar o monumento. Tivemos conhecimento de que um caminho de acesso a uma propriedade foi alargado, e que estaria paralelo ao sítio. Não conseguimos perceber se terá, ou não, afetado o monumento.

Conservação Mau/ Destruído

Acesso Antes de chegar ao centro da freguesia de Canelas, vindo de Arouca, deve voltar-se à direita pelo caminho que conduz ao cemitério. Após passar um pontão sobre uma linha de água, deve virar-se de novo à direita até ao Forno da Telha. O monumento encontra-se num cabeço florestado, por trás das últimas casas do lugar. A mamoa 1 deste núcleo encontra-se 40 metros para Sul.

Observações

Bibliografia SILVA 2004:175

Nr.º CAA / 195/ ALTO DO PEREIRO 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Alto do Pereiro/ Canelas e Espiunca

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40,9661042; -8,1857650

Altitude 467 m

Descrição

«Monumento de dimensões relativamente grandes, apresentando um diâmetro na ordem dos 16 metros e altura superior a um metro, dados que a cerrada vegetação que o reveste não permite precisar. A mamoa foi bastante afetada pela abertura de um estradão e pelo plantio mecânico de eucaliptos, que lhe terraplenaram o terço Oeste. À superfície do tumulus são abundantes os restos da couraça pétrea, muito revolvida, predominando os blocos de granito sobre os calhaus de xisto e quartzo. Parece possuir pelo menos duas violações, numa das quais se vê a aflorar o que parecem ser restos de esteios, se bem que a sua localização e orientação não se enquadrem nas tipologias arquitectónicas mais comuns neste género de monumentos. Alguns pinheiros e eucaliptos novos, e sobretudo densa vegetação de urze e carqueja, constituem o revestimento da mamoa.» TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Nos trabalhos de atualização da Carta Arqueológica de Arouca (2021), pudemos perceber que o monumento está a ser constantemente atravessado por veículos todo-o-terreno que levam visitantes a um local panorâmico.

Conservação Mau

Acesso Junto ao entroncamento entre a Estrada nº 326-1 (Arouca-Alvarenga) e o desvio para Canelas deve subir-se por um estradão florestal na direção Nordeste. Seguindo sempre até à última cumeada encontra-se o monumento a cerca de 1,6 km, do lado direito do caminho.

Observações Deverá ser sinalizado e protegido

Bibliografia SILVA 2004:173

Nr.º CAA / 196/ SEPULTURA ROMANA PORTELA DA ANTA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portela da Anta, Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Sepultura

Cronologia Romano

Coordenada 40.859860; -8.259966

Altitude 1009 m

Descrição *«Reaproveitando o espaço "sacralizado" de um monumento megalítico, e junto a uma via tradicional, foi implantada em época romana uma sepultura de incineração no tumulus da Portela da Anta. Situava-se a pouca profundidade e identificou-se por uma mancha de terras mais escuras, muito finas, que integravam grande quantidade de minúsculos carvões. Estava delimitada por uma estrutura aparentemente de planta subrectangular, muito irregular, formada por blocos graníticos aparelhados, que a "lajeavam" igualmente na base.»* TEXTO ORIGINAL CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS (2000).

Conservação Destruída/ Escavada

Acesso O acesso mais fácil à Portela da Anta faz-se pela estrada que conduz de Albergaria à Castanheira. Um pouco adiante de Cabaços volta-se para Norte num estradão (sinalizado); poucas centenas de metros adiante uma árvore isolada e um pontão de pedra rústico marcam o local onde deve voltar-se a Nascente, em breve se vislumbrando o monumento. Da sepultura romana, porém, nada pode ver-se, uma vez que foi destruída durante a escavação do monumento, preenchendo-se de novo com terra e pedras a parte do tumulus onde se implantava.

Observações A escavação da sepultura forneceu apenas alguns fragmentos do bordo de uma peça em vidro esverdeado e cerca de meia centena de pequeníssimas contas de colar e separadores, aparentemente em grafite, de forma poliédrica, cilíndrica e losângica, peças de difícil classificação e atribuição cronológica.

Bibliografia PEREIRA DA SILVA 1993b; 1997; SILVA 1994; SILVA 2004:289

Nr.º CAA / 292/ AMEIXEIRA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Ameixeira/ Santa Eulália

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.892778; -8.278056

Altitude 620 m

Descrição

Sítio composto por 3 painéis, identificados aquando trabalhos de voluntariado no âmbito da reflorestação da região. O Painel I corresponde a 2 rochas (1.1 e 1.2), muito próximas entre si, de dimensões e grafias distintas e motivos gravados junto ao nível de circulação atual. Os motivos da Rocha 1.1 inserem-se num painel ligeiramente inclinado, com cerca de 0.7m larg. x 1m comprimento e aparenta ter sofrido algum tipo de corte nas suas laterais. Os motivos correspondem a 3 grandes sulcos gravados, concentrados num dos lados do painel e orientados do topo para a base. O primeiro, localizado na zona mais alta da rocha, é de disposição retangular e possui cerca de 10cm x 5cm x 3cm. O segundo é de disposição quadrangular e com cerca de 5cm x 5 cm x 3cm. Finalmente o terceiro corresponde ao mais ilegível de todos. Aparenta ser de disposição quadrangular com medidas muito próximas ao anteriormente apresentando. Uma das suas laterais aparenta estar cortada. Possui alguns elementos picotados. A Rocha 1.2 corresponde a um pequeno núcleo de picotados, inseridos num dos extremos de um painel de reduzidas dimensões e a cerca de 50cm da Rocha 1.1.

O PAINEL 2 corresponde a um painel horizontal de dimensões visíveis de 2m x 0.3m, estando o restante tapado por sedimentos. Encontra-se gravado por cerca de 13 “cavinhas”, de tamanho e profundidade variáveis (diâmetros entre os 5cm e os 12cm e profundidades entre os 2 e os 3cm). As cavinhas distribuem-se ao longo de todo o painel, criando espaços vazios e áreas de maior concentração. Destacamos que este painel se encontra bastante danificado, uma vez que aquando do processo de reflorestação dos Baldios da Ameixeira, foi nas suas proximidades feita uma fogueira.

O PAINEL 3 corresponde ao painel localizado à cota mais inferior. É, tal como o painel 1, composto por duas rochas associáveis entre si, de grafias muito semelhantes. Tanto a Rocha 3.1 como a 3.2 estão profusamente gravadas. O Painel 3.1 tem cerca de 0.7m x 0.5m e possui cerca de 9 “cavinhas” concentradas no extremo da rocha mais próxima da rocha 3.2. As medidas aparentam ser mais ou menos semelhantes (diâmetro 3cm x 1cm prof.). O Painel 3.2 tem cerca 1.5m x 1.5m, de disposição quase piramidal e é profusamente gravado com cavinhas. Algumas destas apresentam-se quase

unidas através de traços profundamente abradidos. Nas laterais deste painel existem dois motivos cruciformes.

Conservação Mau

Acesso

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia, André Saraiva

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 293/ ROCHA SÃO JOÃO DE VALINHAS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** São João de Valinhas/ Santa Eulália

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.934223; -8.262832

Altitude 390 m

Descrição O painel identificado, também interpretado como sulco funcional para lagariça, colocação de caniça ou barrelão, entre outros instrumentos que necessitam de um sulco de escorrência, encontra-se inserido na encosta Oeste do Castro de São João de Valinhas. Os motivos foram executados numa zona de declive e em suporte rochoso de granito. Corresponde a um grande sulco circular esculpido no topo aplanado de um rochedo de grandes dimensões, vindo a terminar na lateral do painel e em “bico”.

Conservação Regular

Acesso Tomando-se a ligação entre o Calvário e a Freguesia de Santa Eulália, e após a passagem pela Capela de Santiago, deverá continuar-se mais uns metros (cerca de 200) até que seja encontrado um 2º caminho de terra batida, com entrada para o Castro de São João de Valinhas. Seguindo-se este, e após cerca de 100m de caminhada, encontrar-se-á um pequeno caminho à esquerda, que se deverá seguir. O penedo no qual se insere a gravura é bem visível.

Observações Integrado no SIP - Sítio de Interesse Público do Castro de Valinhas.

Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia, André Saraiva

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 294/ QUINTA DO PAÇO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Adros/ Santa Eulália

Tipologia Habitat

Cronologia Romano

Coordenada 40.931389; -8.267778

Altitude 307 m

Descrição O sítio localiza-se numa zona de encosta suave, na vertente Sul do monte de S. João de Valinhas, mais concretamente nas traseiras da Igreja Paroquial de Santa Eulália e visível apenas em corte. Foi identificado ao longo de toda a extensão do perfil de orientação Oeste (cerca de 48 metros de comprimento e uma altura variável entre os 0.5m e 2.5m), através de fragmentos de cerâmica de construção presentes no talude da estrada que passa por trás da referida igreja.

Os vestígios arqueológicos são particularmente visíveis nos primeiros 20m do corte (S-N), tendo-se registado a presença de um possível pavimento (aproximadamente 20cm); duas possíveis estruturas em pedra de granito facetado (a situada mais a Norte do corte encontra-se visivelmente cortada pela abertura da estrada na década de 80); duas estruturas em negativo com possíveis vestígios de combustão. Concluiu-se que foi efetuado um corte no estrato geológico (arenito), como forma de criação de uma plataforma horizontal e base estável para a implantação das estruturas acima descritas. Esta leitura foi possível após a limpeza das bermas pela Junta de Freguesia.

Conservação Indeterminado/ Parcialmente Destruído

Acesso A forma mais fácil para acesso ao sítio é dirigindo-se para a Igreja de Santa Eulália. Para chegar a esta deve seguir-se pela EN 224 (Arouca – Castelo de Paiva). Uma vez chegado à Igreja, deverá procurar-se as traseiras do edifício, onde será visível um pequeno caminho vicinal. Voltando-se neste para sul, o sítio será imediatamente identificado em corte, do lado direito da estrada.

Observações Espólio: Fragmento de peso de tear, tegula e outro material de construção.

Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 295/ GOZENDAS 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Gozendas/ Escariz

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-História

Coordenada 40.942724; -8.384018

Altitude 432 m

Descrição Mamoa de pequenas dimensões, com cerca de 7 metros de diâmetro e 50 cm de altura, inserida numa área florestada a eucalipto. O montículo é identificável pela presença de granitos e quartzo de pequena dimensão na sua couraça, e não apresenta violação.

Conservação Regular

Acesso Ao percorrer a estrada da Barrosa, sentido Mansores - Ver, subirá uma ligeira inclinação e, de seguida, alcançará uma pequena reta. Deverá deixar a viatura nesse local e procurar a mamoa no terreno florestal da esquerda, porventura através de um pequeno caminho florestal. A sepultura fica a uns 50 metros da estrada.

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia, André Saraiva, Luís da Silva Alexandre

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 296/ GOZENDAS 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Gozendas/ Escariz

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.942500; -8.384167

Altitude 433 m

Descrição

O núcleo 1 das Gozendas é composto por um conjunto de três painéis, distantes entre si em cerca de 50m, localizados entre a Mamoa 1 de Gozendas e Mamoa 2 de Gozendas. O painel 1 é horizontal, ligeiramente inclinado para SO, com área visível de cerca de 3,90m x 3,10m. Apresenta diversos motivos, podendo-se destacar:

- Vasto número de fossetes, por vezes associados a sulcos;
- Motivos retangulares (podomorfo), por vezes segmentados e associados entre si;
- Motivos quadrangulares;
- Círculo com fossete no centro, associado a sulcos;
- Símbolos indeterminados.

É de realçar a relação entre motivos e algumas particularidades do suporte. Este painel, em particular, localiza-se apenas a uns 20m do monumento 2 das Gozendas.

O painel 2 é igualmente horizontal, ligeiramente inclinado para SO, com cerca de 2,5m x 0,50m. Apresenta dois grandes e profundos quadrados e alguns fossetes. Na base foram ainda identificados sulcos de disposição quadrangular e retangular com apêndice lateral. O painel 3 apresenta uma disposição quase piramidal, distinguindo-se 3 planos distintos de gravação:

- a)"Topo achatado" da pirâmide, onde se verifica a presença de fossetes;
- b)Lateral voltada a norte, com presença de vários cruciformes.
- c)Lateral voltada sul com sulcos profundos, que se cruzam formando losangos.

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, em direção à Barrosa, encontram-se os painéis, dentro de uma zona de eucaliptal.

Observações Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 297/ GOZENDAS 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Gozendas/ Escariz

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.942244; -8.385383

Altitude 424 m

Descrição Trata-se de um afloramento de xisto, com duas superfícies gravadas muito próximas (1.1 e 1.2.). Ambas têm disposição quase piramidal, de topo aplanado.

Rocha 1.1 - Trata-se da maior superfície gravada (7m x 3m), sendo possível identificar 4 planos de gravação distintos, onde se identificam:

Plano 1: Linhas onduladas, associadas a fossetes;

Plano 2: O topo aplanado do suporte piramidal é percorrido por um sulco ondulado, associado a fossetes, por vezes bifurcado, caindo em direção ao plano 3 de gravação e associando-se a outros motivos.

Plano 3: Apresentam-se aqui diversos motivos mais complexos, tendo sido por nós isolado 3 possíveis antropomorfos, 2 deles em phi, e um motivo indeterminado, composto por uma associação de figuras geométricas, segmentadas no seu interior.

Plano 4: Plano oposto aos 3 três anteriormente descritos. É composto essencialmente por uma associação de cruciformes e pela presença de um círculo simples com uma rosácea no seu interior.

Rocha 1.2 - Topo aplanado da rocha é gravado por:

- Linhas onduladas associadas a fossetes,
- Círculos simples, contendo no seu interior rosáceas/ cruciformes (?)
- Cruciformes

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, em direção à Barrosa, encontram-se os painéis, dentro de uma zona de eucaliptal, a meia encosta de acesso a um caos de blocos granítico.

Observações Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 298/ BARROSA

Designação

CNS

Lugar/ Barrosa/ Mansores

freguesia

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40,9426271; -8,3794809

Altitude 379 m

Descrição

O núcleo da Barrosa é composto por um conjunto de 4 painéis distintos e separados entre si por cerca de 20m. É de destacar que todos os painéis são de suporte em xisto, tendencialmente piramidal, ou de inclinação algo acentuada.

Rocha 1 - Painel vertical com sulcos profundos, de tendência retilínea, que formam uma figura fechada, contendo por vezes fossetes ou figuras geométricas associadas.

Rocha 2 - Painel ligeiramente inclinado, onde se registou um grande pássaro que ocupa a quase totalidade do painel (2mx1m). A gravação é efetuada através de grandes sulcos, tendo a zona do olho sido executada com maior pormenor. A cauda do pássaro foi gravada numa zona mais alta do suporte, dando quase a sensação que o animal se prepara para levantar voo. A zona inferior do animal não aparenta ter sido representada, existindo, no entanto, sedimentos que cobrem a base da rocha.

Rocha 3 - Painel vertical de grandes dimensões composto por um conjunto de sulcos profundos, perpendiculares à linha de topo da rocha, que por vezes se interligam. Destaca-se ainda a existência de um outro sulco, paralelo à linha de topo da rocha, que percorre todo o painel, dividindo-o em 2 grandes áreas. Na sua base verificamos a presença de fossetes.

Rocha 4 - Painel com dois planos verticais de gravação opostos, tratando-se de profundos sulcos, perpendiculares à linha de topo do suporte rochoso e que começando neste mesmo topo, se encaminham para ambos os lados da rocha de disposição quase piramidal.

Rocha 5 - Painel horizontal com dois quadrados, gravados em baixo-relevo, de dimensão aproximada de 15cm x 15 cm, que no seu interior apresentam 2 pequenas fossetes gravadas.

Rocha 6 - Numa superfície de disposição vertical encontram-se gravadas, utilizando sulcos profundos, várias linhas, que se interligam criando uma figura indeterminada.

Rocha 7 - Numa superfície vertical e contrariando a orientação de gravação dos motivos até agora identificados no núcleo da Barroca, foi identificada uma inscrição, até ao momento impossível de ler. A inscrição é feita ao longo de uma única linha, ocupando cerca de 0,8m de comprimento. Esta mesma mostra-se como pouco acessível.

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, chega-se à Barrosa (1º casa do lugar), onde se encontram os painéis do lado esquerdo da estrada.

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia, André Saraiva

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 299/ BOAVISTA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Boavista/ Mansores

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.938619; -8.373456

Altitude 415 m

Descrição O núcleo é composto por três rochas:

Rocha 1 - Painel vertical, com profundos sulcos, iniciados na zona mais alta do suporte e associado a fossetes, que descem em direção à base da rocha. É ainda visível a presença de um possível antropomorfo, com anexos em ambas as mãos e cabeça.

Rocha 2 - Rocha de disposição piramidal, gravada em duas das suas faces com cruciformes.

Rocha 3 - Rocha horizontal de topo achatado, gravado com sulcos ondulados, que descem pela lateral do suporte, e fossetes.

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 504, a partir do cruzamento da Urreira, deve voltar-se à direita por

um caminho à entrada do lugar de Ver. Continuando em frente, em direção à Barrosa chegando-se posteriormente ao lugar da Boavista, sendo os 3 painéis localizados entre si em cerca de 50m, e do lado direito da estrada, próximo da zona de casas.

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia, André Saraiva

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 300/ FRAGA DA FERRADURA

Designação

CNS 21427

Lugar/ freguesia Telhe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.85045; -8.26684

Altitude - m

Descrição

«A Fraga da Ferradura foi descoberta por Manuel Valério Soares de Figueiredo e parcialmente publicada (Figueiredo & Figueiredo 2008). O afloramento, de xisto, é constituído por 3 patamares sensivelmente horizontais, separados por pequenos desníveis, com altura máxima de 35 cm. A superfície da rocha está bastante danificada pela erosão. Neste afloramento foram individualizados diferentes painéis localizados nos diversos patamares, mas é no segundo que se encontram a maioria dos motivos distribuídos em, pelo menos, dois grupos distintos e que se sobrepõem. As gravuras mais antigas, inseríveis na Pré-história, são difíceis de visualizar, dado a forte patina que as cobre. Correspondem a covinhas, círculos, círculos com covinha central, ferraduras, pelo menos um cruciforme, dois antropomorfos (um deles com toucado), e alguns traços filiformes, numa aparente simbiose entre motivos típicos das artes atlântica e “esquemática”. Estas gravuras foram sobrepostas por grandes motivos de época histórica, bem visíveis tais como: um martelo de cabeça dupla; um martelo com uma cabeça plana; um pico ou picareta, além de caracteres alfabéticos, num visível processo de adição. Com exceção dos alfabéticos, os artefactos aqui gravados poderão estar diretamente relacionados com trabalhos de mineração, dada a proximidade de recursos mineiros. A temática original representada neste afloramento torna-o único na região e, provavelmente, na Europa atlântica ocidental, apresentando uma relação estreita entre arte rupestre e a mineração»

Conservação Mau

Acesso

Observações Achador: Manuel Valério

Bibliografia

FIGUEIREDO & FIGUEIREDO 2006; 2008; VALÉRIO 2010; SILVA, A.M.S.P.; LEITE, J.; FIGUEIREDO, M.V. & LEMOS, P. 2013; SILVA et ali. 2017:71/72

Nr.º CAA / 301/ CALVÁRIO DE MANSORES

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Estrada/ Mansores

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.938596; -8.369832

Altitude 380 m

Descrição O sítio do Calvário consiste num painel de disposição horizontal, com cerca de 6m x 3,10m, gravado no extremo mais a sul com fossetes e pequenos sulcos. A organização de motivos do painel assemelha-se ao núcleo de gravuras rupestres de Ameixieira.

Conservação Regular

Acesso Junto ao lugar da Boavista existe um pequeno cruzamento à direita, em direção ao lugar de Estrada. Deverá ser seguido esse cruzamento, localizando-se as gravuras no sítio do Calvário, logo a cerca de 50m de distância.

Observações Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 302/ MARCA DOS MOUROS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.8756; -8.138217

Altitude 585 m

Descrição *O afloramento, a cerca de 10 m do nível médio das águas da ribeira de Regoufe, exhibe apenas um painel gravado, orientado a sul, no sentido dessa mesma linha de água. Este tem apenas um motivo, feito por picotagem. Trata-se de um grande círculo (com diâmetro máximo de 1,2 m; profundidade de gravação entre 1 a 3 cm e largura do traço de 12 cm) radiado (7 traços com comprimentos variáveis entre os 35 e os 50 cm), com rebaixamento em toda a sua área interior, tornando-se expressamente mais pronunciado no centro onde exhibe uma cova, um pouco deslocada para oeste. Informação do CVARN/
<http://www.cvarn.org>*

Conservação Regular

Acesso Por um caminho que parte do lugar de Regoufe e corre paralelo à ribeira, mas o acesso ao afloramento é difícil, pela grande inclinação que exhibe.

Observações

Bibliografia SILVA, A.M.S.P.; SILVA et al. 2017:72/73

Nr.º CAA / 303/ SELADA

Designação

CNS 22209

Lugar/ freguesia Selada/ Escariz

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.943634; -8.401689

Altitude 490m

Descrição

As gravuras da Selada correspondem a um afloramento granítico localizado a cerca de 60 m da Mamoa 3 m da Urreira e junto à mamoa 10. Os gravados identificados, até ao momento, dado que o local não foi alvo de estudo sistemático, constam principalmente de covinhas, antropomorfos, uma espiral, um "tabuleiro de jogo" e vários cruciformes, estes no prolongamento nor-ocidental do afloramento e em posição sublevada. Informação do CVARN/ <http://www.cvarn.org>

Conservação Regular

Acesso

O monumento localiza-se em plena zona industrial da Urreira-Coruto, na freguesia de Escariz, a cerca de 60 m para nascente da Mamoa 3 m da Urreira e a cerca de 100 m do cruzamento que da Urreira leva à Escola C+ S de Escariz.

Observações

Bibliografia

SILVA et al. 2017:67-68

Nr.º CAA / 304/ REGO DA PORTELA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Rego da Portela, Silveiras/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.896944; -8.141667

Altitude 747 m

Descrição O Núcleo do Rego da Portela é composto por dois painéis muito próximos entre si (cerca de 1m). Ambos os espaços são em granito, de coloração acinzentada e grão médio a fino.

Aquele considerado como a rocha 1 consiste num painel de disposição horizontal, com cerca de 2,70m x 2,5m, no centro do qual surgem vários fossetes e ainda um pequeno sulco.

A rocha 2 corresponde a um painel de disposição horizontal, retangular, 0,70m x 0,5m com presença de 3 circunferências de tamanho aproximado (diâmetro de 5cm), aparentemente gravadas por abrasão, e ainda um pequeno cruciforme. Todas as figuras se localizam num dos extremos da superfície rochosa.

No topo, em frente, localiza-se a Mamoa 1 do Campelinho

Conservação Regular

Acesso Seguindo-se pela estrada nº 567, que de Ponte de Telhe conduz a Silveiras, encontra-se, do lado esquerdo, na subida em direção a Regoufe, uma antiga estrada de caminho batido. Essa deve ser seguida até a uma pequena plataforma com vista para a aldeia de Silveiras.

Observações Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 305/ GRAVURA DO CANDO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cando/ Albergaria da Serra e Cabreiros

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.877304, -8.218346

Altitude 876 m

Descrição Painel gravado em suporte de xisto, localizado na vertente Este da Serra da Freita.

O painel em questão insere-se num suporte de disposição horizontal, em xisto, com medidas aproximada de 1,20m x 0.70m. Apresenta dois motivos gravados sobre a técnica do picotado, um deles de disposição retangular, segmentado em dois eixos perpendiculares, com medida máxima de 24cm x 19cm. A este, foi anexada uma pequena covinha, de disposição um pouco irregular. Devemos aqui destacar o facto de este motivo, em suporte rochoso fixo, ter aparecido nas proximidades da estela/gravura do Cando.

Conservação Regular

Acesso

Observações Coordenadas imprecisas/ Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 306/ GRAVURA DO RADAR

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Radar, Castanheira/ Albergaria da Serra e Cabreiros

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.846873, -8.283231

Altitude 1040 m

Descrição Painel em xisto mosqueado (a primeira gravura identificada sob este género de rocha), localizado na encosta Oeste da Serra da Freira, com grande panorâmica sobre a Ria de Aveiro e o Oceano Atlântico, que em dias de sol daqui são avistáveis. Encontram-se gravadas 5 fossetes, de medidas aproximadas e alinhadas três a três. Aparentam ser os únicos motivos gravados.

Conservação Regular

Acesso

Observações Coordenadas imprecisas/ Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 307/ GRAVURA DE POVOS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Povos/ Arouca e Burgo

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.846873, -8.283231

Altitude 640 m

Descrição Monólito granítico gravado com motivos indeterminados de grandes dimensões.

Conservação Regular

Acesso À face da estrada que vai para Povos

Observações Achador: Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 308/ S. PEDRO VELHO

Designação

CNS 16871

Lugar/

S. Pedro Velho/ Albergaria da Serra e Cabreiros

freguesia

Tipologia

Arte Rupestre

Cronologia

Indeterminado

Coordenada

40.875031; -8.280269

Altitude

1040 m

Descrição

«Trata-se de blocos de granito no qual se identificaram alguns painéis de arte rupestre: num identificaram-se covinhas, noutra identificou-se uma gravura composta por uma linha ondulada, rematada num dos lados por um semicírculo e, do outro por uma linha perpendicular. Um pouco mais afastado foi identificado um círculo com cerca de 5 cm de diâmetro», Informação do Endovélico

Conservação

Acesso

Observações

Esta informação provém de ações de levantamento realizadas em 2001 por João Caninas, no âmbito do EIA do Parque Eólico da Serra da Freita, Arouca. Todavia, o sítio não foi localizado nesta revisão, uma vez que as coordenadas disponíveis no Endovélico se encontram deslocadas. As próximas ao espaço (via topónimo e marco geodésico) serão as constantes nesta ficha.

Bibliografia

CANINAS, CANHA E HENRIQUES, 2002

Nr.º CAA / 309/ PATOLEIRO

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Patoleiro, Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Indeterminado

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.888898; -8.132950

Altitude 791 m

Descrição O sítio do Patoleiro encontra-se implantado numa encosta voltada a sul, próximo a uma linha de água. Identificam-se, do lado esquerda da estrada que vai do Alto do Campelinho para Regoufe, três possíveis estruturas em granito, de pequena e média dimensão, colocados diretamente sobre o substrato rochoso. As estruturas ficaram à vista aquando da abertura/alargamento da referida via.

Não se identificam materiais de construção ou outros materiais, embora haja registo do aparecimento de fragmentos de mós manuais giratórias, cerâmicas comuns com pastas alaranjadas e muito mal cozidas, uma moeda (?) romana dos finais do império e, nas proximidades do local, parte de uma coluna rudimentar e uma bola granítica com uma cavidade ao centro. Os dois últimos materiais, identificados pelo proprietário aquando da plantação de pinheiro-bravo no terreno.

Conservação Mau/ Parcialmente Destruído

Acesso A partir da estrada M567, ao passar o corte de Silveiras e ao chegar ao Alto do Campelinho (sentido Arouca - S. Macário), cortar à direita para Regoufe pela CM1256. Cerca de 500 metros à frente, ao chegar a uma curva-contracurva, em descida, encontrará um tanque de água à esquerda. O sítio fica nessa curva-contracurva, do lado esquerdo da estrada.

Observações Devido à erosão provocada pelas condições meteorológicas, o sítio encontra-se em péssimo estado. Deveria sofrer intervenções de emergência, numa tentativa de aferir a sua tipologia e cronologia. Achador: Manuel Valério

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 310/ FRAGA DOS 7 RISCOS

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cando/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.876944; -8.229444

Altitude 991 m

Descrição Afloramento horizontal em xisto, de grandes dimensões, localizado numa encosta voltada a Este e próximo a uma linha de água. Apresenta uma gravura com 19 linhas incisas (riscos), de sentido N-S, gravados com grande profundidade. Os motivos encontram-se gravados em duas linhas horizontais, uma primeira com 9 traços e uma segunda também com 9 traços. Poderão ser considerados outros, embora dúbios e muito ténues. De destacar que o traço maior, com cerca de 40 centímetros, apresenta um picotado na horizontal, ao centro da gravura.

Conservação Regular

Acesso Pelo acesso das Eólicas ao Coto do Boi. Antes de chegar à última eólica, parar o carro e ir em direção ao ribeiro, à direita do caminho.

Observações

Bibliografia SILVA et al. 2017:70-71; BETTENCOURT, Ana - CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre no Noroeste Português - www.cvarn.org

Nr.º CAA / 311/ CANDO 2

Designação

CNS 16877

Lugar/ freguesia Cando/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.872653; -8.227034

Altitude 1055 m

Descrição *«Montículo subcircular, constituído por blocos de xisto e de quartzo de médias e grandes dimensões. Embora apresente muitos blocos soltos à superfície, parece tratar-se de um tumulus, que apresenta a particularidade de estar centrado em cima de um filão de quartzo. Tem 10 m de diâmetro na direção do filão e 12 m na direção perpendicular. Ao lado observam-se trilhos de caminhos antigos, e situa-se no extremo de um esporão sobranceiro às povoações de Cando e Tebilhão. <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>»*

Conservação Regular

Acesso

Observações Esta informação provém de ações de levantamento realizadas em 2001 por João Caninas, no âmbito do EIA do Parque Eólico da Serra da Freita, Arouca.

Bibliografia CANINAS, CANHA E HENRIQUES, 2002

Nr.º CAA / 312/ CANDO 3

**Designação
CNS** 16878

**Lugar/
freguesia** Cando/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.872861; -8.225741

Altitude 1040 m

Descrição *«Pequena mamoa construída com pequenos blocos de quartzo. Está afetada devido ao atravessamento por um caminho de cerca de 2,70 m do seu diâmetro. Teria 8,30 m de diâmetro na direção norte-sul, perpendicular ao caminho que a atravessa. Tem cerca de 45 cm de altura numa altitude do caminho».* <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>

Conservação

Acesso

Observações Esta informação provém de ações de levantamento realizadas em 2001 por João Caninas, no âmbito do EIA do Parque Eólico da Serra da Freita, Arouca. Na revisão da Carta Arqueológica de Arouca, em 2021, não foi localizada.

Bibliografia CANINAS, CANHA E HENRIQUES, 2002

Nr.º CAA / 313/ CANDO 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cando/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.8734524; -8.2249990

Altitude 1040 m

Descrição Pequeno montículo, com cerca de 4m de diâmetro e 0,40 de altura, composto essencialmente por pequenas pedras de quartzo. Está disfarçado entre a Carqueja e dois afloramentos de Xisto, com orientação E - O. Encontra-se a Sul da 2 e da 3, no final do esporão, na cota superior à curva da estrada.

Conservação Regular

Acesso Uma dezena de metros a norte do Cando 4

Observações Identificado durante os trabalhos de 2021. Ficou na dúvida se poderá corresponder ao Cando 3, que não se localizou. No entanto, a descrição dos monumentos difere, pelo que se optou por dar nova ficha.

Achador: Luís da Silva Alexandre

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 314/ SERLEI 3

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cabeço do Serlei, Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Exploração Mineira

Cronologia Contemporâneo

Coordenada 40.8638724; -8.2423770

Altitude 1090 m

Descrição Neste espaço existem várias crateras, sanjas e poços, bem como estruturas em granito (habitações?) que indicam a presença de exploração mineira. Uma pesquisa no registo de manifesto de minas, é possível perceber que Albergaria/Gestoso tem pedido de concessão mineira em 1941 para estanho (cassiterite) e volframite. (Arquivo histórico municipal de Arouca/ Registo de minas)

Conservação Regular

Acesso Localiza-se num planalto, no sopé do Cabeço do Serlei, próximo a uma portela, e a escassos metros de um caminho antigo que sobe de Gestoso em direção ao Videiro, passando pelo sopé Norte do referido cabeço. (não confundir com o troço de via (romana?) ou caminho que sobre de Gestoso em direção à Portela da Anta, passado a Sul do Cabeço)

Observações Achador: Luís da Silva Alexandre

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 315/ SERLEI 1

Designação

CNS 23588

Lugar/

Cabeço do Serlei, Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

freguesia

Tipologia

Mamoas

Cronologia

Pré-história

Coordenada

40.8638724; -8.2423770

Altitude

1090 m

Descrição

O sítio foi identificado em 2005, no âmbito de trabalhos de prospeção de EIA - Parque Eólico Arada/ Montemuro, por João Caninas. Foi registado como «montículo, com cerca de 15 m de diâmetro e 1,60 m a 0,80 m de altura. *«A mamoas está profundamente violada exibindo uma cratera com cerca de 5 m de diâmetro e 1,60 m de profundidade. Dentro da cratera está um bloco granítico de médio porte proveniente, provavelmente, da estrutura dolménica. Observam-se algumas pedras de pequeno porte à superfície pertencentes ao revestimento».*

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2549907>

Conservação

Regular

Acesso

Localiza-se num planalto, no sopé do Cabeço do Serlei, próximo a uma portela, e a escassos metros de um caminho antigo que sobe de Gestoso em direção ao Videiro, passando pelo sopé Norte do referido cabeço. (não confundir com o troço de via (romana?) ou caminho que sobre de Gestoso em direção à Portela da Anta, passado a Sul do Cabeço).

Observações

Todavia, na recente revisão, entendemos que o local poderá ser, na realidade, uma cratera resultado de exploração mineira. Nas imediações (pouquíssimos metros), existem várias crateras semelhantes, sanjas e poços, bem como estruturas em granito (habitações?) que indicam a presença de exploração mineira. Uma pesquisa no registo de manifesto de minas, é possível perceber que Albergaria/Gestoso tem pedido de concessão mineira em 1941 para estanho (cassiterite) e volframite. Não desconsiderando a possibilidade de uma mamoas, entendemos que deverá constar, também, este registo/interpretação.

Bibliografia

CANINAS, CANHA E HENRIQUES, 2002

Nr.º CAA / 316/ SERLEI 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cabeço do Serlei, Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.865206; -8.244265

Altitude 1080 m

Descrição Pequeno montículo, com cerca de 4m de diâmetro e 0,40 altura. É composto, na sua maioria, porque quartzos de pequena e média dimensão, bem como algumas pedras em granito da mesma volumetria. Destaca-se na paisagem, em planalto, pela presença aglomerada de quartzo.

Conservação Regular

Acesso Localiza-se num planalto, no sopé do Cabeço do Serlei, próximo a uma portela, e após atravessar a Exploração Mineira que se encontra num caminho antigo que sobe de Gestoso em direção ao Videiro, passando pelo sopé Norte do referido cabeço. Esta encontra-se a sul desta exploração.

Observações Achador: Luís da Silva Alexandre

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 317/ CABAÇOS 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cabaços/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.85687 -8.27832

Altitude

Descrição Bloco solto em xisto, de disposição irregular, com medidas aproximadas de 60cm x 40cm. Atualmente disposto na horizontal, encontra-se numa encosta voltada à aldeia da Castanheira. Apresenta dois cruciformes inscritos em círculo, numa das faces

Conservação Regular

Acesso Pelo PR entre Cabaços e Castanheira, após vencido o declive.

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia e André Saraiva

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 318/ CABAÇOS 2

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Cabaços/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.85687 -8.27832

Altitude

Descrição Bloco solto em xisto, de disposição irregular, com medidas aproximadas de 60cm x 40cm. Atualmente disposto na horizontal, encontra-se numa encosta voltada à aldeia da Castanheira. Apresenta figuras gravadas tais como fossetes e sulcos profundos, numa das faces.

Conservação Regular

Acesso Pelo PR entre Cabaços e Castanheira, após vencido o declive.

Observações Achador: Joaquim Barbosa, Marta Correia e André Saraiva

Inédito

Nr.º CAA / 319/ PROVA 5

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Monte da Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.883640; -8.137670

Altitude 791 m

Descrição Mamoa com cerca de 8 metros de diâmetro, composta por granito de pequena e média dimensão. Ao centro é perceptível ainda os restos de uma estrutura dolménica.

Localiza-se numa zona planáltica, a cerca de 40 metros da Prova 6 e a uns 5 metros de um marco de propriedade.

Conservação Regular

Acesso A partir da estrada M567, ao passar o corte de Silveiras e ao chegar ao Alto do Campelinho (sentido Arouca - S. Macário), cortar à direita para Regoufe pela CM1256. Cerca de 500 metros à frente, ao chegar a uma curva-contracurva, em descida, deverá parar a viatura e tomar o caminho florestal da direita, em direção ao Monte da Prova. A sepultura ficará no final desse caminho, à direita, a cerca de 500 metros do início.

Observações Achador: Manuel Valério

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 320/ PROVA 6

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Monte da Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.884000; -8.136610

Altitude 792 m

Descrição Possível mamoa, composta por pedras de granito de pequena e média dimensão, com cerca de 7 metros de diâmetro. Ao centro identificam-se 3 a 4 esteios que poderiam corresponder a uma estrutura dólmenica, semelhante à da sepultura 5. Situa-se numa zona planáltica, a cerca de 2 metros de um marco de propriedade. Dista da sepultura 5 uns 40 metros e uns 20 metros da estrutura Prova 7.

Conservação Regular

Acesso A partir da estrada M567, ao passar o corte de Silveiras e ao chegar ao Alto do Campelinho (sentido Arouca - S. Macário), cortar à direita para Regoufe pela CM1256. Cerca de 500 metros à frente, ao chegar a uma curva-contracurva, em descida, deverá parar a viatura e tomar o caminho florestal da direita, em direção ao Monte da Prova. A sepultura ficará à esquerda do caminho, a cerca de 450 metros do início.

Observações Achador: Manuel Valério

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 321/ PROVA 7

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Monte da Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Indeterminado

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.884400; -8.136070

Altitude 788 m

Descrição Estrutura semicircular, com cerca de 12 metros de comprimento e 1 metro e meio de largura, composta por pedras de granito e quartzo de pequena e média dimensão. Esta estrutura liga-se a uma outra que aparenta ser os alicerces e derrube de um antigo muro de delimitação de propriedade, estendendo-se por vários metros em direção a Este. A sua funcionalidade e antiguidade é dúbia, mas a identificação de uma mó manual de vaivém inserida na estrutura, bem como a sua proximidade a sepulturas pré-históricas, mereceu o seu registo como sítio com potencial arqueológico.

Conservação Indeterminado

Acesso A partir da estrada M567, ao passar o corte de Silveiras e ao chegar ao Alto do Campelinho (sentido Arouca - S. Macário), cortar à direita para Regoufe pela CM1256. Cerca de 500 metros à frente, ao chegar a uma curva-contracurva, em descida, deverá parar a viatura e tomar o caminho florestal da direita, em direção ao Monte da Prova. A estrutura ficará à esquerda do caminho, a cerca de 400 metros do início e numa pendente para uma linha de água, ao fundo dos derrubes de um limite de propriedade.

Observações Achador: Luís da Silva Alexandre, Marta Correia, André Saraiva, Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 322/ PROVA 8

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Monte da Prova, Regoufe/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-historia

Coordenada 40.889200; -8.136830

Altitude 820 m

Descrição Mamoa, com cerca de 12 metros de diâmetro e 1 metro de altura, localizada junto a um caminho de acesso ao monte da Prova, numa zona de cumeada. Está implantada na proximidade de um afloramento granítico, pelo que se funde com este, embora seja bastante evidente a sua couraça em pedra granítica de pequena e média dimensão, bem como uma cratera de violação.

Conservação Regular

Acesso A partir da estrada M567, ao passar o corte de Silveiras e ao chegar ao Alto do Campelinho (sentido Arouca - S. Macário), cortar à direita para Regoufe pela CM1256. Cerca de 400 metros à frente, antes de chegar a uma curva-contracurva, parar a viatura a meio da reta. Deverá tomar um caminho florestal à direita, próximo a uma linha de água, em direção ao cabeço do Monte da Prova. A sepultura ficará imediatamente à direita do caminho, a cerca de 150 metros do início, quanto atingir um ponto de cumeada.

Observações Espólio: Fragmento de bordo e arranque do colo. Achador: Vítor Barbosa, Joaquim Barbosa

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 323/ CHÃ DE ANTA 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Chã de Anta, Silveiras/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Mamoa

Cronologia Pré-história

Coordenada 40.896031; -8.151297

Altitude 731 m

Descrição Mamoa localizada num planalto, entre duas cumeadas, com cerca de 11 metros de diâmetro e mais de 50 cm de altura. É composta por granitos de pequena e média dimensão, apresentando uma cratera de violação ao centro. A cerca de 2 metros a Este, identificam-se alguns esteios que poderiam pertencer à estrutura dolménica.

Conservação Regular

Acesso Na estrada M567, sentido Arouca - Regoufe, parar a viatura logo a seguir ao corte de Silveiras, a cerca de 300m. Na curva, subir pelo monte em direção à cela, entre as cumeadas. A mamoa fica a cerca de 100 metros da estrada.

Observações

Bibliografia PEREIRA DA SILVA, s.d.;

Nr.º CAA / 324/ CASA DA RIBEIRA

Designação

CNS 23443

Lugar/ freguesia Vila de Arouca/ Arouca e Burgo

Tipologia Habitação

Cronologia Contemporâneo

Coordenada 40.929177, -8.245721

Altitude

Descrição

«O edifício de século XVII designado como "Casa da Ribeira", situado na actual Rua Alfredo Vaz Pinto, representa um dos mais belos exemplares da arquitectura arouquense. "É constituída por um rés-do-chão e um 1.º andar. O rés-do-chão tem uma estrutura em granito argamassado onde sobressaiem ombreiras e lintéis, num dos quais existe a seguinte inscrição "NON SINE INVIDIA ANNO 1686". O acesso ao 1.º andar fazia-se interiormente através de uma escada de madeira. A sua estrutura mais recuada, devido à presença da varanda (;), era feita com tradicional tabique. Era neste andar que se situavam os quartos de dormir e a sala. O telhado, que corria até cobrir a varanda, era em telha do tipo nacional" (Silva 1993:47). O espólio compreende essencialmente cerâmica, totalizando 837 fragmentos, entre cerâmica de construção e cerâmica de uso doméstico. A cerâmica de construção (telha de caleira ou dita nacional e tijolo) predomina largamente em relação à de uso doméstico, atingindo 67,1% da totalidade do espólio contabilizado. Entre esta cerâmica impera a telha de caleira ou dita nacional, totalizando cerca de 95%, sendo os restantes 5% representados por fragmentos de tijolo. Apesar das dificuldades de datação deste material, a análise da cerâmica doméstica que ocorre nos mesmos contextos permite que apontemos os séculos XVIII e XIX, no geral, como cronologia da sua produção. A cerâmica de uso doméstico representa apenas 32,9 % do espólio exumado. No geral, predominam as faianças (33,1%), as peças com pastas de barro vermelho (36,7%) e as de barro preto (20,3%), sendo a olaria com revestimento vidrado a chumbo menos frequente (7,2%) e rara a porcelana. Podemos verificar que perto de metade do conjunto cerâmico corresponde à época em que a casa terá sido construída e à sua primeira utilização, entre os séculos XVII e XVIII. Os materiais mais antigos, porém, são constituídos por um conjunto de fragmentos de cronologia tardo-medieval, maioritariamente de pastas cinzentas produto de cozeduras redutoras, e por vezes com decorações características destes ambientes cerâmicos, como as unhas sobre as asas de fita ou os bordos denteados. Da transição entre a Idade Média e a Época Moderna devemos destacar um belo fragmento de uma taça com decoração a azul cobalto e dourado, provavelmente das oficinas de Paterna ou Manises, em Valência, e datável entre as séries clássicas desta loza dorada do século XVI. A quase totalidade da olaria preta e vermelha exumada corresponde a fabricos dos séculos XVII e XVIII, bem representados por algumas dezenas de fragmentos de louça vermelha de

Aveiro-Ovar, com as características decorações de linhas brunidas sobre a superfície engobada das vasilhas. Mas destas centúrias encontrámos também diversos exemplares de cerâmica vidrada e sobretudo de faiança portuguesa, esta última infelizmente ilustrada por fragmentos de muito pequena dimensão, reconhecendo-se alguns tópicos decorativos ainda seiscentistas mas sobretudo os pratos e taças ornados de barras a azul nos bordos e fundos, com ziguezagues em vinoso. Algumas das faianças, escassas, evidenciam as produções industriais primitivas do último quartel do século XVIII e inícios do XIX, estando bem mais representadas as faianças industriais fabricadas entre meados do século XIX e os começos da centúria seguinte, de tradição nacional ou reproduzindo modelos britânicos, decoradas por decalque impresso. Desta época, aliás, reconhecem-se também restos de recipientes com revestimento de vidrado plumbífero, porventura de produção barcelense. Entre o espólio não cerâmico contam-se diversos fragmentos de vidro, de fabrico contemporâneo, e cinco moedas em bronze, correspondendo estas últimas a espécimes de 10 e 20 centavos cunhados entre 1924 e 1940, enquanto o quinto numisma, em muito mau estado de conservação, não permitiu leitura, parecendo integrar-se nas produções oitocentistas». SILVA e LEMOS 2004

- Conservação** Regular/ Escavado
- Acesso** Chega-se à vila de Arouca pela Estrada Nacional 326, quem vem do Porto. Uma vez na Avenida 25 de Abril virar para a Praça Brandão de Vasconcelos. Aqui deve-se seguir pela Travessa da Alameda até à Rua Alfredo Vaz Pinto onde se atinge o edifício do século XVII.
- Observações** ZEP - Zona Especial de Protecção
- Bibliografia** SILVA E LEMOS 2004

Nr.º CAA / 325/ CHÃO DAS CASAS

Designação

CNS 16876

Lugar/

Chão das Casas, Cando/ Cabreiros e Albergaria

freguesia

Tipologia

Arte Rupestre

Cronologia

Indeterminado

Coordenada

40.880252; -8.237924

Altitude

1000 m

Descrição

«Bloco de xisto gravado com uma covinha. Trata-se de um bloco de xisto com cerca de 1 metro de comprimento e 40 cm de largura máxima. A covinha tem uma forma ovalada com 8 cm de comprimento por 6 cm de largura e uma profundidade de 4 cm». DESCRIÇÃO DO ENDOVÉLICO

Conservação

Indeterminado/ Não localizado

Acesso

Observações

Sítio registado no Endovélico, mas com pouca informação e que não conseguimos identificar nos recentes trabalhos.

Bibliografia

CANINAS, CANHA E HENRIQUES, 2002

Nr.º CAA /	326/ NECRÓPOLE DA BÓCA
Designação	
CNS	31220
Lugar/ freguesia	Bóco, Bóca/ Canelas e Espiunca
Tipologia	Necrópole
Cronologia	Romano
Coordenada	40,968981; -8,207189
Altitude	320 m
Descrição	«Durante a abertura de uma vala para instalação de um tubo de escoamento de águas pluviais, foi detetada a presença de fragmentos de cerâmicas e vidros. Era observável a presença de uma peça cerâmica in situ, fraturada, que parecia corresponder a um recipiente fechado, com asas. Não eram visíveis restos ósseos, o que aliado à tipologia do contexto, permitia interpretar o achado como uma sepultura romana de incineração, em covacho simples». https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2817489
Conservação	Indeterminado/ Destruído
Acesso	Pela estrada principal que conduz de Arouca ao Centro da freguesia de Canelas.
Observações	O mobiliário funerário da sepultura 1 era composto por 7 peças cerâmicas (4 pratos, 1 taça/tigela, 1 bilha, 1 jarro e 1 recipiente de vidro - copo ou taça), encontra-se exposto no Museu das Trilobites de Caneças. No local onde se encontrava o sítio, parece existir hoje uma moradia.
Bibliografia	SILVA et al. 2013

Nr.º CAA / 327/ CONHEIRAS DO PAIVA

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Areeiro, Janarde/ Covêlo de Paivó e Janarde

Tipologia Conheiras

Cronologia Romano

Coordenada 40.925539, -8.153479

Altitude 180 m

Descrição Nas proximidades da aldeia de Janarde é facilmente observável, do ponto alto sobranceiro à mesma, mas já na margem direita do rio, na freguesia de Alvarenga, uma antiga exploração de ouro aluvionar, provavelmente iniciada pelos romanos. O minério estaria contido nos depósitos acumulados na fase convexa dos meandros (amontoados de seixos e calhaus rolados). Este conjunto de amontoados de seixos rolados testemunham a lavra a céu aberto nas margens do Paiva. Os conheiros resultam do desmonte dos terraços fluviais através da lavagem de matriz fina. Este sítio está também integrado no Itinerário C da Rota dos Geosítios, devido ao valor geológico presente, estando ao nosso alcance atribuir-lhe, igualmente, o valor arqueológico-cultural.

Conservação Regular

Acesso

Observações

Bibliografia ROCHA 2008, FIGUEIREDO e SILVA 2006b:524; COUTO et al. 2010; BERNARDO et. Al. 2019; BASTOS et. Al. 2019;

Nr.º CAA / 328/ CARVALHAIS
Designação
CNS

Lugar/ Alvarenga
freguesia

Tipologia Indeterminado

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.981673; -8.192141

Altitude 280 m

Descrição Acompanhando o antigo caminho que conduzia ao Paiva, num local de entroncamento de caminhos, identifica-se uma parede em granito amarelo erodido, com um conjunto de cruzes gravadas na rocha. O Sítio é composto por três nichos. O nicho mais pequeno, à esquerda dos restantes, possui cerca de 20 centímetros de altura e uma cruz antropomórfica, um outro com cerca de 30 centímetros e igualmente uma cruz gravada, e um terceiro com cerca de 1 metro, exibindo uma cruz e PN (Pater Noster). A sua proximidade com o sítio arqueológico dos Carvalhais possibilita a sua associação ao período medieval/moderno.

Conservação Mau

Acesso Ao chegar à entrada do caminho de acesso à Ponte Suspensa 516 Arouca, dirigir-se em direção ao Paiva, para norte, pelo antigo caminho de acesso. As cruzes ficam a cerca de 200 metros, num talude que se apresentará à esquerda.

Observações Achador: Galvão Teles

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 329/ JUNQUEIRO 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40,8634266; -8,2653257

Altitude 1000 m

Descrição Monólito granítico com gravuras de covinhas e uma cruz.

Conservação Regular

Acesso Na calçada que atravessa o Junqueiro, em direção à Portela da Anta. O monólito localiza-se no lado direito da estrada, junto à segunda ponte (após o geossítio Pedras Boroas).

Observações

Bibliografia SILVA, LEITE E ROCHA 2009:108,123; ALDA 2014; BETTENCOURT, Ana. CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre no Noroeste Português - www.cvarn.org;

Nr.º CAA / 330/ MERUJAL 1

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Estação da Biodiversidade, Merujal/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Indeterminado

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40,8685463; -8,2870891

Altitude 1000 m

Descrição Identificados três montículos artificiais de pedra granítica, de pequenas dimensões, com cerca de 2,5 m de diâmetro.

Conservação Regular

Acesso Junto ao PR 15, que passa entre o Parque de Merendas do Merujal em direção à Mijarela. Fica junto do painel P4.

Observações Achador: Luís da Silva Alexandre

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 331/ PORTELA DA ANTA 4

**Designação
CNS**

**Lugar/
freguesia** Portela da Anta, Junqueiro/ Cabreiros e Albergaria

Tipologia Calçada

Cronologia Romano

Coordenada 40,8615388; -8,2653317

Altitude 1000 m

Descrição Troço de calçada, possivelmente de origem romana, com cerca de 8m de comprimento por 3,5 largura. É composta por lajes de média e grande dimensão. Este troço liga com o já identificado no lugar do Cruzeiro, em Escariz, ou de Venda da Serra. Entra em Arouca por Gestoso e seria proveniente de Viseu.

Conservação Regular

Acesso Pelo caminho de paralelos, que leva do Detrelo da Malhada à Portela da Anta. O troço é visível no caminho que dá acesso deste à Portela da Anta, estando esta assinalada por sinalética.

Observações Nota para que deverá ser assinalado todo o seu traçado em Carta Arqueológica de Arouca, destacando, no que à Serra da Freita diz respeito, o troço da Portela da Anta e junto à Igreja de Albergaria da Serra.

Bibliografia Inédito

Nr.º CAA / 332/ SENHORA DA LAJE 2
Designação

CNS

**Lugar/
freguesia** Senhora da Laje, Merujal/ Urrô

Tipologia Arte Rupestre

Cronologia Indeterminado

Coordenada 40.878579; -8.303040

Altitude 875 m

Descrição *O afloramento é impressionante, pois encontra-se isolado dos que ocorrem nas imediações. Tem forma sensivelmente cónica para quem dele se aproxima vindo do vale, ou do caminho da Corga, mas também do planalto. Pelo lado nascente apresenta um vasto declive. Pelo lado sul apresenta pequenos patamares onde se localizam as gravuras. Nele distinguimos 3 painéis individualizados pelas diferentes cotas em que se registam as gravuras. Em dois dos painéis registam-se unguados de animais, talvez de bovinos. No terceiro painel gravaram-se covinhas de dimensões muito idênticas, e profundas, alinhadas num segmento quase reto.*

Conservação Regular

Acesso Afloramento existente à esquerda da capela da Senhora da Laje.

Observações

Bibliografia SILVA, A.M.S.P.; LEITE, J.; FIGUEIREDO, M.V. & LEMOS, P. 2013.

Nr.º CAA / 333/ CASTELO DE AROUCA

Designação

CNS 3321

Lugar/ freguesia São João de Valinhas/ Santa Eulália/ Arouca e Burgo

Tipologia Castelo

Cronologia Idade do Ferro/ Romano/ Medieval

Coordenada 40.935880; -8.264316

Altitude 445 m

Descrição

«No monte de S. João de Valinhas existem importantes vestígios de ocupação humana ao longo de mais de 2000 anos. Na verdade, as condições topográficas daquele relevo, um esporão que domina visualmente todo o vale de Arouca, foram propícias à fixação de uma comunidade nos inícios da época castreja, entre os séculos X e VIII antes de Cristo. Desses tempos do "Bronze Final" - os mais recuados da ocupação do monte, nesta fase da investigação - não foram ainda localizadas nas escavações arqueológicas efetuadas quaisquer estruturas, mas apenas algum espólio lítico e cerâmico, no geral descontextualizado.

O castro da Idade do Ferro, similar, no essencial, a tantos povoados congêneres que nesses tempos enxamearam o NO. Peninsular (como as Citânias de Sanfins, Briteiros, Monte Mòzinho ou - mais próximo de Arouca - o Castro de Romariz) ter-se-á desenvolvido em particular nas encostas voltadas a Sul e Sudeste, aproveitando ou preparando plataformas entre os maciços graníticos que afloram em abundância. Os principais vestígios arquitetónicos dessa época visíveis de momento são constituídos pelos restos de uma construção de planta circular, associada a um murete de sustentação de terras, e à base de uma outra estrutura subcircular talhada no saibro natural. O castro de Valinhas foi depois romanizado a partir, provavelmente, do séc. I a.C., do que são testemunho numerosos restos cerâmicos, vítreos, líticos, metálicos, numismáticos, etc. Alicerces de construções de planta retangular, correspondendo a diferentes fases de edificação em época tardo-romana, documentam amplamente este período. Por fim, esta ocupação, que porventura terá tido continuidade no período alti-medieval, foi concluída com a instalação de um castelo roqueiro da época da Reconquista no topo rochoso que coroa o monte. Da cerca defensiva então erguida restam vários entalhes e desbastes na penedia granítica, bem como silhares dispersos. Do derrube das construções e porventura da torre que a pequena fortificação terá possuído é proveniente uma potente camada de blocos - que chega a atingir mais de um metro - existente no topo superior. A grande abundância de fragmentos de recipientes cerâmicos e de objetos em ferro (pregos, lâminas, pontas de seta e de virote, uma fivela, etc.) dá conta de uma ocupação expressiva e demorada, que terá tido o seu termo provavelmente entre a 2ª metade do séc. XII e a 1ª metade do séc. XIII. Num pequeno colo a Nascente do castelo, a área onde se situavam alguns

edifícios de época tardo-romana terá sido em época medieval reutilizada para a instalação de uma oficina de metalurgia do ferro, da qual foram já reconhecidos restos de pelo menos um forno de redução e um volumoso escorial associado.

Com a reorganização administrativa da 2ª metade do séc. XI a fortaleza foi constituída em "Cabeça de Terra", pelo que é legítimo designar as ruínas arqueológicas detetadas no monte de S. João de Valinhas como o próprio Castelo de Arouca». TEXTO DA CARTA ARQUEOLÓGICA DE AROUCA/ BASE DADOS ACCESS 2000

Conservação

Mau

Acesso

A estrada que liga Arouca, pelo Calvário, à freguesia de Santa Eulália constitui o melhor acesso ao castro. Um largo estradão em terra (com correspondência num caminho do outro lado da estrada) dá acesso à Capela de S. João de Valinhas e à área arqueológica superior (ruínas romanas e castelo), devendo para tal subir-se o estradão cerca de 450 metros e depois voltar-se à esquerda até ao fim do caminho. Para as ruínas castrejo-romanas, situadas na encosta Sudeste, pode também subir-se por um estradão junto à Capela de S. Tiago, que se encontra perto da estrada, no lugar de Crasto.

Observações

O sítio tem vindo a ser densamente colonizado por espécies invasoras, como Acácias, colocando em risco estruturas que foram, desde 2008, deixadas a descoberto. Todo o sítio necessita de limpeza e trabalhos de conservação/valorização;

Bibliografia

SILVA et. Al. 2000; SILVA 2004:340; SILVA 2011; SILVA & RIBEIRO 2013; 2014; 2015;

Nr.º CAA / 334/ REGUENGO
Designação

CNS 12853

**Lugar/
freguesia** Reguengos/ Urrô

Tipologia Tesouro

Cronologia Romano

Coordenada 40.918577; -8.292187

Altitude 275 m

Descrição *«O tesouro numismático do Reguengo é constituído por 3057 moedas, 30 das quais fragmentadas. As moedas são todas de liga de cobre e predomina a cunhagem entre o 2º quartel e meados do séc. IV. As moedas encontravam-se depositadas num vaso cerâmico, de que se encontraram cerca de uma centena de fragmentos e do qual foi possível reconstituir uma grande parte do perfil. Trata-se de um recipiente de fundo plano e bojo globular, de pasta vermelha e cozedura oxidante. A superfície é alisada por toda a peça e, a separar o colo da pança, apresenta três sulcos obtidos por incisão larga e pouco profunda. Não foi encontrado qualquer outro vestígio num raio de cerca de 200 metros do local do achado».* DESCRIÇÃO DO ENDOVÉLICO

Conservação Regular/ Escavado

Acesso

Observações

Bibliografia MARQUES et. Al. 2002

ANEXO 3 – FOTOGRAFIAS DOS SÍTIOS

NR. ° FOTOGRAFIA/ NR. ° SÍTIO/ DESIGNAÇÃO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO

○ Fotografia 1 - 001_Portela da Anta 1	409
○ Fotografia 2- 002_Monte Calvo 1	409
○ Fotografia 3- 003_Monte Calvo 2	409
○ Fotografia 4 - 005_Detrelo 1	410
○ Fotografia 5- 006_Detrelo 2	410
○ Fotografia 6 - 007_Detrelo 3	410
○ Fotografia 7- 008_Detrelo 4	411
○ Fotografia 8 - - 009_Moinho de Vento.....	411
○ Fotografia 9 - 010_Chã da Corujeira.....	411
○ Fotografia 10 - 011_Alto da Chã 1	412
○ Fotografia 11- 012_Alto da Chã 2	412
○ Fotografia 12 - 013_Alto da Chã 3	412
○ Fotografia 13- 014_Chã de Mina/ Vale de Mina	413
○ Fotografia 14 - 015_Muronçal 1	413
○ Fotografia 15 - 018_S. Pedro do Campo 2	413
○ Fotografia 16 - 019_Vale do Asno	414
○ Fotografia 17 - 021_Paúl das Merendas 1	414
○ Fotografia 18 - 022_Paúl das Merendas 2	414
○ Fotografia 19 - 024_Córregos 1	415
○ Fotografia 20- 025_Córregos 2	415
○ Fotografia 21 - 028_Quinta d'Entre Águas	415
○ Fotografia 22- 029_Cando 1	416
○ Fotografia 23- 032_Vilarinho	416
○ Fotografia 24- 033_Couto de Mós 1	416
○ Fotografia 25 - 039_Alto do Campelinho 2	417
○ Fotografia 26 - 040_Alto do Campelinho 3	417
○ Fotografia 27 - 041_Alto do Campelinho 4	417
○ Fotografia 28 - 042_Alto do Campelinho 5	418
○ Fotografia 29- 043_Alviada 1	418
○ Fotografia 30- 044_Alviada 2	418
○ Fotografia 31- 046_Alviada 4	419
○ Fotografia 32 - 049_Alviada 7	419
○ Fotografia 33 - 052_Alagoas 3	419
○ Fotografia 34- 053_Alagoas 4	420
○ Fotografia 35-054_Alagoas 5	420
○ Fotografia 36 - 055_Alagoas 6	420
○ Fotografia 37- 059_Gestosa 1	421
○ Fotografia 38 - 060_Gestosa 2	421
○ Fotografia 39 - 061_Vizo 1	421

○ Fotografia 40- 065_Urreira 1.....	422
○ Fotografia 41 - 068_Urreira 4	422
○ Fotografia 42 - 071_Urreira 7	422
○ Fotografia 43 - 072_Urreira 8	423
○ Fotografia 44 - 074_Urreira 10	423
○ Fotografia 45 - 076_Coval 1.....	423
○ Fotografia 46- 077_Coval 2.....	424
○ Fotografia 47- 078_Coval 3.....	424
○ Fotografia 48 - 081_Venda da Serra 2.....	424
○ Fotografia 49 - 082_Venda da Serra 3.....	425
○ Fotografia 50 - 085_Caçus 2.....	425
○ Fotografia 51 - 087_Alвите de Baixo 2	425
○ Fotografia 52 - 088_Toutenheira 1	426
○ Fotografia 53 - 092_Gozendas 1	426
○ Fotografia 54- 093_Vila Viçosa 1	426
○ Fotografia 55 - 094_Portela de Moldes.....	427
○ Fotografia 56- 095_Arreçaiο 1.....	427
○ Fotografia 57 - 096_Arreçaiο 2.....	427
○ Fotografia 58- 098_Arreçaiο 4.....	428
○ Fotografia 59- 100_Arreçaiο 6.....	428
○ Fotografia 60 - 105_Sernandes 3.....	428
○ Fotografia 61 - 106_Sernandes 4.....	429
○ Fotografia 62 - 107_Mamoela 1	429
○ Fotografia 63 - 109_Monte da Cana	429
○ Fotografia 64 - 110_Chão de Alagoa 1	430
○ Fotografia 65 - 111_Chão de Alagoa 2	430
○ Fotografia 66 - 112_Barraca 1	430
○ Fotografia 67 - 113_Barraca 2	431
○ Fotografia 68 - 114_Cumeeira 2	431
○ Fotografia 69 - 115_Fermedo.....	431
○ Fotografia 70 - 116_Fermedo 2	432
○ Fotografia 71 - 117_Inscrição S. Miguel do Mato	432
○ Fotografia 72 - 118_Menir da Jugada.....	432
○ Fotografia 73 - 119_Vale do Lameiro.....	433
○ Fotografia 74 - 120_Côto do Crasto	433
○ Fotografia 75 - 121_Senhor dos Aflitos.....	433
○ Fotografia 76 - 122_Senhor dos Aflitos.....	434
○ Fotografia 77 - 123_Carvalhais 1@João Martins.....	434
○ Fotografia 78 - 124_Cortegada.....	434
○ Fotografia 79 - 125_Pelourinho de Trancoso	435
○ Fotografia 80 - 126_Valinhas 1	435
○ Fotografia 81 - 127_Marmoiral de Santo António.....	435

○ Fotografia 82 - 128_Igreja de Santa Eulália	436
○ Fotografia 83 - 129_Gralheira d'Água @Avelino Vieira.....	436
○ Fotografia 84 - 130_S. Tiago_Capela	436
○ Fotografia 85 - 131_Pelourinho do Burgo	437
○ Fotografia 86 - 132_Casinhãs 1	437
○ Fotografia 87 - 133_Casinhãs 2	437
○ Fotografia 88 - 134_Casinhãs 3	438
○ Fotografia 89 - 135_Coruto	438
○ Fotografia 90 - 136_Cidade 1	438
○ Fotografia 91 - 137_Malafaia	439
○ Fotografia 92 - 138_Igreja de Várzea.....	439
○ Fotografia 93 - 139_Venda Nova	439
○ Fotografia 94 - 140_Apegada	440
○ Fotografia 95 - 141_Pousadouro	440
○ Fotografia 96 - 142_Torre dos Mouros	440
○ Fotografia 97 - 144_Devesa da Mó.....	441
○ Fotografia 98 - 148_Alto da Drave 1	441
○ Fotografia 99 - 149_Três Irmãos	441
○ Fotografia 100 - 150_Senhora da Laje 1	442
○ Fotografia 101- 152_Pelourinho de Arouca.....	442
○ Fotografia 102 - 153 - Mosteiro de Arouca	442
○ Fotografia 103 - 154_Pombal do Parque	443
○ Fotografia 104 - 155_Cruzeiro	443
○ Fotografia 105 - 156_Fojo 1	443
○ Fotografia 106 - 157_Fojo 2.....	444
○ Fotografia 107 - 158_Fojo 3.....	444
○ Fotografia 108 - 162_Igreja de Rossas @Avelino Vieira	444
○ Fotografia 109 - 164_Pelourinho de Cabeçais	445
○ Fotografia 110 - 165_Cidade 2	445
○ Fotografia 111 - 166_Igreja do Burgo.....	445
○ Fotografia 112 - 168_Alto do Seixo 1	446
○ Fotografia 113 - 169_Alto do Seixo 2	446
○ Fotografia 114 - 170_Alto do Seixo 3	446
○ Fotografia 115 - 175_Calçada de Venda da Serra.....	447
○ Fotografia 116 - 177_Rio de Frades	447
○ Fotografia 117 - 178_Regoufe.....	447
○ Fotografia 118 - 179_Estrada Velha 2	448
○ Fotografia 119 - 181_Couto de Mós 5.....	448
○ Fotografia 120 - 183_Capela de S. Pedro	448
○ Fotografia 121 - 184_Portela da Anta 2.....	449
○ Fotografia 122 - 185_Alagoas 12	449
○ Fotografia 123 - 186_Muronçal 2.....	449

○ Fotografia 124 - 187_Muronçal 3.....	450
○ Fotografia 125 - 188_Igreja de Alvarenga	450
○ Fotografia 126 - 189_Prova 1	450
○ Fotografia 127 - 190_Prova 2	451
○ Fotografia 128 - 191_Prova 3	451
○ Fotografia 129 - 192_Prova 4	451
○ Fotografia 130 - 193_Forno da Telha 1	452
○ Fotografia 131 - 195_Alto do Pereiro.....	452
○ Fotografia 132 - 196_Portela da Anta 3.....	452
○ Fotografia 133 - 292_Ameixieira	453
○ Fotografia 134 - 293_Rocha de S. João de Valinhas	453
○ Fotografia 135 - 294_ Quinta do Paço.....	453
○ Fotografia 136 - 295_Gozendas 2	454
○ Fotografia 137 - 296_Gozendas 3	454
○ Fotografia 138 - 297_Gozendas 4	454
○ Fotografia 139 - 298_ Barrosa	455
○ Fotografia 140 - 299_Boavista	455
○ Fotografia 141 - 301_Calvário de Mansores	455
○ Fotografia 142 - 303_Selada.....	456
○ Fotografia 143 - 304_ Rego da Portela	456
○ Fotografia 144 - 305_Gravura do Cando @Joaquim Barbosa	456
○ Fotografia 145 - 306_Gravura Radar @Joaquim Barbosa.....	457
○ Fotografia 146 - 307_Gravura de Povos @ Joaquim Barbosa	457
○ Fotografia 147 - 309_Patoleiro.....	457
○ Fotografia 148 - 310_Fraga dos 7 riscos	458
○ Fotografia 149 - 311_Cando 2	458
○ Fotografia 150 - 313_Cando 4	458
○ Fotografia 151 - 314_Serlei 3	459
○ Fotografia 152 - 315_Serlei 1	459
○ Fotografia 153 - 316_Serlei 2	459
○ Fotografia 154 - 319_Prova 5	460
○ Fotografia 155 - 320_Prova 6	460
○ Fotografia 156 - 321_Prova 7	460
○ Fotografia 157 - 322_Prova 8	461
○ Fotografia 158 - 323_Chã de Anta 1	461
○ Fotografia 159 - 326_Bóco	461
○ Fotografia 160 - 328_Carvalhais	462
○ Fotografia 161 - 329_Junqueiro 1	462
○ Fotografia 162 - 330_Merujal 1.....	462
○ Fotografia 163 - 331_Portela da Anta 4.....	463
○ Fotografia 164 - 332_Senhora da Laje 2	463
○ Fotografia 165 - 333_Castelo de Arouca	463

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS SEM FOTOGRAFIA

- 004_Braceiro
- 016_Senhora do Monte 1
- 017_Senhora do Monte 2
- 020_Senhor dos Aflitos 1
- 023_Paúl das Merendas 4
- 026_Córregos 3
- 030_Vila Cova 1
- 031_Vila Cova 2
- 034_Couto de Mós 2
- 035_Couto de Mós 3
- 036_Farrapa 1
- 037_Farrapa 2
- 038_Alto do Campelinho 1
- 045_Aliviada 3
- 047_Aliviada 5
- 048_Aliviada 6
- 050_Alagoas 1
- 051_Alagoas 2
- 056_Alagoas 8
- 057_Alagoas 10
- 058_Alagoas 11
- 062_Vizo 2
- 063_Vizo 3
- 064_Vizo 4
- 066-Urreira 2
- 067_Urreira 3
- 069_Urreira 5
- 070_Urreira 6
- 073_Urreira 9
- 075_Calvário 1
- 079_Coval 04
- 080_Venda da Serra 1
- 083_Venda da Serra 4
- 084_Caçus 1
- 086_Alвите de Baixo 1
- 089_Toutenheira 2
- 090_Toutenheira 3
- 091_Núcleo dos Morouços
- 097_Arreçaió 3
- 099_Arreçaió 5
- 101_Arreçaió 7
- 102_Arreçaió 8
- 103_Sernandes 1
- 104_Sernandes 2
- 108_Mamoela 2
- 143_Bacelo
- 145_Estrada Velha
- 146_Alvariça
- 147_Mosteiro de Espiunca
- 151_Portelada
- 159_Fojo 4
- 160_Armada
- 161_Rossio 1
- 163_Aborrida
- 167_Laceiras do Côvo 1
- 171_Alto do Seixo 4
- 172_Laceiras do Côvo 2
- 173_Alagoas 7
- 174_Vizo5
- 176_Farrapa 3
- 180_Couto de Mós 4
- 182_Alagoas 9
- 194_Forno da Telha 2
- 300_Fraga da Ferradura
- 302_Marca dos Mouros
- 308_S. Pedro Velho
- 312_Cando 3
- 317_Cabaços 1
- 318_Cabaços 2
- 324_Casa da Ribeira
- 325_Chão das Casas

Fotografia 1 - 001_Portela da Anta 1



Fotografia 2- 002_Monte Calvo 1



Fotografia 3- 003_Monte Calvo 2



Fotografia 4 - 005_Detrelo 1



Fotografia 5 - 006_Detrelo 2



Fotografia 6 - 007_Detrelo 3



Fotografia 7- 008_Detrelo 4



Fotografia 8 - - 009_Moinho de Vento



Fotografia 9 - 010_Chã da Corujeira



Fotografia 10 - 011_Alto da Chã 1



Fotografia 11- 012_Alto da Chã 2



Fotografia 12 - 013_Alto da Chã 3



Fotografia 13- 014_Chã de Mina/ Vale de Mina



Fotografia 14 - 015_Muronçal 1



Fotografia 15 - 018_S. Pedro do Campo 2



Fotografia 16 - 019_Vale do Asno



Fotografia 17 - 021_Paúl das Merendas 1



Fotografia 18 - 022_Paúl das Merendas 2



Fotografia 19 - 024_Córregos 1



Fotografia 20- 025_Córregos 2



Fotografia 21 - 028_Quinta d'Entre Águas



Fotografia 22- 029_Cando 1



Fotografia 23- 032_Vilarinho



Fotografia 24- 033_Couto de Mós 1



Fotografia 25 - 039_Alto do Campelinho 2



Fotografia 26 - 040_Alto do Campelinho 3



Fotografia 27 - 041_Alto do Campelinho 4



Fotografia 28 - 042_Alto do Campelinho 5



Fotografia 29- 043_Alviada 1



Fotografia 30- 044_Alviada 2



Fotografia 31-046_Alviada 4



Fotografia 32 - 049_Alviada 7



Fotografia 33 - 052_Alagoas 3



Fotografia 34- 053_Alagoas 4



Fotografia 35-054_Alagoas 5



Fotografia 36 - 055_Alagoas 6



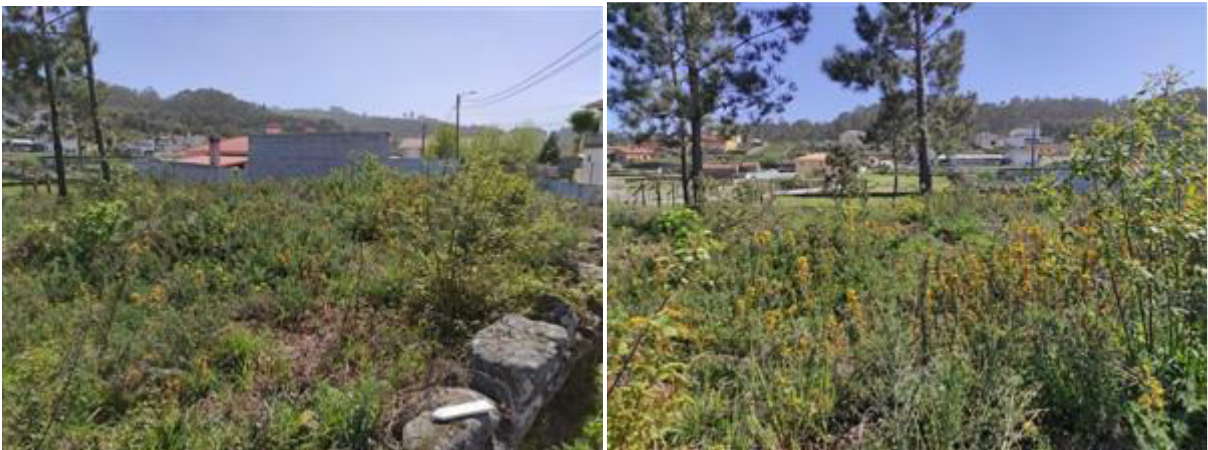
Fotografia 37- 059_Gestosa 1



Fotografia 38 - 060_Gestosa 2



Fotografia 39 - 061_Vizo 1



Fotografia 40-065_Urreira 1



Fotografia 41 - 068_Urreira 4



Fotografia 42 - 071_Urreira 7



Fotografia 43 - 072_Urreira 8



Fotografia 44 - 074_Urreira 10



Fotografia 45 - 076_Coval 1



Fotografia 46- 077_Coval 2



Fotografia 47- 078_Coval 3



Fotografia 48 - 081_Venda da Serra 2



Fotografia 49 - 082_Venda da Serra 3



Fotografia 50 - 085_Caçus 2



Fotografia 51 - 087_Alvite de Baixo 2



Fotografia 52 - 088_Toutenheira 1



Fotografia 53 - 092_Gozendas 1



Fotografia 54 - 093_Vila Viçosa 1



Fotografia 55 - 094_Portela de Moldes



Fotografia 56- 095_Arreçãio 1



Fotografia 57 - 096_Arreçãio 2



Fotografia 58- 098_Arreção 4



Fotografia 59- 100_Arreção 6



Fotografia 60 - 105_Sernandes 3



Fotografia 61 - 106_Sernandes 4



Fotografia 62 - 107_Mamoela 1



Fotografia 63 - 109_Monte da Cana



Fotografia 64 - 110_Chão de Alagoa 1



Fotografia 65 - 111_Chão de Alagoa 2



Fotografia 66 - 112_Barraca 1



Fotografia 67 - 113_Barraca 2



Fotografia 68 - 114_Cumeira 2



Fotografia 69 - 115_Fermedo



Fotografia 70 - 116_Fermedo 2



Fotografia 71 - 117_Inscrição S. Miguel do Mato



Fotografia 72 - 118_Menir da Jugada



Fotografia 73 - 119_Vale do Lameiro



Fotografia 74 - 120_Côto do Crasto



Fotografia 75 - 121_Senhor dos Aflitos



Fotografia 76 - 122_Senhor dos Aflitos



Fotografia 77 - 123_Carvalhais 1@João Martins



Fotografia 78 - 124_Cortegada



Fotografia 79 - 125_Pelourinho de Trancoso



Fotografia 80 - 126_Valinhas 1



Fotografia 81 - 127_Marmoiral de Santo António



Fotografia 82 - 128_Igreja de Santa Eulália



Fotografia 83 - 129_Gralheira d'Água @Avelino Vieira



Fotografia 84 - 130_S. Tiago_Capela



Fotografia 85 - 131_Pelourinho do Burgo



Fotografia 86 - 132_Casinhas 1



Fotografia 87 - 133_Casinhas 2



Fotografia 88 - 134_Casinhas 3



Fotografia 89 - 135_Coruto



Fotografia 90 - 136_Cidade 1



Fotografia 91 - 137_Malafaia



Fotografia 92 - 138_Igreja de Várzea



Fotografia 93 - 139_Venda Nova



Fotografia 94 - 140_Apegada



Fotografia 95 - 141_Pousadouro



Fotografia 96 - 142_Torre dos Mouros



Fotografia 97 - 144_Devesa da Mó



Fotografia 98 - 148_Alto da Drave 1



Fotografia 99 - 149_Três Irmãos



Fotografia 100 - 150_Senhora da Laje 1



Fotografia 101- 152_Pelourinho de Arouca



Fotografia 102 - 153 - Mosteiro de Arouca



Fotografia 103 - 154_Pombal do Parque



Fotografia 104 - 155_Cruzeiro



Fotografia 105 - 156_Fojo 1



Fotografia 106 - 157_Fojo 2



Fotografia 107 - 158_Fojo 3



Fotografia 108 - 162_Igreja de Rossas @Avelino Vieira



Fotografia 109 - 164_Pelourinho de Cabeçais



Fotografia 110 - 165_Cividade 2



Fotografia 111 - 166_Igreja do Burgo



Fotografia 112 - 168_Alto do Seixo 1



Fotografia 113 - 169_Alto do Seixo 2



Fotografia 114 - 170_Alto do Seixo 3



Fotografia 115 - 175_Calçada de Venda da Serra



Fotografia 116 - 177_Rio de Frades



Fotografia 117 - 178_Regoufe



Fotografia 118 - 179_Estrada Velha 2



Fotografia 119 - 181_Couto de Mós 5



Fotografia 120 - 183_Capela de S. Pedro



Fotografia 121 - 184_Portela da Anta 2



Fotografia 122 - 185_Alagoas 12



Fotografia 123 - 186_Muronçal 2



Fotografia 124 - 187_Muronçal 3



Fotografia 125 - 188_Igreja de Alvarenga



Fotografia 126 - 189_Prova 1



Fotografia 127 - 190_Prova 2



Fotografia 128 - 191_Prova 3



Fotografia 129 - 192_Prova 4



Fotografia 130 - 193_Forno da Telha 1



Fotografia 131 - 195_Alto do Pereiro



Fotografia 132 - 196_Portela da Anta 3



Fotografia 133 - 292_Ameixeira



Fotografia 134 - 293_Rocha de S. João de Valinhas



Fotografia 135 - 294_ Quinta do Paço



Fotografia 136 - 295_Gozendas 2



Fotografia 137 - 296_Gozendas 3



Fotografia 138 - 297_Gozendas 4



Fotografia 139 - 298_ Barrosa



Fotografia 140 - 299_Boavista



Fotografia 141 - 301_Calvário de Mansores



Fotografia 142 - 303_Selada



Fotografia 143 - 304_ Rego da Portela



Fotografia 144 - 305_Gravura do Cando @Joaquim Barbosa



Fotografia 145 - 306_Gravura Radar @Joaquim Barbosa



Fotografia 146 - 307_Gravura de Povos @ Joaquim Barbosa



Fotografia 147 - 309_Patoleiro



Fotografia 148 - 310_Fraga dos 7 riscos



Fotografia 149 - 311_Cando 2



Fotografia 150 - 313_Cando 4



Fotografia 151 - 314_Serlei 3



Fotografia 152 - 315_Serlei 1



Fotografia 153 - 316_Serlei 2



Fotografia 154 - 319_Prova 5



Fotografia 155 - 320_Prova 6



Fotografia 156 - 321_Prova 7



Fotografia 157 - 322_Prova 8



Fotografia 158 - 323_Chã de Anta 1



Fotografia 159 - 326_Bóco



Fotografia 160 - 328_Carvalhais



Fotografia 161 - 329_Junqueiro 1



Fotografia 162 - 330_Merujal 1



Fotografia 163 - 331_Portela da Anta 4



Fotografia 164 - 332_Senhora da Laje 2



Fotografia 165 - 333_Castelo de Arouca

